

ANÁLISE BÍBLICA DO CATOLICISMO ROMANO

POR,

PASTOR JOEL SANTANA

Caixa Postal: 10.061
Campo Grande_ Rio de Janeiro/RJ
CEP 23.051-970

prjoel@pastorjoel.com.br

<http://www.pastorjoel.com.br>

Rio de Janeiro/RJ

Fevereiro de 2007

SUMÁRIO

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	5
PREÂMBULO	6
CAPÍTULO 1	10
A HISTÓRIA DO CATOLICISMO	10
1.1. Como e Quando Surgiu o Catolicismo	10
1.2. Desfazendo Sofismas	14
1.2.1. "Tão-somente Veneramos ou Cultuamos aos Santos"	15
1.2.2 "Deus Mandou Fazer Imagens"	15
1.2. 3. "Os Santos Fazem Milagres"	16
1.3. Está na Bíblia e na História	16
1.4. O Catolicismo Através dos Séculos	17
1.4.1. Alguns fatos impressionantes	17
1.4.2. Sinopse histórica por ordem cronológica	19
CAPÍTULO 2	21
AS PRETENSÕES DO CLERO CATÓLICO	21
2.1. "A Igreja Católica é a Única Igreja de Cristo".	21
2.2. "Fora da Igreja Católica Não Há Salvação"	22
2.3. "Infalíveis"	26
2.4. São os Únicos "Sucessores" dos Apóstolos	29
2.5. Alicerce da Igreja	29
2.6. Sobre os Títulos "Honoríficos" do Clero	31
2.7. "Donos da Verdade"	32
CAPÍTULO 3	35
CRIANÇAS NO LIMBO?!	35
3.1. Considerando o que a Igreja Diz Oficialmente	35
3.2. Incoerência à Décima Potência.	37
3.2.1. Incoerência no Catecismo	37
3.2.2. Incoerência no Compêndio do Catecismo	38
3.3. "Rcém-Nascido Não é Filho de Deus Mas é Gente"	38
3.4. O Vaticano II Aboliu o Limbo?!	39
3.5. Convergência Evangélica na Divergência Batismal	41
CAPÍTULO 4	43
O CATOLICISMO VERSUS BÍBLIA	43
4.1. A Igreja Católica Traiu a Bíblia	43
4.1.1. Adicionando-lhe os Apócrifos	43
4.1.2. Igualando-a à Tal de Tradição	45
4.1.3. Pondo-a Abaixo da Tal de Tradição.	45
4.1.4. Sujeitando-a às Arbitrariedades dos Papas	45
4.1.4.1. Quanto à interpretação	45
4.1.4.2. Quanto à leitura.	45
4.1.4.3. Quanto à tradução	46
4.1.4.4. Quanto às distorções.	46
4.1.5. Negando-a Sorrateiramente	46
CAPÍTULO 5	46
O FALSO PERDÃO E O RENTÁVEL PURGATÓRIO	46
5.1. Que Diz a Igreja Católica?	46
5.1.1. Dissertando Sobre o "Perdão" Católico	46
5.1.2. Exibindo as Provas	47
5.2. Que Diz a Bíblia?	48
5.3. Os Atravessadores do "Perdão" Católico	49

5.4. Simonia: Eis o Porquê do Falso Perdão e do Purgatório	50
5.4.1. Não é Bíblico	50
5.4.2. Solapa a Fé no Arrebatamento da Igreja	51
5.4.3. Induz à Salvação Pelas Obras	52
5.5. Condena seus "Inocentes" e Absolve os Culpados	53
5.6. Estou Interpretando Mal?	54
5.7. A Diferença que Faz Diferença	59
CAPÍTULO 6	63
ANÁLISE DA MARIOLOGIA CATÓLICA	63
6 1. Literatura, Santos , Contos e Outros Gestos Mariolátricos.	66
6.1.1. O Livro de "Santo" Afonso	66
6.1.2. O Livro do Padre Albert	69
6.1.3. Panfletos Mariolátricos	69
6.1.4. O Conto do Padre Vilela	70
6.1.5. O Clero Recusa Assumir o Crime	70
6.1.6. Uma Declaração Papal	70
6.1.7. O Concílio Vaticano II Decretou:	71
6.1.8. O Catecismo Ratifica	71
6.1.9. "Santos" Mariólatras	71
6.1.10. O Parecer dos Clérigos Católicos	73
6.2. O Supremo Culto a Maria	74
6 3. A Casa de "Maria"	76
6.4. Os "Honoríficos" Títulos de Maria	76
6.4.1. Nossa Senhora	76
6.4.2. Mãe de Deus.	78
6.4.3. Imaculada	79
6.4.4. Nossa Mãe	82
6.4.5. Bendita Entre as Mulheres	83
6.4.6. Bem-Aventurada	83
6.4.7. Rainha do Universo	83
6.4.8. Perpetuamente Virgem	83
6.4.8.1. "São Seus Parentes Próximos".	84
6.4.8.2. "Unigênito é Primogênito"	85
6.4.8.3. O "Até" de Mt 1.25 Não Prova Nada?	86
6.4.8.4. Voto de Castidade?!	88
6.4.8.5. À "Bíblia" Finalmente	88
"O" Filho	88
6 5. A "Virgem" e os Carismáticos.	89
6.6. Maria-de-Menos e Maria-Demais?!	89
6 7. Maria: Mulher Hiper Abençoada	91
6.7.1. A Bênção da Existência	91
6.7.2. A Bênção de ter um Marido Temente a Deus	91
6.7.3. A Bênção de Ser Mãe	92
6.7.4. A Bênção de ser Serva de Deus	92
6.7.5. A Bênção da Humildade	92
6.7.6. A Bênção do Batismo no Espírito Santo	92
6.7.7. A Bênção de ser um Exemplo de Vida	92
6.7.8. A Bênção da Salvação	93
6.8. Maria Através dos Séculos	94
6.9. A Virgindade de Maria e a Arqueologia	95
6.10. A Respeito dos "Milagres" da "Virgem"	96
6.11. Afinal, Maria Salva ou Não Salva?	97

6.11.1. "Maria não salva, pois Jesus é o único Salvador"	97
6.11.2. "Maria salva juntamente com Cristo"	98
6.11.3. "Maria é a principal Salvadora"	98
6.11.4. "Maria é a única Salvadora"	98
CAPÍTULO 7	101
OS 7 SACRAMENTOS	101
CAPÍTULO 8	103
SOBRE A EUCARISTIA	103
8.1. A Postura Evangélica	103
8.2. Com a palavra o clero católico	103
8.3. Questionando as Missas	105
8.4. Uma Flagrante Contradição	105
CAPÍTULO 9	107
O CELIBATO ECLESIASTICO	107
9.1. A Bíblia é Contra?	107
9.2. Padre Feiticeiro, Sim; Casado, Não.	108
9.3. As Pirraças do Papa	109
9.4. A Idade do Celibato na "Igreja"	110
9.5. Há Padres Que Também Pensam Assim	110
9.6. Que Pena!	110
CAPÍTULO 10	110
O RASTRO DO CLERO ATRAVÉS DOS SÉCULOS	110
CAPÍTULO 11	113
O CATOLICISMO É PERIGOSO	113
11.1. Para a Família	113
11.1.1. Para os Casais	113
11.1.2. Para os Nossos Filhos	113
11.2. Para a Sociedade	114
11.3. Para os Evangélicos?	116
11.4. Para os Papas?	117
11.5. Para a Alma	118
CAPÍTULO 12	118
A IGREJA CATÓLICA É A 1ª IGREJA?	118
CAPÍTULO 13	128
O MATRIMÔNIO E O CATOLICISMO	128
13.1. Divórcio: Um Mal às Vezes Inevitável	128
13.2. E Romanos, Capítulo Sete?	129
13.3. E Mateus, Capítulo Dezenove?	129
13.4. Consideremos 1 Coríntios 7.10,11 e 39	130
13.5. Os Anticoncepcionais São Proibidos?	131
13.6. Sempre Foi Assim?	131
CAPÍTULO 14	131
TENTANDO SAIR DA CRISE	131
14.1. O Porquê da Crise	131
14.2. Os Clérigos Têm Consciência da Crise	132
14.2.1. O Papa Reage	132
14.2.2. Os Padres Aquiescem	132
14.2.3. Imitando os Evangélicos	132
14.2.4. Avivando a Idolatria	133
14.3.5. Incentivando ao Ecumenismo	133
14.3.6. Ensinando o Povo a Rezar	135
CAPÍTULO 15	136

[COMO EVANGELIZAR OS CATÓLICOS 136](#)

[15.1. Ame-os 136](#)

[15.2. Ore Por Eles 137](#)

[15.3. Seja Sábio 137](#)

[15.4. Seja Amigo 137](#)

[15.5. Seja Cortês e Franco Simultaneamente 137](#)

[15.6. Saiba Como Começar e Quando Parar 138](#)

[15.7. Encoraje os Católicos ao Diálogo 138](#)

[15.8. Modere Suas Críticas 138](#)

[15.9. Não se Julgue Dono da Verdade 139](#)

[15.10. Pregue o Evangelho 139](#)

[15.11. Peça Sabedoria a Deus 139](#)

[EPÍLOGO 140](#)

[NOTAS 142](#)

[BIBLIOGRAFIA 143](#)

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

É com muito prazer que tive o privilégio de ler este livro antes de sua publicação. Conhecendo o ministério ativo de seu autor, sua preocupação com os que se encontram ainda perdidos nas seitas, seu zelo em querer ser fiel às Sagradas Escrituras, não poderia ler senão uma excelente exposição dos erros doutrinários do grupo em questão – Catolicismo – confrontados com a simplicidade das Escrituras. Simplicidade essa da qual o Diabo quer tirar os servos de Deus (2 Co.11.3).

Dividida em 20 capítulos, a obra faz jus ao título, pois é escrita com a intenção clara de, baseada em fatos e documentações irrefutáveis, mostrar os equívocos que vêm sendo cometidos pela liderança católica ao longo dos séculos analisados à luz da Bíblia. Cada capítulo expõe de maneira objetiva os assuntos tratados, sejam históricos ou doutrinários. É uma obra completa ao abranger tantos e diferentes tópicos. Creio que com esta obra, com refutações tão bem sustentadas, os católicos não terão desculpas a apresentar para sustentar sua rebeldia em continuar no engano espiritual. Esta obra vem, portanto, coroar as demais lançadas anteriormente, e até se vale de algumas delas que são somadas a recentes pesquisas do autor.

O catolicismo sempre representou um desafio aos verdadeiros servos de Cristo. Enquanto os cristãos genuínos buscam somente a glória de seu amado Senhor, os seguidores do papa buscam uma glória efêmera e terrena onde são cultuados homens pecadores como todos os demais. Até quando os verdadeiros cristãos ficarão indiferentes a tão grande desafio? O ex-padre Agrício José do Valle, hoje pastor batista e professor no Seminário Teológico Sul-Brasileiro, em Vargem Grande Paulista – SP, além de conferencista por todo o Brasil, sempre afirma em suas pregações: “Se o Brasil é o maior país católico do mundo, por que os seminários evangélicos não priorizam o estudo do assunto? Por que não preparam melhor os futuros pastores e missionários para alcançarem seus ignorantes seguidores?”.

Faço minhas as suas palavras. Por quê? Quando da visita papal ao Rio de Janeiro, em 1997, meu nome surgiu, sem que eu quisesse, nas páginas de alguns jornais seculares. A razão foi o vazamento de uma informação que eu estaria evangelizando durante os eventos católicos. Uma revista evangélica sabia do fato e o passou para um jornal secular. Não lamento, não. Muito pelo contrário, eu fiquei feliz, pois, dessa forma meu testemunho foi divulgado. O intrigante é que alguns pastores evangélicos foram prestar solidariedade ao cardeal do Rio de Janeiro, porque os jornais estampavam notícias sensacionalistas a respeito do que eu iria fazer – “Evangélicos declaram guerra santa aos católicos”, e outras mais. Um desses pastores chegou a afirmar que se alguém fosse distribuir folhetos naquelas ocasiões seria preso com base em artigo da Lei Penal. Os pastores até rezaram o “padre-nosso” com o cardeal...

Por isso me alegro sobremaneira por ver o lançamento de mais uma jóia literária com o objetivo de alertar e despertar o povo para as incoerências do catolicismo romano. Feliz por saber que meu

amigo, Pr. Joel Santana, não tem compromissos com homens que só pensam na glória terrena. Seu olhar está firmado naquele que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Possa esse livro culminar a obra de esclarecimento e despertar de muitos corações. Possam seus leitores se sentirem equipados para tomarem decisões importantes. Sejam os evangélicos a manifestarem verdadeiramente seu amor para com os católicos, interessando-se por eles e por aquilo em que têm depositado sua esperança de salvação; Sejam os próprios católicos a tomarem a decisão mais importante de suas vidas – “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor”. Atos 3.19

Nos ternos laços do Calvário,
Paulo César Pimentel
Presidente do Centro de Pesquisas Religiosas (CPR)
Caixa Postal 950
25951-970 Teresópolis, RJ
Site do CPR: cpr.org.br
Teresópolis, 20 de Julho de 2002

PREÂMBULO

Dos muitos caminhos que conduzem ao Inferno, o mais palmilhado tem sido o das falsas religiões e seitas! Os falsos profetas existem e não são poucos (Mt 24.11a). Eles iludem a muitos (Mt 24.11b), e os ludibriados por eles vão com eles para o Inferno (Mt 15.14). Pesa, portanto, sobre os ombros dos verdadeiros cristãos, a árdua (embora sublime) missão de identificá-los, adverti-los, denunciá-los e desmascará-los. E tudo isto por amor: por amor a eles, às suas vítimas, à Igreja, e, sobretudo, por amor ao Senhor Jesus Cristo que nos confiou a sementeira da Palavra de Deus. É com estes nobres sentimentos__a consciência do dever e um profundo amor__que elaboramos este livro que o caro leitor ora nos dá a honra de apreciar.

O único padrão que nos permite aferir com precisão uma doutrina religiosa, é a Bíblia. Por isso nos estribamos unicamente nela, enquanto procedemos a análise do Catolicismo, objeto deste livro.

Caríssimo leitor, não permita que o preconceito o impeça de examinar todo este livro, pois é com muito amor e com todo o respeito que os católicos merecem que exteriorizamos aqui nossa sincera opinião acerca do Catolicismo. Logo, este livro não é uma crítica gratuita, tampouco um desabafo de um protestante revoltado. Enquanto redigimos estas linhas, as lágrimas nos vêm aos olhos. São lágrimas do amor cristão, que devem caracterizar todos os servos de Deus.

É certo criticar a religião alheia? Os clérigos católicos respondem positivamente a esta pergunta, já que eles têm emitido inúmeras críticas aos evangélicos. Senão, vejamos:

- 1) o Padre Euzébio Tintori, num Novo Testamento editado pela Pia Sociedade de São Paulo, por ele comentado, fez menção ao que ele chamou de "*erros dos protestantes*" (Apêndice, página 415);
- 2) o Padre André Carbonera tachou os evangélicos de burros, quando disse que é burrice não pedirmos a Maria e aos santos que roguem por nós;¹⁰
- 3) segundo o jornal *O Dia*, de 14/10/1991, o Papa João Paulo II disse que os evangélicos estão aliciando o povo, iludindo e semeando confusão;
- 4) o Padre Miguel Maria Giambelle, escreveu um livro intitulado *A Igreja Católica e os Protestantes*, especialmente para "provar" que os evangélicos estão equivocados;
- 5) o padre Manoel Pinto dos Santos, em seu livro *Protestantismo e Catolicismo*, afirma à página 1 que o protestantismo é anarquia e falsidade;

6) o Padre Vicente Wrosz, em sua obra *Respostas da Bíblia às Acusações dos "Crentes" Contra a Igreja Católica*, da Livraria Editora Pe. Reus, 48ª Edição de abril/2000, afirma às páginas 13-17 e 26-28, que os pastores evangélicos, por não serem ordenados pelo Papa, não são qualificados e credenciados para este Magistério, mas apenas curiosos, razão pela qual não podem dar o corpo de Cristo aos membros de suas igrejas, visto não terem poder para tornar presente o sacrifício de Jesus na cruz, isto é, nós não temos poder para fazer uma bolacha virar Cristo. E, "à luz" de Jo 6.53 insinua que estamos mortos espiritualmente, por cujo motivo se "condói" de nós por não comermos a hóstia, dizendo: "*Que pena que pela falta de fé no poder e no amor infinitos de Jesus, tantos 'crentes' se afastaram desta árvore da vida ...*";

7) o Monsenhor Aristides Rocha, no livreto *Os Erros ou Males principais dos "Crentes" ou protestantes*, lançado sob seu *imprimatur*, afirma (já que foi ele quem emitiu o *imprimatur*) textualmente que os evangélicos não são crentes, e sim descrentes: "*Em vez de ser denominados 'crentes', deviam os protestantes apelidar-se 'descrentes'*" (Página 4);

8) O Bispo Afonso de Ligório, em seu livro *Glórias de Maria* (livro este aprovado pela cúpula da Igreja Católica, como veremos no capítulo VI deste livro), afirma que quem não é devoto de Maria (e, como o leitor sabe, nós, os evangélicos, não o somos) está perdido, sem Cristo, nas trevas, tentando voar sem asas, sem a graça de Deus, e condenado ao sofrimento;

9) Veja o que disse o Padre D. Francisco Prada, em seu livro *Novenário*, 3ª edição de 1996, editado pela **AM edições: a)** à página 66 ele insinuou que nós, os evangélicos, por crermos que Maria se relacionava sexualmente com o seu esposo José, somos ignorantes e que denegrimos a mãe de Jesus. Disse ele: "*Assim, aqueles que se prevalecem do Evangelho para denegrir a Virgem Santíssima dão provas de ignorância...*". Ele disse *aqueles*, sem determinar a quem se referia, mas pareceu-me claro, **à luz do contexto**, que se trata de uma refutação aos evangélicos; **b)** o Padre D. Francisco Prada disse mais: [...] "*Nossa Senhora, tão ultrajada pelo ódio dos ímpios e pela omissão e indiferença de alguns que **ainda se dizem** cristãos*". (Ibidem, página 40, grifo nosso); **c)** e, como se não bastasse, vejamos mais essa do padre D. Francisco Prada: "*Diante do aspecto sombrio que [...] apresenta o mundo [...], vítima da invasão das seitas protestantes*" [...] (Ibidem, página 72);

10) Vociferou o Padre Leonel Franca: [...] "*no século XVI, a reforma protestante, **negando dogmas excenciais do cristianismo** e proclamando o **livre exame** e a **independência individual** em pontos de doutrina religiosa, teve também sua natural e **funesta** repercussão*" [...] (FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 21 ed. 1973, p. 122, grifo nosso);

11) O Padre D. Estêvão Bettencourt, em seu livro *Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?*, 6ª edição (editora não informada), julho de 2003, prefaciado com sobejos elogios pelo então Bispo de Santo André/SP (Dom Cláudio Hummes), critica inúmeras religiões e, inclusive, diversas igrejas evangélicas. Referindo-se aos assembleianos, disse que os mesmos crêem "*facilmente em 'visões', 'revelações', 'sonhos proféticos', que levam a praticar curas, ditar normas de comportamento, profetizar... Pode-se dizer que a euforia e a sugestão, os afetos e emoções são o alimento principal desse tipo de religiosidade **pouco crítica**, muito predisposta a intuir o portentoso*" (página 49. O grifo é nosso, mas as reticências constam do original). "*Pouco crítica*", é uma maneira educada de tachar os membros das Assembléias de Deus, de ingênuos.

Além das obras acima citadas, dispomos de outros livros de autoria de clérigos católicos, nos quais a Maçonaria, o Espiritismo, a Igreja Universal do Reino de Deus, e tantas outras instituições religiosas, são qualificadas como falsas. Estão eles errados por isso? Sendo suas críticas infundadas ou não, o direito de exteriorizarem suas opiniões não lhes pode ser negado. E, se os argumentos deles

forem convincentes, devemos nos retratar. E o mesmo deve fazer o caro leitor, quanto ao conteúdo deste livro. Examine-o com ávido interesse e, se os nossos argumentos lhe parecerem fracos, rejeite-os; e se forem convincentes, abrace-os; mas de modo algum nos odeie. Não nos queira mal.

Ora, quem critica tem que estar aberto às réplicas. Ao réu tem que ser dado o direito de defesa. Logo, o clero católico nos deve a leitura deste livro, assim como nós, os evangélicos, devemos aos clérigos do Catolicismo, a apreciação de seus escritos contra a nossa fé. E, ao transcrever de diversas obras católicas os textos acima, provo que já estou lendo os livros dos católicos. Espero, pois, que os católicos dispensem a mim o mesmo tratamento, lendo-me.

Este livro não é uma revanche às críticas dos clérigos católicos ao movimento evangélico, visto que pagar na mesma moeda nunca foi atitude cristã. O que se pretende através destas linhas é estender a mão amiga aos católicos. Pretendemos tão-somente ajudá-los. Estamos cheios de amor, e vazios de animosidade.

Provamos neste livro que a Igreja Católica está pregando que:

- 1) A Igreja Católica é a única Igreja de Cristo;
- 2) Fora da Igreja Católica não há salvação;
- 3) A missão de Jesus não é salvar os pecadores, mas sim, julgá-los e puni-los;
- 4) As estátuas de Maria podem chorar, sorrir, sangrar, exalar fragrância e até falar;
- 5) Maria morreu para nos salvar, ressuscitou dentre os mortos e subiu ao Céu em corpo e alma, onde, como Rainha, intercede por nós;
- 6) A missão de salvar o pecador foi confiada a Maria, não a Cristo. Logo, Maria é:
A verdadeira medianeira entre Deus e os homens;
A única advogada dos pecadores;
O caminho que nos conduz a Deus;
Nosso único refúgio;
A Salvadora da humanidade;
A porta de acesso ao Céu, pela qual, todos os que se salvam, têm que passar;
A escada do Paraíso;
- 7) O perdão dos pecados não anula a sentença do pecador, mas tão-somente diminui a pena;
- 8) Para cada pecado perdoado há uma pena menor a ser cumprida;
- 9) O perdoado só poderá entrar no Céu após cumprir a pena devida pelo pecado já perdoado;
- 10) A pena devida pelo pecado já perdoado pode ser cumprida neste mundo através de boas obras e sofrimentos;
- 11) A pena devida pelo pecado já perdoado, se não for cumprida neste mundo, será cumprida no além-túmulo, no estado chamado purgatório;
- 12) Há uma provisão Divina chamada indulgência. Esta se subdivide em duas partes: plenária e parcial;
- 13) A Indulgência parcial diminui a pena que o perdoado tem que cumprir antes de poder entrar no Céu;
- 14) A Indulgência plenária elimina todas as marcas deixadas pelo pecado perdoado;
- 15) Os recém-nascidos não batizados não são filhos de Deus, mas sim, escravos do poder das trevas;
- 16) Os recém-nascidos que morrem sem o batismo não vão direto para o céu, mas sim, para um lugar chamado Limbo, onde não podem ver a face de Deus, de onde talvez possam sair um dia;
- 17) Só o Papa pode interpretar corretamente a Bíblia. E sua pronúncia ex-cátedra, isto é, em nome de seu ofício pastoral, é isenta de todo e qualquer erro. Logo, quando, neste caso, nossa interpretação não coincide com a dele, invariavelmente o erro está em nós; e, sendo assim, todos, inclusive os bispos, devem trair suas consciências e seguir ao Papa incondicionalmente, em caso de divergência, desde que seja uma pronúncia ex-cátedra;
- 18) A Bíblia dos evangélicos é incompleta e indigna de confiança. É incompleta porque não contém os Deuterocanônicos, que eles chamam de Apócrifos; e é indigna de confiança porque não desfruta do IMPRIMATUR de uma autoridade católica, isto é, o próprio Papa ou um Bispo ordenado pelo sucessor de São Pedro;
- 19) O pão da Eucaristia (Ceia do Senhor) não é símbolo do corpo de Cristo, mas sim, o próprio Jesus.

A isso o clero católico chama de *Jesus Eucarístico*;

20) O pão da Eucaristia merece o culto supremo de adoração, devido somente a Deus, já que Cristo é Deus, e a hóstia é Cristo;

21) A Bíblia, além de conter erros, não é a única fonte de fé do cristão, visto que Deus nos deu também a Tradição, isto é, a pregação de Jesus Cristo que não foi escrita, mas transmitida oralmente através dos séculos, pelo clero da Igreja católica;

22) Embora a Bíblia e a Tradição constituam "*um só sagrado depósito da Palavra de Deus*", a Tradição está acima da Bíblia;

23) Os espíritos dos mortos se comunicam com os vivos e podem até pedir missas;

24) Maria não morreu, antes foi arrebatada viva ao Céu; etc.

Talvez o leitor, ao comparar o 5º item, com o 24º, pergunte: Afinal, Maria morreu, ou não morreu? Não se preocupe! O Catolicismo é assim mesmo! As duas posições constam da tal de Tradição. Por isso o Papa Pio XII, como veremos no capítulo VI, preferiu não dogmatizar isso, deixando os católicos bem à vontade quanto a essa questão. Eles podem crer que ela ressuscitou, ou que foi arrebatada viva, sem passar pela morte. Claro está que esse emaranhado tem por finalidade fazer com que o dito fique pelo não dito.

As heresias acima e outras mais, são analisadas e refutadas neste livro à luz da Bíblia e da razão.

Não duvidamos que o prezado e respeitável leitor esteja suspeitando da possibilidade de provarmos o que dissemos acima. Todavia, esteja certo que podemos sim, provar que não estamos caluniando. É razoável concluir que ninguém ousaria fazer tão graves denúncias sem estar devidamente documentado. Atente para o fato de que nossas denúncias são facilmente verificáveis, pois informamos nossas fontes, indicando os nomes das obras literárias das quais fazemos as transcrições, bem como suas páginas, editoras, nomes de seus autores e datas das edições respectivamente. Além disso, sabemos que calúnia é crime e dá cadeia. Logo, se não temêssemos a Deus, temeríamos pelo menos a justiça dos homens.

Usamos de muita franqueza neste livro, mas nunca faltamos com o respeito aos católicos. Não os tachamos de burros. Até porque não cremos ser este o caso. Preferimos crer que os católicos estão enquadrados em 2Co 4.4.: "*... o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo...*".

O leitor verá que o Catolicismo não é uma instituição cristã, na verdadeira concepção do termo. Antes, trata-se de um sistema idolátrico, mariolátrico, blasfemo..., a serviço de Satanás.

Para conhecermos com profundidade as doutrinas da Igreja Católica, foi-nos necessário examinar a literatura dessa seita; assistir a diversas missas; ler vários livros escritos por ex-padres; entrevistar ex-adeptos de renome, etc. Vejamos, pois, nas páginas seguintes, o que conseguimos colher dessas searas; e, assim, nos certifiquemos, com farta documentação, da autenticidade de tudo quanto acima afirmamos, acerca do Catolicismo Romano.

A 1ª edição deste livro veio a lume em janeiro de 2003, e é constituída de 20 capítulos, distribuídos em 195 páginas, enquanto na segunda edição só constam 15 capítulos. Tal se dá porque o capítulo 7 foi incorporado ao capítulo 1; os capítulos 13 e 19, ao capítulo 5; e os capítulos 16 e 17, ao capítulo 15. Embora o número de capítulos da 2ª edição tenha diminuído, a mesma não sofreu nenhuma redução em seu conteúdo; pelo contrário, foi consideravelmente ampliada, razão pela qual o número de páginas foi elevado para mais, a saber, 232 páginas. Outrossim fazemos constar que a presente edição também foi contemplada com melhorias relevantes, isto é, novas adições deveras dignas de atenção, e que o número de páginas está alterado para menos porque estamos usando letras menores.

A Inspiração Verbal e Plena, que permitiu a composição da Bíblia Sagrada, não existe mais. Não há, pois, nenhum livro infalível, além da Bíblia. Logo, se você encontrar neste livro alguma coisa que lhe parecer incorreto, queira nos comunicar. Sua observação será avaliada, e, se for convincente, prometemos ceder. Ao invés de nos odiar e perseguir, tente nos convencer do que você considera um erro. Talvez você consiga. Saiba, porém, que a nossa postura é a mesma de Martinho Lutero, o qual, mesmo sabendo que sua intransigência com o clero católico podia custar-lhe a própria vida, asseverou que só se retrataria se seus oponentes conseguissem convencê-lo que ele estava equivocado. Sim,

este autor não está disposto a trair sua consciência e negar a Cristo. Prove-nos à luz da Bíblia e da História Universal que nossa pronúncia é inexata, e daremos as mãos à palmatória. Esta é a única maneira de calar a boca de um homem comprometido com Deus. Doutra modo, nem mesmo o martírio nos silenciará, visto que nosso sangue continuará gritando às consciências, como bem atesta a História dos Mártires do verdadeiro Cristianismo.

Não confunda "católico" com "Catolicismo". Este autor desdenha o Catolicismo, não os católicos. Estes são aqui alvos de nosso amor.

Não é fácil fazer a pronúncia constante deste livro. O que está na moda é dizer que todas as religiões são boas, que todos somos filhos de Deus, etc. Logo, portar-se de outro modo é andar na contra-mão. Mas, que importa, se Jesus, Nosso Salvador, Mestre e Arquétipo também bateu de frente com esse sistema corrupto?

A quem se destina este livro? Resposta: Primeiramente aos católicos sinceros que estejam dispostos a abandonar a Igreja Católica, caso alguém lhes prove, como dois mais dois são quatro, que a Igreja Católica é uma religião falsa. Se a única exigência que você faz para sair da Igreja Católica, é que alguém lhe prove que ela é uma falsa igreja, a leitura deste livro marcará o fim de sua permanência no Catolicismo. Mas, se você é desses que nem Cristo consegue provar alguma coisa, então não perca o seu tempo lendo este livro. Vá dormir, se divertir, ou fazer qualquer outra coisa que lhe agrade. Este livro destina-se também aos evangélicos que desejam angariar maior conhecimento para evangelizar os católicos com mais eficiência. Você pode presentear os católicos com exemplares desta obra, e/ou argumentar à base do conhecimento obtido com o estudo deste compêndio que elaborei por amor aos católicos.

Sugerimos que você não pague com ódio e perseguições, o amor que este autor devota aos católicos. Se você se julga cristão, saiba que o ódio não vem de Deus. Talvez você duvide do nosso amor, mas Deus sabe que o autor destas linhas não está mentindo.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DO CATOLICISMO

1.1. Como e Quando Surgiu o Catolicismo

Quando o Senhor Jesus veio ao mundo, já existiam muitas religiões: Budismo, Confucionismo, Hinduísmo, Zoroastrismo, o paganismo greco-romano e outras. Muitos dos religiosos de então acreditavam em muitos deuses como Minerva, Diana, Baco, etc. Em meio a essas trevas tão medonhas raiou a luz, a saber, Jesus. A maioria o rejeitou, mas milhares creram nele, surgindo assim o que Ele chamou de Igreja, isto é, o conjunto dos seus discípulos. Inicialmente os discípulos de Jesus se organizaram em igrejas locais e independentes. Daí lermos na Bíblia: A igreja que está em Filadélfia, a igreja que está em Laodicéia, a igreja que está em Éfeso, etc., como se pode ver nos capítulos 2 e 3 do Apocalipse. Claro, esta independência era relativa, visto que confraternização e cumplicidade nunca faltaram entre os verdadeiros cristãos. A união que havia entre os cristãos de então, especialmente até o início do Século II, era similar à que há hoje entre as diversas denominações evangélicas: somos independentes e divergentes, mas unidos, cúmplices e convergentes em Cristo. Mais tarde, visando dificultar a infiltração de heresias na Igreja, os cristãos tiveram a brilhante idéia de se organizar em forma de uma federação de igrejas, semelhantes às convenções de hoje: CBB, CBN, CGADB, etc., à qual deram o nome de Igreja Católica, isto é, Igreja Universal. Ainda bem cedo, esta associação mundial de igrejas passou a ser supervisionada por cinco bispos eleitos entre os demais: O Bispo de Roma, o de Jerusalém, o de Antioquia, o de Constantinopla e o de Alexandria. Algum tempo após, o Bispo da igreja que estava em Roma assumiu a liderança dessa união de igrejas (Robert Hastings Nichols. *História da Igreja Cristã*).

páginas 47-49, 63-64). Foi a essa união de igrejas que, no início do 4º século, o Imperador Constantino adotou (de fato, e não de direito) como religião **oficial*** do Império Romano. Ao fazer isso, esse Imperador, além de pôr fim às perseguições que há 4 séculos diversos imperadores romanos vinham promovendo contra a Igreja, concedeu à referida associação de igrejas, inúmeras vantagens patrimoniais, financeiras e morais. A igreja "oficial" veio, pois, a ser a religião da moda, de status, rentável. E, partir daí, o Cristianismo tornou-se desejável a muitos dos que antes o rejeitavam. Assim, muitos pagãos interesseiros se tornaram cristãos de fachada.

Vejamos algumas transcrições que corroboram a exposição acima:

A. Rui Barbosa, famoso expoente da nossa cultura, escreveu sobre esse casamento da Igreja com o Império Romano, casamento este que se deu sob a influência do ímpio Constantino, que matou a esposa, o filho, seu cunhado e dois de seus sobrinhos. Disse o Dr. Rui: "*O imperador não batizado*" [ele se refere a Constantino] "*recebe o título de **bispo exterior**, julga e depõe bispos; convoca e preside concílios; resolve sobre dogmas. Já não era mais esta, certo, a igreja dos primeiros cristãos. Estes repeliriam como sacrilégio as monstruosas concessões ao odioso absolutismo dos imperadores, as homenagens ao déspota que se ensangüentou com a morte de dois sobrinhos, do cunhado, do filho e da mulher, e que, enquanto recebia reverência nas basílicas cristãs, aceitava adoração como Deus nos templos do paganismo. Adquiriu a Igreja influência temporal; mas a sua autoridade moral decresceu na mesma proporção; **de perseguida tornou-se perseguidora**; buscou riquezas, e se corrompeu; derramou sangue, para impor silêncio à heterodoxia; e, sujeitando o espírito à letra, iniciou esse formalismo, que foi o primeiro sintoma de sua decadência, e se não se suprimir, por uma reforma que a aproxime da sua origem, há de ser a causa final de sua ruína*" (Rui Barbosa. *O Papa e o Concílio*, 3ª edição. Elos. Rio de Janeiro/RJ, página 24. Citado por Hernandez Dias Lopes, em *O Papado e o Dogma de Maria*. Hagnos, São Paulo/SP. 1ª edição, 2005, página 63);

B. O horroroso quadro acima exposto por Rui Barbosa, piorou, quando "*Logo após o reinado de Constantino, seu filho decretou a pena de morte e o confisco de propriedade, para todos os adoradores de ídolos...*" (Jesse Lyman Hurlbut. *História da Igreja Cristã*. Editora Vida, 8ª impressão de 1995, página 80). (Esse gesto arrogante [Refiro-me à intolerância religiosa] também foi praticado por "Santo" Agostinho, defensor de várias heresias (sucessão apostólica, salvação através da referida associação intitulada Igreja Católica, predestinação, mariolatria, oração pelas almas dos mortos, sincretismo entre Cristianismo e paganismo, etc.), das quais algumas fazem parte do Catolicismo até hoje. Sim, Agostinho, embora tenha ensinado muitas coisas boas, foi, entretanto, suficientemente estulto para sancionar o uso da força imperial para obrigar os **donatistas** a retornarem à Igreja Católica (Cf.: Robert Hastings Nichols. *História da Igreja Cristã*, op. cit. página 61);

C. O Imperador Teodósio I deu continuidade à intolerância religiosa encabeçada pelo referido filho de Constantino, a saber, Constantino II, *O Jovem* (*História da Igreja Cristã*, op. cit. páginas 83-84);

D. Também na obra intitulada *História das Religiões*, de Chantepie de La Saussaye, editada pela Editorial "Inquérito" Ltda, Lisboa/Portugal, edição de 1940, consta que "*Teodósio... suprimiu o culto pagão em todos os lugares e de maneira absoluta. Os ... funcionários receberam por toda a parte ordem de perseguir o culto pagão; os cristãos fanáticos tiveram toda a liberdade de o combater pela violência. Assim desapareceu o paganismo...*" (páginas 819-820);

E. E a junção dessas duas coisas (as regalias que a partir de Constantino foram conferidas às igrejas confederadas, somadas ao triste fato de que essa associação de igrejas tornou-se religião imposta pela força imperial) fizeram desse "cristianismo" a religião da maioria. Mas essa maioria era cristã apenas nominalmente. No fundo, eles eram apenas pagãos disfarçados de cristãos. Esses falsos cristãos fizeram o sincretismo do paganismo com o Cristianismo, implantando no seio da mencionada associação de igrejas, o culto aos santos e a Maria, bem como outras inovações, donde

surgiu o que hoje conhecemos pelo nome de Catolicismo. Sim, leitor, *"Depois que o Cristianismo se impôs e dominou em todo o império, o mundanismo penetrou na igreja e fez prevalecer seus costumes"* (Jesse Lyman Hurlbut, *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 8ª edição, 1995, página 83);

F. Exatamente em alusão à mistura de que tratamos aqui, ocorrida a partir de Constantino, afirmou o Pastor J. Cabral: *"Podemos considerar que aquele momento marcou o início do catolicismo romano"* (*Religiões, Seitas e Heresias*, Universal Produções _ Rio de Janeiro/RJ, 4ª edição, 3ª tiragem, 2000, página 80);

G. Sim, foi inspirando-se no paganismo que surgiu o culto aos santos, aos anjos e à Maria (Dulia e Hiperdulia) até hoje praticado pela Igreja Católica. O Pastor Ralph Woodrow, acima citado registrou: *A fim de aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, os pagãos foram recebidos dentro das igrejas independente da regeneração pela fé, e foram permitidos abertamente reter seus signos pagãos e símbolo"* (*Babilônia: a Religião dos Mistérios*, página 51).

Podemos provar que os chefões da Igreja Católica sabem que o que afirmamos acima é a expressão da verdade e dão fé. Senão, vejamos estes exemplos:

Primeira prova) *"Tornou-se fácil transferir para os mártires cristãos as concepções que os antigos conservaram concernente aos seus heróis. Esta transferência foi promovida pelos numerosos casos nos quais os santos cristãos tornaram-se os sucessores das divindades locais, e o culto cristão suplantou o antigo culto local. Isto explica o grande número de semelhanças entre deuses e santos"* (Enciclopédia Católica [Em inglês], Volume 9, páginas 130 e 131, art. "Legends". Citado em *Babilônia: a Religião dos Mistérios*, de Ralph Woodrow, Associação Evangélica, página 35).

Segunda prova) Referindo-se ao assunto em questão, diz o Padre Luiz Cechinato *"...Os Batismos eram dados em massa. Ser cristão tinha virado moda. A igreja ganhava na quantidade e perdia na qualidade. De pequenas comunidades, a Igreja passou a ser multidão"* (*Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja*, página 77, 4ª edição, Editora Vozes, 2001).

Terceira Prova. Tenho em meu poder uma apostila elaborada pela Escola Pastoral Catequética da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que também confirma, à página 32, o que aqui denunciemos. Veja: *"A Igreja sai das perseguições e encontra liberdade. Isso é facilitado pela chegada do Imperador Constantino, que não só dá liberdade à Igreja, mas a torna religião oficial com o Edito de Milão. A Igreja fica muito ligada ao poder temporal. Os povos conquistados assumiam a fé da Igreja. Muita coisa surgiu de errado, quando o poder temporal passou a mandar em certos setores da Igreja, ou então quando as autoridades da Igreja se uniam aos poderes temporais"* (Não cito aqui o título da obra porque a mesma não foi intitulada. Grifo nosso). É uma pena que se "esqueceram" de registrar que:

- 1) Os erros que surgiram nos dias de Constantino são perpetuados pela Igreja Católica até os nossos dias;
- 2) Tais erros se avolumam cada vez mais;
- 3) A "Igreja" que emergiu de tal barafunda não se caracteriza como Igreja de Cristo.

O paganismo foi adaptado ao Cristianismo da seguinte maneira:

- a) Sabe-se que os politeístas tinham (e têm) um deus para cada coisa, bem como para cada país e cidade e, às vezes, até para cada rua. E é porque existe uma "igreja" que se casou com o

paganismo que São Jorge é o padroeiro da Inglaterra, Nossa Senhora Aparecida é a padroeira do Brasil, Nossa Senhora de Guadalupe é a padroeira da América (e em particular, do México), São Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro, etc. E quem nunca ouviu falar de Santo Antônio casamenteiro, São Cristóvão condutor dos motoristas, São Longuinho das coisas perdidas, Santa Luzia oftalmologista, Santa Edwiges dos endividados, etc.?

- b) Os pagãos ajoelhavam diante das estátuas de seus deuses, e rogavam suas bênçãos. Era crença comum de que os deuses rogavam a ***Zeus** pelos seus devotos. Como bem o disse também o erudito Pastor Abraão de Almeida, os pagãos recorriam aos semideuses, pois criam que os mesmos intercediam aos deuses pelos seus pedintes (Abraão de Almeida, *Babilônia, Ontem e Hoje*, CPAD _ Casa Publicadora das Assembléias de Deus _, 4ª edição, 1984, páginas 57-63). É por isso que os católicos, prostrados ante as estátuas de seus "santos", imploram: "*Rogai por nós*". Geralmente os católicos fazem isso sem conhecimento de causa, mas a verdade solene é que essa nunca foi uma prática genuinamente cristã. Para se chegar a essa conclusão, basta ler a Bíblia. Nesta encontramos, com a devida aprovação de Deus, que nós, os vivos, oremos uns pelos outros. Logo, eu posso orar por você, bem como pedir a você que ore por mim, mas esta cumplicidade tem que cessar tão logo um de nós dois parta deste mundo. Não há nenhum registro bíblico de um servo de Deus pedindo ao seu irmão que morrera, que rogasse por ele. Logo, não foi lendo a Bíblia que o clero católico aprendeu a rezar aos seus ídolos chamados santos. Certo defensor do Catolicismo disse-me que os católicos não oram *aos santos*, e sim *com os santos*, porém, é inegável que pedem aos espíritos dos que já morreram que roguem por eles e que isso nunca foi praticado pelos servos de Deus, segundo a Bíblia. Ademais, se eles realmente não rogam aos santos, e sim, com os santos, devem dizer também que não oram a Deus, e sim, com Deus. Isso é brincadeira.
- c) Segundo alguns autores, até mesmo algumas estátuas dos deuses do paganismo foram adotadas pelos "cristãos" paganizados (ou melhor, pelos pagãos "cristianizados"), como, por exemplo, a estátua do deus Júpiter, que até hoje se faz passar por São Pedro, na famosa Basílica de São Pedro; o deus Baco que teve seu nome trocado por São Baco; e a estátua da deusa Diana que tornou-se estátua de Nossa Senhora. Estas denúncias constam da obra *Roma Sempre a Mesma*, da autoria do ex-Padre Hipólito Campos, e do livro "*Será Mesmo Cristão o Catolicismo Romano?*", de autoria do Pastor Hugh P. Jeter, publicado pela Editora Betel, 2ª impressão / 2000. Este diz à página 73: "*O édito de tolerância de Constantino, que tornou o cristianismo, a religião preferida, atraiu a afluência de milhares de adeptos das religiões pagãs. Essas pessoas foram portadoras de muitas de suas crenças, superstições e devoções pagãs. Sua adoração a Ísis, Istar, Diana, Atena, etc. foi transferida a Maria. Dedicaram-lhe estátuas e se ajoelharam diante delas, orando como haviam feito antes às deusas pagãs. **ÀS IMAGENS DE SEUS ANTIGOS DEUSES ERAM DADOS AGORA NOMES DE SANTOS***" (Grifo nosso).
- d) Há quem diga ainda que a estátua de bronze do deus Júpiter foi derretida e reaproveitada na confecção da estátua de São Pedro;
- e) O historiador Severino Vicente da Silva, professor da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), disse: "*As deusas celtas foram absorvidas pela figura de Maria. Onde houve anteriormente à chegada do cristianismo um culto mais organizado em torno de uma divindade feminina, Maria surge como uma intermediária entre as culturas que se chocam*" (revista *Galileu*, editada pela Editora Globo, dezembro de 2003, nº 149, página 22);
- f) Ainda segundo consta da página 23 da revista *Galileu* supracitada, a historiadora Claudete Ribeiro de Araújo, do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina, afirmou que "*o culto mariano nasceu ...como substituto da adoração à Grande Mãe, uma figura que pode ser encontrada em várias religiões e culturas **pagãs***" (Ênfase acrescentada);

- g) "Tudo o que ele" (isto é, o paganismo) "continha, quanto a elementos vivos, passara ao cristianismo, que, desde então, abundantemente provido de pensamentos e de fórmulas greco-romanas, se encontrava em condições de desempenhar a sua missão no mundo" (**História das Religiões**, op. cit. Página 820);
- h) Referindo-se à fusão do Cristianismo com o paganismo, fusão esta que redundou no que hoje conhecemos pelo nome de Catolicismo Romano, diz a obra *Série Apologética: "Dessa forma, o culto aos santos e a Maria substituiu o dos deuses e deusas do paganismo"* (ICP _ Instituto Cristão de Pesquisas _, Volume I, página 74).
- i) O erudito Pastor José Gonçalves, professor de grego e hebraico, membro da Comissão de Apologia da CGADB _ Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil _, à página 15 do *Mensagem da Paz _ Órgão oficial das Assembléias de Deus _*, novembro de 2005, nº 1.446, referindo-se ao culto a Maria disse: "Um fato relevante a ser destacado é que essa doutrina, com suas diferentes versões, era desconhecida dos cristãos primitivos. Até mesmo os teólogos católicos romanos reconhecem esse fato". E a seguir, como prova de sua afirmação, transcreve do livro *O Culto a Maria Hoje*, publicado pela Edições Paulinas (editora católica), o seguinte: [...] "Não podemos dizer que a veneração dos santos _ e muito menos a da Mãe de Cristo _ faça parte do patrimônio original" (Citado também na *Bíblia Apologética*, ICP Editora, página 102, nota sobre Êx. 20: 4-5 que, por sua vez, também nos reporta ao livro *O Culto a Maria Hoje*, 3ª edição de 1980, página 33, Edições Paulinas [editora católica], cujo autor principal é o senhor **Wolfgang Beinert**).

A afirmação acima, constante da última transcrição, não é herética, mas nos leva às seguintes reflexões:

1ª) não se harmoniza com o que foi definido solenemente durante o Concílio do Vaticano II (cujas decisões estão em pleno vigor, já que, depois disso não houve outro Concílio Ecumênico), visto que, nesse Sínodo, referindo-se ao culto a Maria se disse com todas as letras: "Este culto ... sempre existiu na Igreja ... (Concílio do Vaticano II, Editora Vozes, 29ª edição/2000, página 111, § 66);

2ª) se a veneração dos santos e da mãe de Cristo, não faz parte do "patrimônio original", então os apóstolos não possuíam esse "bem". E, sendo assim, podemos dispensar as testemunhas, visto que o réu confessou o crime;

3ª) Será que essas contradições não se destinam a fazer com que o dito fique pelo não dito, exatamente para nos confundir? Pensem nisso os sinceros!

Do que vimos até aqui, certamente está claro que podemos responder à pergunta "Como e Quando Surgiu o Catolicismo?", que deu título a este tópico, dizendo que o Catolicismo é o resultado de uma fusão do Cristianismo com o paganismo. O Catolicismo é obra dos "cristãos" inovadores do quarto século da Era Cristã, como demonstramos acima. Não é possível sabermos o exato momento em que a a sobredita associação de igrejas se descaracterizou como uma igreja de Cristo, visto que o Diabo foi entrando devagar, ou seja, sua degeneração se deu progressivamente. Hoje, porém, não pode haver dúvida de que essa comunidade não é cristã, na verdadeira concepção do termo. O Catolicismo é paganismo gospel. O Catolicismo é cristianismo paganizado, ou melhor, paganismo "cristianizado".

1.2. Desfazendo Sofismas

1.2.1. "Tão-somente Veneramos ou Cultuamos aos Santos"

Os católicos não se julgam idólatras. Crêem que não cultuam aos deuses, mas sim aos santos. Esse culto é, segundo eles, apenas uma veneração aos santos. Todavia, esse sincretismo é, de fato, idolatria disfarçada. O autêntico Cristianismo não pode ser paganizado. O Cristianismo nasceu para influenciar, não para ser influenciado. O povo de Deus não tem um santo para cada coisa, e sim, um Santo para todas as coisas, a saber, São Jesus (Sl 121.1-2). Qualquer igreja que imita o paganismo é pagã gospel.

Se uma determinada igreja evangélica argumentasse assim: "Bem, os macumbeiros oferecem galinha preta aos orixás, nós, porém, vamos oferecer galinha branca a Jesus; eles, os macumbeiros, põem suas oferendas nas encruzilhadas, mas nossas oferendas serão postas no interior de nossos templos, em meio a hinos de louvor ao Senhor; ademais, nossos sacrifícios não serão para fazer e desmanchar 'trabalho', mas para salvação dos espíritas". Perguntamos: Não seria isso uma macumba gospel? Esse sincretismo agradaria ao Senhor? Obviamente que não! Então o Catolicismo não agrada a Deus.

1.2.2 "Deus Mandou Fazer Imagens"

Já tivemos a desdita de ver muitos católicos se escudando em Êxodo 25.18; 26.1; 1 Reis 6.23; 8.7; Hebreus 9.5; Números 21.8,9, enquanto "veneravam" os seus "santos". É que estes versículos registram que Deus mandou fazer dois querubins (categoria de anjos) de ouro, bem como uma cobra de metal. Mas eles precisam saber que realmente não é pecado fazer imagens de escultura. Pecado é prostrar ante seus pés para pedir algo aos "santos" por elas "representados". Há, pelo menos, três provas bíblicas de que as coisas são assim:

1ª) Embora seja verdade que em Nm 21.8-9 possamos ler que Deus mandou fazer uma cobra de bronze, não podemos esquecer que em 2 Reis 18.4, está escrito: "*Ele destruiu os altos, esmigalhou as estátuas, e deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moisés tinha fabricado: porque os filhos de Israel até então lhe haviam queimado incenso: e a chamou Nohestan*" (versão católica Figueiredo). A interpretação é que os israelitas idolatraram a estátua que Deus mandara fabricar, razão pela qual, o fervoroso e zeloso servo de Deus, que foi Ezequias, a fez em pedaços. Ora, o fato de a Bíblia não nos ensinar a rezar aos mortos (santos), somado a outro fato igualmente relevante de que essa prática se inspira no paganismo, é motivo mais que suficiente para rejeitarmos isso. Imitemos Ezequias!

Mesmo como que entre parênteses, não podemos deixar de fazer constar que, por dizer Jesus que "E do modo porque Moisés levantou a serpente, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna" (João 3.14-15), nos leva a crer que a serpente hasteada por Moisés tipificava a crucificação de Cristo. E a cura miraculosa que se dava ao simples gesto de olhar a serpente levantada (Números 21.8,9), fala da simplicidade da salvação em Cristo, por meio da fé (Efésios 2.8), sem o auxílio das obras (Efésios 2.9), embora seja para as obras (Efésios 2.10). Como está escrito: "Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus e não há outro" (Isaías 45.22 – ARA).

2ª) O que nos leva a crer que o Catolicismo é um sistema idolátrico, não é apenas o fato de os católicos se ajoelharem diante dos seus "santos" (se bem que só isso bastaria), mas também o fato de rezarem a esses "santos". Assim os católicos seriam idólatras ainda que não usasse uma só estátua. Os católicos só deixarão de ser idólatras quando orarem como o povo de Deus tem orado através dos séculos: direto a Deus e exclusivamente a Deus (Mateus 6.9-13; Atos 1.24-25; 7.59-60; 4.24-30; 2 Coríntios 12.8; Apocalipse 22.20; João 15.16; 14.14; Gênesis 4.26; 18.23-32; 24.12-14; 25.21; 28.20-22; Juizes 16.28, etc.).

3ª) Realmente não se pode negar que Deus mandou confeccionar imagens de escultura, mas também

é inegável que Ele proibiu essa prática em Êx 20.4. Certamente este aparente paradoxo se explica informando que Deus não se opõe ao uso de imagens, contanto que tais estátuas não sejam imagens dos deuses e usadas no culto às divindades pagãs. Neste caso devem ser rejeitadas e desdenhadas (Sl 115 [versões protestantes]), e não adaptadas ao culto cristão, como a Igreja Católica vem fazendo desde o 4º século da Era Cristã. Sim, leitor, arranjando um "santo" para cada coisa e prostrando aos pés das suas imagens para suplicar bênçãos, os católicos não estão repudiando o paganismo, e sim, ajustando-o ao Cristianismo. E só não seria assim se eles pudessem mostrar na Bíblia que os profetas, Jesus e os apóstolos ensinaram isso.

1.2. 3. "Os Santos Fazem Milagres"

Geralmente os católicos fazem referências aos milagres dos "santos" para se defenderem. Mas, Apocalipse 16.19; 2 Tessalonicenses 2.9; Apocalipse 13.13 e Mateus 24.24 provam que não é bom negócio nos conduzirmos cegamente por milagres. Os católicos precisam saber que há muitos "prodígios" no Kardecismo, na Umbanda, no Candomblé, no Espiritismo europeu, na Igreja Messiânica Mundial, no Budismo, bem como em muitas outras religiões e seitas. Estão todas certas?

1.3. Está na Bíblia e na História

Já dissemos e provamos à luz da Bíblia e da História que os "cristãos" fizeram uma mistura de Cristianismo com o paganismo e que desse sincretismo surgiu o que hoje se conhece pelo nome de Igreja Católica Apostólica Romana. Isto já está provado. Provamos inclusive que o clero católico não ignora isso. Contudo, voltamos a exhibir provas de que esta afirmação é feita baseada na História Universal e também na Bíblia. A História Universal nos fala da mitologia greco-romana, babilônica, africana, etc., segundo as quais existia (e em alguns lugares ainda existe) um deus ou deusa para cada coisa, enquanto a Bíblia nos dá os nomes de alguns desses deuses, confirmando a História. Eilos: Dagom (Juizes 16.21-30), Moloque (1 Reis 11.7), Diana (Atos 19.23-37), Rainha do Céu (Jeremias 7.18;44.17), etc.

É bom lembrarmos que a Bíblia não ensina que as almas dos mortos salvos estejam em condição de ouvir as nossas orações e repassá-las para Cristo. Onde está escrito na Bíblia que Maria, a mãe de Jesus, ou quaisquer outros servos de Deus tenham recebido, ao morrerem, o atributo da onipresença? Claro, para que tais santos atendam as orações dos seus devotos, que de todas as partes do mundo oram a eles simultaneamente, necessário se faz que sejam onipresentes ou dotados de onisciência, para deste modo tomarem ciência lá do Paraíso Celestial, onde estão, das preces de seus pedintes, bem como para se certificarem se seus orantes estão ou não orando com fé, já que a Bíblia diz que sem fé não se obtém a graça pedida. Logo, sendo esse negócio de orar a Maria, ou a qualquer cristão canonizado pelos papas, uma doutrina estranha à Bíblia, nos resta saber de onde veio isso. E, como já vimos, veio do paganismo. Não foi lendo a Bíblia que os católicos aprenderam isso. É por isso que os padres não cessam de citar a tal de "Tradição" para se defenderem, quando, empunhando Bíblias, anunciamos que o Catolicismo não é bíblico. Ora, é muito estranho Deus não ensinar uma única vez, em toda a Bíblia, o livro que se proclama completo (Apocalipse 22.18,19), capaz de nos preparar para toda a boa obra (2 Timóteo 3.14-17), e nos conduzir à vida eterna (Jo 20.30-31), a mediação dos santos. Não é isso curioso?. É, sim, muito lógico concluirmos que, se os servos de Deus que morreram, estão em condição de ouvir as nossas rezas e repassá-las para Cristo, como o ensinam os padres, que essa doutrina esteja exarada nas páginas da Bíblia. Mas, pasme o leitor, a Bíblia não ensina isso nem mesmo vagamente. Pelo contrário, a Bíblia nos diz que Abraão nem mesmo nos conhece, isto é, ele nem sabe que existimos (Is 63.16). Essa doutrina é oriunda da arbitrariedade dos papas que, dizendo-se infalíveis em matéria de doutrina, se vêem no direito de pregar o que bem entendem. Mas, como disse Jesus, *"se um cego guiar o outro, ambos cairão no buraco"* (Mateus 15.14). Logo, não os sigamos, pois do contrário, cairemos no buraco com eles, isto é, iremos com eles para o Inferno.

Creemos piamente que se os santos estivessem em condição de atuar como medianeiros entre Cristo e nós, que isso teria sido registrado na Bíblia, visto estar escrito que *"o Senhor Jeová não fará*

coisa alguma sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3.7). Sim, se Deus elevou os santos a medianeiros, então Ele mandou os profetas registrar isso. E, se isso não está registrado, é porque se trata duma doutrina espúria. Isto é o que diz Amós 3.7, acima transcrito. Isaías 8.20 também revela que toda doutrina tem que estar respaldada pela Bíblia. Caso contrário, é sofisma: “À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra nunca verão a alva”.

Uma prova de que não é um procedimento cristão orar aos santos, pedindo a eles que roguem por nós, é o fato de o povo de Deus nunca ter recorrido a esse expediente uma só vez sequer. Talvez alguém alegue a possibilidade desse fato ter ocorrido, sem, contudo, ter sido registrado. Mas o registro de inúmeras orações bíblicas, das quais citamos uma minúscula parte em 1.2.2, é prova cabal de que não podemos admitir tal possibilidade nem mesmo remotamente. Por que não encontramos um só versículo falando da mediação dos santos? Por que os apóstolos não oraram uma só vez a Isaías, a Malaquias, a Ezequiel, a Elias, a Moisés, a Abraão, a Abel, a Noé e assim por diante? E se oraram aos profetas, por que não foi registrado? E, se alguém disser que tais rezas constam só da Tradição, perguntamos: Por que Deus empreenderia selecionar, para fins de registro, somente as orações a Ele? Será que não se está inventando moda? Vale a pena fazer isso? Lembre-se: Provamos acima que o que Deus quer que saibamos para sermos salvos e servirmos a Ele como convém, está registrado na Bíblia. Logo, a Bíblia nos basta.

I

Ora direto a Deus
Ao Soberano dos Céus
Ele irá te atender
A Bíblia Sagrada
Por Ele inspirada
Manda assim fazer

II

Como os patriarcas ora,
Ao Senhor Deus implora
Pedindo do Céu, luz
Ora como os profetas
Como os apóstolos depreca
Em nome de Jesus

Autor: Joel Santana

1.4. O Catolicismo Através dos Séculos

1.4.1. Alguns fatos impressionantes

Antes da degradação datada do IV século, que deu origem ao Catolicismo, já existiam alguns “cristãos” pregando heresias de arrepiar, como o batismo pelos mortos (século I [1Co 15.29]), a libertinagem (século I [Jd 4]), a negação da ressurreição (século I [2Tm 2.18]), orações à “Mãe de Deus” (século III), etc. Logo, o que ocorreu no início do 4º século não foi o surgimento das heresias entre os cristãos, mas sim, o aumento do número de falsos cristãos entre os fiéis, o que facilitou a inserção das heresias no corpo de doutrinas da sobredita Associação de Igrejas.

Os líderes da referida Associação de Igrejas tornaram-se mais tarde tão endiabrados que, além de coagir os pagãos à conversão ao “cristianismo” (como vimos acima), passaram a matar os cristãos que ousavam discordar de suas esdrúxulas doutrinas. Sim, o “cristianismo” oficial, cujos líderes (papas) durante séculos exerceram autoridade até sobre muitos reis e governadores, promoveu fortes perseguições aos verdadeiros cristãos. Criou-se uma tal de “Santa Inquisição”, que de santa só tinha o nome, para julgar e torturar até à morte os verdadeiros cristãos, bem como todos os que divergissem da religião oficial, que a essa altura tornara-se conhecida pelo nome de Igreja Católica Apostólica

Romana. Referindo-se a isso, disse o Doutor Marcos Bagno: "...Como se sabe... depois da instituição do cristianismo como religião oficial do império romano... Quem se desviasse desses dogmas era acusado de heresia e condenado às mais diversas punições, como o exílio, a prisão, a tortura e a morte na fogueira..." (Marcos Bagno. *Preconceito Lingüístico*, 23ª edição, abril de 2003, Edições Loyola: São Paulo, página 156. Ênfase no original [Obs.: O Dr. Marcos Bagno pronunciou assim de passagem, pois o livro de sua autoria, do qual fazemos esta transcrição, versa sobre o vernáculo português, e não sobre a Igreja Católica]).

Como sabemos, o Império Romano Mundial não mais existe. Mas a referida "igreja" inovadora tem um pequeno (porém muito rico) país chamado Vaticano.

Os "cristãos" inovadores não se limitaram às inovações que eles trouxeram no início do 4º século, como veremos neste e nos demais capítulos deste livro.

No século XVI, os "cristãos" inovadores sofreram um violento golpe, pois alguns de seus líderes, lendo a Bíblia, concluíram que estavam enganando e sendo enganados. E por isso pregaram dentro das igrejas católicas o que alguns grupos cristãos já vinham fazendo há séculos, em meio às torturas e morte nas fogueiras da "Santa" Inquisição. Os papas tentaram e tentam refrear este movimento, mas não conseguem, porque "O SENHOR DOS EXÉRCITOS ESTÁ CONOSCO", afirmam os integrantes deste mover de Deus!

Apesar do violento golpe acima mencionado, os "cristãos" inovadores teimam em inovar cada vez mais o conjunto das Doutrinas da fé cristã. Veja estes exemplos:

1) o Papa João Paulo II era da opinião de que a Teoria da Evolução, ou seja, o Darwinismo (segundo a qual o homem veio do macaco), é uma verdade que não colide com as doutrinas católicas.¹ Ora, entendo os darwinistas e compreendo os cristãos, mas cristã-darwinista, essa não!

2) no jornal *O Globo*, de 28/08/1998, podemos ler o que se segue: "*A Santíssima Trindade pode estar com os seus dias contados. Em seu lugar, a Igreja Católica estuda a proclamação da quarta pessoa da divindade, a Virgem Maria, em pé de igualdade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No novo 'Quarteto Sagrado' proposto, Maria teria papéis múltiplos: filha do Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo.*" É verdade isso? Não sei. O Padre Dom Estêvão Bittencourt disse que não, mas o fez sem exhibir qualquer prova de que o *O Globo* tenha faltado com a verdade. Logo, ignoro se suas palavras são ou não a expressão da verdade. Contudo, vejamos o que ele disse: "*Jamais a Teologia católica pensou em justapor Maria ao lado das três Pessoas da SSma. Trindade*" [...]. ("Polêmica cega". Pergunte e responderemos. Rio de Janeiro, *Lúmen Christi*, 44, mar. 2003, P. 136-138). Atentemos ainda para o fato de que onde há fumaça há fogo, segundo um velho adágio. E, sendo assim, será que um dia o clero dos cristãos inovadores dirá: **Eu te batizo em nome** do Pai, do Filho, do Espírito Santo e **da Virgem Maria**?! Deus queira que não. Tomara que Dom Estêvão Bittencourt esteja certo, quando afirmou que "*Jamais a Teologia católica pensou em justapor Maria ao lado das três Pessoas da SSma. Trindade*" [...], e que a Igreja Católica jamais faça o que, segundo o conceituado jornal em lide, denuncia quanto à suposta (?) pretensão de transformar a Trindade em Quarteto, pretensão esta, inexistente, segundo o Padre Dom Estêvão Bittencourt. Tomara que de veras não haja um grupo de católicos tentando inserir mais essa inovação no corpo de doutrinas que constitui o Catolicismo.

Muitos já nos disseram que os católicos não têm para com as estátuas dos santos, de Maria e de Jesus, veneração superior à que os evangélicos têm para com as fotos dos seus parentes e amigos. Porém, os clérigos do Catolicismo têm pregado que tais imagens choram, sorriem, exalam fragrância, falam, sangram² e assim por diante. E isso com o apoio do Vaticano. Por exemplo, o Vaticano está apoiando a campanha intitulada *Vinde Nossa Senhora de Fátima, Não Tardeis*, segundo a qual, a estátua de Nossa Senhora de Fátima já chorou 14 vezes.³ Conta-se, segundo o ex-Padre Aníbal, de saudosa memória, que a estatueta de Nossa Senhora Aparecida fugiu do oratório três vezes. Além disso, em abono à crença de que várias estátuas de Maria têm chorado por este mundo afora, um livro católico, publicado com permissão eclesiástica, registra as seguintes palavras do Papa João Paulo II: "*Se a Virgem chora, isto quer dizer que tem seus motivos*".⁴ Contudo, alguns católicos às vezes tentam se defender, dizendo que a crença de que as imagens de Maria choram, é um ato isolado, próprio dos

católicos nominais mal informados, pelo qual não é justo que a Igreja responda. Certamente foi querendo dizer isso que o Cardeal-arcebispo Dom Aloísio Lorscheider afirmou: *"Eu não acredito em imagem de Nossa Senhora que chora. Os bobos correm atrás disso, pois não sabem quantas mutretas há por trás de coisas assim"* (revista Veja, 22/05/91). Depois do que já vimos, porém, essa declaração não inocenta os católicos; antes equivale a dizer que os clérigos católicos (os padres, os bispos, os arcebispos, os cardeais, e até o próprio Papa João Paulo II) são, das duas uma: bobos ou mutreteiros, considerando que essa crendice tem sido apoiada por eles, como acima provamos.

1.4.2. Sinopse histórica por ordem cronológica

(...)

Em 370, principia-se o uso dos altares e velas. Pelo fim do século IV, o culto dos santos foi introduzido por Basílio de Cesaréia e Gregório Nazianzeno. Também apareceu pela primeira vez o uso do incenso e turíbulo na igreja, pela influência dos prosélitos vindos do paganismo.

Em 400, Paulino de Nola ordena que se reze pelos defuntos, e ensina o sinal da cruz feito no ar.

Em 590, Gregório, O Grande, origina o purgatório.

Em 607, o assassino Imperador Phocas dá ao Bispo de Roma o direito de primazia universal sobre a cristandade, depois do II Concílio de Constantinopla.

Em 609, o culto à Virgem Maria é obra de Bonifácio IV, e a invocação dos santos e anjos é posta como lei da igreja.

Em 670, começa a falar-se em latim a missa, língua morta para o povo, pelo papa Vitélio.

Em 758, Cria-se a confissão auricular pelas ordens religiosas do Oriente.

Em 787, no segundo Concílio de Niceia convocado a instâncias da infame imperatriz Irene, foi estabelecido o culto às imagens e a adoração da cruz e relíquias dos santos.

Em 795, o incenso foi posto por lei nas cerimônias da igreja por Leão III

Em 803, foi criada a festa da Assunção da Virgem pelo concílio de Magúncia

.Em 818, aparece pela primeira vez, nos escritos de Pascácio Radberto, a doutrina da transubstanciação e a missa

EM 884, o papa Adriano III aconselha a canonização dos "santos"

Em 998, é estabelecida a festa aos mortos, "dia de finados" por Odilon.

Em 1000, a confissão auricular generaliza-se e os ministérios e os ministros da igreja arrogam para si o célebre "Ego te Absolvo". A missa começa a chamar-se sacrifício. E organizam-se as peregrinações (romarias).

Em 1003, o papa João XVI aprova a festa das almas "fiéis defuntos" que Odilon criara primeiro.

Em 1059, Nicolau II cria o colégio dos cardeais "conclave".

Em 1074, o papa Gregório VII, aliás Hildebrando, decreta obrigatório o celibato dos padres.

Em 1075 o referido Gregório VII exigiu que os padres casados se divorciassem de seus cônjuges e abandonassem seus filhos.

Em 1076, é declarada a infalibilidade da igreja pelo mesmo papa.

Em 1090, Pedro, o Ermitão, inventa o rosário.

Em 1095, Urbano II cria as indulgências plenárias.

Em 1125, aparece pela primeira vez nos cânones de Leão, a idéia da imaculada conceição de Maria, porém, São Bernardo de Clairvaux refutou tal idéia.

Em 1164 Pedro Lombardo enumerara 7 sacramentos; enquanto que Jesus Cristo ordenara apenas dois.

Em 1200, o Concílio de Latrão impõe a transubstanciação e confissão auricular.

Em 1227, entra a campanha na missa por ordem de Gregório IX.

Em 1229, o concílio de Toulouse estabelece a inquisição, que foi confirmada em 1.232 por Gregório X, e logo entregue aos dominicanos. Este mesmo concílio proíbe a leitura da Sagrada Escritura, ao povo.

Em 1264, Urbano IV determina pela primeira vez a festa do corpo de Deus (Corpus Christi).

Em 1300, Bonifácio VIII ordena os jubileus.

Em 1311, inicia-se a primeira procissão do S. Sacramento.***

Em 1317, João XXII ordena a reza "Ave Maria".

Em 1360, começa a hóstia a ser levada em procissão.***

Em 1414, o concílio de Constança definiu que na comunhão, ao povo deve ser dada a hóstia somente, sendo o cálix (copo) reservado para o padre. Os concílios de Pisa, Constança e Basileia declararam a autoridade do Concílio superior à autoridade do Papa.

Em 1438, o Concílio de Florença abre a porta ao purgatório que Gregório, o Grande, havia anunciado.

Em 1546, o Concílio de Trento definiu que a Tradição é tão valiosa como a própria Palavra de Deus. E aceitou os livros apócrifos como canônicos.

Em 1854, Pio IX proclama o dogma da imaculada concepção de Maria.

Em 1870, o Concílio do Vaticano I, declara a infalibilidade do Papa.

Em 1950, é proclamado o dogma da Assunção de Maria.

(Fonte: Panfleto evangelístico com uma mensagem intitulada *Síntese Histórica por Ordem Cronológica da Origem dos Dogmas e Inovações da Igreja Romana*, editado pela **Christian Triumph Company**-909 Blutzer Street, Corpus Christi, Texas 78.405, E.U.A (exceto o que está em itálico).

Se o leitor é bom observador, certamente notou que há duas datas diferentes para o início das procissões do chamado S. Sacramento: 1311 e 1360. Desconheço o porquê dessa divergência, mas o texto não é de minha autoria e tive, por isso, que ser fiel copista. Talvez deva-se isso a uma iniciativa pacata datada de 1311, interrompida em seguida, vindo a reiniciar com vigor, pompa e permanência a partir de 1360. Aliás, não é raro encontrarmos divergências entre os autores sobre datas e fatos históricos, como veremos abaixo quanto à oficialização do Cristianismo por parte do Império Romano. Talvez em consequência disso, o autor deste panfleto tenha encontrado duas datas distintas e optado por registrar as duas, sem maiores detalhes, devido a exigüidade de espaço. Seja como for, é importante sabermos que estas datas não são exatas, mas aproximadas, e que há variantes entre as mesmas. Pelo menos é o que encontrei nos livros que registram a ordem cronológica das heresias católicas.

* * *

Acabamos de ver como e quando nasceu a "Igreja" Católica, bem como a vergonhosa trajetória dessa seita através dos séculos; contudo, é oportuno registrar que a verdadeira Igreja de Cristo nunca foi extinta; antes, como óleo e água que não se misturam, nunca se deixou tragar pelo mundo, constituindo-se em prova cabal de que realmente as portas do Inferno não podem triunfar sobre a verdadeira Igreja do Senhor (Mt 16.18). Sim, sempre houve aqueles que não se deixavam (e ainda não se deixam) levar pelas heresias, os quais constituem a Igreja de Cristo. Senão, veja estes exemplos:

a). *"Os verdadeiros cristãos, foram na realidade, marginalizados por não concordarem com tal situação, formando grupos à parte que sempre marcharam paralelos com a igreja favorecida e entremeada de pessoas que buscavam interesses políticos e sociais. Esses cristãos, por não aceitarem tal situação, no decurso da história, eram agora perseguidos pelos outros 'cristãos' e muitos dos seus líderes eram queimados na fogueira em praça pública..."* (CABRAL, J. *Religiões, Seitas e Heresias*, Rio de Janeiro/RJ: 3ª edição, Universal Produções - Indústria e Comércio, página 75).

b). *"Depois que o Cristianismo se impôs e dominou em todo o império, o mundanismo penetrou na igreja e fez prevalecer seus costumes. Muitos dos que anelavam uma vida espiritual mais elevada estavam descontentes com os costumes que os cercavam e afastavam-se para longe das multidões. Em grupos ou isoladamente, retiravam-se para cultivar a vida espiritual..."* (HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*, São Paulo: Editora Vida, 8ª edição, 1995, página 83).

NOTAS:

*Há controvérsias entre os autores quanto ao trato que Constantino teria dispensado ao Cristianismo:

- A)** Muitos autores atribuem a Constantino a oficialização do Cristianismo pelo Império Romano;
- B)** Não poucos competentes historiadores sustentam que a oficialização do Cristianismo foi obra do Imperador Teodósio I;
- C)** Há quem diga que o Imperador Constantino conferiu tantas vantagens ao Cristianismo que, praticamente o oficializou;
- D)** Ainda, segundo renomados historiadores, Constantino não favoreceu o Cristianismo, nem tampouco perseguiu o paganismo, mas tão-somente subtraiu deste a oficialidade, e concedeu àquele o direito legal à subsistência. As cópias a seguir comprovam a existência das posturas acima:
- a)** *"O último imperador que reinou sobre todo o império foi Teodósio, que tornou o cristianismo a religião oficial..."* (Therezinha de Castro, *História Geral*, Livraria Freitas Bastos S.A., 1968, página 202);
- b)** *"...Imperador Constantino, que não só dá liberdade à Igreja, mas a torna religião oficial..."* (apostila elaborada pela Escola Pastoral Catequética da Arquidiocese do Rio de Janeiro – RJ, página 32);
- c)** *"...No governo de Constantino ... o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império..."* (Koogan /Houaiss, *Dicionário Enciclopédico*, Edições Delta, 1993, página 1.500);
- d)** *Constantino não fez do Cristianismo a religião oficial do Império...Coube a Teodósio I...oficializar a religião cristã"* (*Pergunte e Responderemos* [periódico católico editado sob a supervisão do Padre Dom Estêvão Bettencourt, Ano XLIV, março de 2003, nº 489, página 136]);
- e)** *"Em 312, Constantino apoiou o cristianismo e o fez religião oficial do Império Romano"* (Raimundo Ferreira de Oliveira. *Seitas e Heresias, Um Sinal dos Tempos*, 9ª edição de 1994, CPAD, página 14);
- f)** *"Em 323, Constantino dominava todo o império romano, e revolucionou a posição do cristianismo em todos os aspectos. Primeiro, proporcionou igualdade de direitos a todas as religiões; depois, passou a fazer ofertas valiosas ao Cristianismo. Isentou-o dos impostos, construiu igrejas e até mesmo sustentou clérigos"* (J. Cabral. *Religiões, Seitas e Heresias*, página 80).
- g)** *"...Constantino nem destruiu o paganismo, nem elevou o cristianismo à situação de religião de Estado; mas tirou ao primeiro o seu direito exclusivo e ao segundo os seus entraves. Por esta atitude neutral, deixou livre curso aos acontecimentos ..."* (Chantepie de La Saussaye, *História das Religiões*, Editorial "Inquérito", L.^{da}, Lisboa/Portugal, 1940, tradução de Lôbo Villela, página 818).

**Zeus: Chefe dos deuses, segundo as crenças dos gregos. Na cultura greco-romana Júpiter era equivalente ao Zeus dos gregos.

CAPÍTULO 2

AS PRETENSÕES DO CLERO CATÓLICO

2.1. "A Igreja Católica é a Única Igreja de Cristo".

A Igreja Católica prega oficialmente que ela é a única Igreja de Cristo. Se o leitor duvida, vamos às provas:

- a)** "A única Igreja de Cristo... é aquela que nosso Salvador, depois da sua Ressurreição, entregou a

Pedro para apascentar e confiou a ele e aos demais Apóstolos para propagá-la e regê-la... Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste... na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro (o Papa) e pelos bispos em comunhão com ele" (Catecismo da Igreja Católica, página 234, # 816, Editora Vozes, 1.993. O que está entre parênteses é nosso).

b) "A Igreja Católica ... continua sendo a única igreja verdadeira" ⁵

c) O Frei Battistini disse: "Se você pertence à única e verdadeira Igreja de Jesus, a Igreja Católica, sinta-se feliz e agradeça a Deus..." (A Igreja do Deus Vivo, página 46, 33ª Edição, 2001, Editora Vozes).

d) Na obra intitulada *Os Erros ou Males Principais dos Crentes ou Protestantes*, 7ª edição, editado pela editora O Lutador, sob o imprimatur do Monsenhor Aristides Rocha, afirma-se à página 4 que antes dos protestantes "*existiam apenas católicos romanos, os genuínos cristãos do único e verdadeiro Cristianismo*" (Grifo nosso).

e) O já citado Padre D. Francisco Prada, em seu aludido livro *Novenário*, 3ª edição de 1996, editado pela **AM edições** asseverou: "Ora, o reino de Deus na terra é a sua Igreja Católica. Pedimos que ela seja reconhecida como **única** representante dele; que **desapareçam aquelas** que, usurpando tal nome, a perseguem; que os hereges cismáticos e infiéis se voltem para ela como **meio de salvação**".

f) Vociferou o Padre Leonel Franca: [...] "*Igreja Católica, [...] único baluarte da força moral, única tábua de salvação*" [...]. FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 21 ed., 1973, p. 298

g) O autor destas linhas já teve a desdita de ouvir pessoalmente um padre católico dizer que "*a Igreja Católica é a única igreja verdadeira, por ser a única fundada por Cristo*", e acrescentou que as igrejas evangélicas são fundadas por homens.

Apresentar-se como a única Igreja de Cristo é uma das características das seitas; portanto, nenhuma igreja realmente cristã prega isso. O porquê disso é que sabemos que a única e verdadeira Igreja não está na rua tal, número tal, pois a mesma é o conjunto dos redimidos pelo sangue de Jesus, e não os adeptos de uma certa associação.

O ex-padre Aníbal confessou que após entregar-se a Cristo, permaneceu na Igreja Católica por mais de três anos, mostrando a todos os católicos (leigos e clérigos) que o Catolicismo não é bíblico. Logo, ele tornou-se membro da única e verdadeira Igreja de Cristo três anos antes de vincular-se fisicamente a uma igreja evangélica.

Essa vaidade dos papas de alegarem que o seu grupo é a única Igreja de Cristo, não encontra lugar entre os membros da igreja deste autor, os quais, apoiando-se em Rm 14 e outros trechos bíblicos, fazem "vista grossa" às falhas banais de outras igrejas e as considera co-irmãs em Cristo. Sim, há união entre nós! Aleluia! Este respeito recíproco é importante, pois ninguém é dono da verdade.

Nunca ouvimos um pastor evangélico afirmar que a sua igreja é a única Igreja de Cristo, ou a única organização verdadeiramente cristã, mas a literatura dos católicos, das testemunhas-de-jeová, dos mórmons, dos adventistas do sétimo dia e outros grupos pseudo cristãos, tem a petulância de fazê-lo.

O *Catecismo da Igreja Católica*, embora diga textualmente que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo, como demonstramos na transcrição supra, se o leitor ler o contexto do texto copiado perceberá que a dubiedade salta aos olhos. O clero católico morde e assopra.

2.2. "Fora da Igreja Católica Não Há Salvação"

A epígrafe acima é de autoria da cúpula da Igreja Católica, e de fato nos declara perdidos, por não seguirmos as suas doutrinas de perdição. Para que se saiba que de fato não estamos caluniando, veja os exemplos abaixo:

1º) No *Catecismo da Igreja Católica* já citado, há um texto incoerente, cheio de *é mas não é* (a saber, ora diz que só os católicos se salvarão, ora diz que os evangélicos e até os adeptos das religiões não cristãs [*principalmente* os muçulmanos] também serão salvos. O dito texto deixa claro que embora seja necessário ser católico para se salvar, Deus abrirá uma exceção para os religiosos sinceros que ignoram esta verdade). Sim, leitor, nas páginas 232-244, ## 811-848, há um comentário autodiscrepante, objetivando provar que a Igreja Católica é necessária para a salvação. O parágrafo 846 é arrematado assim: *"...Por isso não podem salvar-se aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Deus, através de Jesus Cristo, como instituição necessária, apesar disso não quiserem nela entrar ou então perseverar"*. Este texto consta também do *Compêndio do Vaticano II*, 29ª edição, Editora Vozes, página 55, # 38).

Se realmente a Igreja Católica fosse necessária para a salvação, e se deveras houvesse uma exceção para os que ignoram isso, nós, os evangélicos, certamente não somos anistiáveis, visto não sermos inocentes. Veja que o *Catecismo da Igreja Católica* diz que *"não podem salvar-se aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Deus, através de Jesus Cristo, como instituição necessária, apesar disso não quiserem nela entrar ou então perseverar"*. Ora, se assim é, então nós somos incrédulos, não desinformados. E, conseqüentemente, a regra nos deve ser aplicada. Mas, como vimos, o Catecismo nos "anistia". Isso prova que o clero católico morde assopra.

2º) O padre John A. O'Brien afirmou em *The Faith of Millions* (A Fé de Milhões), página 46, Que "A Igreja Católica Romana é a verdadeira igreja, estabelecida por Jesus Cristo para a salvação de toda a humanidade".⁶

3º) O Padre Dom Estêvão Bittencourt, visto como um dos maiores teólogos do Catolicismo, asseverou: *"... O Catolicismo é o único caminho para Cristo."* (revista *Época*, 11/09/2000).

4º) O Padre Leonel Franca vociferou: [...] "Igreja Católica, [...] **único** baluarte da força **moral, única** tábua de salvação" [...]. E: [...] "o catolicismo vive e **só ele** pode dar vida" [...]. (FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 21 ed. 1973, pp. 298 e 326 respectivamente. Grifo nosso). Aqui o Padre Leonel Franca questiona não só o valor espiritual das igrejas sevangélicas, mas também põe em xeque sua utilidade moral, ao afirmar que o catolicismo é o *único* baluarte da força moral. Logo, as igrejas evangélicas não prestam nem para soerguer o moral dos povos. Será que ele pensa que as igrejas evangélicas são imorais? Raciocine e tire suas próprias conclusões.

5º) Realmente a Igreja Católica não crê na salvação dos evangélicos, pois ela prega oficialmente que os que não são devotos de Maria estão nas trevas. veja: *"perca uma alma a devoção para com Maria e que será senão trevas?... Ai daqueles... que desprezam a luz deste sol, isto é, a devoção a Maria..."* (*Glórias de Maria*, de autoria de um bispo católico que virou "santo" e "Doutor" da "Igreja", a saber, "Santo" Afonso de Ligório, Editora Santuário, 14ª edição de 1.989, página 82).

O livro *Glórias de Maria* é obra oficial da Igreja Católica, já que:

a) À página 13 podemos o seguinte acerca do seu autor: "Em vida a Igreja o honrou, elevando-o à dignidade episcopal. Morto, elevou-o aos **altares**, deu-lhe a auréola de **Doutor** zelosíssimo, **aprovou-lhe os escritos**, depois de percorrê-los **cuidadosamente**" (Grifo nosso).

b) Seu autor era bispo católico. Isto, por si só não prova nada, pois resta saber se se trata ou não de um ato isolado. Contudo, ao lado dos demais itens a seguir postos na balança, este fato não é desprezível, visto saltar aos olhos que todo o clero católico vem sendo cúmplice dessa profanação;

c) Seu autor não foi repreendido pelos seus superiores hierárquicos. O clero deveria repreendê-lo e exigir retratação, sob pena de excomunhão. Até porque nos dias de “santo” Afonso (1696-1787), a Igreja Católica era muito mais intolerante do que é hoje, chegando a matar os “*hereges*” (Como é do conhecimento de todos os que estudam a História Universal, a Inquisição vigorou *oficialmente do século XII ao século XIX [1183 a 1834]). Logo, bastaria o silêncio dos papas para ficar provado que o livro Glórias de Maria goza da sanção deles.

d) Seu autor foi canonizado pelo Papa Gregório XVI. Não é fácil conseguir o status de santo no Catolicismo. Quanto a isso, o clero é extremamente exigente. Contudo, “santo” Afonso passou no teste, apesar de suas blasfêmias (ou graças a elas?). Então os papas não viram nada que desabonasse sua conduta, o que implica em concordar com suas heresias. Considerar seus disparates como falhas irrelevantes e inofensivas, já seria um grave erro. Porém, a cúpula católica fez mais do que isso, pois confessa que “*aprovou-lhe os escritos*”, como vimos acima

e) Seu autor foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio IV.

Nem todos os “santos” são Doutores da Igreja, segundo o Catolicismo. O Padre Luiz Cechinato, em seu livro Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja, Editora Vozes, 4ª edição de 2001, além de ratificar à página 314 que o senhor Afonso de Ligório foi reconhecido Doutor da Igreja, na página 96 nos diz o que significa isso: “*Doutores da Igreja são santos e santas que, nos diferentes períodos históricos da Igreja, distinguiram-se pela doutrina reta, grande sabedoria, santidade de vida e obras de notável valor (escritos ou pregação). O que eles ensinaram tem validade perene e universal. Suas obras servem de referência e de fonte aprovada pela Igreja para elaboração da Teologia e da vivência da fé...*” (Grifo nosso). Repito: Então essa seita considera o conteúdo do livro do senhor Afonso como doutrina reta, algo de notável valor, fonte aprovada pela Igreja, etc.

f) A propagação do livro. Os católicos (tanto leigos quanto clérigos) envolvidos nas traduções e edições desse livro, não foram advertidos. O dito livro é obra que existe há 256 anos (tomando por base o ano de 2006, quando atualizei esta 3ª edição, considerando que, segundo consta da página 11, em 1987 esse maldito livro já existia Há 237 anos), já teve 800 edições, é publicado por editoras católicas, traduzido em diversos idiomas (escrito originalmente em italiano, consta na página 9 que até 1952 o dito livro já havia sido traduzido em alemão, inglês, espanhol, francês, holandês e “*em outras línguas*”), elogiadíssimo pelos seus tradutores e editores que chamam seu autor de “santo doutor” e, não obstante, os demais padres, e inclusive o alto clero (papas, bispos, arcebispos e cardeais), nada opõem. Ora, um livro tão herético estaria sendo refutado pelo clero, se a liderança católica fosse ortodoxa. Isso, porém, a cúpula católica não pode fazer, pois implicaria em destituir esse “santo”. Isso seria complicado, pois implicaria em reconhecer o triste fato de que há três séculos os católicos estão rezando a um filho das trevas, cuja alma irremediavelmente perdida, padece no fogo do Inferno;

g) O clero é tolerante? Talvez o clero católico tente se defender, alegando que canonizar alguém não implica, necessariamente, em concordar com o canonizando, em todos os detalhes. Nós concordamos, mas compreendemos que um erro grave deveria desqualificar o candidato à categoria de Santo. E não é um erro gravíssimo afirmar que o ofício de Jesus não é socorrer os miseráveis? Isso não equivale a negar que Jesus é o Salvador? É essa uma questão de somenos importância? O silêncio do clero já seria comprometedor, mas os clérigos católicos não guardaram silêncio, pelo contrário, fizeram e fazem mais do que pronunciar a favor desse pernicioso livro, considerando que canonizar seu autor, elevá-lo a Doutor da Igreja, elogiar e recomendar o seu livro, custear suas edições,

promover sua difusão pelo mundo afora traduzindo-o para diversos idiomas, etc., equivale a ombrear esse falso profeta e endossar suas blasfêmias.

O livro *Glórias de Maria* é, sim, obra oficial da Igreja Católica. Duvidamos que o clero católico negue isso. Mas, se o fizer, estará subestimando a nossa inteligência, bem como mentindo, pois vimos acima que a "Igreja" aprovou os escritos do senhor Afonso, "*depois de percorrê-los [isto é, lê-los e estudá-los] cuidadosamente*". É livro oficial, ou não é? A resposta é: A "Igreja" já disse textualmente que "sim". Além da afirmação textual ou gráfica, temos que levar em conta que essa seita está promovendo a difusão desse tão diabólico livro. Isto significa que a Igreja Católica diz e prova que o livro do seu Santo Doutor é dela.

Como já informei, às vezes o *Catecismo da Igreja Católica* finge reconhecer a validade das igrejas evangélicas, bem como das religiões não-cristãs (como se pode ver às páginas 235 e 242, # # 818-819, 841. Veja também o *Compêndio do Vaticano II*, 29ª edição, Editora Vozes, páginas 56-57, # # 41-42). Mas esse malabarismo é um sofisma, cujo alvo é bem definido: fazer com que o dito fique pelo não dito, e, deste modo, confundir os incautos. Como o diabo sabe preparar suas arapucas!

Todos os que estudam a História Geral sabem que a Igreja Católica pregava que FORA DA IGREJA CATÓLICA NÃO HÁ SALVAÇÃO, mas muitos pensam que esse radicalismo é coisa do passado. Porém, como o leitor acaba de ver, essa heresia ainda está de pé. Como bem o disse o ex-padre Aníbal, de saudosa memória, "*O Concílio Vaticano II não trocou as velhas heresias por doutrinas novas, mas tão-somente pintou-as*".

Alegando a Igreja Católica que ela é necessária à salvação, está usurpando a função daquele que disse: "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.*" (Jo 14.6).

Caro leitor, não se submeta à tirania desses usurpadores. Para se salvar, você não necessita de nenhuma igreja. Após entregar-se a Cristo e se salvar, se você não quiser se vincular a nenhuma das igrejas que já existem, funde a sua própria denominação. Portanto, siga a Cristo e liberte-se (João 8.12,32). Mas, se você não quiser fundar a sua denominação, sugerimos que você se dirija a uma das muitas igrejas realmente cristãs, para usufruir do companheirismo daqueles que, como você, também têm Cristo em seus corações (Hebreus 10.25). Ademais, se todos os católicos, leigos e clérigos, decidirem seguir a Bíblia, se salvarão dentro da própria instituição católica. Não cremos que eles tenham que vir para as igrejas evangélicas. Nós cremos que quem salva é Cristo.

Muitos católicos já nos perguntaram: "*Por que vocês dizem que se não formos para suas igrejas não seremos salvos?*" A nossa resposta tem sido: Nós não pregamos isso. Quem prega isso são os clérigos da sua igreja.

Segundo a Bíblia, a queda de Satanás consistiu no fato de que ele concebeu o seguinte pensamento: "...Subirei ao céu; acima das alturas das estrelas de Deus exaltarei o meu trono... subirei acima das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo." Mas Deus disse-lhe "...Levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo." (Isaías 14. 13 a 15). Temos, na Igreja Romana, uma repetição dessa usurpação. Ela também disse no seu coração: Subirei ao trono do Império Romano, estabelecerei o meu trono no Vaticano, e serei semelhante ao único Salvador, tornando-me também a única salvadora. Mas Deus está dizendo a ela e aos que estão sob seu cetro: "Contudo, levados sereis ao inferno".

A salvação não está na Igreja Católica, nem tampouco no protestantismo. Especialmente nos séculos 16 e 17, muitos calvinistas e outros protestantes eram tão assassinos quanto a pretenciosa "Igreja" Católica (Veremos isto no capítulo 12 [12.4.]). Às vezes pensamos que isso era coisa das idades Média e Moderna, mas Deus sempre condenou o homicídio e prometeu lançar no Inferno a todos os assassinos que não se converterem. Logo, no Inferno há padres, protestantes, papas, pastores evangélicos, etc. E, se você não quer se juntar aos infelizes que lá sofrem as conseqüências de suas imbecilidades, deixe de crer que a salvação está neste ou naqueloutro grupo, e refugie-se em Cristo já. Sim, refugie-se em Cristo, mas só em Cristo, e não, numa mistura de Cristo, ídolos e homens embusteiros.

2.3. "Infalíveis"

Como já vimos, o Catolicismo sustenta que o Papa é infalível quando fala ex-cátedra, ou seja, de sua cadeira, isto é, com a autoridade de que é investido. Crê-se que Deus delegou aos papas o dom da inerrância quando dissertam sobre fé e costumes. Isto significa que os católicos não precisam se preocupar com a ortodoxia doutrinária. Eles podem fechar os olhos e seguir ao papa sem medo, pois é impossível que o papa erre.

Para que o leitor possa ver mais uma vez que realmente as coisas são assim, fazemos as quatro transcrições abaixo:

1ª) *"Para manter a Igreja na pureza da fé transmitida pelos apóstolos, Cristo quis conferir à sua Igreja uma participação na sua própria infalibilidade, ele que é a verdade. Pelo 'sentido sobrenatural da fé', o povo de Deus 'se atém indefectivelmente à fé,' sob a guia do Magistério vivo da Igreja. A missão do Magistério está ligada ao caráter definitivo da Aliança instaurada por Deus em Cristo com seu Povo; deve protegê-lo dos desvios e dos desfalecimentos e garantir-lhe a possibilidade objetiva de professar SEM ERRO a fé autêntica. O ofício pastoral do Magistério está ordenado ao cuidado para que o Povo de Deus permaneça na verdade que liberta. Para executar este serviço, Cristo dotou os pastores de carisma de infalibilidade em matéria de fé e de costumes. O exercício deste carisma pode assumir várias modalidades"*(Catecismo da Igreja Católica, página 255, # 889 a 891 [grifo nosso]).

Bastaria a cópia acima, contudo, prometemos acima quatro cópias e, portanto, prossigamos:

2ª) *"GOZA DESTA INFALIBILIDADE O PONTÍFICE ROMANO, chefe do Colégio dos Bispos, por força do seu cargo quando, na qualidade de pastor e doutor supremo de todos os fiéis, e encarregado de confirmar seus irmãos na fé, proclama, por um ato definitivo, um ponto de doutrina que concerne à fé e aos costumes...A INFALIBILIDADE prometida à Igreja RESIDE TAMBÉM no corpo episcopal quando este exerce seu magistério supremo EM UNIÃO COM o sucessor de Pedro', sobretudo em um Concílio Ecumênico. Quando, pelo seu Magistério supremo, a Igreja propõe alguma coisa 'a crer como sendo revelada por Deus' e como ensinamento de Cristo, é preciso aderir na obediência da fé a tais definições'. Esta infalibilidade tem a MESMA EXTENSÃO que o próprio depósito da REVELAÇÃO DIVINA"* (Catecismo da Igreja Católica, página 255, # 889 a 891, [grifo nosso]).

3ª) O Padre Luiz Cechinato disse que *"...o papa, quando fala em lugar de Cristo sobre as verdades de nossa salvação, não pode errar, porque ele tem a assistência do Espírito Santo, e porque Jesus assume em seu próprio nome o que o papa decide. [...]"* (Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja, Editora Vozes, 4ª edição de 2001, página 358).

O que o Papa pretende com essa pretensão de infalibilidade exclusiva? Resposta: Manipular os católicos a seu bel-prazer. O Papa se declara tão inerrante quanto a Bíblia, quando afirma que a sua "infalibilidade tem a mesma extensão que o próprio depósito da revelação divina", como vimos acima. Uma prova material de que os papas não são infalíveis nas "decisões eclesíásticas" é o fato de eles se contradizerem. Vejamos alguns exemplos:

a). Em 1.229 o concílio de Toulouse proibiu a leitura da Bíblia ao povo. Hoje, não obstante adulterarem-na com a adição de livros apócrifos e "explicações" heréticas nas margens inferiores (rodapés), sua leitura é recomendada.

b). Ainda em 1.229, no referido concílio de Toulouse, estabeleceu-se a tal de "santa" inquisição, confirmada em 1.232, por Gregório X, segundo a qual todos os que pregassem alguma coisa que não harmonizasse com o Catolicismo, deveriam ser torturados até a morte. E muitos fiéis servos de Deus morreram nessa época, por não se submeterem aos abusos desses emissários de

Satanás. Hoje, porém, não mais nos matam a bel-prazer, embora mantenham por escrito a ordem de que *"os heréticos, além de serem excomungados, devem ser condenados á morte"*, (Enciclopédia Católica (em inglês), página 768, citado em O Movimento Ecumênico, editado pela Imprensa Batista Regular, página 17, da autoria do pastor Homero Duncan.

c). Em 670, o papa Vitélio, para manter o povo no obscurantismo, decidiu falar a missa em Latim, exatamente para que ninguém entendesse nada, por ser já o Latim uma língua morta. Essa idéia agradou tanto aos papas que o sucederam, que ampliaram a idéia, proibindo também a tradução da Bíblia para os idiomas dos povos. Naquela época, a Bíblia já havia sido traduzida para o Latim, e então se determinou que não se fizesse nenhuma outra tradução. Hoje, porém, as traduções são feitas com a aprovação dos papas. Estas contradições entre um papa e outro provam que de infalíveis eles não têm nada. Contudo, o Padre Miguel Maria Giambelli, em o livro de sua autoria intitulado A Igreja Católica e os Protestantes, à página 68, "interpreta" Mateus 16.19, como se Jesus tivesse dito o seguinte: *"Nesta minha Igreja, que é o reino dos céus aqui na terra, eu te darei também a plenitude dos poderes executivos, legislativos e judiciários, de tal maneira que qualquer coisa que tu decretares, eu ratificarei lá no céu, porque tu agirás em meu nome e com a minha autoridade"*. Mas esta conclusão não está respaldada pela Bíblia, a qual diz que o apóstolo Paulo não se silenciou diante do erro do apóstolo Pedro, como quem diz: *"Está errado Pedro, mas, como Jesus disse que qualquer coisa que decretares, Ele ratificará lá no Céu, eu concordo"*; mas o repreendeu prontamente (Gálatas 2.11-14). Leitor, se nestes versículos não aparece na sua Bíblia o substantivo Pedro, mas Cefas, saiba que Cefas é o mesmo que Pedro (João 1.42).

Mateus 16.19 está mal traduzido na maioria das Bíblias protestantes e católicas. Estas traduzem este versículo mais ou menos assim *"... tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra, será desligado nos céus"*. Estas traduções equivocadas conferem a Pedro uma autoridade tal, que o põe acima de Deus. Já não é mais Pedro quem deve se orientar pelo Céu, mas o Céu é que se orientará por ele. Mas na ARA (Almeida Revista e Atualizada) este erro foi corrigido, razão pela qual podemos ler lá o que se segue: *"... o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus"*. Deste modo, Jesus não está dizendo que aprovaria tudo quanto Pedro fizesse; e sim que Pedro, ao fazer qualquer coisa, devia certificar se a mesma gozava ou não da sanção do Rei dos reis e Senhor dos senhores - Jesus Cristo - o Filho do Deus vivo.

O modo como Mateus 16.19 está no original, aceita tanto esta última tradução, quanto as outras. Nestes casos, a tradução fica a cargo do bom senso e, sobretudo, do contexto bíblico. Sabemos pela Bíblia que os cristãos primitivos não se submetiam cega e incondicionalmente às decisões do apóstolo Pedro, mas o questionavam e exigiam dele explicações, sob pena de excomunhão. Para vermos isto, basta lermos o que está registrado em Atos dos Apóstolos, capítulo 11, versículos 2 a 18, detendo-nos nos versículos 2, 3, e 18, meditando no fato de que, quando Pedro se explicou, os irmãos se apaziguaram (v. 18). Se os irmãos se **apaziguaram**, então o debate foi acirrado. E é assim que os cristãos primitivos tratavam todos os apóstolos. Eles tinham que provar que os seus sermões tinham a aprovação de Deus (Atos 17.10,11).

Para que se enxergue que os papas vêm errando através dos séculos, basta raciocinar. Logo, os que ainda pensam sabem que os papas também erram, por duas razões: 1ª): Os papas são seres humanos. 2ª): A História registra inúmeros erros cometidos por papas. Mas, como o fanatismo religioso priva do uso da razão, é possível que alguém diga que esta questão é relativa, alegando que o que nós, os evangélicos, chamamos de "erros dos papas", pode não estar errado de fato. E, para que até os cegos vejam, apelamos para as incoerências papais. Talvez as contradições entre um papa e outro, ajudem os fanáticos a entenderem que a suposta infalibilidade papal é uma farsa. Deus não se contradiz!!!

Os papas se expõem ao ridículo quando se auto-proclamam infalíveis. E não menos ridículo é tentar provar que os papas são falíveis. Nós só nos expomos ao ridículo de refutar esse disparate, por amor aos católicos. Realmente há heresias que não merecem ser refutadas, e a chamada "infalibilidade papal" é uma delas.

Este autor não tentaria convencer pessoa alguma (seja lá quem for, inclusive Papa) de que

ela está equivocada por se julgar infalível, pois custa-nos crer que haja alguém que não saiba disso. A menos que ela sofra de algum distúrbio mental. Ora, se todos já sabem que são falíveis, não há porquê, nem como, convencer alguém deste fato. Por outro lado, se houvesse alguém que se julgasse infalível, Deus não iria condená-lo por isso, visto não ser justo que os loucos respondam por seus atos. Não me expresso desta maneira ironicamente, e sim, porque deveras eu suspeito da sanidade mental de alguém que, com sinceridade, se proclama infalível.

A ironia é um recurso válido. Até o profeta Elias foi irônico para com os adoradores de Baal. Este autor também às vezes lança mão deste recurso, mas no presente tópico não estou sendo irônico, e sim, falando do que realmente penso.

Há um senhor catarinense, chamado Iuri Thais, cujo pseudônimo é Inri Cristo, que se diz Jesus Cristo. Ora, sem ironia alguma digo que a meu ver, ou esse senhor é demente, ou é charlatão. Ele e seus discípulos sem dúvida irão se melindrar se tomarem ciência deste meu parecer. Talvez digam que estou sendo irônico. Mas posso garantir que não é este o caso. Digo com toda a sinceridade, diante de Deus, que não estou sendo irônico. Estou falando do que realmente penso. Se estou ou não com a razão quanto a isso, é discutível (suponhamos que seja). Logo, o senhor Inri e seus seguidores têm o direito de concordar ou não comigo. Mas diante de Deus informo que a presente declaração não é irônica, nem tampouco se destina a afrontá-los. Estou apenas falando do que penso, sem retórica.

Talvez o leitor pense que o último parágrafo acima não tem nada que ver com o tema abordado neste tópico. Porém, sua existência destina-se a notificar que, a meu ver, dizer-se Jesus Cristo é tão absurdo quanto se proclamar infalível; e que quando digo que suspeito da sanidade mental de quem se julga inerrante, não estou sendo irônico, tampouco o faço a título de ofensa. Antes falo do que verdadeiramente penso.

Embora eu não seja psiquiatra, nem psicólogo, parece-me (corrijam-me os profissionais dessas áreas se estou errado) que se autoproclamar "Jesus", é tão patológico quanto dizer-se infalível. Talvez você esteja pensando: *"Como esse pastor ousa comparar esse tal de Inri com Sua Santidade?"*. A resposta é que assim como para você o Papa é Sua Santidade, para os adeptos do senhor Inri, o Papa não é nada, enquanto Inri é tudo. Inri é Jesus. E aí temos apenas a sua opinião contra a deles. Se os papas podem se julgar infalíveis, por que o senhor Inri não pode se considerara Jesus? Os direitos são iguais, não?! Por que penso assim? Resposta: Quem se julga Jesus Cristo, não deve se considerar uma simples criatura, já que Jesus não o é. Semelhantemente, considerar-se infalível equivale a se auto-endeusar, visto que só Deus é inerrante. Assim sendo, pergunto reverentemente aos que estudam a psique: Será que os "infalíveis" e os "Jesus Cristos" não estão com algum problema mental?

Há notáveis diferenças, bem como algo em comum entre o senhor Inri e os papas. EI-las parcialmente:

- O senhor Inri e os papas dizem, de per si, coisas igualmente inusitadas de si próprios, porém o senhor Inri é visto pela grande maioria como, ou charlatão ou psicopata, enquanto os papas são vistos como celebridades;
- O senhor Inri possui poucos adeptos, mas o Papa tem mais de 1.000.000.000 de discípulos;
- É difícil acreditar que homens tão ousados consigam adeptos, mas, para nossa surpresa, eles os possuem. E, pasme o leitor, ambos são seguidos por pessoas cultas. O senhor Inri tem, entre seus adeptos, até uma psicóloga.

2.4. São os Únicos “Sucessores” dos Apóstolos

Os clérigos católicos alegam que os protestantes se separaram da verdadeira Igreja e, por conseguinte, da sucessão apostólica; o que prova, segundo eles, que os pastores evangélicos não são qualificados e credenciados para este ofício, e sim, meros curiosos. Isso é dito com todas as letras, pelo **Padre Vicente Wrosz**, que afirmou: “...*Os protestantes desligaram-se da sucessão dos Apóstolos, por isso seus pastores não recebem o sacramento da ordenação sacerdotal e não têm nenhum poder espiritual... E ninguém de nós arriscaria submeter-se à operação do coração por um ‘curioso’ autônomo... O mesmo vale na...Igreja... Apóstolos e seus sucessores, papas e bispos católicos. Só eles têm a promessa de Cristo, de serem introduzidos pelo Espírito Santo em toda a verdade...*” (*Respostas da Bíblia às Acusações dos “Crentes” Contra a Igreja Católica*, Editora Pe. Reus, 48ª edição/2000, páginas 13, 26-28). Todavia, nós, os verdadeiros Ministros do autêntico Evangelho estamos sim, sucedendo os apóstolos. Esta sucessão, porém, não é o nosso objetivo, e sim, consequência natural do fato de estarmos seguindo a Cristo. Jesus Cristo não deixou sucessores, e sim, seguidores; não deixou vigários, e sim, representantes; não deixou inquisidores assassinos, e sim, mártires; não deixou ditadores, e sim, pregadores e ensinadores; não deixou déspotas, mas exemplos a serem seguidos, etc.

2.5. Alicerce da Igreja

Logicamente, a “*Rocha*” sobre a qual a verdadeira Igreja está edificada é Cristo. Mas o Papa, “interpretando” erradamente Mt 16.18, conclui que a pedra mencionada neste texto é o apóstolo Pedro, e, por extensão, os papas que, supostamente, o sucederam através dos séculos. Daí infere o Papa que qualquer comunidade cristã que não se submete a ele, não é (como vimos acima em 2.1), a autêntica Igreja de Cristo, visto não estar fundamentada no alicerce que é o Papa.

Considerar-se o *alicerce* da Igreja é, sim, ser pretensioso. Quem não se guia cegamente pelo Papa, como ele manda que façamos, mas examina a Bíblia por si mesmo, facilmente conclui que a linguagem metafórica constante de Mt 16.18 aplica-se exclusivamente a Cristo, visto que Jesus e os apóstolos trataram de elucidar esta questão. Senão, abra a sua Bíblia e leia estas referências: Mt 21.42; At 4.11; 1Co 3.11; Ef 2.20; 1Pe 2.4-6, etc.

Jesus disse ao apóstolo Pedro: “*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*” (Mt 16.18). Tanto a palavra traduzida por pedra, quanto o vocábulo transliterado por Pedro, podem ser traduzidos por pedra. Contudo, é oportuno informar que no idioma original do Novo Testamento, Jesus faz, neste caso, um jogo de palavras para o qual devemos atentar. No original, “pedra” é *petra*, isto é, rocha ou penha. Já o vocábulo transliterado por “Pedro” é *Petros*, isto é, uma pedra pequena ou fragmento de pedra. Uma pedra que possa ser transportada. Ora, se Cristo, logo após comparar Pedro a uma pedrinha, afirmou que edificaria a Sua Igreja sobre a rocha, salta aos olhos que Ele não pretendia construir a Igreja sobre Pedro. A Igreja, da qual Pedro era parte integrante, seria construída sobre a Rocha. “*E quem é rochedo senão o nosso Deus?*” (Sl 18.31 b). “... *não há outra Rocha que eu conheça*” (Is 44.8b). Está, pois, claro que “...*a pedra era Cristo*” (1 Co 10.4).

Admitir que os que divergem dos papas não estão apoiados na rocha e que por conseguinte não são a Igreja de Cristo, faz dos papas o real caminho da salvação. Equivale a dizer que os papas são o caminho, a verdade e a vida. E que ninguém vai a Cristo, senão por eles. Se essa crença fosse verdadeira, os assassinos que matavam em obediência aos papas, nos dias da famigerada “Santa” Inquisição, estariam hoje no Céu; ao passo que João Hus, Jerônimo Savonarola, e milhares de pessoas que ao serem ameaçadas pelos papas, preferiram a morte a desobedecer a Cristo, estariam todas no Inferno. Sim, crer que o Papa é o fundamento da Igreja e que, portanto, quem não o obedece está desobedecendo a Cristo, nos leva às seguintes conclusões: Ou os papas são mesmo infalíveis, como eles se julgam, ou obedecer aos papas é o mesmo que obedecer a Cristo, mesmo estando errado o que eles pregam. Ora, o fato de os papas não mais matarem os “*hereses*”, como o fizeram durante séculos, prova que eles não são infalíveis, visto que, se eles estão certos, então estavam errados; por

outro lado, se estão errados, então estavam certos. Logo, está provado que eles não são inerrantes. E, sendo assim, se precisamos mesmo obedecê-los incondicionalmente para sermos salvos, então podemos e devemos desobedecer a Deus, sempre que a Lei de Deus entrar em choque com a lei do Papa. É loucura, ou não é?

Este assunto não é tão polêmico como se supõe. A controvérsia sobre esta questão, só existe porque os papas são megalomaniacos. E os católicos, cegos por Satanás, se deixam levar, se julgando até mesmo incapazes de lerem a Bíblia e tirarem suas próprias conclusões, visto que aquele que engana as nações (Ap 20.3,8,10), servindo-se de seus servos (2Tm 3.13) inculcou-lhes que o Papa é infalível e que só ele pode interpretar a Bíblia com autenticidade. Por isso aposentaram a cabeça e se deixam guiar pelo conto do Vigário.

Geralmente os padres vêem os que divergem do Papa, como hereges, visto que o consideram sucessor de São Pedro, e, por conseguinte, o inabalável (infalível) Alicerce da verdadeira Igreja, que é o conjunto dos que lhe obedecem incondicional e cegamente. Mas, se eles examinarem os escritos dos santos da Igreja Católica, verão que muitos deles acreditavam como nós, os evangélicos, cremos atualmente. Por exemplo, Santo Agostinho e São João Crisóstomo, asseveraram: "*Nesta pedra...a qual tu confessaste, Eu construirei minha Igreja. Esta pedra é Cristo; e nesta fundação o próprio Pedro construiu* (Agostinho, Comentário Sobre o Evangelho de João, citado na Bíblia Apologética, 1ª edição/2000, ICP Editora, página 1072, nota de rodapé alusiva a Mt 16.18).

Além do que já foi dito em refutação à alegada sucessão papal, da qual os supremos líderes da Igreja Católica vêm lançando mão para ludibriar os incautos, é bom lembrarmos que Pedro foi um "papa" bem diferente: era casado (Mc 1.30), pobre (At 3.6), Cheio do Espírito Santo (At 4.8), humilde (Gl 2.11, comparado com 2 Pe 3. 15-16), etc. Quão diferentes são os papas: são solteiros (obrigatoriamente), são ricos (têm muito ouro e não pouca prata), não têm o Espírito Santo, são arrogantes, etc.

O clérigos católicos se ufanam de uma suposta sucessão papal que, segundo a "Igreja", vai de São Pedro ao atual Papa Bento XVI, um total de 265 papas. Ora, sabendo que muitos desses papas foram cruéis e imorais, como veremos nos capítulos 11 e 13 deste livro, custa-nos entender porque, ao invés de se ufanarem, não se envergonham. Ora, visto que muitos papas foram avarentos, fornicários, desonestos, assassinos, etc., não há (a menos que creiamos que esses monstros também foram sucessores de São Pedro) nenhuma sucessão papal, desde Pedro aos nossos dias. Certamente o elo foi quebrado há muito tempo. Contudo, ainda que alguém funde uma igreja igual à Igreja Católica, essa igreja não será reconhecida como Igreja de Cristo, até que se una à Igreja Católica e se submeta ao Papa administrativamente. Dos muitos exemplos que poderíamos dar, como prova dessa verdade, pinçamos os que abaixo relacionamos:

a) Fraternidade Sacerdotal São Pio X. O Concílio Vaticano II que transcorreu entre os anos 1962-1965 efetuou algumas insignificantes mudanças nas doutrinas e liturgias da Igreja Católica. As mudanças foram as seguintes:

Sobre a missa. Até ao Vaticano II, os padres celebravam as Missas em latim e de costas para os seus fiéis; a partir daí, porém, o celebrante fica de frente para o público e se expressa no idioma dos comungantes. Ora, heresias proferidas de costas ou de frente; ditas em latim ou em qualquer outro idioma, são igualmente imprestáveis. E, diga-se de passagem, que em pleno século XX a Igreja Católica ainda não sabia que os leigos têm o direito de ouvir o clero se expressar em seus próprios idiomas. É muita ignorância, não é verdade? Não!!! Não é verdade não! O clero católico sabia e sabe o que está fazendo. E só se retratou porque chegou um momento em que esse absurdo estava expondo-o ao ridículo.

Sobre o cardápio. Antes do Vaticano II, a Igreja Católica pregava que os católicos não deviam comer carne às sextas-feiras, exceto peixe. Essa era de fato uma infantilidade, mas convenhamos que a sua remoção não tem muito peso.

Acerca do vestuário. A partir do Vaticano II, passou-se a não exigir que o clero ponha a batina continuamente, mas apenas durante as celebrações. Das freiras também não se exige mais que ponham o hábito continuamente. Essa mudança é, obviamente, irrelevante, em termos espirituais.

Ocorreram mais algumas mudanças, mas todas sem grande importância, com exceção das iniciativas ecumênicas que estão rendendo para o Catolicismo bons dividendos, visto que uma boa parte dos ortodoxos, bem como anglicanos, luteranos e outros protestantes, estão se deixando levar pela falácia intitulada Diálogo Ecumênico.

Por não aceitar as mudanças supracitadas, os bispos Marcel Lefèbvre (francês) e Antônio de Castro Maia (brasileiro) lideraram um movimento conservador, que redundou na criação de uma seita chamada Fraternidade Sacerdotal São Pio X, e ordenou alguns bispos sem o consentimento de Roma. Então foram *excomungados* pelo Papa João Paulo II, e a seita deles não é vista como Igreja de Cristo. Isso só serve para demonstrar o quanto a Igreja Católica é intolerante. Esses homens tão-somente queriam que a Igreja Católica continuasse como era até 1965. Se isso é heresia, então a Igreja Católica era herética. E, se ela não era herética, então os bispos Marcel Lefèbvre e Antônio de Castro Mayer não são hereges. A cúpula da Igreja Católica poderia até pedir que eles redigissem um pedido de exoneração, já que não aceitam as inovações. Mas excomungá-los e considerar a seita deles como uma falsa igreja, é, sem dúvida, politicagem. Os clérigos católicos sofrem de miopia espiritual, por cujo motivo não vêem a amplitude do reino de Deus, julgando que o mesmo se limita aos contornos do Catolicismo. Eles vêem a Igreja apenas como uma instituição, e pensam tratar-se da Igreja Católica, quando a Igreja, antes de ser uma organização, é um organismo. E, como tal, ela não está nessa ou naquela outra rua.

b) Igreja Ortodoxa. Esta seita é fruto de uma cisão ocorrida no ano 1054 d.C. Suas doutrinas são basicamente iguais às doutrinas da Igreja Católica. As diferenças são banais: O celibato não é obrigatório, o batismo é por imersão, não usam estátuas dos santos, mas apenas imagens, e outros pontos que, quando comparados com as doutrinas da Igreja Católica, salta aos olhos que são diferenças que não deviam fazer diferença. Todavia, segundo o Catolicismo, essa igreja também não é de Cristo, pois não se submete ao suposto sucessor de São Pedro.

c) Igreja Católica Antiga (ou Católicos Velhos). Esta seita foi fundada em 1871. Foi assim: Um Bispo católico que em 1870 participou do Concílio Vaticano I, onde rebateu com eloqüente discurso a pretensiosa infalibilidade papal, não foi ouvido, mas excomungado. Então liderou um movimento que redundou no surgimento dessa seita. Essa igreja prega muitas das doutrinas da Igreja Católica: Oração pelos mortos, purgatório, sacramentos, etc. Apenas rejeita: O dogma da Imaculada Conceição de Maria, o jejum, a infalibilidade papal, o celibato eclesiástico, a confissão auricular, o culto às imagens e mais algumas questões irrelevantes, já que a Igreja Católica tolera no seu seio, divergências bem mais acentuadas. Mas, como não estão com o Papa, não são Igreja de Cristo, e sim, *seita*, como geralmente o clero católico define os grupos cristãos que não se sujeitam à liderança do Papa.

d) Outros Grupos. Há outras seitas fundadas por dissidentes da Igreja Católica que, por sua vez, se desdobram em outros grupos, como é o caso da Igreja Católica Brasileira, Igreja Católica Livre (conhecida também como Ordem de Santo André), Igreja Ortodoxa Latina, etc.

2.6. Sobre os Títulos "Honoríficos" do Clero

A Bíblia nos fornece a lista dos oficiais que Jesus constituiu para crescimento da Sua Igreja. São: Apóstolos, Pastores, Diáconos, Bispos, Presbíteros, Mestres e Evangelistas. Nada, porém, nos fala sobre:

a) Papas e Padres: Cristo não instituiu papas e padres, mas sim, irmãos. Disse Ele: "*E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está no Céu*" (Mt.23.9).

"Papa" deriva do latim, e é o mesmo que "pai" em italiano; e "padre" é "pai", em espanhol.

b) Vigários do Filho de Deus. Todos sabem que os papas se consideram vigários do Filho de Deus, porém, poucos são os que perceberam que esse arrogante título é uma usurpação. Etimologicamente, "vigário" significa substituto. Ora, não é extrema pretensão se considerar substituto do Senhor Jesus? Cristo é insubstituível e, obviamente, não deixou substituto algum, mas sim, servos e seguidores. Falta modéstia aos supostos *sucessores de São Pedro*.

A História registra inúmeras barbaridades praticadas por esses supostos Vigários. Certamente, foi observando essas coisas que a sabedoria popular criou o vocábulo "vigarice", bem como a locução "conto do vigário".

O título de "Vigário" não é exclusivo dos papas, mas extensivo aos bispos, bem como aos presbíteros (padres), quando estes substituem àqueles.

c) Sumo Pontífice. Este é um título pagão. A tradução de "sumo pontífice" é "supremo fabricante de pontes". Os pagãos criam que seus líderes religiosos eram como pontes entre eles e os deuses, por cujo motivo os chamavam de pontífices. A adoção desse título por parte do clero, é, pois, um erro, visto que Cristo é a única ponte entre o homem e Deus. E, como se não bastasse, o Papa não só é ponte, mas a suprema ponte. Aqui está, pois, mais um exemplo de arrogância, somado a uma prática pagã.

d) Arcebispo. À luz do contexto de At 20.28, pode-se ver que pastores, presbíteros e bispos, não são três funções distintas e diferentes, mas três títulos dados ao mesmo cargo. Todo verdadeiro Pastor é Presbítero e Bispo. Ele é Pastor porque cuida do rebanho de Cristo, é Presbítero porque não é um imaturo, e é Bispo porque supervisiona a Igreja do Senhor. Ora, Jesus é, segundo a Bíblia, o sumo Pastor (1Pe 5.4); logo, o título de Arcebispo, que equivale a Supremo Bispo ou Sumo Pastor, não nos é conveniente.

e) Cardeal. Este título também é pagão. Não existe, em toda a Bíblia, qualquer referência ao cargo de cardeal na Igreja de Cristo. *"Ao contrário, os cardeais originais eram um grupo de sacerdotes líderes na antiga religião pagã de Roma...muito antes da Era Cristã. [...] 'Nos tempos antigos os cardeais eram o clero que chefiava em Roma' "* (WOODROW, Ralph. *Babilônia: a Religião dos Mistérios*. Tradução de Paulo de Aragão Lins, Associação Evangelística.1966, página 116).

Do exposto até aqui, os títulos que o clero católico arrogou a si são, ora uma usurpação das prerrogativas de Cristo, ora um título pagão, ora as duas coisas.

Sabemos que nenhum homem pode se intitular Vice-Deus, sem incorrer em grave erro. Contudo, se o clero católico se autoprolamasse Vice-Deus, estaria assumindo sua inferioridade em relação ao Senhor, considerando que o cargo de vice é inferior ao de titular. Mas, por se dizerem Pontífices, Sumo Pontífices, Arcebispos, Cardeais, etc., se pode ver que eles não querem ser vices, e sim, titulares.

2.7. "Donos da Verdade"

Segundo o Catolicismo, só o Papa, e por extensão os bispos que dele não divergem, estão credenciados por Deus para interpretar a Bíblia corretamente. Eis a prova:

"O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus foi confiado exclusivamente ao Magistério da Igreja, ao Papa e aos bispos em comunhão com ele" (Catecismo da Igreja Católica, página 38, # 100).

Destas afirmações do Papa subentende-se que nós, pastores evangélicos, estamos desautorizados a exercermos o nosso Magistério em relação às ovelhas que o Senhor nos confiou. Não podemos fazer isso, pois não somos Papas, nem tampouco alguém por ele credenciado. Conseqüentemente, somos impostores; ou como diz o Padre Vicente Wrosz, "curiosos". E, por conseguinte, as pessoas que conosco estudam a Bíblia, estão sendo iludidas, pois só o Papa e seus bispos (isso exclui até os

padres) estão credenciados por Deus para fazerem isso.

O que o Papa pretende com essa pretensão de dono da verdade? Resposta: Desacreditar os verdadeiros servos de Deus. Porém, à luz de At 17.11, os leigos podem examinar a Bíblia para se certificarem da autenticidade ou não do que o clero está ensinando, o que, por si só, prova cabalmente que Deus não nomeou um grupinho de homens para pensarem por nós.

Uma vez que a interpretação dos bispos só tem valor enquanto estão em comunhão com o Papa, fica claro que a opinião deles só tem "peso" enquanto se portam como vacas de presépio. Ao divergirem dele, ficam logo descredenciados e, portanto, sem moral para questionar Sua Santidade. Isso equivale a dizer que na prática, só o Papa pode interpretar a Bíblia, e que a delegação do mesmo poder aos bispos, é uma tapeação.

E como deve reagir o católico diante da alegada infalibilidade exclusiva, que o papa e seus bispos dizem possuir? Os católicos podem discordar disso e questioná-los? Podem fazer o que os bereanos fizeram, comparando pelas Escrituras o que o apóstolo Paulo dizia, para se certificarem da autenticidade ou não do que ele ensinava, sem serem tachados de hereges, desobedientes, e sim de nobres, por este gesto tão sábio? O Padre Álvaro Negromonte responde negativamente a estas perguntas, pois afirma com todas as letras que o Papa manda tanto quanto Cristo e que, portanto, suas ordens devem ser obedecidas e não discutidas. Senão, vamos à prova:

"... Um bom católico **nunca** põe em dúvida a autoridade da Igreja. Antes, procura ser cuidadoso da obediência que lhe deve. Cuidadoso e ufano. Vale a pena obedecer a quem manda com a **mesma autoridade** de Cristo e faz leis tão sábias.

Assistidos pelo Espírito Santo, o papa e os bispos têm uma visão que nos falta nos negócios da Igreja. As suas ordens devem ser obedecidas **e não discutidas**. Quando nossos pontos de vista não coincidirem, será por deficiência nossa..." (**O Caminho da Vida**, página 240, 15ª edição, LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, grifo nosso).

Como o leitor pôde ver com seus próprios olhos, ao ler a transcrição acima, o Padre Álvaro Negromonte exige dos católicos, obediência cega. Na opinião dele, quando acharmos que o papa está errado, devemos lembrar que o erro está em nós, não no papa. O Papa e seus bispos são infalíveis. É por ignorância nossa que às vezes discordamos do papa e seus bispos.

Os que ainda não perderam a capacidade de raciocinar, sabem que o Padre Álvaro Negromonte está endeusando os seus superiores hierárquicos e ainda induzindo os católicos à mesma *antropolatria. Mas ele estaria certíssimo, se o papa e seus bispos não estivessem equivocados, quando afirmam que por determinação divina, só eles podem oferecer a real interpretação das Escrituras. Sim, porque se isso fosse verdade, eles seriam inquestionáveis. Ninguém poderia ponderá-los. Logo, o Padre Álvaro é um bom intérprete do que o papa quer dizer, quando afirma que ele e seus bispos detêm, por ordem divina, com exclusividade, o encargo de interpretar a Palavra de Deus.

Como já sabemos, há muitos livros escritos por padres, argumentando de tudo quanto é jeito, a fim de provar que nós, os evangélicos, estamos interpretando mal a Bíblia. Mas essas críticas são destituídas de valor, já que não procedem de alguém que, raciocinando com sua própria cabeça, tenha tirado as suas próprias conclusões. Como informamos, os padres não podem fazer isso. Só o papa e seus bispos podem fornecer a real interpretação da Bíblia, segundo o Catolicismo. Ora, para que saibamos a opinião de quem não tem opinião própria? A opinião de um padre típico é: "*É errado ter opinião*". Geralmente, quando um padre nos "refuta", o faz à base do seguinte raciocínio: "*Quem são esses evangélicos para discordarem de Sua Santidade? Na minha opinião eles estão com a razão; porém, eu concordo com eles por causa das minhas deficiências. Se eu não fosse tão ignorante, discordaria deles. A lógica humana diz que a razão é deles; mas, como o Papa é infalível, a conclusão óbvia é que eles estão equivocados*".

Se todas as pessoas do mundo, ao invés de raciocinar, optarem por seguir cegamente a um dos muitos idiotas que há neste planeta, ainda assim teremos dois conjuntos de idiotices :1º): O conjunto das idiotices do idiota-guia. 2º):O conjunto das idiotices dos idiotas que o seguirem. E, obviamente, isso não seria a solução dos problemas.

Temos em nosso poder vários livros católicos, escritos por padres, como por exemplo, os Padres Luiz Cechinato, Manoel Pinto dos Santos, Álvaro Negromonte, Frei Battistini, etc., segundo os quais

ninguém deve ser livre intérprete das Escrituras. E acrescentam que o certo é se deixar guiar incondicionalmente pela pronúncia ex-cátedra de Sua Santidade. Em defesa dessa idéia, apontam para as muitas divisões que há entre os evangélicos. Contudo, o clero católico precisa considerar que embora seja verdade que enquanto raciocinamos, chegamos a muitas conclusões erradas, a pior de todas as conclusões é a conclusão de que não se deve raciocinar.

Além disso, as divergências que há entre nós, os evangélicos, são questões de somenos importância. Até porque quando surge um grupo pregando *heresias de perdição*, nós não o consideramos como evangélico. Os testemunhas-de-jeová, os adventistas do sétimo dia, os mórmons, os cristadelfos, os racionalistas cristãos, os legionários da boa vontade... não são vistos como cristãos pelos evangélicos.

Nós, os evangélicos, não somos unânimes em tudo, pois não somos robôs controlados por uma central de comando como o são os padres; antes somos seres pensantes. Assim somos como os cristãos primitivos, os quais, sem negar os pilares da fé cristã, divergiam sobre questões irrelevantes (Rm 14).

Muitos já nos perguntaram: "Por que os padres pensam diferente de vocês?" Devemos dizer a esses caros consulentes que os padres não pensam diferente de nós, nem tampouco pensam iguais a nós. Então, como eles pensam? A resposta é: *Em termos teológicos* padre não pensa. Os padres estão proibidos de pensar. Os padres prometeram obediência cega ao Papa. Eles prometem nunca interpretar a Bíblia em desacordo com a interpretação do Papa. Assumem que em caso de divergência, optarão pelas decisões ex-cátedra de Sua Santidade. O Catecismo da Igreja Católica afirma que assim deve ser. Ademais, temos livros escritos por padres, que ratificam essa posição, como já informamos. O exemplo acima exibido, ao copiarmos o parecer do Padre Álvaro Negromonte, é apenas uma pequena amostra do grande depósito em nosso poder. Realmente os padres não raciocinam à base da Bíblia, e sim, à base das "interpretações" do Papa. Eles simplesmente repetem, como o fazem os papagaios, o que lhes foi ensinado, ainda que para isso tenham que trair suas consciências.

Sim, padre não pensa (em termos teológicos, como já dissemos), mas essa regra tem exceção. Alguns padres têm se dado ao trabalho de pensar à luz da Bíblia e da razão, por cujo motivo muitos já pediram exoneração de suas funções. Só no Brasil, cerca de 500 (quinhentos) padres já aceitaram a Jesus como único e todo suficiente Salvador e Senhor pessoal, isto é, se converteram ao verdadeiro Cristianismo bíblico. Outros tão-somente abandonaram o "sacerdócio", constituíram famílias e levam uma vida comum. Quando um padre pensa, o Vaticano perde um capacho.

Os que crêem que só o Papa pode interpretar a Bíblia, não sabem nem se essa conclusão está certa ou errada, considerando que, se eles não podem interpretar a Palavra de Deus, logo estão, por conseguinte, desqualificados para abrirem a Bíblia a fim de se certificarem da autenticidade ou não dessa doutrina papal. Assim sendo, essa heresia é uma loucura e enlouquece os que nela crêem.

Os homens que se julgam infalíveis e donos da verdade são, de fato, desequilibrados; embora se façam passar por Ministros do Evangelho. E quem lhes dá crédito, sem dúvida está cego por Satanás (2Co.4.4), seja ele membro do clero, ou leigo.

Que o clero católico era abusado, a ponto de assassinar os que divergiam de suas heresias, todos os que estudam a História Universal sabem. Poucos, porém, não ignoram que essa "Igreja" não se despojou de todas as suas arrogâncias. Ela continua autoritária.

Certamente já está claro que a Igreja Católica prega oficialmente que não se guiar cegamente pelo Papa equivale a trocar o certo pelo duvidoso. Certo é o que o Papa prega, e duvidoso é o nosso ponto de vista. O nosso ponto de vista pode estar ou não certo; e o aferidor infalível, é o parecer do Papa. Sempre que a nossa opinião coincide com a do Papa, está certa; quando, porém, nosso parecer diverge do dele, invariavelmente o erro está em nós.

Do exposto acima se pode ver que a inegável existência de pessoas inteligentíssimas e bem intencionadas no Catolicismo, é um fenômeno que nem Freud explica. Isto porque, à primeira vista, a Igreja Católica é religião própria para pessoas mal informadas e/ou mal intencionadas. Porém, a verdade é que há católicos bem intencionados, assim como bem informados. Esse fenômeno, só Paulo explica (2 Co 4.4).

Nota:

Antropolatria: Culto de adoração ao homem.

CAPÍTULO 3

CRIANÇAS NO LIMBO?!

3.1. Considerando o que a Igreja Diz Oficialmente

Segundo a Igreja Católica, os recém-nascidos não-batizados, por serem portadores do pecado original, não são filhos de Deus, mas sim, escravos do poder das trevas e estão debaixo do poder do Maligno, ou seja, debaixo do poder do diabo, o chefe dos demônios. E, se morrerem assim, suas almas irão para o Limbo - onde não podem ver a Deus face a face - de onde **talvez** possam sair um dia, pela misericórdia de Jesus, o que justifica rezarmos pela salvação deles, isto é, pedirmos a Cristo para que Ele os tire de lá e os leve para o Paraíso Celestial, onde poderão ver a Deus face a face.

O que levou o clero católico a essa conclusão? Jesus disse que o ser humano tem que nascer da água e do Espírito, para se habilitar a entrar no Reino de Deus. De outro modo, não terá acesso a esse mesmo Reino (Jo 3.1-5). Os clérigos da Igreja Católica crêem que é pelo batismo que se experimenta esse novo nascimento, do qual, segundo crêem, não se exclui nem os recém-nascidos.

Para que o caro leitor possa ver que de fato a Igreja Católica prega o que afirmamos acima, veja estas transcrições:

a) *"Por nascerem com uma natureza humana, decaída e manchada pelo pecado original, também as crianças precisam do novo nascimento no Batismo, a fim de serem LIBERTADAS DO PODER DAS TREVAS e serem transferidas para o domínio da liberdade dos filhos de Deus, para a qual todos os homens são chamados. A gratuidade pura da graça da salvação é particularmente manifesta no Batismo das crianças. A Igreja e os pais privariam então a criança da graça inestimável de TORNAR-SE FILHO DE DEUS se não lhe conferissem o Batismo pouco depois do nascimento"* (Catecismo da Igreja Católica, pág. 348, # 1.250, grifo nosso);

b) a Igreja católica *"não conhece outro meio senão o batismo para **garantir** a entrada na bem-aventurança eterna"* (Catecismo da igreja Católica, página 350, # 1.257. Grifo nosso);

c) Vejamos como o *Novo Dicionário Aurélio* o define: *"Lugar em que, segundo a teologia católica, posterior ao séc. XIII, se encontram as almas das crianças muito novas que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que as livrasse do pecado original"*;

d) Não sei em que o Dr. Aurélio se baseou para dizer que essa doutrina sobre o Limbo é posterior ao século XIII. Segundo me consta, essa crença católica é bem mais velha. Embora eu não saiba com precisão de que século data essa crença absurda, ela já existia antes do século XIII. O "teólogo" "Santo" Anselmo, nascido no ano 1033, já acreditava nisso. Isso é confessado pelo Padre Dom Estêvão Bettencourt: *"A partir de Santo Anselmo [...], os teólogos propuseram o limbo como estado de felicidade natural reservada a tais crianças; elas veriam a Deus não face a fece, como no céu, mas indiretamente, através do espelho das criaturas"* (BETTENCOURT, Estêvão. *Católicos Perguntam*. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio. 7 ed. 2004, p. 29). Temos aqui duas questões complicadas: a) Dom Estêvão Bettencourt refere-se ao senhor Anselmo, chamando-o de Santo e teólogo, mas quem se expressa como Anselmo se expressou sobre o Limbo, não é teólogo, nem santo, mas sim, um falso profeta. Claro, leitor, no além-túmulo as criancinhas que morreram sem o batismo

não são discriminadas não! Isso é invencionice; b) Ele, Dom Estêvão Bettencourt, disse que "Santo" Anselmo e outros teólogos definiram o Limbo como "*estado de felidade*"... Mas, quem não é filho de Deus, e é escravo do poder das trevas, e está sob o poder do Maligno, quando morre vai para um estado de felicidade? Salta aos olhos que os "santos" católicos estão tentando tapar o furo. Pelas palavras de "santo" Anselmo, vê-se que ele acreditava (?) que a justiça de Deus o impedia de levar tais crianças para o Céu, bem como o seu amor O tolhia de lançá-las no Inferno, o que O levava a lhes dar um lugar intermediário, onde, em "*estado de felidade natural [...] elas veriam a Deus não face a fece, como no céu, mas indiretamente, através do espelho das criaturas*". Finalmente o Padre D. Estêvão Bettencourt (destoando do *Catecismo da Igreja Católica*, que nada garante quanto ao destino eterno das crianças que partiram desta vida sem o batismo, garantindo apenas que elas estão necessitadas das nossas orações), gategoricamente declara que "*Deus tem recursos invisíveis para salvar todas as crianças, mesmo as que morrem sem Batismo. A Igreja ora diariamente [...] por tais crianças*" (Ibidem).

Parece-nos que, quanto ao destino das crianças que morreram sem o batismo, os clérigos católicos estão entre a cruz e a espada. Eles não querem abrir mão do Limbo, pois este, ao lado da falcatrua chamada purgatório e outras invencionices, constitui-se numa vaca leiteira de inestimável valor, na ótica dos que não sabem que há um tesouro maior esperando pelos que praticam e pregam o genuíno Evangelho. Por outro lado, se disserem que, à luz da Bíblia, está claro que no além-túmulo, as almas das crianças são tratadas em pé de igualdade, independentemente de terem sido ou não batizadas, a "vaquinha vai para o brejo". Por este motivo, é grande o molejo do clero. Ele é cheio de jogo de cintura e malabarismo. Eis um exemplo: "*Quanto às crianças mortas sem batismo, a liturgia da Igreja nos convida a ter confiança na misericórdia divina e a orar pela salvação delas*" (*Catecismo da Igreja Católica*, pág. 355, # 1.283, grifo nosso).

Por que orar pela salvação dos recém-nascidos que morreram sem o batismo? A resposta é simples: A Igreja Católica prega que eles estão no Limbo, como já vimos, e sugere que imploremos a Cristo para que Ele os tire de lá. Claro que esta conclusão é óbvia, porque se essa "Igreja" acreditasse que tais crianças estão no Paraíso, por certo não nos aconselharia a orar pela salvação delas.

Relembro que a Igreja Católica não garante que as rezas pelas almas das crianças que morreram sem o batismo, produzirão o efeito desejado, pois ela prega oficialmente que "*não conhece outro meio senão o batismo para garantir a entrada na bem-aventurança eterna*" (*Catecismo da Igreja Católica*, página 350, # 1.257. Grifo nosso). Que os recém-nascidos que morreram sem o batismo, estão no Limbo, a Igreja Católica garante. Que poderão sair de lá um dia, pela bondade de Deus, em resposta às nossas orações por eles, a Igreja Católica não garante, pois ela não conhece nada que possa assegurar a entrada na Bem-aventurança eterna, senão o batismo. Entretanto, ela nos aconselha a tentarmos, já que Deus é misericordioso. Ora, crer que o neném que morreu sem o batismo talvez se salve pela misericórdia de Deus, se por ele orarmos, é ter uma péssima imagem da pessoa maravilhosa de Jesus.

O fato de Jesus haver dito que das crianças é o Reino dos Céus (Mt 19.14) constitui prova de que elas estão automaticamente sob a graça de Deus, oriunda do sangue de Jesus.

Damos grande importância ao batismo, mas não o consideramos imprescindível para a salvação. Para nós, o batismo é uma iniciação à fé cristã. Conseqüentemente, se por uma razão justa, não for possível batizar, não há problema algum. O ladrão que, segundo Lucas 23.43, clamou por misericórdia no momento final da vida, não pôde ser batizado, o que não impediu o Senhor de assegurar-lhe que ele (o ex-bandido) estaria consigo (com Jesus) naquele mesmo dia no Paraíso. Ora, se um ex-bandido pode entrar no Céu sem batismo, uma criança é que não pode? Por que toda essa incerteza? É digno de nota ainda, que esse exemplo prova que o novo nascimento do qual Jesus falou em Jo 3.1-5 não é o batismo, considerando que se o fosse, o ladrão não se salvaria, já que Jesus dissera que sem o novo nascimento não há salvação. Logo, nascer de novo é a experiência da salvação, conseqüência do perdão dos pecados, que se obtém pela fé no sangue do Senhor. Há outras provas disso nas páginas da Bíblia. Só para citar um exemplo, em At 10 narra-se a história da conversão de Cornélio, o qual antes de receber o batismo nas águas recebeu o Espírito Santo. Ora, segundo a Bíblia, só quem é salvo pode receber o Espírito Santo (Jo 14.16-17; Rm 8.9). E, sendo assim, Cornélio se salvou antes

do batismo, o que prova que ele nasceu de novo antes de ser batizado. Logo, o novo nascimento e o batismo são coisas distintas. E sem não o fosse, poderíamos provar que pela Bíblia que os nenéns já nascem de posse da experiência do novo nascimento, visto que Cristo disse que o Reino de Deus é delas, como já salientamos acima.

Vários católicos já nos disseram que o fato de Jesus haver dito que *"quem crer e for batizado será salvo"* prova que o batismo é necessário para a salvação até dos recém-nascidos. Mas os temos ajudado a entender que se assim fosse, a perdição dos nenéns seria inevitável, pois que dependeriam de duas coisas para serem salvos: fé e batismo. Batizá-los é fácil, mas fazê-los crer foge da nossa alçada.

Diz mais a Igreja Católica: *"Quanto às crianças mortas sem o batismo, a Igreja só pode confiá-las à misericórdia de Deus, como o faz no rito das exéquias por elas. Com efeito, a grande misericórdia de Deus, que quer a salvação de todos os homens, e a ternura de Jesus para com as crianças [que] o levaram a dizer: 'Deixai as crianças virem a mim, não as impeçais' (Marcos 10.14), nos permitem esperar que haja um caminho de salvação para as crianças mortas sem Batismo. Eis porque é tão premente o apelo da Igreja de não impedir as crianças de virem a Cristo pelo dom do santo Batismo."* (*Catecismo da Igreja Católica*, página 350, # 1.261. O que está entre colchetes é nosso).

O que a Igreja Católica está querendo dizer é que o nenenzinho que faleceu sem o batismo não está bem. Ele está no Limbo. Contudo, visto que Deus é misericordioso, talvez nem tudo esteja perdido. Talvez ainda haja esperança: façamos exéquias por ele. E, considerando todo este transtorno, fica, segundo o Catolicismo, justificada a importância que a Igreja Católica dá ao batismo de crianças.

Assim a Igreja Católica dispõe de dois produtos: o que livra do Limbo e o que talvez arranque do Limbo. E, como evitar é melhor do que remediar, o católico é aconselhado a evitar de privar o seu filhinho de se tornar filho de Deus e assim libertá-lo do poder das trevas, removendo-o de sob o poder do Maligno (como sabemos, "poder das trevas" e "poder do Maligno" é o mesmo que poder do diabo e seus demônios), batizando-o.

Como já vimos, a Igreja Católica prega que o neném não-batizado não é filho de Deus e está sob o poder das trevas e do Maligno. Este é o motivo pelo qual o exorcismo faz parte do cerimonial batismal? Vejamos: *"Visto que o batismo significa a libertação do pecado... e do Diabo, pronuncia-se um (ou vários) exorcismo(s) sobre o candidato. Este é ungido com o óleo dos catecúmenos ou então o celebrante impõe-lhe a mão e o candidato renuncia explicitamente a Satanás..."* (*Catecismo da Igreja Católica*, pág. 345, # 1.237).

Que loucura! Enquanto nós, cristãos autênticos, cremos que os recém-nascidos são "anjinhos", para a cúpula católica são filhos do diabo (se não são filhos de Deus, são filhos de quem?), escravos do poder das trevas e endemoninhados que necessitam ser exorcizados?

À luz da Bíblia (Sl 51.5; Rm 5.12, etc.) podemos afirmar que os recém-nascidos são, de fato, portadores do que se convencionou chamar de "pecado original", a saber, a natureza pecaminosa. Mas eles não têm culpa disso e estão automaticamente sob a proteção do sangue de Jesus (Mt 19.14).

3.2. Incoerência à Décima Potência.

Incoerência é o que não falta à cúpula católica, como o respeitável leitor não ignora. Entretanto, vejamos mais essas.

3.2.1. Incoerência no Catecismo

Afirma-se no *Catecismo da Igreja Católica*, página 242, # 841, que os adeptos das religiões não cristãs, principalmente os muçulmanos, também podem se salvar, mesmo sem se converter ao Cristianismo. Porém, se há salvação para um adulto, adepto do Islamismo que: 1) Também não é batizado; 2) também tem o pecado original; 3) além do pecado original, tem culpas pessoais, o que em nada pode contribuir para diminuir a sua condenação; 4) nega que a Bíblia é a Palavra de Deus; 5) nega que Jesus é Deus; 6) nega que Jesus é o Filho de Deus; 7) nega que Jesus morreu pelos nossos pecados; 8) nega que Jesus ressuscitou para nossa justificação; e assim por diante, por que não

haveria salvação para os recém-nascidos também? E se suspeitam da salvação até dos recém-nascidos que morrem sem o batismo, por que não duvidam da dos adultos que ainda não receberam o batismo? Deste modo vê-se que os clérigos católicos mordem e assopram ao mesmo tempo. O objetivo deles é fazer com que o dito fique pelo não dito, como já observamos em 2.2.

3.2.2. Incoerência no Compêndio do Catecismo

Tão logo o atual Papa Bento XVI foi eleito, elaborou-se uma síntese do *Catecismo da Igreja Católica*, à qual deu-se o título de *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. Esta obra está sendo publicada pela Edições Loyola (editora católica) desde 2005. O dito compêndio ratifica à página 91 que podem se salvar sem o batismo os que:

1) "morrem por causa da fé"; 2) "são catecúmenos"; 3) os que "*sem conhecer Cristo e a Igreja, procuram sinceramente Deus e se esforçam por cumprir a sua vontade*". Mas, em se tratando das crianças que morrem sem o batismo, o supracitado compêndio já não é tão generoso. Veja:

a) A Igreja batiza crianças porque elas, "*...tendo nascido com o pecado original, precisam ser libertadas do poder do Maligno...*" (Ibidem, página 90 [atente para o fato de que o vocábulo "Maligno" está grafado com inicial maiúscula. O dicionarista Aurélio define esta palavra, quando grafada com inicial maiúscula, assim: "*O chefe dos demônios, o gênio do Mal*"]);

b) "*Quanto às crianças mortas sem Batismo, a Igreja na sua liturgia as confia à misericórdia de Deus*" (ibidem, página 91).

As transcrições acima deixam claro que embora a Igreja Católica tenha se posicionado positiva e definitivamente acerca da salvação de alguns adultos que morrem sem o batismo, recusa, contudo, pronunciar acerca do verdadeiro estado das criancinhas que partem desta vida sem ser batizadas, limitando-se a dizer que estão no Limbo, onde não podem ver a face de Deus, e que "*as confia à misericórdia de Deus*". Sim, leitor, os clérigos católicos asseguram no mencionado *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* que: 1) Há salvação para os cristãos que morrem por causa da fé (Refere-se aos mártires), antes do batismo (chamam isto de "*batismo de sangue*"); 2) há salvação para os que morrem - sem serem martirizados - enquanto catecúmenos (chamam a isso de "*batismo de desejo*"); 3) há salvação para os não-cristãos que, embora também tenham morrido sem o batismo, procuravam Deus com sinceridade e se esforçavam por cumprir a Sua vontade (chamam isso também de "*batismo de desejo*"). Mas, quanto às crianças, estas precisam ser batizadas para se libertarem do poder do Maligno. E, quanto às que morrem sem experimentar este rito, evitam bater o martelo e sugerem que as confiemos à *misericórdia* de Deus.

Ué! Por que não dão também um nome bonitinho a esta circunstância? *Batismo de inocência*, por exemplo, se é que posso ajudar com uma sugestão.

3.3. "Recém-Nascido Não é Filho de Deus Mas é Gente"

Em seu livro *A Igreja do Deus Vivo*, lançado pela Editora Vozes, 33ª edição de 2001, página 39, o Frei Battistini argumenta dizendo que se Cristo mandou batizar todas as gentes, então as crianças devem ser batizadas, visto que elas também são gente. E perguntou: "*Será que para os protestantes criança não é gente?*" Respondemos a esta pergunta, informando ao prezado Frei, que nós não só cremos que os recém-nascidos são gente, como também cremos que eles estão salvos, já são filhos de Deus, não são escravos do poder das trevas, não estão debaixo do poder do Maligno, etc. Logo, que as crianças são gente, católicos e evangélicos estão de comum acordo. A controvérsia é outra. O que está sendo discutido é se os recém-nascidos estão ou não perdidos; se são ou não, escravos do poder das trevas; se estão ou não debaixo do poder do Maligno, como o crê o Papa Bento XVI; se são ou não, filhos do Diabo; e se o batismo pode ou não mudar a sorte desses que a "Igreja" considera

condenados ao Limbo. Certamente o Frei Battistini sabe disso, mas prefere jogar sujo, apelando para o sentimentalismo dos católicos, criando assim animosidade entre nós e suas vítimas, a saber, os católicos que ignoram quão maquiavélico é esse infeliz, por cujo motivo perdem o seu tempo, lendo os nefandos livros desse falso profeta. Que Deus se apiede dele! Aspiramos vê-lo no Céu e por isso estamos orando por ele. Já chorei por ele em minhas orações! Façam o mesmo, meus irmãos! Se ele for para o Inferno, a vitória será de Satanás. Nós, porém, queremos que Jesus erga mais este troféu: a salvação dessa alma penada!

3.4. O Vaticano II Aboliu o Limbo?!

O livro *Será Mesmo Cristão o Catolicismo Romano?* diz à página 15 que o Limbo foi abolido no Concílio Vaticano II. Não sei em que seu autor - Pastor Hugh P. Jeter - se baseou para fazer esta declaração, mas, sobre isso, tenho a dizer o seguinte:

A) Possivelmente, o Pastor Jeter inspirou-se no fato de esse Concílio não mencionar a palavra *Limbo*. No *Catecismo da Igreja Católica*, aprovado pelo Papa João Paulo II em 1992, assim como no *Compêndio do Vaticano II*, não consta este vocábulo. Atentemos, porém, para o fato de que silenciar não é ratificar, nem tampouco é sinônimo de negar ou retratar. Os textos acima não deixam dúvida de que o Limbo está de pé. Não encontramos esta palavra no *Catecismo da Igreja Católica* e no *Compêndio do Vaticano II*, mas, se os recém-nascidos continuam sem ser filhos de Deus, se ainda são escravos do poder das trevas, se ainda estão sob o poder do Maligno, se a Igreja ainda não conhece nada que garanta a entrada na bem-aventurança a não ser o batismo, etc., que lhes resta a não ser o antigo Limbo, embora talvez agora sem nome, ou com outro nome? Aliás, qualquer antiga doutrina católica que não tenha sido negada explicitamente no Concílio Vaticano II, deve ser entendida como estando de pé. Quando a Igreja Católica quiser se retratar dessa heresia ou de outra qualquer, terá que vir a público, confessar que errou e pedir pedão às vítimas de seus enganos. Não basta silenciar-se. Ademais, quem disse que a Igreja Católica silenciou-se sobre o Limbo? Porventura, dizer que: 1) os recém-nascidos não-batizados não são filhos de Deus, mas sim, escravos do poder das trevas; 2) que estão debaixo do poder do Maligno; 3) se morrerem nesse estado vão para um lugar onde não vêem a Deus face a face; 4) e que ela não se conhece outro meio além do batismo que lhes garanta o acesso na bem-aventurança eterna, não é perpetuar o Limbo? Não! O Vaticano II não eliminou o Limbo, mas apenas deixou o Limbo no Limbo, isto é, ignorou esta palavra, mantendo apenas o que esse velho vocábulo designa. Por que isso? Deve ser porque assim fica mais fácil enganar. Uma prova a mais de que os líderes católicos sabem que a Igreja Católica não aboliu o Limbo, consta de um jornal apologético, editado pelo Centro de Pesquisas Religiosas (CPR), que registrou: "*Desde de 2005, a Comissão Teológica internacional da Igreja trabalhou num documento que pretendia abolir formalmente o limbo, o lugar para onde, segundo a tradição católica, vão as crianças que morrem sem ter sido batizadas*" (**Desafio das Seitas**, 4º trimestre de 2006, página 5). Ora, se a Comissão Teológica Internacional da Igreja Católica trabalha num documento que objetiva abolir o Limbo, salta à vista que para os integrantes dessa Comissão o Limbo ainda não foi abolido.

B) Como informei no capítulo 6 deste livro (6.4.3.b), a Igreja Católica distingue entre doutrina e dogma. Uma crença católica difundida e defendida até através de seus catecismos, pode não ser um dogma. Os que não possuem formação teológica não sabem disso, e, desse modo fica fácil fazer com o dito fique pelo não dito. Basta dizer que "*A doutrina do limbo não constitui artigo de fé*" [...], como o fez o Padre D. Estêvão Bettencourt (*Católicos Perguntam*. Op. cit., p. 29), bem como também fez o atual Papa Bento XVI que, quando ainda Cardeal, em 2005 "*deixou claro acreditar que o conceito de limbo deveria ser abandonado, por ser 'apenas uma hipótese teológica', e não uma 'verdade definida da fé'*" (**Desafio das Seitas**. Op. cit., página 5). O próprio jornal **Desafio das Seitas** titubeou nessa: "*O catecismo oficial da Igreja Católica, lançado em 1992 [...], eliminou o conceito de limbo*" [...]. Mas o texto a seguir transcrito, como prova de que deveras o referido catecismo aboliu o Limbo, prova exatamente o contrário disso. Veja: "*Quanto às crianças que morreram sem o Batismo, a Igreja*

só pode confiá-las à misericórdia de Deus” (Ibidem). Ora, esse apelo à misericórdia divina em prol das crianças que morreram sem o batismo, só se justifica se elas ainda não estão na bem-aventurança eterna, sem poder ver a Deus face a face, como bem o confessou o teólogo Padre D. Estêvão Bettencourt, quando nos informou que essa é a definição que os teólogos católicos, a partir de “Santo” Anselmo, dão desse vocábulo. Veja o leitor, que entre os teólogos católicos que pregam o Limbo, há até “Santo” de renome, como é o caso do “teólogo” Anselmo, que virou “santo”.

Quem não conheça o clero católico, ao tomar ciência de que o Papa Bento XVI disse que o Limbo, por ser “apenas uma hipótese teológica”, e não uma “verdade definida da fé”, deve, por isso, ser abandonado, certamente pensa que esse Papa tem a mente mais aberta do que a dos seus antecessores; e que, portanto, o conceito de Limbo está com seus dias contados. Mas é ledoo engano. Já provei acima que esse Papa crê que os recém-nascidos não-batizados estão debaixo do poder do Maligno. Ora, sendo assim – a menos que ele se retrate -, ele pode até abolir a palavra Limbo, dando a esse lugar, um novo nome; mas nunca abolirá o seu conceito, isto é, nunca negará a existência desse lugar. Portanto, se a qualquer hora dessas, ele anunciar que o Limbo não existe, lembremo-nos de perguntar-lhe se ele já tirou os recém-nascidos não-batizados de sob o poder do Maligno. Penso assim porque parece-me óbvio que quem morre debaixo do poder do Maligno, certamente não vai para o mesmo lugar que aquele que morre debaixo da graça de Deus. Cuidado, caro leitor, para não se impressionar com as parolas dos paroleiros!

Bem, o *Desafio das Seitas* equivocou-se, mas o Instituto Cristão de Pesquisas – ICP – foi felicíssimo quando, discorrendo sobre o que a Igreja Católica diz acerca de Jo. 3.5, observou: [...] “*Nascer da água é entendido como batismo [...], que deve ser ministrado à criança dias depois do nascimento, sob pena de, morrendo sem batismo, ir para o **Limbo***” (Bíblia Aplogética. ICP Editora. 2000, P. 1186. Grifo nosso)

C) A crença de que as criancinhas que morreram sem o batismo estão no Limbo é tão ridícula, que às vezes os clérigos católicos procuram esconder do povo que a Igreja Católica prega isso oficialmente. E, para tanto, usam de maias verdades. Veja este exemplo: A Editora Santuário publicou um livro intitulado “*O que é preciso saber sobre o Batismo*”, de autoria do Bispo Dom Antônio Afonso de Miranda que, à página 13, registra o seguinte:

“É freqüente angustiarem-se pais cristãos fervorosos porque um filho ou filha morreu sem batismo.

Não há motivo para angústia, muito menos para alimentar complexo de culpa. Pais cristãos, que desejavam o batismo para o filho, saibam que a criança não batizada não tem culpa, por isso não há por onde condenar-se.

Pode-se mesmo pensar que, em virtude da fé de seus pais, tal criança está no Céu. Pois Deus ‘quer que todos os homens se salvem’ (1Tm 2,4), e Jesus, por seus méritos infinitos, alcançou a salvação para todos, como nos ensina a nossa fé.

Embora não haja no magistério da Igreja definição específica sobre este ponto, a doutrina comum jamais pôs em dúvida o infinito amor de Cristo, que disse: ‘Esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia’(Jo 6,39)’.

Considerando os quatro parágrafos acima transcritos, temos que concluir que, das três, uma: a) Ou esse homem é muito hipócrita; b) ou ele ignora o que a Igreja Católica prega; c) ou quando ele falou que ainda não há “*no magistério da Igreja definição específica sobre este ponto*”, estava querendo adizer apenas que essa doutrina católica, constanete até do atual catecismo, ainda não é dogma, ou seja, que ainda não foi definida solenemente. É uma doutrina católica, não um dogma. Todo dogma é doutrina, mas a recíproca não é verdadeira. Você entendeu? Não?! Nem eu. Claro, isso é conversa para boi dormir. Quando analisamos a etimologia destas palavras, percebemos que tudo aquilo que uma religião ensina como verdade, é dogma, é doutrina, é ensino.

Veja o leitor que ele afirma que as crianças não-batizadas são inocentes, e que portanto, quando morrem vão para o Céu. Ora, com isso concordamos plenamente, mas convenhamos que não é isso que a Igreja Católica prega. Além disso, ele disse que o magistério da Igreja - isto é, o Papa e seus

bispos, arcebispos e cardeais - ainda não definiu especificamente "sobre este ponto". Mas como não, se já vimos que a Igreja Católica prega há séculos que as almas das criancinhas que morrem sem o batismo vão para o Limbo? Vimos ainda que o atual *Catecismo da Igreja Católica*, aprovado em 1992, prega que os recém-nascidos não-batizados não são filhos de Deus, mas sim, escravos do poder das trevas; e que, portanto, devemos orar pela salvação dos que morreram nesse estado. Claro, não se ora para Deus salvar aquele que já está salvo. Ora, uma doutrina que já consta até dos Catecismos católicos, que nos falta ainda para que possamos considerá-la como doutrina integrante do Catolicismo?

A esta altura perguntamos: O sobredito bispo é mentiroso? Desconhece o que a "Igreja" dele prega? Ou se vale das barafundas da sua "religião" para camuflar do povo o lado ridículo da sua seita? Qualquer uma destas alternativas o desqualifica para o pomposo título que ele ostenta. E se ele é hipócrita, a sua máscara acaba de cair. Sim, porque se com a expressão de que não há "*no magistério da Igreja definição específica sobre este ponto*", quer dizer que a Igreja Católica ainda não pronunciou sobre este assunto, ele está faltando com a verdade. E, se com isso quer dizer que essa doutrina oficial ainda não é dogma, está patente a sua astúcia. Claro, para o leigos (ou pelo menos para a grande maioria dos leigos), uma declaração dessas camufla inúmeras aberrações. É como se ele estivesse dizendo que tal crença é uma credence popular, própria dos leigos mal informados, pala qual não é justo, pois, que a Igreja responda. Uma evidência material de que isso ocorre, é o fato de uma pessoa que se identificou como católico Leigo Consagrado (já mencionado no capítulo V deste livro), me remeter por e-mail, um texto, no qual me diz o que se segue: [...] "*esse limbo, ou seja lá o que for, NÃO EXISTE. [...] se uma criança morre, sem ter sido batizada, até a idade de consciência, ou seja, por volta de 8 anos, vai diretamente para o Céu, mas DEUS COBRARÁ seu sangue de seus pais*". Aqui, além de podermos ver que ele está mal informado (ou mal intencionado?), pois nega que a sua "igreja" prega o que prega, ainda não fala coisa com coisa, pois sustenta que Deus cobrará seu - da dita criança que morreu sem o batismo - sangue de seus pais. Mas que sangue? Se o neném foi salvo, então não sofreu nenhum dano em termos espirituais. Logo, como cobrar seu sangue? Para que Deus pudesse cobrar com justiça de seus pais, duas coisas seriam necessárias: 1) Que a criança tenha morrido sem ser batizada por negligência de seus pais, o que nem sempre acontece, já que a morte às vezes ocorre no ventre da mãe, ou imediatamente após nascer, não havendo tempo para se proceder ao batismo; 2) que a criança tenha sido condenada. Na ausência de um desses dois fatores, não há sangue algum. Logo, como cobrar por um sangue que não existe?. Esse é um disparate indigno de ser refutado. Então, por que o faço? Está em jogo a salvação dessas vítimas do engano!

Será que o Bispo D. Antônio se envergonhou de ensinar o que a sua "Igreja" prega? Não seria melhor, se envergonhar de mentir aos seus leitores, ou tapeá-los com meias verdades?

Vimos que o referido Bispo disse que "*não*" há "*no magistério da Igreja definição específica sobre este ponto*". Mas dessa declaração nascem cinco questões: 1ª) Há sim, senhor Bispo!; 2ª) O próprio Cristo já definiu especificamente sobre este ponto, como já demonstrado acima; 3ª) se não houvesse mesmo uma definição sobre este ponto, seria um grave erro, um excesso de morosidade, visto que o Cristianismo existe há quase 2000 anos; 4ª) quando o apóstolo Mateus (cap. 19.14) registrou que Jesus dissera que o Reino dos céus é das crianças, estava, por conseguinte, definindo especificamente sobre este assunto, senhor bispo! Que queres mais? 5ª) será que tu não sabes que esse negócio de *doutrina da Igreja, e definição específica* (isto é, dogma), só se presta para o fim a que se destina: enganar o povo?

D) Do fato de o Pastor Jeter dizer que o Vaticano II aboliu o Limbo, se subentende que esse estudioso do Catolicismo Romano também sabia que deveras esse engodo fizera parte do corpo de doutrinas da "Igreja" Católica. Ele apenas não conseguiu perceber (e não o crucificamos por essa falha banal! Quem não erra?) a astúcia do clero católico, que, silenciou quanto ao vocábulo, mantendo apenas o conceito.

3.5. Convergência Evangélica na Divergência Batismal

A grande maioria das igrejas evangélicas é contrária ao batismo de crianças que não tenham atingido a idade da razão. Desta afirmação, porém, se subentende que algumas igrejas evangélicas batizam recém-nascidos. Mas estas igrejas o fazem, não para libertar os nenéns do poder das trevas, arrancá-los de debaixo do poder do Maligno, transformá-los em filhos de Deus e, por conseguinte, livrá-los do Limbo; mas sim, porque, entre outras razões, julga que fazê-lo ajuda a educá-los nos caminhos do Senhor.

Já ouvimos muitos evangélicos dizerem que batizar recém-nascidos é desnecessário, visto que eles não têm pecado. Os católicos retrucam dizendo que as criancinhas têm o pecado original. Dizem também que Jesus, embora nunca tenha pecado, se deixou batizar. Quanto a isso, os católicos estão com uma boa dose de razão, pois o pecado original e o batismo de Jesus, são fatos inegáveis à luz da Bíblia. Porém, será que o batismo lava pecado original? Será que os recém-nascidos estão mesmo necessitados dessa suposta lavagem batismal? Além disso, se os católicos querem mesmo se inspirar no batismo de Jesus, devem batizar exclusivamente adultos, já que o Senhor se deixou batizar aos 30 anos de idade (Lc 3.23).

O autor destas linhas, apoiado no fato de que Jesus mandou pregar o Evangelho e batizar os que crêem, opta por batizar apenas os que fazem a sua opção pessoal por Cristo, o que exclui os recém-nascidos. Porém, respeita os que dele divergem, e não os critica, desde que não atribuam valor salvífico ao batismo, julgando-o imprescindível à salvação até dos recém-nascidos, como o faz a Igreja Católica.

Na ótica deste autor, o batismo católico não é bíblico por três motivos: Primeiro, porque é por aspersão; segundo, porque é extensivo às criancinhas; terceiro, porque é visto como tábua de salvação. Destes três equívocos, porém, só o último está sendo considerado nesta obra, visto que os dois primeiros erros não descaracterizam nenhuma igreja cristã. Sim, o último erro é gravíssimo, porquanto faz de Cristo um monstro, que condena até os bebês; e ainda nega que o sangue do Senhor é a única fonte purificadora.

Talvez estejamos errado por acreditar que o batismo, além de ser por imersão, só possa ser ministrado aos que, por terem atingido a idade da discipulação, puderam optar por Cristo, e o fizeram. Mas, como o sangue de Cristo é a nossa única tábua de salvação, estamos salvos, e portanto tranquilos, enquanto aguardamos uma compreensão maior sobre este assunto. Sugerimos esta mesma postura aos evangélicos que de nós divergem, a fim de mantermos a unidade na diversidade. Por mais convicto que você esteja, como é o caso deste autor, mantenha-se sempre aberto a uma luz maior.

* * *

Pais, informamos que a Igreja Católica prega que nossos queridos recém-nascidos não são filhos de Deus, não por objetivar despertar qualquer animosidade contra os padres. Não! Não os odiamos! Uma boa parte dos padres não faz isso por maldade. Os padres são vítimas de um sistema autoritário que privou-os do uso da razão. São vítimas de vítimas. O Papa fala e eles repetem, como o fazem os papagaios, pois segundo a lavagem cerebral que os transformou em robôs do Vaticano, essa sujeição cega ao Papa leva à salvação. Então, que pretendemos? Encorajar o leitor a pensar com sua própria cabeça, tirar suas próprias conclusões e decidir por si mesmo o seu futuro eterno, não mais confiando sua alma aos cuidados de quem quer que seja. Leia a Bíblia e siga-a. Somos todos iguais. Logo, todos temos o mesmo acesso à Bíblia. Qualquer um de nós pode entender o Plano de Salvação apresentado pela Bíblia, assim como também qualquer um de nós, e isso inclui o Papa, pode entender tudo errado e ir para o Inferno com uma Bíblia debaixo do braço. Sim, o Papa não é diferente de ninguém. Ele pode errar e/ou acertar tanto quanto qualquer um de nós. Portanto, dialoguemos com ele de igual para igual. Debataremos ou conferenciemos com ele em pé de igualdade. Ouçamos tudo quanto ele tem a dizer, mas só aceitemos se ele nos convencer dentro da Bíblia. Lembre-se: Você não é um robô. Portanto, não aceite ser manipulado pelo Papa, ou por quem quer que seja. Use sua cabeça. Não tenha medo de fazer isso. Não traia a sua consciência! Tenha personalidade! Seja você mesmo! Embora o clero católico negue a você o direito ao auto-exame da Bíblia, dizendo que só o Papa e seus bispos podem interpretar corretamente as Escrituras

Sagradas (*Catecismo da Igreja Católica*, página 234, # 816), você não é obrigado a seguir cegamente a ninguém. Liberte-se! Sacuda o jugo! Quebre as amarras!

CAPÍTULO 4

O CATOLICISMO VERSUS BÍBLIA

4.1. A Igreja Católica Traiu a Bíblia

4.1.1. Adicionando-lhe os Apócrifos

Poucos sabem que em 1.546, no Concílio de Trento, o clero católico adicionou à Bíblia sete livros apócrifos. Eles já vinham fazendo isso desde o século V, contudo, o reconhecimento oficial e definitivo desses livros por parte da Igreja Católica se deu a partir do século XVI.

A adição dos apócrifos à Bíblia se deu pela seguinte razão: Prover aos padres recursos para “provar” pela “Bíblia” que o Catolicismo é ortodoxo. 2 Macabeus, capítulo 12, versículos 44 a 46 diz que é certo rezar pelas almas dos mortos. Nenhum livro da Bíblia manda rezar pelos mortos, só 2 Macabeus o faz. O leitor não desconfia de nada? Ademais, se esse expediente produzisse algum efeito positivo, o tormento eterno para os ímpios deixaria de existir, visto que então esvaziáramos o Inferno. Talvez alguns católicos tentem se defender dizendo que a religião deles não ensina a rezar pelos que estão no Inferno, mas sim, pelos que estão no purgatório. Porém, caso eles apresentem esse possível argumento, podemos replicar das seguintes maneiras:

Primeira: Se os católicos querem mesmo obedecer o que está escrito no capítulo 12 de 2 Macabeus, devem rezar pelos que estão no Inferno, visto que este texto (à luz do contexto) manda rezar pelos que haviam morrido na idolatria. E, como sabemos, até a “Igreja” Católica afirma que a idolatria é pecado grave que priva da comunhão com Deus e conduz ao Inferno (Cf.: *Catecismo da Igreja Católica*, # 57, 1447, 2097, 2112, 2132, 2289, 2380, 2534, 2567 e 2779);

Segunda: Num panfleto católico intitulado **“ELE ENXUGARÁ SUAS LÁGRIMAS”**, em nosso poder (no qual consta que o mesmo foi publicado *“Com aprovação eclesiástica”* e, portanto, obra **oficial** dessa seita), podemos ler à página 2 a seguinte oração: **“Senhor, lembrai-vos de nossos irmãos que morreram na esperança da ressurreição, e de todos aqueles que já partiram deste mundo! Acolhei-os junto de Vós, na luz da vossa face!”** (Grifo nosso). Logo, o clero católico está ensinando a rezar por *“todos aqueles que já partiram deste mundo”*, e isso inclui os que estão no Inferno, e não apenas os seus correligionários que, segundo pregam os clérigos católicos, padecem no purgatório.

Creemos que 1 e 2 Macabeus são livros históricos importantíssimos, embora não sejam a Palavra de Deus e contenham vários equívocos.

Outra prova de que realmente esse livro não é a Palavra de Deus, é o fato de constar, no último capítulo de 2 Macabeus, um pedido de perdão por possíveis falhas que os leitores viessem a encontrar. Isto prova a humildade do autor, bem como a falta de inspiração divina. Deus não pede perdão.

Para que o leitor veja com seus próprios olhos que as coisas são assim, transcrevemos a seguir 2 Macabeus, último capítulo, versículos 38 e 39: *“... Porei aqui fim à minha narração. E se ela está bem organizada e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se pelo contrário foi escrita com menos dignidade, deve-se-me perdoar”*. (Bíblia de versão católica, traduzida pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo, editada pela Novo Brasil Editora).

A rigor, os apócrifos não foram citados por Jesus, e a mera citação não seria prova de inspiração divina, salvo se Cristo informasse estar citando a Palavra de Deus, usando termos mais ou menos assim: "*Está escrito..., as Escrituras contêm..., assim dizem as Escrituras..., assim diz a Palavra de Deus...*". Portanto, se os clérigos católicos disserem que há citações dos apócrifos no Novo Testamento, não precisamos entrar no mérito dessa questão para provarmos a inconsistência desse "argumento". Basta perguntarmos aos padres por que não adicionaram à Bíblia o livro apócrifo intitulado A Vida de Enoque, já que Judas o citou nos versículos 14 e 15?

Quando o Senhor Jesus nasceu, o Antigo Testamento já estava todo escrito. Os fatos provam que na opinião popular, bem como na dos rabinos, os livros que o clero católico reconheceu como canônicos em 1.546, embora já existissem, não eram parte integrante do que eles chamavam de Escritura. Uma prova disso é que os judeus, por não crerem que Jesus é o Messias, não aceitam o Novo Testamento; e, como por tradição, os apócrifos nunca foram aceitos como canônicos, a Bíblia deles só contém o Antigo Testamento. E este é tal qual o das Bíblias protestantes.

O historiador Josefo deixou claro que nos seus dias, os livros tidos como sagrados, eram exatamente o que hoje constitui o Antigo Testamento das versões protestantes.

Os nomes dos livros apócrifos que os clérigos católicos adicionaram à Bíblia são:

Tobias: Um romance no tempo do cativo de Israel pela Assíria.

Judite: um romance no tempo de Nabucodonozor

A Sabedoria de Salomão: Obra sapiencial, escrita por um judeu de Alexandria.

Eclesiástico (não confundir com Eclesiastes): Parecido com o livro de Provérbios. Chama-se, também, A Sabedoria de Jesus, filho de Siraque.

Baruque: Esse livro dá a entender ser da autoria de Baruque, o escriba de Jeremias.

1 e 2 Macabeus: Esses dois livros são obras históricas de grande valor, mas são humanos e falíveis.

Além dos livros acima alistados, o Concílio de Trento fez acréscimos ao livro de Daniel, bem como ao livro de Ester.

Originalmente, apócrifo significa oculto, mas passou a significar espúrio. Os apócrifos foram acrescentados às Escrituras Sagradas pela primeira vez e contra a vontade dos judeus, na tradução do Antigo Testamento, levada a efeito por 72 sábios em Alexandria, no Egito, por volta de 286 a.C.. Esta tradução, devido ao número de tradutores que nela trabalharam, tornou-se conhecida pelo nome de Septuaginta. Trata-se da tradução de todo o Antigo Testamento, para a língua grega. Este autor tem um exemplar deste valioso trabalho.

Há muitas obras apócrifas, das quais a "Igreja" Ortodoxa aceitou dez, e o Catolicismo as acima relacionadas. Ei-las parcialmente: 1 Esdras; 2 Esdras, O Evangelho Segundo os Hebreus, O Evangelho Segundo São Tiago, Os Atos de Pilatos, etc. É bem provável que em um próximo concílio os papas acrescentem à Bíblia mais alguns apócrifos. Por que não? Se o fizeram em 1.546, não poderão fazê-lo novamente?

No ano 405 d.C., Jerônimo traduziu a Vulgata e por ordem incluiu os apócrifos, mas recomendou que esses livros não devam ser usados para fins doutrinários. Os apócrifos sofreram forte oposição, na qualidade de livros inspirados, por Júlio Africano, Atanásio, Jerônimo e muitos outros valores da igreja primitiva.⁽⁷⁾

Uma vez que a Bíblia dos católicos, em relação à Bíblia dos evangélicos, tem sete livros a mais, como dois mais dois são quatro, ou os católicos acrescentaram algo à Bíblia ou os evangélicos tiraram algo da Bíblia. E, segundo Apocalipse 22.18-19, há alguém indo para o inferno por causa disso: ou os católicos, ou os evangélicos. Daí a necessidade de pesquisarmos bem, para ficarmos do lado certo, antes que seja tarde demais. Não podemos fazer vista grossa a isso, pois somar algo à Bíblia, ou subtrair dela alguma coisa é, usando o jargão católico, "pecado capital". Portanto, caro amigo católico, se você descobrir que nós, os evangélicos, diminuímos a Bíblia, considere-nos perdidos e esforce-se para nos tirar da perdição. Ajude-nos, por favor! E, se por outro lado, concluir que a Bíblia católica está adulterada, saia do Catolicismo já.

Chamamos "Apócrifos" ao que os católicos chamam "Deuterocanônicos".

4.1.2. Igualando-a à Tal de Tradição

Os papas não se apóiam só na Bíblia que eles adulteraram em 1.546 (e isso só, já faria grande diferença), mas também no que eles chamam de Sagrada Tradição. Esta e a Bíblia constituem, segundo dizem, *um só sagrado depósito da Palavra de Deus*, (Catecismo da Igreja Católica, página 38 # 97). O que é a "Sagrada Tradição" à qual o clero católico freqüentemente recorre, quando é encurralado por um expositor da Bíblia? A bem dizer, nada mais é que o conjunto das tradicionais incoerências que constituem o Catolicismo; as quais, além de chocarem com a Bíblia, são autocontraditórias.

O fato de o apóstolo Paulo ter aconselhado os cristãos primitivos a conservarem *"as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa"* (2 Ts 2.15) é, na opinião dos papas, prova irrefutável de que Deus nos legou a Bíblia e a Tradição. Porém, o que Paulo está dizendo é que a sua doutrina é tradição da Igreja, e que esta doutrina tradicional era transmitida nos seus dias, tanto oralmente, quanto por epístolas. Isto, e mais nada.

Dispomos de duas provas de que a chamada Tradição não é a Palavra de Deus:

1º) Ela contradiz a Bíblia. Se Deus não é incoerente e a Bíblia é a Sua Palavra, tudo quanto colidir com a Bíblia não é a Palavra de Deus.

2º) Já vimos que a Tradição é incoerente consigo mesma. Uma encíclica afirma o que a outra retrata. Ora, se ela é auto-incoerente, já não há necessidade de se argumentar a fim de provar que essa barafunda não vem de Deus, visto ser óbvio que Deus fala coisa com coisa, não é mesmo?

4.1.3. Pondo-a Abaixo da Tal de Tradição.

Na obra intitulada *Os Erros ou Males Principais dos Crentes ou Protestantes*, da editora O Lutador, lançada sob o IMPRIMATUR do Monsenhor Aristides Rocha, 7ª edição de 1957, afirma-se à página 26 o seguinte: *"...Acima da Bíblia está a Tradição, isto é, a pregação de Jesus Cristo que não foi escrita ..."* Cabe aqui uma curiosa pergunta: Por que as palavras de Cristo que não foram escritas valeriam mais do que as que estão registradas na Bíblia? Será que as doutrinas católicas dependem disso para se sustentar? Obviamente que sim.

O clero católico não pode sair pela tangente, alegando que *"a literatura em questão não é oficial"*, visto que os envolvidos na elaboração da mesma, bem como o Monsenhor Aristides Rocha (este era Bispo e, portanto, "infallível" também) que a sancionou, não foram sequer advertidos desse gravíssimo erro. Ou não é erro grave somar algo à Bíblia? E, neste caso, com a agravante afirmação de que tal adição é superior à Palavra escrita.

O Catolicismo está enquadrado em Mateus 15.6, onde o Senhor Jesus Cristo diz: *"E assim por causa da vossa tradição, invalidastes a Palavra de Deus"*.

4.1.4. Sujeitando-a às Arbitrariedades dos Papas

4.1.4.1. Quanto à interpretação

O fato dos papas alegarem que só eles e seus bispos podem fornecer a real interpretação da Sagrada Escritura, além de pretender tolher os padres, as freiras, os pastores evangélicos, os católicos leigos e outros de beberem diretamente na Fonte, tenta privar a Bíblia da autoridade que lhe é própria.

4.1.4.2. Quanto à leitura.

Já vimos que em 1.229 d.C., o Papa de então proibiu ao povo a leitura da Bíblia

4.1.4.3. Quanto à tradução

Informamos no Capítulo 2, que durante muitos séculos os papas proibiram a tradução da Bíblia para os idiomas dos povos. A Edições Loyola (editora católica), publicou um livro que confessa que de fato isso ocorreu. Veja: *"Convém lembrar que foi necessária a Reforma protestante, no século XVI, para que a Igreja católica romana permitisse a 'popularização' da Bíblia, tolerando que as Escrituras fossem lidas e estudadas em outras línguas vivas e não somente em latim"* ("Preconceito Lingüístico", de autoria do Doutor Marcos Bagno, 23 edição, abril de 2003, páginas 133-134).

4.1.4.4. Quanto às distorções.

As "explicações" que os papas dão das passagens bíblicas, não convencem aos que se dão ao trabalho de raciocinar. Os papas caluniam a Bíblia, dizendo que ela falou, o que jamais disse.

4.1.5. Negando-a Sorrateiramente

Grandes apologistas norte-americanos, como John Weldon, John Ankerberg e Dave Hunt, denunciaram que a Igreja Católica pronunciou sobre a Bíblia assim: *"As Escrituras são inerrantes, mas não em sua totalidade"*.⁸ *"Daí afirmarmos que a Bíblia é livre de erro naquilo que pertence à verdade religiosa revelada para nossa salvação. Não é necessariamente livre de erro em outros assuntos (por exemplo, ciências naturais)"*.⁹

A penúltima afirmação acima, diz que a Bíblia é inerrante, mas não em sua totalidade. Ora, se a Bíblia não é inerrante em sua totalidade, de inerrante ela não tem nada, pois inerrante não é o que erra pouco, mas sim, o que não contém erro algum. E, sendo assim, o clero católico não está falando coisa com coisa.

A última afirmação acima transcrita, também de autoria da Igreja Católica segundo Dave Hunt, diz que a Bíblia, embora livre de erro na área religiosa, se equivoca sobre ciências naturais. Ora, se isso fosse verdade, a Bíblia seria 100% suspeita; porque se Deus não pudesse ser infalível no âmbito científico, por que conseguiria sê-lo no campo religioso?

Como já sabemos, o Papa se proclama infalível. Logo ele é o infalível intérprete da falível Bíblia.

Deste modo está claro que a cúpula da Igreja Católica usa a Bíblia apenas para impressionar os desavisados. Que Deus se apiede deles e dos que neles confiam!

Como se toda essa traição à Bíblia não bastasse, o Frei Battistini induz suas vítimas a suspeitarem de nossas Bíblias, dizendo: *"Nenhum protestante pode demonstrar que a sua Bíblia é a autêntica Palavra de Deus"* (A Igreja do Deus Vivo, 33ª Edição /2001, Editora Vozes, página 20). Certamente esse Frei crê que a autêntica Palavra de Deus é a esdrúxula e autoritária "interpretação" imposta, que o Papa e seus bispos dão das "bíblias" por eles adulteradas. A essa esdrúxula interpretação, eles adicionam, como já informamos, a ridícula "Tradição" que, além de oficialmente nos ser apresentada pelo clero católico como tendo o mesmo peso da Bíblia (o que já é um gravíssimo erro), é, na prática, encarada como superior à Bíblia, como o confessou o Monsenhor Aristides Rocha, aludido em 4.1.3.

CAPÍTULO 5

O FALSO PERDÃO E O RENTÁVEL PURGATÓRIO

5.1. Que Diz a Igreja Católica?

5.1.1. Dissertando Sobre o "Perdão" Católico

Segundo o Catolicismo, o católico deve confessar os seus pecados (principalmente pecados

graves) pelo menos uma vez por ano (Catecismo da Igreja Católica, página 401, ## 1.456-1.458). O padre confessor deve dizer ao penitente que lhe confessa, o seguinte: "...eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Catecismo da Igreja Católica, página 399, ## 1.448-1.449). Ao fazer isso, o católico pode estar seguro de que os seus pecados serão todos perdoados na hora. Porém, ele ainda não estará pronto para ir para o Céu. O porquê disso é que o pecado, mesmo depois de perdoado, deixa cicatrizes que precisam ser eliminadas. Portanto, o perdoado só poderá entrar no Céu, após livrar-se das cicatrizes deixadas pelo pecado perdoado. Para livrar-se de tais cicatrizes, o perdoado terá que cumprir a pena devida pelo pecado já perdoado. No caso de alguém morrer imediatamente após a confissão ao padre e a subsequente absolvição, a referida pena será cumprida após a morte, no estado chamado purgatório. Mas existe entre o perdão e o purgatório, uma provisão divina chamada INDULGÊNCIA. Ela pode ser ou plenária ou parcial. A indulgência parcial diminui a pena que o perdoado tem de cumprir, antes de poder entrar no Céu; e a indulgência plenária elimina todas as cicatrizes que o perdão não consegue eliminar. Ilustrando: Ao ser perdoado dos pecados graves, o católico embarca no "trem" da salvação com destino ao Céu, via purgatório. E, ao ser indulgenciado, na pior das hipóteses a sua estada no purgatório será consideravelmente reduzida.

Como o leitor pode ver, o Catolicismo sustenta que o perdão não anula a sentença, mas tão-somente reduz a pena. Ao perdoar o pecador, Deus apenas troca o castigo eterno pelo castigo temporário.

De acordo com o Catolicismo, existe a possibilidade do perdoado cumprir a sua pena através de boas obras e sofrimentos ainda nesta vida. O perdoado que conseguir cumprir a sua pena aqui na Terra, não terá que cumpri-la no fogo do purgatório, após a morte.

A indulgência plenária é altamente desejável, pois pelo menos no que diz respeito aos pecados perdoados até o momento em que ela for concedida, o perdoado não terá que cumprir mais nenhuma pena. Já a indulgência parcial não chega a tanto, porém, não é algo desprezível; pois uma diminuição da pena temporal, por menor que seja, tem lá o seu valor.

Antigamente uma indulgência custava um terço do que se gastaria com uma peregrinação a Roma. Em qualquer parte do mundo, bastava o católico calcular o que ele gastaria para sair do seu país, ir a Roma e retornar à sua casa. Depois dividia este valor pelo algarismo três e doava o quociente à Igreja Católica. Este preço foi estipulado pelo Papa Alexandre VI, no ano 1.500 (jornal *O Globo*, 02/01/2000). Aqui o charlatanismo salta aos olhos.

Com as transcrições abaixo, pretendemos documentar o que temos afirmado a respeito do perdão, na concepção da alta liderança da Igreja Católica.

5.1.2. Exibindo as Provas

Primeira prova

Disse o Padre Marcelo Rossi: "...o pecado, mesmo que você se confesse, ou se arrependa, sempre deixa uma marca, e a indulgência é isso: tirar essa marca" (Jornal *O GLOBO*, 02/01/2.000).

Segunda prova

Disse o Bispo Dom Fernando: "...para obter a indulgência... o fiel necessita antes se confessar e ser sacramentalmente absolvido por um padre..." (Ibidem).

Tercira prova

Diz o Catecismo da Igreja Católica, páginas 406 – 407, # # 1.471 – 1.473:

"...A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados **já perdoados**... Todo pecado, mesmo venial, exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado purgatório... O perdão do pecado e a restauração da comunhão com Deus

implicam a remissão das penas eternas do pecado. MAS PERMANECEM as penas temporais do pecado... O cristão deve esforçar-se, suportando pacientemente os sofrimentos...e, chegada a hora de enfrentar serenamente a morte, aceitar como uma graça essas penas temporais do pecado..." (Grifo nosso). Vejamos ainda mais três transcrições, para que não fique nenhuma dúvida.

Quarta prova

"Com a nossa autoridade apostólica definimos que, segundo a disposição geral de Deus, as almas de todos os santos mortos antes da Paixão de Cristo (...) e de todos os fiéis mortos depois de receberem o Santo Batismo de Cristo, NOS QUAIS NÃO HOUVE NADA A PURIFICAR QUANDO MORRERAM, (...) ou ainda, se houve ou há algo a purificar, quando, depois de sua morte, tiverem acabado de fazê-lo, (...) antes mesmo da ressurreição nos seus corpos e do juízo geral, e isto desde a ascensão do Senhor e Salvador Jesus Cristo ao céu, estiveram, estão e estarão no Céu, no Reino dos Céus e no paraíso celeste com Cristo" (Catecismo da Igreja Católica, página 288, # 1.023, grifo nosso).

Quinta prova

"Os que morreram na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu" (Catecismo da Igreja Católica, página 290, # 1.030).

Sexta prova

"Se alguém disser que, depois de receber a graça da justificação, a culpa é perdoada ao pecador penitente e que é destruída a penalidade da punição eterna e que nenhuma punição fica para ser paga ou neste mundo ou no futuro, antes do livre acesso ao reino ser aberto, seja anátema" (Concílio de Trento, Seção VI).

5.2. Que Diz a Bíblia?

Esse perdão fajuto, cheio de cicatrizes, do qual o clero católico tanto fala, nada mais é que a negação do Evangelho. O perdão bíblico é total, eficaz e instantâneo. É do conhecimento de todos que quando Jesus estava sofrendo na cruz pelos nossos pecados, junto dele estavam sendo crucificados dois ladrões, dos quais um pediu ao Senhor: "...Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino". E o Senhor respondeu: "...Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43). Ora, se o referido ladrão não necessitou de purgatório e indulgência para se salvar, podendo, portanto, ir para o Paraíso naquele mesmo dia, está provado que o perdão que Jesus nos oferece não deixa cicatrizes. À luz da Bíblia podemos ver que o perdão que o Senhor dá é infinitamente mais eficaz do que os papas supõem.

O clero católico não está pregando o Evangelho, mas sim, vendendo gato por lebre. Já provamos isso ao transcrevermos Lc 23.43; contudo, vejamos abaixo mais algumas das inúmeras passagens bíblicas que tratam deste assunto:

João 8:32,36: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres".

Hebreus 7:25: "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus..."

Efébios 2:8: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus".

Romanos 8:1: "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus".

1 João 1:7: "...e o sangue de Jesus... nos purifica de todo o pecado".

2 Coríntios 5:17: "...se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo".

Hebreus 10:17,18: "E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades. Ora, onde há

remissão destes, não há mais oferta pelo pecado”.

Segundo a Bíblia, nós, os cristãos, devemos perdoar os nossos ofensores, assim como Deus nos perdoou em Cristo (Ef 4.32; Mt 18.23-35; 6.12,14,15, etc.). Ora, o fato de os papas dizerem que nós, embora perdoados por Deus, ainda precisamos expiar os nossos pecados, cumprindo o que eles chamam de *"pena temporal devida pelo pecado já perdoado"*, somado à ordem bíblica de que devemos nos inspirar no tipo de perdão que Deus nos deu, para perdoarmos aos nossos devedores, nos leva à conclusão de que aqueles que por nós foram perdoados, ainda têm muito que acertar conosco. Este raciocínio nos ajuda a compreender que o "perdão" católico tenta colocar Deus abaixo dos nossos pés. Nós, seres humanos tão pequenos, seríamos, segundo o que os papas dizem do perdão de Deus, capazes de dar aos nossos ofensores um perdão maior do que o perdão que Deus nos deu.

Que lógica teria pedirmos a Deus que nos perdoe, como também temos perdoado 100% aos nossos devedores, se Ele não fosse capaz de fazê-lo? E de fato, Deus não pôde nos perdoar 100%, se realmente existe o que o Catecismo da Igreja Católica chama de *"pena temporal, devida pelos pecados já perdoados"*.

Talvez alguém pense que o que os clérigos católicos chamam de *"pena temporal devida pelos pecados já perdoados"*, seja uma referência às mazelas desta vida, como doenças, envelhecimento, morte, etc. Mas não é isso não. Se fosse isso, os indulgenciados não adoeceriam, não envelheceriam, não morreriam.... Sim, pois como já vimos, *"a indulgência é remissão... da pena temporal"*. Além disso, já vimos também que a pena temporal pode, segundo o Catolicismo, ser cumprida depois da morte, no purgatório. Será que lá também há doenças, envelhecimento, morte e outras mazelas desta vida? Assim provamos que a Igreja Católica prega oficialmente que para entrarmos no Céu, não basta estarmos perdoados, visto que, segundo ela, o pecado, mesmo depois de perdoado, deixa cicatrizes que precisam ser eliminadas, na Terra e/ou no além-túmulo, no estado chamado purgatório, antes de podermos entrar no Céu. Essa falsa compreensão acerca do perdão tem produzido nos católicos, tanto leigos quanto clérigos, muita insegurança. Navegando na INTERNET, encontramos um curioso relato, que tomamos a liberdade de transcrever, segundo o qual o Cardeal O' Connor, de Nova Iorque disse: *"O ensinamento da Igreja é que eu não sei, em momento algum, qual será o meu estado eterno. Eu posso esperar, rezar, fazer o melhor possível – mas eu ainda não sei. O Papa João Paulo II não sabe com certeza se vai para o Céu, e nem a Madre Teresa de Calcutá..."* <http://www.quadrangular.com//chamada/cmn0698b.htm>, citando The New York Times, 01/02/1.990, caderno 4. Artigo intitulado Evangelho que Salva, de Dave Hunt, extraído integralmente da revista Chamada da Meia Noite, Ano 29, nº 6, junho de 1998).

Veja mais esta transcrição: "Madre Teresa!" (de Calcutá) "foi atormentada por uma crise de fé por mais de 50 anos... 'Meu sorriso é uma grande capa que esconde uma multidão de dores...Os condenados do inferno...experimentam a perda de Deus...eu sinto a terrível dor dessa perda. Eu sinto que Deus não me quer...' " (Desafio das Seitas, órgão oficial do CPR_Centro de Pesquisas Religiosas_ Ano VI, nº 24, 4º Trimestre de 2002, página 11).

Disse o apóstolo Paulo: *"Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema"* (Gl. 1.8). O perdão parcial que a Igreja Católica vem pregando oficialmente através dos séculos é outro evangelho; portanto, anatematizemo-la!

5.3. Os Atravessadores do "Perdão" Católico

A cúpula da Igreja Católica, interpretando erradamente o fato de Jesus haver dito aos apóstolos que *"Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes PERDOADOS; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes RETIDOS"* (Jo 20.23), assegurou, à página 403, # 1.461 do Catecismo da Igreja Católica, que os bispos e os padres têm o poder de perdoar todos os pecados, e que eles o fazem em nome da Trindade. Mas não é necessário possuímos profundos conhecimentos teológicos para sabermos que o clero católico está tentando tirar proveito de um trecho bíblico de difícil interpretação. São inúmeras as passagens bíblicas que afirmam de maneira inequívoca que só Deus perdoa pecado, e que Ele o faz

valendo-se do sangue de Jesus (2 Cr 7.14; 6.21; Sl 103.2,3; 1Tm 2.5; Jo 14.6; Hb 10.19, etc.).

Duvidamos que os papas não saibam que as palavras "perdoados" e "retidos", constantes de Jo 20.23 estão no tempo perfeito, no original grego, e que isso prova que o Senhor Jesus estava tão-somente credenciando os seus discípulos a dizerem aos que crêem no Evangelho, que eles estão perdoados, bem como assegurarem aos incrédulos que eles, por causa de sua incredulidade, estão sem o perdão de Deus. Os papas só não aceitam esta interpretação porque lhes interessa a glória dos homens. Terem o poder de perdoar pecado lhes dá mais status.

Outro texto que os clérigos católicos adoram citar a fim de provar que eles têm poder para perdoar pecado, é Mt 16.19, que diz: *"E eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na Terra será desligado nos Céus."* Mas como já vimos, o texto está mal traduzido. A tradução correta é *"TERÁ sido ligado..."* e *"TERÁ sido desligado..."* como consta da Almeida Revista e Atualizada. Isto significa que o apóstolo Pedro apenas iria declarar ligado, o que à luz da Palavra de Deus, demonstrasse estar ligado nos céus; bem como declarar desligado dos céus o que, pela mesma razão, demonstrasse estar alienado de Deus. Logo, o texto em apreço não delega a Pedro o poder de perdoar ou não os pecadores, mas sim, o poder de mostrar aos pecadores o caminho do perdão, bem como o poder de declará-los perdoados ou não, à luz da Palavra de Deus. Em outras palavras: Pedro tinha autoridade, enquanto fosse fiel, para dizer à Igreja: "Fulano não pode ser reconhecido como membro da Igreja, até que se converta". Ele podia dizer também: *"Se tua fé e arrependimento são sinceros, estás em sintonia com os Céus, isto é, tens comunhão com Deus; e, portanto, te reconhecemos como membro da Igreja do Senhor"*.

O que dissemos acima é uma interpretação possível; porém atentemos para o fato de que Jesus disse "tudo", e não "todos". Logo é bem provável que o Senhor, ao pronunciar estas palavras, tinha em mente "coisas", não "pessoas".

Ainda bem que a própria Igreja Católica confessa que o "perdão" que ela nos oferece através dos seus atravessadores, é um "perdão" que não resolve muito. Ele deixa marcas. E que marcas!

5.4. Simonia: Eis o Porquê do Falso Perdão e do Purgatório

Não há nada na Bíblia que possa induzir um inquiridor sincero a crer em purgatório. Esse ensino deve ser rejeitado pelas seguintes razões:

5.4.1. Não é Bíblico

Já fizemos várias alusões ao purgatório; agora, porém, vamos tratar especificamente deste assunto. Purgatório é o resultado mediato do falso perdão católico. Logo após receber o "perdão", o católico ingressa no estado chamado purgatório, do qual não sairá nem mesmo depois da morte, até que cumpra *a pena devida pelo pecado já perdoado*; podendo, entretanto, segundo o Catolicismo, ter suas penas abreviadas através das missas, esmolas e rezas que, geralmente, são efetuadas a favor dos mortos.

O padre Euzébio Tintori, no aludido Novo Testamento por ele comentado (ver Introdução), define o purgatório assim: *"...estado médio das almas, sofrendo por certo tempo em expiação de seus pecados..."*.

Nos tópicos anteriores deste capítulo, deixamos claro que o purgatório é crendice; mas, como a Igreja Católica se esforça para provar que ela extraiu isso da Bíblia, vejamos pelo menos um dos textos bíblicos sobre os quais o clero católico se apóia. Sim, não vamos considerar neste capítulo todas as passagens bíblicas sobre as quais os papas e seus cardeais têm se apoiado para impressionar os incautos, levando-os a crerem nessa heresia, pois cremos mais no poder do Espírito Santo para convencê-los de seus desvios e convertê-los do mau caminho no qual estão, do que na força de nossos argumentos. Portanto, atentemos para um de seus textos prediletos, que é Mt 12.32, e vejamos como eles "explicam" este versículo, bem como refutemos à luz da Bíblia.

A referência bíblica em apreço, que é Mt 12.32, diz que a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada nem no presente século nem no século futuro. Desta afirmação do Senhor Jesus, a

cúpula da Igreja Católica se serve para apresentar mais uma “prova bíblica” de que o purgatório existe. Senão, vejamos o que diz o Catecismo da Igreja Católica, página 290, # 1.031: “...*Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro*”. Mas este argumento é fraco por três razões:

1ª) Do fato de o Senhor afirmar que a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada nem neste século nem no futuro, devemos concluir apenas que esse tipo de pecado é imperdoável, e não que alguns pecados são perdoados no além-túmulo;

2ª) Podemos provar que a nossa interpretação não está errada, visto que Marcos, ao registrar o mesmo fato, disse que Jesus falou assim: “*Porém, o que blasfemar contra o Espírito Santo, JAMAIS terá perdão*” (Mc 3.29_grifo nosso);

3ª) Se existisse algum pecado que o Senhor perdoasse só no além-túmulo, de tal perdão não poderíamos inferir o cumprimento de alguma pena no purgatório, visto que cumprir pena não é o mesmo que ser perdoado. Cristo perdoa ou não perdoa?.

Informamos acima que há outros versículos bíblicos sobre os quais os clérigos católicos se apóiam para “provar” que o purgatório existe, porém, seus argumentos são sempre facilmente refutáveis. Por este motivo, vamos nos deter por aqui, quanto ao que eles chamam de provas bíblicas da existência do purgatório.

O chamado purgatório é antibíblico, não porque este vocábulo não aparece textualmente, ou ainda porque os textos bíblicos isolados, dos quais se serve o clero católico, estão tratando de outro assunto, mas também porque há doutrinas bíblicas que serão insustentáveis, caso aceitemos o purgatório católico. Já vimos isso nos tópicos anteriores; contudo, vejamos ainda mais três exemplos:

5.4.2. Solapa a Fé no Arrebatamento da Igreja

Segundo a Bíblia, mais de mil anos antes do Juízo Final, Jesus virá buscar o Seu povo (João 14.1-3; Apocalipse 19.11 a 20.15). Nesse dia, os dEle que estiverem mortos, serão ressuscitados já transformados (1 Coríntios 15.52a). A seguir (e isso quase que simultaneamente), os dEle que estiverem vivos serão transformados também (1 Coríntios 15.51, 52b; 1 Tessalonicenses 4.15 a 17). Imediatamente após a ressurreição dos mortos em Cristo já transformados e a transformação dos cristãos vivos, seremos elevados entre nuvens em alta velocidade ao encontro do Senhor, que estará nos ares esperando por nós. Tudo isso se dará em fração de segundo, num átomo de tempo, como o diz o original. Ou, como João Ferreira de Almeida traduziu: “Num abrir e fechar de olhos”. Ora, crer no purgatório equivale a crer que, por mais sinceros que sejam a fé e o arrependimento do pecador, sua dívida é perdoada apenas parcialmente, ficando portanto uma parte da dívida para ser paga por ele através de boas obras e sofrimentos neste mundo. E, se não conseguir pagar tudo o que deve aqui, pagará o restante no purgatório. Ora, quem pensa assim, certamente não crê na possibilidade de ser arrebatado agora, caso Cristo venha neste exato momento. Ele não pode crer nisso, porque se ele tem uma dívida a ser paga nesta vida ou depois da morte, antes de entrar na bem-aventurança eterna, sem dúvida não crê que já está preparado para subir ao encontro do Senhor Jesus, caso Ele venha agora. Porém, o verdadeiro cristão crê que Jesus pagou toda a sua dívida lá na cruz; e que, portanto, imediatamente após aceitar o Senhor Jesus, seu espírito fica pronto para ir para o Paraíso, caso morra (Lucas 23.43), bem como para ser arrebatado ao encontro do Senhor nos ares, caso a Sua vinda ocorra num milésimo de segundo após a sua justificação pela fé (Romanos 5.1; 8.1; Lucas 19.9; 23.43; etc.).

Deve ser esse o motivo pelo qual nunca ouvimos um integrante do clero católico pregar sobre o arrebatamento da Igreja.

Ouvimos o ex padre Raimundo Pereira, que servira o Vaticano em Nova Iguaçu – RJ, dizer que a Igreja Católica não prega o arrebatamento da Igreja. E faz ela muito bem, porque se essa seita, sem abrir mão do purgatório, pregar o arrebatamento da Igreja, será mais incoerente do que já é.

5.4.3. Induz à Salvação Pelas Obras

A salvação pelas obras, pregada pela Igreja Católica, é um expediente estranho à Bíblia. Equivale a pechinchar com Deus. Essa pechincha é vã, porque Deus não abre mão do preço que Ele estipulou: o sangue do Senhor Jesus Cristo (Apocalipse 5.9; 1 Pedro 1.18-19). Doutra modo, a salvação seria barateada. O Sangue de Jesus é a única "moeda" aceita na transação pela salvação. Somar ao sangue de Cristo o mérito de nossas obras, é subestimar o preço. E tentar se salvar pelas obras, sofrimentos e outras invencionices, é baratear a salvação.

A salvação é assim: Ou o pecador a recebe de graça, valendo-se do preço que já foi pago por Jesus, ou irá para a eternidade sem ela; porque Deus não a negocia, vendendo-a, a quem quer que seja (Apocalipse 22.17; Efésios 2.8-9; Romanos 11.6). A Bíblia dá muito valor às obras de justiça feitas pelos verdadeiramente salvos. Mas isso porque os verdadeiramente cristãos fazem obras por serem salvos, e não para serem salvos (1 Coríntios 6.20). Nossos sofrimentos e boas obras não podem nos salvar. Se pudessem, o Senhor teria morrido em vão. O fato de os capítulos 10 e 11 de Atos dos Apóstolos nos falarem que, embora Cornélio fosse justo, temente (reverente) a Deus, generoso (fazia muitas esmolas ao povo), dedicado à oração e ao jejum, Deus o mandou chamar à sua residência o apóstolo Pedro, para que este lhe falasse de Cristo, prova cabalmente que só o sangue de Jesus nos quita para com Deus. As boas obras não salvam. E se somarmos a elas o sangue de Cristo, continuaremos perdidos. Apelemos para o sangue, e só para o sangue. Nós, os evangélicos, cremos no seguinte:

Se o pecador morrer imediatamente após receber a Cristo no seu coração, no mesmo dia dará entrada no Paraíso;

Se Jesus voltar imediatamente após a conversão do pecador, este subirá ao encontro do Senhor nos ares;

Se for concedido ao penitente, muitos anos de vida e saúde neste planeta, deverá gastá-los em boas obras: Pregação do Evangelho, filantropia, estudo da Palavra de Deus, oração, jejum... numa demonstração natural e automática de gratidão pelo perdão total e instantâneo que o Senhor já lhe deu;

Quem diz que está salvo, mas não se dedica às boas obras, é mentiroso. Ele não está salvo. Mas não cremos que ele não está salvo porque não faz boas obras, e sim, não faz boas obras porque não está salvo, visto que se estivesse salvo (100% perdoado, como já explicamos), faria boas obras. Não as faria para se salvar, mas sim, por ser salvo (Efésios 2.8-10). Os versículos 8 e 9 dizem que somos salvos sem o auxílio das obras; e o versículo 10 diz que somos salvos para as obras.

Vê-se facilmente que o clero católico não está ajudando o povo a entender que a salvação é pela graça. A "graça" católica pode ser explicada assim: "A salvação é para as pessoas boas. Logo, as ruínas estão perdidas. Mas, se estas pessoas, arrependidas imploram salvação, Deus lhes dá a graça da força para deixarem de ser más e se tornarem boas de fato, praticando o bem, mediante a graça da força que receberam por meio da fé em Deus, na Igreja Católica e nos seus sacramentos. Deste modo, o católico entra no Céu porque merece o Céu; merece o Céu porque é de fato bom; ele é bom porque teve forças suficientes para dedicar-se ao bem; teve forças suficientes para dedicar-se ao bem porque Deus lhe deu tais forças; Deus lhe deu tais forças antes dele merecê-las, por ainda não ter feito o bem, estando apenas desejoso de deixar de ser mau; e, se ele não merecia esta força dada por Deus, para fazer por onde merecer o Céu, então foi salvo pela graça por meio da fé. O pontapé inicial é graça pura". Em outras palavras: "O pecador é admitido na empresa de Deus sem méritos, mas receberá o galardão (recompensa, pagamento) da bem-aventurança eterna nos Céus, pelo trabalho prestado. As boas obras e os sofrimentos aos quais ele será submetido após a admissão na empresa de Deus pela graça por meio da fé, tem os respectivos objetivos: Acumular méritos e expiar o seu

passado. E, se os sofrimentos e obras por ele experimentados até o momento da morte, não forem suficientes para torná-lo digno do Céu, o fogo do purgatório entrará em ação no além-túmulo e completará a obra. E, enquanto ele estiver sofrendo lá, seus correligionários devem dar esmolas e dizer missas em favor de sua alma. Estes, por sua vez, estão acumulando méritos para também se tornarem suficientemente bons a ponto de merecerem o Céu, quando morrerem; ou, na pior das hipóteses, não terem que sofrer por muito tempo na fornalha do purgatório”.

Um dos slogan dos católicos brasileiros atualmente é: *"Somos uma família católica com a graça de Deus"*. Mas o purgatório torna a graça sem graça. O purgatório é desgraça, não graça.

5.4.4. Serve de Fundamento à Simonia

O vocábulo "Simonia" significa "comércio de coisas sagradas" e, no caso, designa o vergonhoso charlatanismo que a Igreja Católica vem praticando através dos séculos. Pasmem o leitor, mas esse negócio de perdão com cicatrizes, indulgência parcial, indulgência plenária, purgatório, missas pelas almas dos mortos, Limbo, exéquias pelas almas das criancinhas que morreram sem o batismo e outras mais, foram inventados para ganhar dinheiro. O Catolicismo é charlatanismo. Sim, essa "religião" explora a fé pública e vive da ingenuidade do povo. É possível que existam padres ingênuos que não enxerguem isso, mas esta é a verdade. Alguém já disse acertadamente que *"o purgatório é a vaca leiteira do Vaticano"*. Veja os exemplos abaixo:

a) Este autor foi a uma igreja católica e perguntou: "Quanto custa uma missa?" Eis a resposta: *"Temos de dois preços: uma simples por 60 cruzados e outra com fundo musical por 85 cruzados"*;

b) O *Catecismo da Igreja Católica* sugere várias coisas para remissão dos pecados, sendo uma delas, *"uma oferta"* (página 402, # # 1.459-1.460). É charlatanismo, ou não é?

c) Como vimos em 5.1.1, o Papa Alexandre VI determinou que o preço da indulgência fosse um terço do que se gastaria com uma viagem a Roma.

5.5. Condena seus "Inocentes" e Absolve os Culpados

Como já sabemos, incoerência é o que há com fartura na Igreja Católica. Quanto a isso, dificilmente uma seita conseguiria superá-la. Embora já tenhamos visto várias dessas contradições, neste subtópico consideramos o fato de o clero católico pregar com um canto da boca que crê na condenação eterna _ como o ensina a Bíblia_ e, com o outro canto da mesma boca, negar esta doutrina. Sim, pois ensinar o povo a rezar por **todos** os mortos, implica em admitir a possibilidade de, finalmente, ninguém ser condenado eternamente. E aí perguntamos: Afinal de contas, há ou não há a pena eterna? O clero católico precisa se posicionar quanto a isso. Precisa mesmo? Sim, precisa. Se você discorda, veja este exemplo: Num panfleto católico intitulado **"ELE ENXUGARÁ SUAS LÁGRIMAS"**, em poder do autor destas linhas (no qual consta que o mesmo foi publicado *"Com aprovação eclesiástica"*, o que prova tratar-se de uma obra **oficial** dessa seita), podemos ler à página 2 a seguinte reza: *"Senhor, lembrai-vos de nossos irmãos que morreram na esperança da ressurreição, e de **todos aqueles que já partiram deste mundo! Acolhei-os junto de Vós, na luz da vossa face!"*** (Grifo nosso). Logo, o clero católico está ensinando a rezar por **"todos aqueles que já partiram deste mundo"**, e isso inclui os que estão no Inferno, e não apenas os seus correligionários que, segundo pregam os chefões do Catolicismo, agora sofrem no purgatório, pagando aquela parte da dívida que o perdão não elimina. Assim pode-se ver que o clero católico empreende anistiar todas as almas penadas do Inferno.

Pasmem o leitor, mas a Igreja Católica lança os seus "perdoados" no suposto fogo do imaginário purgatório oriundo da cuca do Papa Gregório, dizendo-lhes que há uma pena que precisam cumprir antes de entrarem no Paraíso. E, quanto aos que já estão no Inferno, o panfleto católico acima citado recomenda que oremos por eles. Dessa barafunda podemos concluir que, segundo os líderes dessa

seita, os que morreram com todos os seus pecados perdoados não estão tão bem como se pensa; e que os condenados que ora padecem no Inferno, também não estão tão mal quanto se imagina. Interpretando bem, podemos dizer que os clérigos católicos fazem ecoar Inferno adentro: "*Nem tudo está perdido! Ainda há uma esperança! Acalmai-vos! estamos rezando por vós!*". E aos ouvidos dos seus "absolvidos", bradam: "*Alegrai-vos! estamos empreendendo reduzir vossas penas!. Mais cedo ou mais tarde, vosso tormento terá fim! Estamos dando esmolas, celebrando Missas, 'dando' ofertas a título de indulgências, e rezando por vós!*". Relembramos que a própria Igreja Católica, incoerentemente nega isso. Ademais, quem lê a Bíblia sabe que não é isso que Jesus ensinou. Quanta confusão!

5.6. Estou Interpretando Mal?

Certo católico que se identificou como Anderson, me remeteu alguns e-mails, respondendo positivamente à pergunta que deu título ao presente tópico. Segundo o mesmo, a Igreja Católica não nega a totalidade e instantaneidade do perdão. E, em defesa da sua tese, dizendo que eu citei o texto fora do contexto, argumentou:

"A penitência ordenada pelo Sacerdote, após a confissão, não tem nada a ver com o perdão do pecado em si, nem é uma paga pelo pecado perdoado, mas, ao contrário, visa restituir o caminho de santidade na vida do pecador.

Joel iniciou citando o que diz o Catecismo, mas depois, prosseguiu tirando de SUA CABEÇA conclusões que ele deixa parecer serem doutrinas da Igreja e NÃO SÃO.

O sofisma de Joel cai por terra se continuarmos a ler o que diz o Catecismo.

1460: 'A penitência imposta pelo confessor deve levar em conta a situação pessoal do penitente e procurar seu bem espiritual. Deve corresponder, na medida do possível, à gravidade e à natureza dos pecados cometidos.

Pode consistir na oração, numa oferta, em obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, em sacrifícios e principalmente na aceitação paciente da cruz que devemos carregar.

Essas penitências nos ajudam a configurar-nos com Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas. Permitem-nos também tomar-nos co-herdeiros de Cristo ressuscitado, "pois sofreremos com ele": Mas nossa satisfação, aquela que pagamos por nossos pecados, só vale por intermédio de Jesus Cristo, pois, não podendo coisa alguma por nós mesmos, 'tudo podemos com a cooperação daquele que nos dá força' (Cf Fl 4,13). E, assim, não tem o homem de que se gloriar, mas toda a nossa 'glória' está em Cristo... em quem oferecemos satisfação, 'produzindo dignos frutos de penitência' (Cf Lc 3,8.), que dele recebem seu valor, por Ele são oferecidos ao Pai e graças a Ele são aceitos pelo Pai".

Entretanto, defendi-me de sua acusação mais ou menos assim:

O senhor está negando o inegável, e me caluniando, quando diz que eu citei texto sem contexto. Eu não desconsiderei o contexto não. A literatura oficial da Igreja Católica, diz sem rodeios:

a) "*...A indulgência é a remissão, diante de Deus, da **pena** temporal devida pelos pecados **já perdoados**... Todo pecado, mesmo venial,...exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado purgatório... O perdão do pecado e a restauração da comunhão com Deus implicam a remissão das penas eternas do pecado. **Mas permanecem** as penas temporais do pecado... O cristão deve esforçar-se, suportando pacientemente os sofrimentos ... e, chegada a hora de enfrentar serenamente a morte, aceitar como uma graça essas penas temporais do pecado..." (Catecismo da Igreja Católica, páginas 406 – 407, # # 1.471 – 1.473, Grifo meu).*

Ora, o senhor disse que "*A penitência ordenada pelo Sacerdote, após a confissão, não tem nada a ver com o perdão do pecado em si, nem é uma paga pelo pecado perdoado, mas, ao contrário, visa restituir o caminho de santidade na vida do pecador*", mas o Catecismo da Igreja Católica, como transcrito acima, nos fala de uma tal de "*... **pena** ... devida pelos pecados **já perdoados***", que pode

ser eliminada pela indulgência. Além disso, à página 411 do dito *Catecismo* pode-se ler que "*Pelas indulgências os fiéis podem obter para si mesmos e também para as almas do purgatório, a remissão das penas temporais, seqüelas do pecado*". Ora, se há uma "*pena temporal devida pelos pecados já perdoados*", e se até as almas do além necessitam da remissão dessa pena, bem como podem obtê-la, através de uma indulgência, salta aos olhos que o senhor Anderson está equivocado quanto à interpretação da palavra indulgência. Este vocábulo não significa a restituição do "*caminho de santidade na vida do pecador*", como o imagina o senhor Anderson, a não ser que tal restituição do "*caminho de santidade*" signifique o cumprimento da referida *pena devida pelos pecados já perdoados*. Mas, neste caso, o senhor Anderson entraria num beco sem saída, visto que ele já disse que eu estou interpretando mal, quando digo que a Igreja Católica prega que o perdão dos pecados não anula a sentença, mas que tão-somente reduz a pena. É! O senhor Anderson quer meter na nossa cabeça que o *Catecismo da Igreja Católica* não está dizendo o que diz!

Tão logo o pecador é perdoado, ao receber Cristo como seu único e todo suficiente Salvador, deve-se apenas orientá-lo a viver a nova vida em Cristo, a se esforçar para moldar sua vida pela Palavra de Deus, e não ensiná-lo a como se remir da pena devida pelo pecado já perdoado. Pelo pecado perdoado não há pena. Essa heresia, que minimiza a Obra Redentora de Cristo na cruz, nega sim, a totalidade do perdão no ato da conversão, sendo, portanto, indubitavelmente, heresia de perdição, sim, senhor.

Outra prova de que o senhor Anderson "interpretou" erradamente o que diz o *Catecismo da Igreja Católica* acerca da indulgência, é o fato de constar da página 406, # 1471, que "*As indulgências podem aplicar-se aos vivos e aos **defuntos***" (Grifo meu). Isso prova que se a coisa fosse como o senhor Anderson quer, a saber, que a indulgência visa apenas "*restituir o caminho de santidade na vida do pecador*", poderíamos dizer que o clero católico empreende restituir o caminho de santidade até àqueles que já morreram perdoados, os quais, segundo a Bíblia, estão no Paraíso Celestial. O clero católico quer, pois - se é que o senhor Anderson não esteja equivocado - , que os tais cumpram, no Paraíso Celestial onde estão, a *pena devida pelo pecado já perdoado*. Isso, muito longe de ser favorável aos líderes da Igreja Católica, os poria em maus lençóis, pois equivaleria a dizer que o Magistério da Igreja Católica não desgruda do pé de suas vítimas, nem mesmo depois de mortos. Ademais, já que os que morreram perdoados estão no Paraíso, pergunto: Como lhes restituir o caminho de santidade? Talvez o senhor Anderson me rebata, dizendo que muitos dos tais estão no purgatório e, portanto, carentes de indulgências, isto é, de restituição do *caminho de santidade*. Mas essa conclusão está errada pelas seguintes razões:

A) 1) O *Catecismo da Igreja Católica* diz que a "*indulgência é a remissão ... da pena devida pelos pecados já perdoados*", e não, a restituição do caminho de santidade, como disfarça o senhor Anderson, enganando os seus leitores propositadamente; 2) quem já leu a história da Reforma Protestante, sabe que foi a venda de indulgências, praticada por Tetzel, a mando do Papa Leão X, que provocou os protestos de Lutero à Igreja Católica. Em outras palavras: O comércio das indulgências foi a gota d'água que faltava para que o brado luterano se fizesse ouvir em todos os rincões do mundo. Contam-nos os livros de História Universal, que os fregueses do Papa podiam comprar indulgências tanto para si, como para os mortos, e que Tetzel prometia aos seus clientes, que tão logo a moeda timbrasse no fundo do cofre, a alma beneficiada voaria para o Paraíso Celestial. Logo, a indulgência era e é algo que se faz até pelos mortos, o que prova que o senhor Anderson está conceituando-a erradamente, já que, como vimos há pouco, e o senhor Anderson não ousou negar, o *Catecismo da Igreja Católica* ainda sustenta, á página 406, # 1471, que "*As indulgências podem aplicar-se aos vivos e aos **defuntos***" (Grifo meu), isto é, você, tal qual nos dias de Tetzel (Século XVI), ainda pode dar uma "*oferta*" pelos que estão no purgatório e, assim, indulgenciá-los, isto é, redimi-los da pena temporal que ora sofrem no purgatório;

B) Discorrendo sobre a tal de indulgência, disse mais o senhor Anderson, copiando do *Catecismo da Igreja Católica*: "*Pode consistir na oração, numa **OFERTA**, em obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, em sacrifícios e principalmente na aceitação paciente da cruz que*

devemos carregar" (Grifo meu). Isto prova mais uma vez que a Igreja Católica continua charlatã, pois não parou de pregar que podemos comprar a absolvição dos que padecem no purgatório, "dando" uma "oferta", e, desse modo, livrá-los do suposto purgatório, fruto das imaginações da cuca do Papa Gregório, intitulado *O Grande*. Sim, *O Grande! O Grande* embusteiro.

Hebreus 10:17,18, diz: *"E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades. Ora, onde há remissão destes, não há mais oferta [indulgências?] pelo pecado"*. É! Exatamente o que o Catecismo diz e o senhor Anderson não pôde negar: "oferta". Sim, pois disse acima o senhor Anderson: *"Pode consistir ... numa **OFERTA** ...* (grifo meu). Senhor Anderson, *oração; oferta; obras de misericórdia, no serviço do próximo; privações voluntárias* (jejuns, por exemplo); *sacrifícios; aceitação paciente da cruz que devemos carregar, etc.*, são os frutos dignos de arrependimento (Lc 3.8), ou seja, aquilo que se espera de um cristão, como consequência da nova vida que Jesus lhe deu quando o perdoou, e não algo que vise remir o perdoador de alguma pena, como o ensinam os seus líderes espirituais. E relembro que, se é para remir da pena devida pelos pecados já perdoados, então, para o pecado perdoado ainda há pena. E, se há pena, como o insiste o Catolicismo, então, quão mentiroso é o "perdão" católico!

Já vimos que o Concílio de Trento afirmou: *"Se alguém disser que, depois de receber a graça da justificação, a culpa é perdoada ao pecador penitente e que é destruída a penalidade da punição eterna e que nenhuma punição fica para ser paga ou neste mundo ou no futuro, antes do livre acesso ao reino ser aberto, seja anátema"* (Seção VI). E porventura, o fato de o *Catecismo da Igreja Católica* nos falar duma tal de *pena devida pelo pecado já perdoado*, não está, por conseguinte, ratificando a negação da totalidade e instantaneidade do perdão de Deus em Cristo, no ato da conversão, como também o fizera o Concílio de Trento? O pior cego, senhor Anderson, é aquele que não quer enxergar, e o senhor o é, infelizmente!

E, quanto à observação do senhor Anderson, de que no *Catecismo da Igreja Católica* consta que *"Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas"*, observo que essa é apenas mais uma demonstração do quanto o Catolicismo é incoerente, o que informo amiúde no meu livro. Ora, se Cristo, sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas, por que a Igreja Católica nos fala ainda duma tal de *pena devida pelos pecados já perdoados*?

E o senhor Anderson prossegue em seu arrazoado, transcrevendo do sobredito Catecismo, no intuito de "provar" que o contexto prova que eu menti propositadamente: *"Mas nossa satisfação, aquela que **PAGAMOS por nossos pecados**, só vale por intermédio de Jesus Cristo, pois, não podendo coisa alguma por nós mesmos, 'tudo podemos com a cooperação daquele que nos dá força'(Cf Fl 4,13). E, assim, não tem o homem de que se gloriar, mas toda a nossa 'glória' está em Cristo... em quem oferecemos satisfação, 'produzindo dignos frutos de penitência (Cf Lc 3,8.), que dele recebem seu valor, por Ele são oferecidos ao Pai e graças a Ele são aceitos pelo Pai"* (Grifo meu). Como o leitor viu, o tiro saiu pela culatra, já que a palavra "pagamos" consta do texto transcrito pelo senhor Anderson. O senhor Anderson está fazendo, é como se um inábil advogado, enquanto argumentasse tentando provar que o réu, seu cliente, é inocente, exibisse provas cabais de que o mesmo verdadeiramente é culpado dos hediondos crimes de que é acusado. Quão difícil é, entender aonde o senhor Anderson quer chegar!

Não! Não! Não! Senhor Anderson! Os perdoados nada pagam pelos seus pecados! A verdadeira Teologia não admite isso em hipótese alguma. O cristão produz frutos em consequência da gratidão a Cristo que pagou sua dívida e lhe deu nova vida, e não a título de pagamento pelos seus pecados. Afinal, o pecado foi perdoado, ou não foi? Cristo já pagou, ou não pagou? Cristo pagou tudo, ou pagou só uma parte?

O *Catecismo da Igreja Católica* tenta esconder que nega que o pagamento efetuado por Cristo nos basta, para a nossa salvação, dizendo que ... *"Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados **uma vez por todas**"...* E: *"nossa satisfação, aquela que **PAGAMOS POR NOSSOS PECADOS, só vale por intermédio de Jesus Cristo**, pois, não podendo coisa alguma por nós mesmos, 'tudo podemos com a cooperação daquele que nos dá força'(Cf Fl 4,13). E, assim, não tem o homem de que se gloriar, mas toda a nossa 'glória' está em Cristo ... em quem oferecemos satisfação, 'produzindo dignos frutos de penitência (Cf Lc 3,8.), que dele recebem seu valor, por Ele são oferecidos ao Pai e*

graças a Ele são aceitos pelo Pai' " (Grifo meu). Acontece, porém, que a única satisfação pelo pecado, que Deus aceita, é aquela que Cristo deu na cruz. Nós não temos que dar nenhuma satisfação, mas sim, apelarmos para a satisfação que Cristo deu no madeiro. Não acabamos de ver que o próprio *Catecismo da Igreja Católica*, incoerentemente diz que "*Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas*"? "*Dignos frutos de penitência*" (ou "*frutos dignos de arrependimento*", segundo as Bíblias de versão protestantes), é a vida de piedade, abnegação, resignação e contrição aos pés do Senhor, e isto, numa demonstração de gratidão pelo pagamento efetuado por Cristo, e não como parte do pagamento da dívida. Não nos toca pagar parte alguma, visto que Cristo levou em seu corpo **os** *nossos pecados* (1 Pe 2.24), e não, **uma parte dos** *nossos pecados*. Como bem o diz o *Catecismo da Igreja Católica*, o pagamento efetuado por Jesus se deu uma vez por todas. Nenhuma satisfação pelo pecado, dada por nós, terá a aceitação do Pai. Isso é subestimar o preço que foi pago pelo Filho. O pecador tem é que se aproximar do Pai, apelando para a satisfação que o Filho deu no Calvário, e em hipótese alguma deve se valer de qualquer outra satisfação, nem mesmo sob pretexto de fazê-lo em nome do Filho, e à base dos méritos dEle. Até porque para que alguém pudesse dar alguma auto-satisfação em nome do Filho, este teria que nos autorizar a fazê-lo, já que esta é a definição de *em nome de*. Mas, como sabemos pela Bíblia, o Filho quer é que apelemos para a satisfação que Ele deu no Gólgota, e não que ofereçamos nossas satisfações ou co-satisfações que nada satisfazem. Nossas "satisfações" não satisfazem a Deus, nem tampouco a nós mesmos, pois a insatisfação, em forma de um vazio que só Deus pode preencher, jaz nos corações dos que tentam propiciar a Deus valendo-se de seus recursos, ou somando estes ao sacrifício de Jesus, ao invés de apelarem **SÓ** para a satisfação que procede do Calvário.

Quando a Bíblia diz que "*tudo podemos com a cooperação daquele que nos dá força*" (Cf Fl 4,13)", isso não inclui a capacidade de darmos satisfação pelo pecado (isto é, de pagarmos alguma coisa pelo pecado), como o quer o *Catecismo da Igreja Católica*, com o qual aquiesce o senhor Anderson; antes se refere à força que Deus nos dá para vivermos como cristãos em meio às adversidades da vida. Refere-se a um estilo de vida pautado pela Lei moral de Deus, uma submissão ao Senhorio de Cristo como princípio, e não a efetuação de parte do pagamento da dívida.

O *Catecismo da Igreja Católica*, exatamente para que o dito fique pelo não dito, diz: "*Essas penitências nos ajudam a configurar-nos com Cristo, que, **sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas*** (Grifo meu). Mas, como o diabo não consegue esconder o rabo, diz a seguir o incoerente *Catecismo*: "*Mas nossa satisfação, aquela que **PAGAMOS** por nossos pecados, só vale por intermédio de Jesus Cristo, pois, não podendo coisa alguma por nós mesmos ...*" (Grifo meu). Ora, se Cristo, *sozinho expiou nossos pecados uma vez por todas*, então Ele deu satisfação *cabal e sozinho*. E, portanto, pagou **sozinho**, uma vez por todas. E sendo assim, por que, a seguir, contraditoriamente nos fala de uma tal de *nossa* **satisfação, aquela que **pagamos** por nossos pecados"? Interpretando bem, o que o *Catecismo da Igreja Católica* está dizendo, é que nós, por nós mesmos, posto que somos fracos, não conseguiríamos pagar nada, mas com a ajuda de Deus nós conseguiremos pagar a parte que nos toca, que é aquela seqüela que, segundo o Catolicismo, nos resta, depois que o pecado é perdoado. E indulgência é o nome da remissão dessa pena, que pode ser parcial ou integral, conforme as condições do cliente. E, quanto aos que estão cumprindo tal pena no purgatório, a indulgência para eles pode ser obtida por aqueles que ainda estão vivos neste mundo.**

O senhor Anderson não mentiu, quando afirmou que eu dissera que "*o Catolicismo sustenta que o perdão não anula a sentença, mas tão-somente reduz a pena. Ao ser perdoado, o castigo eterno é trocado pelo castigo temporário*", mas mentiu quando disse que o Catolicismo não prega o que eu disse que prega. Porém, leitor, leia de novo os textos acima copiados da literatura católica e veja mais uma vez que de veras não faltei com a verdade, como o senhor Anderson tenta inculcar nas suas vítimas:

1) "*...A indulgência é a remissão, diante de Deus, da **pena** temporal devida pelos pecados **já perdoados**... Todo pecado, mesmo venial,...exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado purgatório... O perdão do pecado e a restauração da comunhão com Deus implicam a remissão das penas eternas do pecado. **Mas permanecem** as penas temporais do*

pecado... O cristão deve esforçar-se, suportando pacientemente os sofrimentos ... e, chegada a hora de enfrentar serenamente a morte, aceitar como uma graça essas penas temporais do pecado... (Catecismo da Igreja Católica, páginas 406 – 407, # # 1.471 – 1.473, Grifo meu).

2) *"Se alguém disser que, depois de receber a graça da justificação, a culpa é perdoada ao pecador penitente e que é destruída a penalidade da punição eterna e que nenhuma punição fica para ser paga ou neste mundo ou no futuro, antes do livre acesso ao reino ser aberto, seja anátema"* (Concílio de Trento, Seção VI, citado em *Seitas e Heresias, Um Sinal dos Tempos*, de Raimundo F. de Oliveira, 9ª edição de 1994, CPAD, página 25).

O senhor Anderson cava a sua própria sepultura quando, tentando provar que a Igreja Católica não nega a totalidade do perdão, copia (como o leitor já sabe e, caso tenha se esquecido, é só rereer o que consta das linhas acima) do *Catecismo da Igreja Católica* o que se segue: ... *"nossa satisfação, aquela que **PAGAMOS** por nossos pecados"* ... (Grifo meu). Prega ou não prega a Igreja Católica a parcialidade do pagamento efetuado por Cristo? Prega ou prega a Igreja Católica a parcialidade do perdão?

O senhor Anderson, no intuito de fazer crer que a indulgência não é o que eu disse ser, transcreveu um texto que trata da penitência, e não das indulgências. Veja se não é: *"1460: A **PENITÊNCIA** imposta pelo confessor deve levar em conta a situação pessoal do penitente e procurar seu bem espiritual. Deve corresponder, na medida do possível, à gravidade e à natureza dos pecados cometidos.*

Pode consistir na oração, numa oferta, em obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, em sacrifícios e principalmente na aceitação paciente da cruz que devemos carregar.

*Essas **penitências** nos ajudam a configurar-nos com Cristo, que, sozinho, expiou nossos pecados uma vez por todas. Permitem-nos também tomar-nos co-herdeiros de Cristo ressuscitado, "pois sofremos com ele": Mas nossa satisfação, aquela que **PAGAMOS** por nossos pecados, só vale por intermédio de Jesus Cristo"* ... (Grifo meu). O senhor Anderson não conseguiu negar que a Igreja Católica sustenta que uma parte da dívida do perdoado, é paga pelo próprio: ... *"aquela que **pagamos**"...*

Eu disse há pouco que o senhor Anderson, no intuito de fazer crer que a indulgência não é o que eu disse ser, transcreveu um texto que trata da penitência, e não das indulgências. E, a seguir, exibiu as provas, com transcrições, grifando o vocábulo "penitência", constante do referido texto transcrito pelo senhor Anderson. Mas há mesmo uma distinção entre "penitência" e "indulgência"? Será que *penitência* não é o mesmo que *indulgência*? Resposta: *"A Igreja recomenda as esmolas, as **indulgências** e as obras de **penitência** em favor dos defuntos"* (Catecismo da Igreja Católica, página 291, # 1032). Veja o leitor que entre as palavras *indulgências* e *penitência* há uma conjunção aditiva "e", ligando os vocábulos, o que seria desnecessário, se uma coisa fosse a outra. E qual é a diferença? O *Catecismo da Igreja Católica* responde: *"Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja"* ... Logo, a penitência precede o perdão, que, por sua vez, como já sabemos, precede a indulgência, já que esta não tem por objetivo redimir o não perdoado, mas sim, o perdoado. Lembre-se que a indulgência redime da pena devida pelo pecado já perdoado, e não o contrário disso, segundo prega a Igreja Católica. Talvez o leitor esteja achando tudo isso muito complicado e difícil de se entender, porém, o filho não é meu. Sim, a penitência precede a indulgência, já que esta sucede o perdão. Ou seja, o perdão fica entre a penitência e a indulgência. Primeiro o pecador obtém o perdão dos seus pecados, o que se dá mediante a penitência. E, uma vez obtido o perdão, resta ao perdoado correr atrás de uma indulgência, que o redimirá das marcas deixadas pelo perdão alcançado mediante a penitência. Certamente você não está entendendo nada, mas não se preocupe, pois isso não existe para ser entendido, mas sim, obedecido, pois procede de um infalível que manda tanto quanto Cristo, como bem já nos alertou o Padre Álvaro Negromonte, acima citado.

5.7. A Diferença que Faz Diferença

As disparidades que há entre o Catolicismo e o movimento evangélico são enormes. Porém, muitas dessas divergências, são diferenças que não fariam diferença, caso convergíssemos a respeito da redenção em Cristo. Até mesmo alguns erros graves poderiam ser tolerados por nós, se convergíssemos no Calvário. Por exemplo, a obrigatoriedade do celibato eclesiástico (tema do nono capítulo deste livro) é, a nosso ver, um erro gravíssimo. Contudo, não teríamos coragem de dizer que a Igreja Católica não é de Deus, só por causa desse erro e outros similares. Os dogmas da perpétua virgindade de Maria, sua imaculada concepção e sua assunção ao Céu em corpo e alma (consideramos isso no próximo capítulo), são erros gravíssimos que, não obstante, poderiam ser tolerados se não divergíssemos a respeito da redenção pelo sangue de Jesus. E muitos outros exemplos poderiam ser dados. Mas há, entre outros, um erro fatal no Catolicismo, que não pode ser tolerado, sob pena de irmos para o Inferno. Que erro é esse? É sobre o Evangelho, ou seja, a respeito da Boa Nova de Salvação pela fé em Jesus. A Igreja Católica não prega o Evangelho. Por que não?! Resposta: Porque a Igreja Católica prega que o perdão que Deus nos dá em Cristo não é total, e sim, parcial. A Igreja Católica prega que o perdoado está livre da punição eterna, mas não está livre de ser punido por algum tempo, nesta vida e/ou depois da morte, no estado chamado purgatório. Isso equivale a dizer que Cristo não perdoa 100%. É esse "evangelho" que Jesus mandou pregar?

A Bíblia é categórica ao informar-nos que não existe perdão parcial. O pecador aceita ou não aceita a Jesus como seu Salvador. Por este motivo, Cristo perdoa ou não perdoa. A idéia de que o perdoado tem uma dívida a pagar é algo estranho às Escrituras Sagradas.

O Evangelho que Jesus mandou pregar não é informar ao pecador que ele tem uma dívida, nem tampouco como e quando poderá pagá-la. A Cruz de Cristo não é uma renegociação da dívida. Também não é informar aos perdidos que Jesus está dando mais de 50% de abatimento a quem arrependido crer. Mas sim, pregar que Cristo está oferecendo o cancelamento total da nossa dívida mediante o pagamento que Ele efetuou por nós lá na cruz.

O fato de a Igreja Católica subtrair o poder do sacrifício de Jesus por nós, julgando-o insuficiente, por dar-lhe coadjuvantes como sofrimentos (aqui e/ou depois da morte, no purgatório), boas obras, esmolas, missas, indulgências... é, a bem dizer, negar o Evangelho. Quem crê nisso, não está crendo no Evangelho. O Evangelho é perdão total pelo sangue de Jesus. E, segundo nos alertou Jesus, quem não crer no Evangelho será condenado.

O plano de salvação apresentado pela Igreja Católica não é o Plano exposto pela Bíblia. Logo, o Catolicismo não prega e nem vive o Evangelho; não sendo, portanto, um movimento evangélico.

O argumento apresentado pelos evangélicos a respeito da salvação pela graça por meio da fé é muito convincente. Só não convence aos padres, porque eles não raciocinam, por julgarem que já têm quem raciocina por eles. Também não convence aos bispos e papas, pois se julgam superiores a tudo e a todos, e "estranham" não nos submetemos a eles cegamente, como os padres o fazem.

No Catolicismo, Cristo não é visto como único e todo suficiente Salvador. Por este motivo, embora possamos provar que não somos radicais e intolerantes, não nos foi possível fazer vista grossa ao Catolicismo Romano. Estamos dispostos a suportar reciprocamente as fraquezas dos nossos irmãos, mas não aceitamos compactuar com os falsos profetas.

Caro irmão em Cristo, quando um católico lhe perguntar por que você não crê que a Igreja Católica é de Deus, diga-lhe que é porque ela não prega o Evangelho. E ajude-o a entender esta verdade. Se possível, compre numa livraria católica o Catecismo da Igreja Católica, da Editora Vozes, pois com ele nas mãos você poderá provar aos católicos que as citações que este autor faz do mesmo, não são calúnias.

A diferença que há entre católicos e evangélicos não é que um é certo e o outro é errado. Não! Somos igualmente fracos. Estamos todos contaminados com o "vírus" do pecado. As diferenças são as seguintes:

1ª) O evangélico crê num Salvador Onipotente, que salva instantaneamente, sem depender da nossa ajuda; enquanto o católico crê num "salvador" frágil, que "salva" progressivamente, se o católico o

ajudar;

2ª) O evangélico crê num Perdoador que perdoa os pecados total e instantaneamente; ao passo que o católico crê num "perdoador" que "perdoa" parcialmente, deixando alguns resíduos para que o "perdoado" os expie, fazendo boas obras ou sofrendo suas conseqüências aqui e/ou no além-túmulo, no estado chamado purgatório;

3ª) O evangélico crê que Jesus pagou toda a sua dívida lá na cruz, mas o católico crê que Jesus pagou apenas uma parte da sua dívida, e que o ajudará a pagar o restante;

4ª) O evangélico crê que Jesus o substituiu totalmente, na morte e no sofrimento; mas no catolicismo, Cristo é mais um exemplo a ser seguido, do que o nosso substituto;

5ª) O católico se esforça para imitar o seu arquétipo e assim merecer a salvação, mas o evangélico se esforça para agradar àquele que pelo Seu sacrifício substitutivo já o tornou digno da salvação;

6ª) O evangélico afirma com ousadia que já está salvo, mas o católico acha que afirmar isso é cometer o grave pecado chamado presunção;

7ª) O evangélico crê num Advogado que reivindica a absolvição do seu cliente, argumentando que a dívida do réu já foi paga por Ele mesmo, isto é, pelo próprio Advogado; mas o católico aprende que há uma "advogada" que humildemente suplica e implora que o réu seja perdoado, o que é impossível, já que o Juiz é justo e assistiu ao crime;

8ª) O evangélico se vale exclusivamente dos méritos oriundos da cruz de Cristo, mas o católico se vale dos seus próprios "méritos". O católico típico crê que os méritos que procedem da cruz de Cristo, embora importantes, não são suficientes;

9ª) O evangélico confia inteiramente na graça de Deus, mas o católico supõe que Deus não lhe dará calote, pagando-lhe em dia pelo bom serviço prestado;

10ª) O evangélico crê que Jesus é o seu "Cordeiro" pascal, ou seja, o seu "Bode" expiatório; mas o católico, embora diga que também crê na expiação efetuada por Cristo, de fato não vê em Jesus mais que um arquétipo; etc.

Isso tudo acontece porque o católico não sabe porque Jesus morreu. Com raríssimas exceções, os católicos crêem que a razão pela qual Jesus morreu é: "Para o homem se salvar, basta-lhe ser bondoso até para com seus inimigos. E Jesus veio ensinar isso. E o fez não só com palavras, mas sobretudo, com atos, não pagando na mesma moeda o mal que lhe fizeram." Nada, porém, está mais longe da verdade. Segundo a Bíblia, a razão pela qual Jesus morreu é: O homem é pecador e Deus é justo, por cujo motivo ficamos irremediavelmente perdidos. Então Jesus desceu do Céu para cumprir a pena em nosso lugar. Ele é o nosso substituto. Por isso fica quitado para com Deus, quem apela para o Seu sacrifício substitutivo. O sacrifício do Senhor não expia os nossos pecados apenas parcialmente, pois está escrito que o sangue de Jesus nos purifica de *todo* o pecado (1 Jo 1.7).

Precisamos informar aos católicos que aceitar Cristo como Salvador é mais do que crer na Sua existência, Seu nascimento virginal, Sua vida santa, Sua morte, Sua ressurreição, Sua divindade; é mais do que cumprir normas, ou seja, guardar Sua Lei moral. É, sim, fazer do Seu sacrifício, nossa tábua de Salvação, nosso único recurso salvífico, nosso argumento forte diante de Deus. Precisamos informar aos católicos que Deus não perdoou os nossos pecados, mas castigou-os, na pessoa de Jesus. Precisamos deixar bem claro que Jesus não perdoou a nossa dívida, mas sim, pagou-a por nós e para nós lá na cruz; e que é por isso que Ele é o nosso Salvador. Ele não salva com Suas Palavras e/ou com Seus brilhantes exemplos. Não! Ele salva com o Seu sangue.

Não é errado dizer que Deus perdoa pecado, pois a Bíblia o diz claramente. Mas precisamos

explicar que Deus perdoa através de Cristo, isto é, Deus se serve do sacrifício de Cristo para não punir os que se valem deste mesmo sacrifício. E, valendo-se de uma força de expressão, chamou isto de perdão. O perdão teológico, é, pois, diferente do perdão em termos humanos. É mais pagamento do débito, efetuado pelo próprio Deus, pelo sacrifício de Si mesmo, do que perdão da dívida.

Embora Deus não seja débil mental, a Bíblia diz que Ele se esqueceu dos pecados dos cristãos. E, embora Ele não possa perdoar pecado, por ser o justo Juiz, a Bíblia diz que ele perdoa. Você entendeu agora o arranjo de Deus? Sirva-se deste arranjo, e seja salvo pela graça, por meio da fé, agora. Sim, agora, pois Romanos 8.1 diz que *agora* não há nenhuma condenação para os cristãos!

A grande maioria dos católicos não sabe que a Igreja Católica nega a totalidade e instantaneidade do perdão de Deus em Cristo. O Catecismo oficial da Igreja Católica prega isso explicitamente, mas os padres o fazem apenas de modo implícito. Por não destoarem dessa heresia, os clérigos rezam missas pelos mortos do imaginário Purgatório, distribuem indulgências, determinam penitências, etc. Contudo, como os leigos se movem no "automático", isto é, não filosofam suas práticas religiosas, por isso não conseguem enxergar que o verdadeiro Evangelho não admite esses coadjuvantes, visto que, segundo a Bíblia, o sangue de Jesus é suficiente (Cl 2.14). Em outras palavras: Eles não captam a mensagem dos padres. Não entendem que a "igreja" deles nega a totalidade e instantaneidade do perdão, isto é, nega o perdão, nega o Evangelho.

Bem, do fato de afirmarmos que a grande *maioria* dos católicos não sabe o que o Catolicismo diz sobre o perdão, se subentende que a minoria não ignora isso. Realmente já ouvimos alguns católicos dizerem que sabem disso e que com isso concordam plenamente. Temos dito a esses católicos que embora eles tenham o direito de crer no que bem quiserem, é incoerência se proclamar cristão sem crer no perdão tal qual ensinado pela Bíblia.

No que diz respeito ao perdão bíblico, os clérigos católicos cometem dois equívocos ao mesmo tempo:

1º) pregam o perdão, negando-o. Eles não dizem que Jesus não perdoa. O que eles dizem é que não basta estarmos perdoados. Afirmam que o perdão não anula a sentença, mas tão-somente reduz a pena. Dizem que ao perdoado resta ainda redimir-se da pena devida devida pelo pecado já perdoado. Dizem que a indulgência parcial realiza em parte este trabalho, e que a indulgência plenária não deixa a desejar. Ora, se o perdoado devesse mesmo tal pena, e se houvesse dois expedientes capazes de redimi-lo dessa pena, sendo que um redimi parcialmente, e o outro integralmente, por que não eliminaram o menos eficaz e ficaram só com o mais eficaz? Em outras palavras: Por que não eliminaram a indulgência parcial, e ficaram só com a indulgência plenária? A resposta é simples: As indulgências eram comercializadas por altas somas, o que dificultava aos pobres usufruírem da mesma "graça". Fazer-lhes um precinho mais camarada, não foi o que subiu à cuca do Papa Leão X. Ele tinha outra solução para essa questão. A solução seria: Quando não se pode comprar um produto de melhor qualidade, por ser mais caro, resolve-se o problema adquirindo um de qualidade inferior, mas que também satisfaz, pelo menos em parte. Logo, todos, ricos e pobres, mandavam o que podiam para a construção da Basílica de São Pedro. A indulgência adquirida pelos pobres não eram lá das melhores, mas também quebravam um galho. Em outras palavras: Quem não tem cachorro, caça com gato.

2º) Não assumem que não são cristãos. Ora, isso é incoerência ao quadrado. Quem não crê no perdão tal qual ensinado pela Bíblia, se não quer ser incoerente, precisa fazer uma dessas duas coisas: Ou não ser religioso, ou seguir a uma religião que assuma que não é cristã, como o Budismo, o Hinduísmo, o Confucionismo, o Islamismo, etc. O indivíduo (ou a religião) que não age assim, não está falando coisa com coisa. Sim, o Cristianismo sempre pregou a totalidade e instantaneidade do perdão. Logo, quem não crê nisso, não é cristão. E, se esse infeliz teima em arrogar a si o título de cristão é, obviamente, hipócrita e incoerente.

Do exposto acima, vê-se que a respeito do Evangelho, a Igreja Católica comete os seguintes pecados:

a) Não prega o Evangelho

Como vimos, a Igreja Católica não prega a totalidade e instantaneidade do perdão; portanto, não prega o Evangelho, já que este é a Boa-Nova de que Jesus pagou *toda* a nossa dívida, sofrendo as conseqüências dos nossos pecados em nosso lugar;

b) Nega o Evangelho

O Catolicismo, além de não pregar o Evangelho, nega-o, visto que negar a totalidade e instantaneidade do perdão, é, obviamente, negar o Evangelho;

c) Mercantiliza o Evangelho

Porventura, sugerir que se dê uma oferta para remir-se da pena do pecado, como vimos em 5.4.4.b, não é mercadejar a salvação? Você tem certeza que isso não é charlatanismo?

d) Falsifica o Evangelho

O mais prejudicial dos erros da Igreja Católica é falsificar o Evangelho. Se essa seita se limitasse a não pregar o Evangelho, ou a negá-lo, o perigo seria bem menor. Nesses casos, só os que não quisessem ser cristãos, se filiariam a ela. Mas, por vender gato por lebre aos incautos, pessoas bem intencionadas que, doutro modo, seriam verdadeiros servos de Deus, acabam abraçando um falso evangelho, crendo num falso Jesus, tornando-se membros de uma falsa igreja, e indo para um "Céu" diametralmente oposto à casa do Pai, da qual nos falou Jesus (Jo 14:2).

* * *

Depois da apresentação supra, certamente está claro que a Igreja Católica a um só tempo prega e nega o perdão, bem como prega e nega o castigo eterno; e que essa ambigüidade tem alvo bem definido: fazer com que o dito fique pelo não dito e, deste modo, confundir os ingênuos. Destes, porém, milhões já se libertaram, e milhões se libertarão ainda! Deus vai arrancá-los desse "egito" e transportá-los à "terra que mana leite e mel": à graça de Deus em Cristo!

Quase que invariavelmente, quando nós, os evangélicos, propomos denunciar os equívocos do Catolicismo, os católicos partem para a revanche, alegando que nós também falhamos. Isso, porém, não é novidade, pois temos consciência de que a verdadeira Igreja de Cristo realmente nunca foi perfeita. Contudo, temos a sublime missão de pregar o verdadeiro Evangelho a todos os que ignoram o poder do sangue de Jesus, e isso inclui os católicos. Somos como os cristãos primitivos, os quais, embora não fossem perfeitos, conheciam o Salvador e o tornavam conhecido dos povos através de seus sermões. Não somos melhores do que os católicos, mas somos clientes de um Advogado que conseguiu a nossa absolvição, e desejamos que os católicos também ajustem o Dr. Jesus, para que também saiam da prisão espiritual na qual se encontram, assim como nós já saímos. Não somos perfeitos, e sim, perdoados por Jesus. Tal se dá porque já aceitamos a Jesus como nosso único e todo suficiente Salvador e Senhor pessoal. Esta experiência os católicos ainda não têm, e, no que depender de nós, tudo faremos para que também usufruam desta bênção! Já dizia Agostinho: "*O pecado é comum a todos, mas o arrependimento é próprio dos santos*". Parafraseando-o diríamos que erro todos temos, mas perdão, só os que, rompendo com os ídolos, a auto justificação, a indiferença e outras heresias de perdição, confiam só no sangue de Jesus!

Realmente nenhuma igreja evangélica é perfeita. Mas uma coisa é ser uma igreja cristã passível de falhas, outra bem diferente é não ser Igreja. E este é o caso da Igreja Católica, ou de qualquer outra "igreja" que não prega que Cristo perdoa 100% os que nEle crêem. Sim, leitor, a Igreja Católica não é uma igreja errada, nem tampouco uma igreja certa. Ela simplesmente não é Igreja, na concepção teológica do termo. A Igreja Católica não é uma igreja certa, não é uma igreja errada, nem

tampouco é uma igreja mais ou menos. Não!!! Ela simplesmente não é igreja. Ela Não tem nada a ver com isso.

Quanto à denúncia acima de que a Igreja Católica é uma instituição charlatã, muitos católicos tentam se defender, alegando que há pastores evangélicos que também praticam o charlatanismo. Mas eles precisam saber que tais "pastores" também estão indo para o Inferno. E se o caro leitor não quer encontrá-los lá, deixe de lorota e aceite Cristo como seu único e todo suficiente salvador e Senhor pessoal agora. E se você já o fez, mas ainda está na Igreja Católica, saia dela já, visto que de outro modo você sempre será como um peixe fora d'água. Não tente mudá-la. Essa meretriz é incorrigível. *Roma sempre a mesma.*

Ao sair da Igreja Católica, não se dirija às igrejas que se intitulam evangélicas, mas que também estão a serviço de Satanás. Ore ao Senhor pedindo-lhe Sua direção, e leia a Bíblia. Vincule-se a um trabalho sério ou funde sua própria denominação. Se precisar de ajuda, contate-nos. Estamos às suas ordens.

A Igreja Católica tem sido grandemente usada pelo Diabo para esconder do povo a Boa-Nova de Salvação que Jesus mandou pregar. Que Deus se apiede de nós e nos livre dessa arapuca de Satã!

Bem disse o Padre Vicente Wrosz: "*A diferença entre católicos e protestantes é essencial, e bem maior do que parece*" (*Respostas da Bíblia às Acusações dos "Crentes" Contra a Igreja Católica*, Livraria Editora Pe. Reus, 48ª edição /2000, página 13).

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DA MARIOLOGIA CATÓLICA

Geralmente se sabe que a Igreja Católica prega que Jesus é o Salvador, e que Maria e os santos atuam junto a Cristo, intercedendo por nós ao Salvador. Sabe-se também que nós, os evangélicos, discordando disso, alegamos ser antibíblico pedir aos espíritos dos mortos que intercedam por nós. Mas poucos sabem que a coisa não pára por aí. A maioria ignora que a cúpula da "Igreja" Católica prega uma heresia ainda maior do que essa, a saber, segundo os papas, os bispos e demais clérigos da Igreja Católica, Cristo não é o Salvador, e sim, o justo Juiz, cuja missão não é nos salvar, mas nos julgar e punir. Segundo os chefões do Catolicismo, é Maria quem nos advoga junto ao justo Juiz que é Cristo e obtém nossa absolvição. E, obviamente, isso é negar que Cristo é o Salvador.

Embora entre uma e outra negação, os clérigos católicos afirmem que Jesus é o único Mediador entre Deus e o homem e, portanto, o único Salvador, enfatizam, entretanto, que Jesus não salva ninguém, chegando mesmo a afirmar que salvar o pecador não é a missão de Cristo, e sim de Maria. Geralmente isso fica apenas implícito, mas às vezes isso é dito explicitamente. Esse emaranhado tem por finalidade fazer com que o dito fique pelo não dito, e a arapuca do Diabo funcione. Todavia, se formos bons observadores, veremos que isso prova que tais clérigos são contraditórios e sutis. E é essa sutileza que faz com que a maioria ignore que o Catolicismo tenta destituir a Cristo de Sua investidura, e conferir a Maria o ofício do Senhor Jesus.

Provamos neste capítulo que a Igreja Católica prega que:

- 1) Jesus não é o Salvador, mas sim, Juiz;
- 2) O ofício de Jesus é julgar e punir, não salvar;
- 3) O ofício de salvar o pecador pertence a Maria, não a Cristo;
- 4) O coração de Maria é o caminho que nos conduz a Deus;
- 5) Maria é a única advogada dos pecadores;
- 6) Maria é a verdadeira mediadora entre Deus e os homens;
- 7) O pecador não deve recorrer a Cristo, mas sim, a Maria;
- 8) Ninguém pode entrar no Céu sem passar pela porta que é Maria;

- 9) Maria morreu para nos salvar;
- 10) Maria ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia;
- 11) Maria está no Céu em corpo e alma;
- 12) Maria é a Rainha do Universo;
- 13) Maria vai salvar a humanidade;
- 14) Jesus é o justo Juiz, e Maria, a advogada;
- 15) O Reinado da misericórdia pertence a Maria, e o Reinado da justiça pertence a Deus;
- 16) Maria é Mãe de Deus;
- 17) Maria é Nossa Senhora;
- 18) Maria é a escada do Paraíso;
- 19) Quem não é devoto de Maria está perdido nas trevas;
- 20) Maria é digna de um culto especial, chamado Hiperdulia, isto é, super culto;
- 21) Maria se manteve virgem por toda a sua vida;
- 22) Jesus é o único filho de Maria;
- 23) As estátuas de Maria podem sangrar, chorar, sorrir, exalar fragrância e até falar;
- 24) A casa na qual Maria vivia em Nazaré, foi transportada por anjos para Loreto, Itália;
- 25) Maria é onividente;
- 26) Maria é toda poderosa junto a Deus; etc.

Geralmente, os católicos carismáticos não têm se demonstrado menos endeusadores de Maria do que os católicos tradicionais; pois nos livros e revistas desse movimento encontramos as seguintes heresias:

- 1) A morte veio por Eva, e a vida por Maria;
- 2) Maria é a Estrela da manhã;
- 3) Maria é a porta do Céu;
- 4) Aleluia a Maria, etc.

Como já sabemos, há, segundo o jornal *O Globo*, de 28/08/1998, um grupo formado por católicos, pleiteando junto ao Vaticano, que Maria seja reconhecida como a 4ª (quarta) Pessoa da Divindade.

A finalidade deste livro é a salvação de pessoas sinceras, porém iludidas, vítimas do Catolicismo Romano.

São muitos os católicos, tanto leigos quanto clérigos, que concluíram precipitadamente que nós, os evangélicos, odiamos a Maria, mãe de Jesus. Veja estes exemplos:

A) O padre André Carbonera, inegavelmente referindo-se a nós, disse: *"Muitos afirmam crer em Jesus, mas têm ódio da mãe do mesmo Jesus... Negam, rejeitam e insultam a mãe de Jesus."* Prossequindo tachou-nos de burros por não pedirmos a Maria que rogue por nós a Deus, nestes termos: *"Em nosso peregrinar terráqueo, quanto mais pistolões houver, melhor! Por que jogar fora, então, os que pedem e rezam por nós, bem pertinho de Deus e de Jesus, como Maria e os santos? Seria uma inútil auto-suficiência e uma enorme burrice!..."* (Defesa da Fé, órgão oficial do ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, setembro/outubro de 1998, página 28, grifo nosso).

Porém, podemos provar que não odiamos a Maria, e que tão-somente a deixamos quietinha no lugar onde ela mesma se pôs (Lc 1.38,46-48). Deixamos claro ainda que a nossa postura é um gesto de submissão a Deus, e não um ato de burrice, como o supõe o amado Padre André Carbonera.

B) O Padre D. Francisco Prada, em seu livro *Novenário*, 3ª edição de 1996, editado pela **AM edições**, à página 66 ele insinuou que nós, os evangélicos, damos prova de ignorância e denegrimos a mãe de Jesus, quando pregamos que Maria se relacionava sexualmente com o seu marido. Disse ele: *"Assim, aqueles que se prevalecem do Evangelho para denegrir a Virgem Santíssima dão provas de ignorância..."*. Ele disse *aqueles*, sem determinar a quem se referia, mas pareceu-me claro, **à luz do contexto**, que se trata de uma refutação aos evangélicos.

O referido Padre D. Francisco Prada disse mais: [...] "*Nossa Senhora, tão ultrajada pelo ódio dos ímpios e pela omissão e indiferença de alguns que **ainda se dizem** cristãos*". (Ibidem, página 40, grifo nosso)

C) O Frei Battistini também insinuou que nós, os evangélicos, odiamos a Maria. Disse ele: a) "...Será que os que não gostam de Maria..." (A Igreja do Deus Vivo, Editora Vozes, 33ª edição, 2001, página 28. Grifo nosso); b) "*Os que não amam, não honram e não imitam a Maria estão contra a Bíblia...*" (Ibidem. Grifo nosso); c) "*Fulano diz que é seu amigo, mas não gosta de sua mãe. Você o aceita como seu amigo?*" (Ibidem, página 29. Grifo nosso); d) "*Os que não amam a Maria, terão coragem de dizer a Jesus que o amam?*" (Ibidem. Grifo nosso).

É de domínio público que nós, os evangélicos, pregamos e praticamos o amor. Os muitos orfanatos, asilos, centros de recuperação... testificam do nosso amor. Até bandidos de alta periculosidade têm sido alvos do amor cristão que há em nós. É claro, pois, que os padres sabem que nós não odiamos a Maria.

Temos lido vários livros escritos por diversos clérigos católicos e visto que o fanatismo e a desonestidade predominam entre eles. Raramente não apelam para a mentira, calúnia e difamação. Eles jogam sujo. As inverdades do Padre André Carbonera e Frei Battistini acima copiadas, são apenas uma pequena amostra do grande depósito em nosso poder. E por que o fazem? Porque não possuem argumentos sólidos extraídos da Bíblia. Com essas falcatruas eles pretendem sensibilizar seus discípulos, criando nos católicos animosidade contra nós, para, deste modo, manterem suas vítimas presas às barras de suas batinas.

Sugerimos que católicos e evangélicos evitem trocar palavras agressivas e/ou de baixo calão. Isso não traz edificação alguma. Só o amor constrói! Não estamos dispostos a debater com os que não sabem amar e respeitar o próximo.

Enquanto dialogam, expondo seus pontos de vista divergentes, católicos e evangélicos precisam usar de muita franqueza, mas sem faltar com o amor e o respeito que se espera de quem se julga cristão. Os padres podem até dizer que as igrejas evangélicas são do Diabo, se nisso crêem. Essa franqueza não seria um desrespeito aos evangélicos; antes estariam fazendo uso do direito de expressão que não lhes pode ser negado. Mas eles não podem nos tachar de burros, dizer que odiamos a Maria e coisas desse nível. Isso é baixaria. Só não os processamos porque não queremos vê-los em apuro na Justiça; antes aspiramos encontrá-los no Céu.

As credices católicas a respeito de Maria não são respaldadas pela Bíblia. Essas superstições constam tão-somente do que essa seita chama de Tradição. Esta, por sua vez, nada mais é que as tradicionais invencionices que constituem o Catolicismo Romano.

As palavras mariolatria, mariólatra, mariologia, seita, Tradição, mariolátrico com as quais o leitor irá deparar repetidas vezes, têm, neste livro, os seguintes significados:

a) Mariolatria: Culto de adoração a Maria;

b) Mariólatra: Pessoa que presta culto de adoração a Maria;

c) Mariologia: Estudo ou tratado acerca da pessoa de Maria;

d) Seita: Na presente obra significa instituição religiosa que se faz passar por cristã, sem sê-lo de fato.

e) Tradição: A Bíblia afirma que não se registrou todas as obras e palavras de Jesus (Jo 20.30-31; Lc 24.27). O clero católico se serve disso para pregar um monte de heresias, sob a alegação de que tais invencionices foram ensinadas por Cristo e passadas de boca em boca até os nossos dias. A isso chamam de Tradição. E essa "Tradição" é, segundo expoentes membros do clero católico, superior à Bíblia. Eis a prova: No livro intitulado *Os Erros ou Males Principais dos Crentes ou Protestantes*, da editora O Lutador, lançado sob o IMPRIMATUR do Monsenhor Aristides Rocha, 7ª edição de 1.957, afirma-se à página 26 o seguinte: "...*acima da Bíblia está a Tradição, isto é, a pregação de Jesus Cristo que não foi escrita ...*". Os autores dessa blasfêmia não foram excomungados, tampouco repreendidos, o que prova a cumplicidade de todo o clero católico. Tradição é, pois, o conjunto das invencionices da Igreja Católica;

f) Mariolátrico: Relativo à mariolatria.

O leitor verá que o Catolicismo não é uma instituição cristã, na verdadeira concepção do termo. Antes, trata-se de um sistema mariolátrico, a serviço de Satanás.

Quanto ao que o Catecismo da Igreja Católica (página 274, # 969) chama de "*múnus salvífico*" (isto é, encargo que traz ou produz salvação) de Maria, o leitor verá, ao concluir a leitura deste capítulo, que a Igreja Católica faz, oficialmente, quatro incoerentes afirmações:

1ª) Maria não salva, pois Cristo é o único Salvador;

2ª) Maria é Co-Salvadora, ou seja, é ela e Cristo que nos salvam;

3ª) Cristo também salva, mas não tão bem quanto Maria, isto é, Ele não salva com a mesma rapidez e eficiência que ela;

4ª) Cristo não salva ninguém, pois Maria é a única Salvadora.

Não duvidamos que o prezado e respeitável leitor, esteja suspeitando da possibilidade de provarmos o que dissemos acima. Todavia, esteja certo que podemos sim, provar que não estamos caluniando. É razoável concluirmos que ninguém ousaria fazer tão graves denúncias sem estar devidamente documentado. Atente para o fato de que nossas denúncias são facilmente verificáveis, pois informamos nossas fontes, indicando os nomes das obras literárias das quais fazemos as transcrições, bem como suas páginas, editoras e suas respectivas datas de edição. Além disso, sabemos que calúnia é crime e dá cadeia. Logo, se não temêssemos a Deus, temeríamos pelo menos a justiça dos homens.

Usamos de muita franqueza neste livro, mas nunca faltamos com o respeito aos católicos. Não os tachamos de burros. Até porque não cremos ser este o caso. Preferimos crer que os católicos estão enquadrados em 2Co 4.4 que diz: "*...o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo...*".

Para conhecermos com profundidade as doutrinas da Igreja Católica a respeito da pessoa de Maria, foi-nos necessário examinar a literatura dessa seita; assistir a diversas missas; ler vários livros escritos por ex-padres; entrevistar ex-adeptos de renome, etc. Vejamos, pois, nas páginas seguintes, quê conseguimos colher dessas searas; e assim nos certifiquemos, com farta documentação, da autenticidade de tudo quanto acima afirmamos, acerca da mariolatria católica.

6 1. Literatura, Santos , Contos e Outros Gestos Mariolátricos.

6.1.1. O Livro de "Santo" Afonso

A Igreja Católica canonizou e elevou a Doutor da Igreja um "bispo" católico chamado Afonso Maria de Ligório. Este escreveu um livro intitulado Glórias de Maria, o qual vem sendo editado há 241 anos e já teve pelo menos 800 edições. Na página 13 do dito livro está registrado que o mesmo goza da aprovação da Igreja Católica. No Brasil, o referido livro está sendo editado pela Editora Santuário (editora católica). O fato de a Igreja Católica canonizar o senhor Afonso, elevá-lo a Doutor da Igreja, aprovar o seu livro e publicá-lo, é prova cabal de que ela reconhece oficialmente que o seu conteúdo está em perfeita harmonia com as doutrinas católicas sobre Maria. Vejamos então o que diz o tal livro e certifiquemo-nos que de fato os papas estão pondo Maria acima de Jesus Cristo. Sim, a Igreja Católica está fazendo de Maria, não uma deusa qualquer (o que já seria um grande erro), mas uma Deusa tão poderosa que supera até o Senhor Jesus Cristo. Ela está pregando oficialmente que Cristo não salva ninguém. Segundo a Igreja Católica, a missão de salvar não foi confiada a Cristo, mas sim, a Maria. Senão, vamos às provas, vendo o que está escrito no livro Glórias de Maria:

1) "*Se Maria é por nós, quem será contra nós?*" (página 90);

2) "*Consistindo o reino de Deus na justiça e na misericórdia, o Senhor dividiu: o reinado da justiça reservou-o para si, e o reinado da misericórdia o cedeu a Maria*" (páginas 36 e 37);

- 3) *"O Eterno Pai deu ao Filho o ofício de julgar e punir, e à Mãe o ofício de socorrer e aliviar os miseráveis"* (página 37);
- 4) *"Vós sois a única advogada dos pecadores"* (página 105);
- 5) *"Quando nos dirigimos a esta divina Mãe, não só devemos ficar certos de seu patrocínio, mas às vezes seremos até mais depressa atendidos e salvos chamando pelo nome de Maria, do que invocando o santíssimo nome de Jesus, nosso Salvador"* (página 118);
- 6) *"Ó minha Rainha, sede-me advogada junto a vosso Filho, a quem não tenho coragem de recorrer"* (página 120);
- 7) *"Se o meu Redentor, por causa de minhas culpas, me lançar fora de seus pés, eu me prostrarei aos pés de Maria, sua mãe, e deles não me afastarei enquanto ela não me alcançar o perdão"* (página 102);
- 8) *"...Ninguém se salva a não ser por meio de Maria"* (página 143);
- 9) *"Que seria, pois, de nós... que esperança nos restaria de salvação, se nos abandonásseis, ó Maria, vida dos cristãos?"* (página 145);
- 10) *"Ninguém pode entrar no Céu, senão pela porta que é Maria"* (página 136);
- 11) *"Em vão procura Jesus quem não procura achá-lo com sua Mãe"* (página 139);
- 12) *"E tributada ao Filho e ao Rei toda a honra que se presta à Mãe e à Rainha"* (página 131);
- 13) *"Maria é toda poderosa junto a Deus"* (página 151);
- 14) *"Quem pede e quer alcançar graças, sem a intercessão de Maria, pretende voar sem asas"* (página 143);
- 15) *"Como não ser toda cheia de graça, aquela que se tornou a escada do paraíso, a porta do céu e verdadeira medianeira entre Deus e os homens?"* (página 131);
- 16) *"Perca uma alma a devoção para com Maria e que será senão trevas?... Ai daqueles... que desprezam a luz deste sol, isto é, a devoção a Maria..."* (página 82);
- 17) *"Jesus Cristo é o único medianoiro de justiça...Mas...Maria é medianeira de graças"* (página 134);
- 18) *"E como poderia o Filho desatender à Mãe, mostrando-lhe esta os seios que o sustentaram? [...] A excelsa Virgem hospedou a Deus em seu ventre; em **paga** de tal hospitalidade dele **exige** a paz para o mundo, a salvação para os perdidos, a vida para os mortos"* (páginas 209-210. Grifo meu).

[Glórias de Maria, de Santo Afonso de Ligório, versão da 11ª edição italiana, pelo padre Geraldo Pires de Souza, 14ª edição, Editora Santuário, 1.989.

Quem conhece a Bíblia sabe que as declarações acima são de um falso profeta, não de um santo. Porém, esse homem é um dos grandes vultos da Igreja Católica. Ele foi canonizado pelo Papa Gregório XVI em 1839, e declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio IV.

Consideremos algumas das afirmações de "Santo" Afonso, acima transcritas:

1ª) Ele disse que não ousava recorrer a Cristo. Ora, quem não recorre a Cristo é um perdido, não um santo.

2ª) Ele disse que Maria é a verdadeira medianeira entre Deus e os homens, bem como a única advogada dos pecadores. Mas a Bíblia afirma que o único Mediador entre Deus e nós, é Jesus (1 Tm 2.5), bem como nosso único Advogado (1Jo 2.1)

3ª) Ele disse que o ofício de Jesus é julgar e punir, enquanto que o ofício de Maria é socorrer e aliviar os miseráveis. Assim Jesus se sobressai como Juiz, e Maria como Salvadora. Logo, a missão de salvar foi, segundo esse herege, confiada a Maria, não a Cristo. Mas, que diz Jo 3.16?

Obviamente, sendo Cristo nosso Advogado, é contra senso dizer que Maria nos advoga junto a Cristo. A menos que Cristo não fosse nosso Advogado de defesa, mas alguém incumbido de nos acusar.

A afirmação católica de que Jesus é o Juiz encarregado de nos julgar e punir, contradiz as seguintes palavras de Jesus: "*Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele*" (João 3. 17).

Repito que **o livro *Glórias de Maria* é obra oficial da Igreja Católica**, pois à página 13 podemos ler o seguinte acerca do seu autor: "Em vida a Igreja o honrou, elevando-o à dignidade episcopal. Morto, elevou-o aos altares, deu-lhe a auréola de Doutor zelosíssimo, **aprovou-lhe os escritos**, depois de percorrê-los cuidadosamente" (Grifo nosso).

Ainda em defesa da tese de que *Glórias de Maria* é sim, livro oficial dessa seita, vejamos os seguintes fatos:

a) Seu autor era *bispo* católico. Isto, por si só não prova nada, pois resta saber se se trata ou não de um ato isolado. Contudo, ao lado dos demais itens a seguir postos na balança, este fato não é desprezível, visto saltar aos olhos que todo o clero católico vem sendo cúmplice dessa profanação;

b) Seu autor não foi repreendido pelos seus superiores hierárquicos. O clero deveria repreendê-lo e exigir retratação, sob pena de excomunhão. Até porque nos dias de "santo" Afonso (1696-1787), a Igreja Católica era muito mais intolerante do que é hoje, chegando a matar os "*hereges*" (Como é do conhecimento de todos os que estudam a História Universal, a Inquisição vigorou *oficialmente do século XII ao século XIX [1183 a 1834]). Logo, bastaria o silêncio dos papas para ficar provado que o livro *Glórias de Maria* goza da sanção deles.

c) Seu autor foi canonizado pelo Papa Gregório XVI. Não é fácil conseguir o status de santo no Catolicismo. Quanto a isso, o clero é extremamente exigente. Contudo, "santo" Afonso passou no teste, apesar de suas blasfêmias (ou graças a elas?). Então os papas não viram nada que desabonasse sua conduta, o que implica em concordar com suas heresias. Considerar seus disparates como falhas irrelevantes e inofensivas, já seria um grave erro. Porém, a cúpula católica fez mais do que isso, pois confessa que "*aprovou-lhe os escritos*", como vimos acima

d) Seu autor foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio IV.

Nem todos os "santos" são Doutores da Igreja, segundo o Catolicismo. O Padre Luiz Cechinato, em seu livro *Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja*, Editora Vozes, 4ª edição de 2001, além de ratificar à página 314 que o senhor Afonso de Ligório foi reconhecido Doutor da Igreja, na página 96 nos diz o que significa isso: "*Doutores da Igreja são santos e santas que, nos diferentes períodos históricos da Igreja, distinguiram-se pela doutrina reta, grande sabedoria, santidade de vida e obras de notável valor (escritos ou pregação). O que eles ensinaram tem validade perene e universal. Suas obras servem de referência e de fonte aprovada pela Igreja para elaboração da Teologia e da vivência da fé...*" (Grifo nosso). Repito: Então essa seita considera o conteúdo do livro do senhor Afonso como doutrina reta, algo de notável valor, fonte aprovada pela Igreja, etc.

e) e) A propagação do livro. Os católicos (tanto leigos quanto clérigos) envolvidos nas traduções e edições desse livro, não foram advertidos. O dito livro é obra que existe há 256 anos (tomando por base o ano de 2006, quando atualizei esta 3ª edição, considerando que, segundo consta da página 11, em

1987 esse maldito livro já existia Há 237 anos), já teve 800 edições, é publicado por editoras católicas, traduzido em diversos idiomas (escrito originalmente em italiano, consta na página 9 que até 1952 o dito livro já havia sido traduzido em alemão, inglês, espanhol, francês, holandês e “*em outras línguas*”), elogiadíssimo pelos seus tradutores e editores que chamam seu autor de “santo doutor” e, não obstante, os demais padres, e inclusive o alto clero (papas, bispos, arcebispos e cardeais), nada opõem. Ora, um livro tão herético estaria sendo refutado pelo clero, se a liderança católica fosse ortodoxa. Isso, porém, a cúpula católica não pode fazer, pois implicaria em destituir esse “santo”. Isso seria complicado, pois implicaria em reconhecer o triste fato de que há três séculos os católicos estão rezando a um filho das trevas, cuja alma irremediavelmente perdida, padece no fogo do Inferno;

f) O clero é tolerante? Talvez o clero católico tente se defender, alegando que canonizar alguém não implica, necessariamente, em concordar com o canonizando, em todos os detalhes. Nós concordamos, mas compreendemos que um erro grave deveria desqualificar o candidato à categoria de Santo. Ou não é um erro gravíssimo afirmar que o ofício de Jesus não é socorrer os miseráveis? Isso não equivale a negar que Jesus é o Salvador? É essa uma questão de somenos importância? O silêncio do clero já seria comprometedor, mas os clérigos católicos não guardaram silêncio, pelo contrário, fizeram e fazem mais do que pronunciar a favor desse pernicioso livro, considerando que canonizar seu autor, elevá-lo a Doutor da Igreja, elogiar e recomendar o seu livro, custear suas edições, promover sua difusão pelo mundo afora traduzindo-o para diversos idiomas... equivale a ombrear esse falso profeta e endossar suas blasfêmias.

O livro *Glórias de Maria* é, sim, obra oficial da Igreja Católica. Duidamos que o clero católico negue isso. Mas, se o fizer, estará subestimando a nossa inteligência, bem como mentindo, pois vimos acima que a “Igreja” aprovou os escritos do senhor Afonso, “*depois de percorrê-los [isto é, lê-los] cuidadosamente*”. É livro oficial, ou não é? A resposta é: A “Igreja” já disse textualmente que “sim”. Além da afirmação textual ou gráfica, temos que levar em conta que essa seita está promovendo a difusão desse tão diabólico livro. Isto significa que a Igreja Católica diz e prova que o livro do seu santo Doutor é dela.

6.1.2. O Livro do Padre Albert

O Padre Albert J. Hebert, no livro de sua autoria intitulado *MARIA, POR QUE CHORAS?*, publicado com permissão eclesiástica, Edições Louva-a-Deus, 3ª edição de 1.991, assegura às páginas 1, 3, 34 e 36 que as estátuas de Maria podem chorar, sorrir, sangrar, exalar fragrância e até falar. Neste mesmo livro, em abono a essa credence, ele cita as seguintes palavras do Papa João Paulo II: “*Se a virgem chora, isto quer dizer que tem seus motivos*” (página 1). Já não se pode mais dizer que o meu santo só falta falar.

6.1.3. Panfletos Mariolátricos

Temos em nosso poder alguns panfletos que ganhamos das mãos de padres e leigos católicos, os quais dizem que:

a) O coração de Maria é o caminho que nos conduz a Deus. Mas essa postura da Igreja Católica colide com Jo 14.6, onde Jesus afirma: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim*”.

b) Maria vai salvar a humanidade. Isso é afirmado textualmente. Referindo-se a Maria se diz: “*...ela vai salvar a humanidade*”. “*Salvai-me Rainha! Por Vosso Maternal Olhar*” é o título da mensagem contida num desses panfletos. Porém, a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse garante que só Jesus salva (At 4.12).

c) Maria pode nos agraciar. O Cardeal Sílvio Oddi disse: “*...Peço à Santíssima Virgem de Fátima*

que cumule com graças...” (Prova documental em poder do autor. Trata-se de um panfleto que nos foi apresentado por um padre). Veja o leitor que esse cardeal não crê apenas que Cristo pode nos abençoar, mediante os rogos de Maria (o que já seria um grande erro à luz da Bíblia), mas sim, que ela mesma pode nos cumular com graças.

d) As estátuas de Maria são prodigiosas. Em um dos panfletos que ganhamos está escrito que a estátua de Nossa Senhora de Fátima já chorou 14 vezes. Esse folheto está sendo distribuído com o apoio do Vaticano, o que é confessado no próprio panfleto.

e) Devemos nos consagrar por inteiro a Maria. Eis a prova: *“Ó minha Senhora, e Minha Mãe! Eu me ofereço todo a Vós, e em prova de minha devoção para convosco, vos consagro neste dia, meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração e inteiramente todo o meu ser. E porque assim sou vosso, ó incomparável Mãe, guardai-me, defendei-me, como filho e propriedade vossa. Amém”* (Folheto católico Novena da Medalha Milagrosa). Obviamente, tamanha consagração só é admissível a Deus. Nenhuma criatura, (seja homem, mulher, anjos...) é digna desse tipo de devoção. Contudo, a distribuição *nacional* desse folheto está a cargo da entidade católica Distribuidora Loyola de Livros Ltda.

6.1.4. O Conto do Padre Vilela

O ex-Padre Aníbal Pereira dos Reis denunciou, em seu livro intitulado Nossa Senhora Aparecida: Um Conto do Vigário, que o Padre Vilela, usando de brincadeira de mau gosto, induziu os ingênuos a crerem que a estátua dessa “santa” fugiu três vezes da casa do pescador na qual se encontrava, para um local de difícil acesso, onde lhe construíram um templo. Mais tarde (quando o culto a essa “santa”, superando as expectativas, foi além da devoção que há tempo já se vinha prestando a São Pedro de Alcântara, até então Padroeiro do Brasil, sendo este “santo” por isso aposentado e Nossa Senhora Aparecida assumiu a regência) lhe construíram uma catedral na várzea e levaram-na para lá, onde permanece até hoje. Tal se dá porque a “santa” só foge quando eles querem que ela fuja.

O referido ex-Padre Aníbal denunciou ainda, no seu supracitado livro, que foi o gaiato Padre Vilela quem fez a estatueta de Nossa Senhora Aparecida “surgir” do leito do Rio Paraíba.

6.1.5. O Clero Recusa Assumir o Crime

Do exposto acima, a alegação que às vezes ouvimos de alguns clérigos, segundo a qual, a crença de que as estátuas de Maria choram, é uma credence popular, própria dos católicos não praticantes, mal informados, pela qual não é justo que a “Igreja” responda, é desonesta; o que, com naturalidade, expõe a hipocrisia do Cardeal-Arcebispo Dom Aloísio Lorscheider que afirmou: *“Eu não acredito em imagem de Nossa Senhora que chora. Os bobos correm atrás disso pois não sabem quantas mutretas há por trás de coisas assim.”* (revista *Veja*, 22/ 05 /1991, página 32). Sim, essa declaração, muito longe de descomprometer o Catolicismo, equivale a dizer que o Papa e seus bispos são, das duas uma: bobos ou mutreteiros, já que essas superstições são apoiadas por eles.

Não raramente temos ouvido os católicos declararem que as estátuas e imagens de Maria (e dos “santos” também), não são ídolos, mas algo equivalente às fotos de nossos parentes e amigos. Ora, as fotos de nossos entes queridos não choram, não sangram, não falam, não lhes tributamos Dulia, Hiperdulia, etc.

6.1.6. Uma Declaração Papal

Inúmeras obras oficiais da Igreja Católica afirmam que Maria está abaixo de Cristo. Mas estas declarações não têm valor algum, pelas seguintes razões: Que adianta dizer em um livro que Maria está abaixo de Cristo, se há outros escritos católicos pondo-a em pé de igualdade com o Senhor Jesus, e, às vezes, até acima dEle? Além disso, quando a Igreja Católica afirma que Maria está abaixo de Cristo, acrescenta que, não obstante, ela está acima dos profetas, apóstolos, santos, anjos e papas. O Concílio do Vaticano II asseverou que Maria *“supera... todas as outras criaturas, celestes e terrestres”* e

"*ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós*" (Compêndio do Vaticano II, Editora Vozes, 29ª edição, 2000, página 104, ## 141-142). Deste modo a Igreja Católica nunca põe Maria no seu devido lugar. Às vezes a põe acima de Cristo, às vezes ao lado de Cristo, e às vezes um pouquinho abaixo dEle e bem acima de todas as demais criaturas, incluindo anjos, arcanjos, querubins e serafins.

6.1.7. O Concílio Vaticano II Decretou:

Primeiro Decreto: "Os fiéis devem venerar... a memória **primeiramente** da gloriosa sempre virgem Maria, Mãe de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo' " (Compêndio do Vaticano II, Editora Vozes, 29ª edição, 2000, página 103, # 140. Grifo nosso). Ora, se Maria é Mãe de Deus **e de** nosso Senhor Jesus Cristo, então, das duas uma: Ou ela não é mãe só do lado humano de Jesus, mas também de Sua Divindade (o que é um absurdo), ou ela, além de ser mãe do Filho, é, também, mãe do Pai. E, de um jeito ou de outro, isso é o ápice da mariolatria. Foi para isso que o Concílio Vaticano II prestou;

Segundo Decreto: "*Admoestamos a todos os filhos da Igreja que o culto, **especialmente** o culto litúrgico da bendita Virgem, se promova amplamente*" (Os Fatos sobre o Catolicismo Romano, Chamada da Meia Noite, página 67. Grifo nosso).

Como o leitor pode ver, o "**primeiramente**" e o "**especialmente**" são conferidos a Maria. Logo, Cristo está sendo marginalizado.

6.1.8. O Catecismo Ratifica

À página 274, do Catecismo da Igreja Católica, lemos: "*Por isso, a bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira*". (# 969) "*A Santíssima Virgem 'é legitimamente honrada com um **culto especial...**'*". (# 971. Grifo nosso)

Do exposto acima, não é exorbitante afirmar que os católicos não são cristãos. Mas, que são eles então? São marianos? Também não. Ninguém consegue ser autêntico mariano, sem ser verdadeiro cristão, já que Maria disse que é a Jesus que se deve obedecer (João 2.5).

6.1.9. "Santos" Mariólatras

A lista de mariólatras canonizados pela Igreja Católica é enorme. De todos os santos do Catolicismo, só os apóstolos e mais alguns cristãos primitivos, conseguiram o status de santo nessa "Igreja", sem ser mariólatras. Além disso, embora eles não tenham sido mariólatras, a cúpula católica prega que os tais devotavam a Maria, o mesmo culto que os católicos lhe prestam atualmente. Sendo assim, um dos requisitos que o candidato a santo tem que preencher, é ser mariólatra. Se não o for de fato, a mariolatria lhe será imputada injustamente, visto que, de outro modo, não seria santo. Ora, o fato de a Igreja Católica canonizar inúmeros homens e mulheres que punham Maria em pé de igualdade com Jesus, ou melhor, acima dEle, prova que esse proceder é oficial. Ela, a Igreja Católica, tem sim, culpa no cartório. A canonização de um só homem ou mulher que ouse pôr Maria acima de Cristo, como foi o caso de "santo" Afonso de Ligório, para quem só em Maria, o pecador pode achar a misericórdia de que carece, já comprometeria a Igreja Católica. Porém, é grande a lista de mariólatras que essa seita elevou à categoria de santo. Vejamos abaixo alguns desses "santos", e suas respectivas pronunciações sobre Maria.

a) São Bernardino de Sena: Esse "santo" disse que "*ao império de Maria todos estão sujeitos, até o próprio Deus*". (Glórias de Maria, Editora Santuário, página 152, edição de 1989)

b) Santo Antonino: Ele disse que "*as preces de Maria, como rogos de Mãe, têm o efeito de uma ordem, sendo impossível que fiquem desatendidas*". (Ibidem, página 156)

c) São Germano: *"Vós tendes, ó Maria, para com Deus autoridade de Mãe e por isso alcançais também o perdão aos mais abjetos pecadores".* (Ibidem).

d) Santo Tomás de Vilanova: *"...Maria é nosso único refúgio, socorro e asilo"* (Ibidem, página 99).

e) São Bernardo: Esse "santo" também quis pôr Maria acima de Cristo, pois após afirmar que os pecadores vêm no advogado Jesus, uma majestade divina que lhes mete medo, acrescentou que, por esse motivo, *"aprouve a Deus dar-nos outra advogada a quem recorrer pudéssemos com maior confiança e menor receio"* (Ibidem, página 163)

"São" Bernardo disse ainda que Maria morreu e ressuscitou ao terceiro dia. Senão, vejamos: *"Ao terceiro dia após a morte de Maria, quando os apóstolos se reuniram ao redor de sua tumba, eles a encontraram vazia. O corpo sagrado tinha sido levado para o paraíso celestial..."* (WOODROW, Ralph de. *Babilônia: a Religião dos Mistérios*, Associação Evangélica, páginas 26-27).

Como que entre parênteses fazemos constar que essa heresia sobre a suposta assunção de Maria ao Céu, em corpo e alma, pregada por "São" Bernardo e outros hereges dessa seita, é dogma católico desde 01/11/1950, quando então foi definido solenemente pelo Papa Pio XII. Aliás, esse engodo está ratificado no aludido Catecismo da Igreja Católica, da Editora Vozes, edição de 1993 que, à página 273, # 966, assevera: *"...preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assumta em corpo e alma à glória celeste..."*.

f) Santo Epifânio: À página 175 do referido livro **Glórias de Maria**, lemos: *"S. Epifânio chama a divina Mãe de onividente..."*; isto é, que vê todas as coisas. Ora, só Deus pode ver todas as coisas. Todas as criaturas de Deus são finitas em todos os seus atributos. Só Deus é infinito em seus atributos.

g) Santo Afonso de Ligório: Embora já tenhamos visto em 6.1.1, dezessete blasfêmias exaradas no livro do senhor Afonso, queremos registrar mais uma estarrecedora heresia, da autoria desse "santo" católico, a saber, segundo "santo" Afonso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo determinaram que ao nome de Maria *"se dobrem os joelhos dos que estão no céu, na terra e no inferno"* (Ibidem, página 213). Só faltou dizer: **"E toda língua confesse que Maria é a Senhora, para glória de Deus Pai"**, para, desse modo, aplicar a Maria o que em Fp 2.10-11 se refere a Jesus.

Embora as blasfêmias registradas no livro Glórias de Maria, não sejam todas da autoria de "santo" Afonso de Ligório, todas podem ser atribuídas a ele, já que, à luz do contexto, pode-se ver que ele as aprova, a ponto de citá-las com "galhardia", no intuito de demonstrar que não estava só, em suas conclusões. Desses mariólatras nos quais o senhor Afonso se respaldava, muitos são santos católicos. Por exemplo, as cópias de números 4 e 8, constantes de 6.1.1, segundo as quais, *"Ninguém se salva a não ser por meio de Maria"*. E: *"É tributada ao Filho e ao Rei toda a honra que se presta à Mãe e à Rainha"*, transcritas das páginas 143 e 131 do referido livro Glórias de Maria, supracitado, são da autoria de "São" Germano e "Santo" Ildefonso, respectivamente.

Como já dissemos, não é fácil conseguir o status de santo no Catolicismo. Quanto a isso, o clero católico é extremamente criterioso. Logo, se tamanha mariolatria não impediu a cúpula católica de canonizar tais mariólatras, fica claro que a mariolatria é parte integrante do Catolicismo Romano. O reconhecimento oficial de tais "santos" prova que a liderança católica não só faz vista grossa à mariolatria (o que já seria um grave erro, uma heresia de perdição, isto é, algo que conduz ao Inferno), mas considera isso uma virtude imprescindível à canonização. Repetimos: Essa "Igreja" tem culpa no cartório.

Sugerimos que os católicos leiam as seguintes referências bíblicas: *"...nada sabem os que conduzem em procissão as suas imagens de escultura, feitas de madeira, e rogam a um deus que não pode salvar"* (Isaías 45.20).

"...a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana, e da imagem que desceu de Júpiter" (Atos dos Apóstolos, 19.35). Estes textos bíblicos são sim, aplicáveis aos católicos,

visto que a devoção católica a Maria, só difere do culto pagão aos deuses, no nome. Segundo Is 45.20 acima transcrito, os pagãos conduziam seus deuses em procissão. E, de acordo com At19.35, se acreditava que a estátua da deusa Diana, existente em Éfeso, havia descido de Júpiter. Logo, os pagãos atribuíam prodígios às estátuas de seus deuses. E hoje, "maravilhas" de arrepiar não são atribuídas às estátuas de Maria? Porventura não provamos acima que a cúpula da Igreja Católica está pregando que as estátuas de Maria podem falar, sorrir, chorar, sangrar, etc.? Não é isso a perpetuação do paganismo? A Bíblia nos ensina essas práticas?

6.1.10. O Parecer dos Clérigos Católicos

Os clérigos católicos reconhecem que a Igreja Católica realmente pôs os "santos" acima de Deus, fazendo deles o centro das atrações e marginalizando a Pessoa de Jesus. Senão, veja os exemplos abaixo:

a) Com Maria rumo ao terceiro milênio. Este é o título de um livreto católico mariolátrico que, à página 13 faz a seguinte confissão: "*Houve um tempo em que os católicos veneravam demais os santos. Esqueceram-se um pouco de Jesus...*" (editora Paulus, grifo nosso.).

b) Padre Luiz Cechinato. De 11/10/1962 a 08/12/1965 transcorreu o Concílio Vaticano II. Referindo-se a este Concílio Ecumênico, o Padre Luiz Cechinato fez a seguinte pronúnciação: "*...Então o Concílio colocou a Santíssima Trindade acima dos santos. Jesus passou a ocupar o centro das devoções...*" (**Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja**, página 428, 4ª edição, 2001, Editora Vozes, grifo nosso).

Dessas afirmações podemos perceber que os clérigos católicos confessam que, pelo menos até 1965, na Igreja Católica os santos eram postos cima do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Além disso, eles não negam que até então (1965) o Senhor Jesus não ocupava o centro das devoções. Sim, porque se isso não estivesse ocorrendo, não haveria porque empreender (numa Assembléia Extraordinária da envergadura do Concílio Vaticano II) colocar a *Santíssima Trindade acima dos santos*. Tampouco se poderia dizer que a partir de então, "*Jesus passou a ocupar o centro das devoções*". Ora, na verdadeira Igreja do Deus vivo, os santos sempre estiveram abaixo da Santíssima Trindade; e Cristo sempre foi o centro das devoções. A verdadeira Igreja sempre foi Cristocêntrica. Mas o Padre Luiz Cechinato e os demais clérigos confessam que na Igreja Católica nem sempre foi assim. Segundo eles, a Igreja Católica restaurou essas práticas em 1965. Ora, concordamos plenamente com o clero católico, quando ele afirma que na Igreja Católica os santos foram postos acima da Trindade, e que o Senhor Jesus deixou de ser o centro das devoções; mas discordamos que esses erros tenham sido removidos do Catolicismo a partir do Concílio Vaticano II. Os fatos provam que quanto a isso, nada mudou. O livro *Glórias de Maria* não foi recolhido e proibido; antes vem tendo novas edições. Como já sabemos, o exemplar deste livro em poder deste autor, data de 1.989, ou seja, 24 anos após o Concílio Vaticano II. Além disso, o Padre Salvador Carrillo Alday, ardoroso carismático, disse que um dos frutos do Espírito é "*A volta para uma devoção séria e **centralizada** na Santíssima Virgem Maria*" (*A Renovação Carismática e as comunidades religiosas*, citado em *Defesa da Fé*, ICP, maio de 2004, página 14. Grifo nosso). E isso prova que o clero católico continua subestimando a Trindade, marginalizando Cristo, e induzindo os católicos à mariolatria. Salta, pois, aos olhos, que os clérigos católicos se equivocam quando dizem que atualmente a Igreja Católica reconduziu os santos aos seus devidos lugares, e que Cristo passou a ocupar o centro das devoções. Portanto, se até 1965 Maria e os santos estavam mesmo acima de Deus, ocupando o centro das devoções, então ainda é assim. Por outro lado, se atualmente Maria e os santos estão abaixo de Deus na "teologia" católica, então Deus sempre esteve acima deles nessa "Igreja". Além disso, se de fato os santos e Maria eram vistos como acima da Trindade, os protestantes fizeram uma boa ação, quando a denunciaram e renegaram. Que Igreja é essa que em pleno século XX era mais devota dos santos que de Deus?

Como já demonstramos em 2.5, as mudanças efetuadas no Concílio Vaticano II não foram relevantes. Vale a pena ler de novo:

SOBRE A MISSA. Até ao Vaticano II, os padres celebravam as Missas em latim e de costas para os seus fiéis; a partir daí, porém, o celebrante fica de frente para o público e se expressa no idioma dos comungantes. Ora, heresias proferidas de costas ou de frente; ditas em latim ou em qualquer outro idioma, são igualmente imprestáveis. E, diga-se de passagem, que em pleno século XX a Igreja Católica ainda não sabia que os leigos têm o direito de ouvir o clero se expressar em seus próprios idiomas. É muita ignorância, não é verdade? Não!!! Não é verdade não! O clero católico sabia e sabe o que está fazendo. E só se retratou porque chegou um momento em que esse absurdo estava expondo-o ao ridículo.

SOBRE O CARDÁPIO. Antes do Vaticano II, a Igreja Católica pregava que os católicos não deviam comer carne às sextas-feiras, exceto peixe. Essa era de fato uma infantilidade, mas convenhamos que a sua remoção não tem muito peso.

ACERCA DO VESTUÁRIO. A partir do Vaticano II, passou-se a não exigir que o clero ponha a batina continuamente, mas apenas durante as celebrações. Das freiras também não se exige mais que ponham o hábito continuamente. Essa mudança é, obviamente, irrelevante em termos espirituais.

Ocorreram mais algumas mudanças, mas todas sem grande importância, com exceção das iniciativas ecumênicas que estão rendendo ao Catolicismo bons dividendos, visto que uma boa parte dos ortodoxos, bem como muitos anglicanos, luteranos e outros "protestantes", estão se deixando levar pela falácia intitulada Diálogo Ecumênico.

6.2. O Supremo Culto a Maria

a) Classificando os cultos

A Igreja Católica prega que há três categorias de culto:

Dulia: Culto aos santos e aos anjos; **Hiperdulia:** Culto a Maria (Hiperdulia equivale a super culto, como já sabemos); **Latria:** Culto a Deus.

A Bíblia, porém, não ensina assim. Na Bíblia há um só tipo de culto, e este é tributado a Deus. Nenhuma criatura é digna de culto. Só o Criador pode ser cultuado. Senão, vejamos alguns textos bíblicos que tratam deste assunto:

a) Culto aos anjos: Em Apocalipse 19.10; 22.9, está escrito que um anjo rejeitou a adoração que o apóstolo João lhe quis prestar. O apóstolo Paulo deixou claro que não se deve cultuar aos anjos. Disse ele: "*Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu, estando debalde inchado na sua carnal compreensão*" (Cl 2.18);

b) Culto aos santos: Em At 10.25,26 está escrito que o apóstolo Pedro recusou ser adorado por Cornélio;

c) Culto a Maria: Com todo o respeito e amor para com Maria, afirmamos que a Hiperdulia é idolatria. Maria, humilde e santa como era, certamente rejeitaria tal culto. Seguramente faria como o apóstolo Pedro e o anjo fizeram. Podemos amar Maria, respeitá-la, honrá-la, admirá-la, elogiá-la, apreciá-la, sem cultuá-la;

Segundo o clero católico, a Hiperdulia está acima da Dulia e abaixo da Latria. Mas na prática a coisa é diferente. Já vimos que há escritos endossados pelo clero católico, que põem Maria acima de Cristo, como é o caso do livro Glórias de Maria, da autoria do Bispo Afonso Maria de Ligório. São muitas as provas de que o clero católico é mais devoto de Maria do que de Cristo. Veja estes exemplos:

d) O Rosário: O Rosário é, segundo o Novo Dicionário Aurélio, uma enfiada de 165 contas, correspondente ao número de 150 ave-marias e 15 padre-nossos;

e) O Terço: O Terço é assim chamado porque corresponde a um terço do Rosário. Logo, ele é uma enfiada de 55 contas, correspondente ao número de 50 ave-marias e 5 padre-nossos;

(Nos dois exemplos acima, a Cristo coube apenas menos de um décimo da devoção a Maria. E você acha que isso se dá por acaso? Não seja ingênuo caro leitor! Abra os seus olhos!; esse quadro é sim, sintomático);

f) As estampas: Se o leitor ainda não notou, note e verá que a grande maioria das estampas religiosas afixadas nos carros dos católicos, é de Maria. Quanto a isso, Cristo está em terceiro lugar, pois o segundo colocado é São Cristóvão;

g) Os templos: Os templos (igrejas) católicos são, na sua grande maioria, dedicados a Maria. Outros são dedicados a santos diversos. Poucos são os templos dedicados a Cristo;

h) Os Sermões: A tônica da pregação evangélica é a mesma da dos apóstolos: Jesus (1Co 2:2). Porém, a tônica dos sermões católicos é Maria. Se você ainda não notou, note e verá. Por exemplo, nos últimos quinze anos os católicos têm intensificado a distribuição de folhetos "evangelísticos". Vários desses panfletos já nos foram apresentados, como acima informamos. E por mais incrível que possa parecer, mais de 90% dos folhetos que ganhamos não enfatizam o nome de Jesus; antes falam de Maria. O nome Jesus aparece no texto de tais folhetos, mas é mencionado de passagem. Ele não é o personagem central da mensagem. Os católicos fazem isso instintivamente, mas o clero os induz a isso com um propósito. Talvez este livro os leve a tentar provar o contrário, aumentando a confecção de folhetos que falem de Jesus, mas os católicos sinceros certamente sabem que até então a ênfase da literatura católica distribuída às massas tem recaído sobre Maria e relegado Cristo a 2º plano. Isso quando não tentam rebaixar Cristo à terceira divisão.

Como já sabemos, o Bispo Afonso de Ligório, canonizado pelo papa, afirmou em o livro de sua autoria, intitulado Glórias de Maria, que o ofício de Jesus não é o de socorrer os miseráveis, mas sim, julgá-los e puni-los. Dispomos de várias provas de que a Igreja Católica vem ensinando isso através dos séculos. O clero católico sempre inculcou no povo (geralmente implicitamente, mas às vezes explicitamente) que o Rei Jesus está irado conosco por termos desobedecido a Sua Lei, e que os rogos de Maria por nós podem aplacar o Seu furor. Só para citar mais um exemplo, o ex-padre Charles Chiniquy conta que ele pregava, quando era padre, que não devemos ir a Cristo, pois o Rei estava irado. Segundo palavras suas, ele ensinava que é a Maria que devemos recorrer (VALE, Agrício do. *Por Que Estes Padres Católicos Deixaram a Batina?* páginas 90 – 92, A . D. Santos Editora).

i) A exegese da palavra dulia. A palavra *dulia* realmente é bíblica. Trata-se do verbo grego *douléuo*, a língua original na qual se escreveu o Novo Testamento, e significa *servir*. Em Rm 12.11 lemos: *"No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, **servindo** ao Senhor"* (ARA_Almeida Revista e Atualizada. Grifo nosso). Neste caso, "servindo" é a tradução de *douleuôn*. Aqui se manda servir ao Senhor, logo, *dulia* é culto ou serviço a Deus. Ora, a Bíblia nos manda, pois, prestar *dulia* a Deus, mas na Igreja Católica se presta *dulia* aos santos e aos anjos. E, para complicar mais ainda, o que a Bíblia manda tributar a Deus, a Igreja Católica acha que é muito pouco para Maria, razão pela qual lhe conferem **Hiperdulia**. Sim, leitor, a Bíblia manda prestar **dulia** a Deus, mas o clero católico manda prestar **Hiperdulia** a Maria.

Ora, provamos acima, aos citarmos Rm 12.11, que na Bíblia, DULIA não é algo inferior à tal de Hiperdulia (culto a Maria), nem tampouco alguma coisa aquém do supremo culto latrêutico (culto a Deus), e sim, o verbo "servir". Isto, e nada mais. Já diziam os antigos que *"o mal do sabido é pensar que todo o mundo é bobo"*.

Estes exemplos e outros mais que poderíamos dar, provam que a afirmação dos clérigos católicos de que Latria é o culto supremo do qual só Deus é digno, só faz sentido se com isso querem dizer que os santos e os anjos não merecem tanto, e que Maria merece mais; tendo, portanto, que redefinirem o vocábulo HIPERDULIA assim: culto supremo do qual só Maria é digna.

Sempre que formos tentados a cultuar a Maria, ou a qualquer outra criatura, lembremo-nos do que disse o Senhor Jesus: "... *Vai te Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto,*" Mt 4.10 (ARA _ Almeida Revista e Atualizada).

6.3. A Casa de "Maria"

Segundo denunciou o pastor Ralph Woodrow, na Enciclopédia Católica consta que a casa na qual Maria vivia em Nazaré, foi transportada pelos anjos para Tersato, na Itália; e depois para Loreto, neste mesmo país, onde permanece até hoje. Para provar isso, ele transcreve da Enciclopédia Católica [Em inglês], Volume 13, página 454, art. "Santa Casa de Loreto," o seguinte: "...*Os anjos transportaram esta casa da Palestina para a cidadezinha de Tersato na Ilíria... no ano... de 1291... Três anos depois, ... ela foi levada novamente pelo ministério dos anjos... e colocada em um bosque... Mais de quarenta e sete papas têm de várias maneiras prestado homenagens ao santuário, e um imenso número de Bulas e Breves proclamam sem qualquer dúvida a identidade da Santa Casa de Loreto com a da Santa Casa de Nazaré*" (Babilônia: a Religião dos Mistérios, de Ralph Woodrow, Associação Evangelística, páginas 64 e 65). Deveria ser desnecessário ter que dizer que essa estória de anjos transportando a casa de Maria para a Itália é mais um conto do vigário. Mas a romaria que, segundo Ralph Woodrow, se faz à suposta casa de Maria, prova que não é difícil ludibriar os incautos, e que os espertalhões continuam tirando proveito da ingenuidade do povo.

Para que casa de Maria? Um cristão esclarecido não dá importância alguma a essas coisas. Temos algo infinitamente superior a essas crendices: a maravilhosa graça de Jesus.

6.4. Os "Honoríficos" Títulos de Maria

6.4.1. Nossa Senhora

Embora a Bíblia diga que Jesus Cristo é o nosso único Senhor (1 Coríntios 8.6; Judas 4), não é novidade para ninguém que os clérigos católicos pregam que Maria, a mãe de Jesus, é Nossa Senhora. Isso é conflitante, mas talvez eles tentem se defender dizendo que "Maria é Senhora, e não Senhor." Porém, se a Constituição Brasileira proibisse os funcionários públicos de terem outro empregador simultaneamente, alguém dentre eles poderia tornar-se empregado de uma mulher, alegando em sua autodefesa que tal mulher é sua empregadora, e não seu empregador? Será que esse subterfúgio faria mesmo alguma diferença? Essa balela seria mesmo convincente?

Cada "santo" católico tem sua função bem definida pelo clero, que lhes distribuiu tais tarefas: Santo Antônio é casamenteiro, Santa Luzia é oftalmologista, São Cristóvão é condutor dos motoristas, Santa Edwiges é a santa que socorre os endividados, etc. Mas, como se crê que Maria é Nossa Senhora, bem como medianeira de todas as graças, **mais de dois mil títulos** lhe são conferidos. Maria seria:

1) **Nossa Senhora do Ó.** Neste caso, "ó" é uma evocativa: "*Nas rezas, os versos iniciam-se sempre com vocativos como 'Ó Sabedoria' ou 'Ó Sol Nascente' ". Daí, provavelmente, vem o nome 'do Ó'*" [**Revista das Religiões**, edição especial, Editora Abril, página 66, maio de 2005]);

2) **Nossa Senhora do Carmo** ("Carmo" é o mesmo que Carmelo para os íntimos dessa "santa". A devoção a esse ídolo começou no **século 12**, quando "*um grupo de religiosos construiu no Monte Carmelo, na Palestina, uma capela em homenagem a Nossa Senhora*" [Ibidem, página 45]);

3) **Nossa Senhora Desatadora de Nós** ("Nós", neste caso, não é pronome pessoal, e significa plural de nó, que, por sua vez, simboliza o pecado. Segundo a revista citada no parágrafo anterior, esses "*nós simbolizariam o pecado original e os pecados cotidianos... Desatá-los seria a função de Maria*" [ibidem, páginas 48-49].), etc.

Para ajudar leigos e clérigos a se libertarem do sofisma acima refutado, sugerimos que respondam a si mesmos às perguntas abaixo formuladas, as quais trazem as respectivas respostas no seu próprio bojo:

Primeira pergunta: Será que o Senhorio exclusivo de Cristo não é alterado, quando o estendemos a uma mulher ou a qualquer outra criatura, por maior que seja a envergadura da mesma?

Segunda pergunta: Se o fato de Maria ter sido uma grande mulher fizesse dela Nossa Senhora, não seria razoável concluirmos que Moisés, Enoque, Elias, Elizeu, Paulo, Pedro, João, e outros grandes vultos do povo de Deus, são Nossos Senhores?

Terceira pergunta: Se nenhum grande homem pode ser Nosso Senhor, por que uma grande mulher poderia ser Nossa Senhora?

Quarta pergunta: Será que chamar Maria de Nossa Senhora não equivale a endeusá-la?

Quinta pergunta: Estaremos mesmo faltando com o devido respeito para com Maria, se ao invés de "Nossa Senhora", a chamarmos de nossa conserva?

Sexta pergunta: Se Maria é Nossa Senhora, então podemos e devemos servi-la; mas como conciliarmos isto com Mt 6:24 que diz que não podemos servir a dois senhores? Veja também 1 Sm 7:3-4.

Sétima pergunta: Se temos mesmo essa Senhora, por que a Bíblia não o diz? Será que Deus se esqueceu de mandar registrar isso?

Talvez o leitor pense que estamos querendo dizer que é pecado chamar Maria de senhora. Mas é ledoo engano. Se Maria ainda estivesse entre nós, certamente confabularíamos mais ou menos assim:

__Bom dia, irmã Maria! Como vai a senhora?

__Eu vou bem, graças ao Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. E o senhor?

__Graças a Deus, não tenho de que reclamar. Todavia, não esqueça de mim em suas orações.

__Faça o mesmo por mim, meu irmão, pois também estou muito necessitada das orações dos santos.

__Dona Maria, tenho que me despedir da senhora agora, porque senão, faltarei a meus compromissos agendados para hoje. Dê um abraço no irmão Zezinho e nos filhos com os quais o Senhor os brindou.

__Obrigada! Beijos para sua esposa e filhos.

__Obrigado! Até a próxima.

Veja o leitor que no fictício diálogo acima, chamamos a Maria de senhora, e ela por sua vez, nos chamou de senhor. Mas nós o fizemos usando iniciais minúsculas, pois com estes pronomes de tratamento, tão-somente exteriorizamos o respeito recíproco que haveria entre nós, caso fôssemos contemporâneos. Porém, está claro que não é neste sentido que os católicos chamam a Maria de Senhora. Atente para o fato de que embora sejam muitas as mulheres de peso na Bíblia (Sara, Hulda, Débora, Abigail, Ana [mãe de Samuel], Ana [contemporânea do infante Jesus] e outras), só Maria é Nossa Senhora, segundo eles. Ademais, usam iniciais maiúsculas. Isto, dentro do contexto religioso, só seria cabível se ela não fosse uma criatura à parte de Deus, mas sim, integrante da Divindade. Porém, como sabemos, a Divindade é, à luz da Bíblia, Trindade, e não quarteto. Assim fica claro que "Nossa Senhora" não é mero pronome de tratamento extensivo a Maria, mas título honorífico, do qual só ela é digna, segundo o Catolicismo.

Para sabermos se Maria é ou não Nossa Senhora, não podemos nos limitar à consulta do bom senso, pois como sabemos, as razões humanas são falíveis. Porém, por isso mesmo Deus nos deu uma "bússola" infalível – a Bíblia. À moda bereanos (Atos 17.11), examinemos a Bíblia e vejamos se ela fala dessa "Senhora". Pelo contrário, a Bíblia diz que Maria é nossa conserva (Lucas 1.38).

6.4.2. Mãe de Deus.

Não é necessário provar com transcrições que a Igreja Católica prega que Maria é Mãe de Deus. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o raciocínio é o seguinte: se Jesus é Deus e Maria é Mãe de Jesus, logo Maria é Mãe de Deus. Este silogismo é tão ilógico quanto se alguém chegasse às seguintes conclusões: Se Jesus dormia (Mt 8.24,25) e Ele é Deus, então Deus dorme; se Jesus disse que Ele de si mesmo não podia fazer coisa alguma (Jo 5.30), e Ele é Deus, então Deus não pode fazer nada; se Jesus ignorava o dia da Sua vinda (Mt 26.36 [os melhores manuscritos não contêm a expressão "*nem o Filho*", o que prova que ou houve interpolação, ou subtração {ou seja, adulteração}); mas, de um jeito ou de outro, o Senhor disse que tal conhecimento era da exclusividade do Pai. Logo, o homem Jesus o desconhecia) e Ele é Deus, então Deus não é onisciente; se Jesus não estava em Betânia quando Lázaro morreu (Jo 11.15) e Ele é Deus, então Deus não é onipresente; se Jesus morreu (1Co 15.3) e Ele é Deus, então Deus não é imortal. Obviamente toda essa argumentação estaria errada, pois, como sabemos, a Bíblia afirma que Deus não dorme, tudo pode, tudo sabe, é onipresente, imortal, etc.

Tanto os católicos, quanto os evangélicos crêem que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ambos crêem que todos os textos bíblicos que afirmam que Jesus era portador das mesmas limitações nossas, na verdade se referem ao Seu lado humano, e não à Sua Divindade. Assim fica claro que católicos e evangélicos não ignoram que Jesus é portador de duas naturezas: humana e divina. Deste modo Maria pode ser mãe de Jesus sem ser Mãe de Deus. Ela é mãe do lado humano do Senhor, e não da Sua Divindade.

A Bíblia chama Maria de mãe de Jesus várias vezes, mas nunca a chama de Mãe de Deus. Logo, o parecer dos clérigos católicos é discutível por três razões:

1ª) É uma opinião deles. É um ponto de vista.

2ª) Eles não são donos da verdade, pois são humanos como nós.

3ª) Não se apóiam na Bíblia, mas sim, na "Tradição", cuja definição sabemos: O conjunto das tradicionais invencionices. Na nossa opinião, chamar Maria de Mãe de Deus é, sem dúvida, um erro. Jesus como Deus existe desde a eternidade (Mq 5.2; Is 9.6; Jo 17.5,24; 1.1-3,10; Cl 1.14-17) e, portanto, não tem mãe. O lado Divino de Jesus é: "Sem pai" (humano), "sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida..." (Hb 7.3). Este texto bíblico, aqui transcrito parcialmente, fala de Melquisedeque, de quem Jesus é o antítipo. Ora, se esse homem, para ser um tipo (ou símbolo) de Cristo, teve que ser sem mãe no que diz respeito ao registro deste fato, certamente Jesus o é ao pé da letra. Sabemos que Maria é mãe de Jesus, pois a Bíblia o diz sem rodeios. Contudo, acabamos de ver que a Bíblia diz que Ele não tem mãe. Como entender isso? É fácil, desde que não tentemos esconder dos leigos que Jesus tem duas naturezas: Divina e humana. As duas naturezas de Jesus são distintas e diferentes, embora inseparáveis, constituindo uma só Pessoa, Verdadeiro Deus e autêntico homem.

Quando chegamos a este patamar do mistério da humanização do Verbo Divino, entendemos que Jesus é muito mais Pai de Maria do que seu filho. Como já vimos ao lermos Jo 1.1-3,10, Jesus é o Criador do Universo e de tudo quanto nele há. Portanto, Ele é o Criador de Maria (Cl 1.14-17), e por conseguinte, seu Pai. Ela dependeu dele para existir, mas Ele não dependeu de ninguém para existir; Ele não é criatura, pois existe desde a eternidade no seio da Divindade Triúna, constituindo-a com o Pai e com o Espírito Santo, seus co-iguais e co-eternos.

Dissemos que Jesus, para existir como Deus, não dependeu de ninguém, já que Ele existe desde sempre. E para vir ao mundo em forma humana? Dependeu Ele de Maria para se humanizar? Não podemos imaginar o Grande Deus que Jesus é, impescindindo duma descendente de Adão, pois como tal, Ele pode fazer tantas quantas Marias desejar. Conseqüentemente, julgamos mais teológico

afirmarmos que Ele se serviu duma das obras das Suas mãos, dando-lhe a honra e a graça de servi-lo (Lc 1.46-50).

Uma das provas de que não estamos equivocados em nossa conclusão, é o fato de o anjo Gabriel dizer que Maria é agraciada (Lc 1.28). Ora, "agraciado" é todo aquele que alcançou uma graça. Etimologicamente, "graça" significa "favor não merecido". Pelo menos assim a define a obra intitulada *The Word's New Testament Pictures*, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil, de autoria do erudito A. T. Robertson, 1999. Então, ao chamá-la o anjo de agraciada, estava, por conseguinte, tornando claro que ela não estava recebendo aquela bênção por mérito, mas sim, por graça. Não era honra ao mérito.

Geralmente as Bíblias católicas traduzem Lc 1.28 como se o anjo tivesse dito que Maria é *cheia de graça*, mas a tradução correta é *agraciada*, como geralmente consta das versões protestantes.

Por ser Maria a mãe de Jesus, os católicos deduzem que um pedido dela é tiro e queda. Aprenderam isso com "São" Germano, o qual (como vimos em 6.1.9. c) afirmou que Maria tem, "*para com Deus autoridade de Mãe*". Mas essa crença é baseada em postulados humanos; nunca jamais na Bíblia. Esta diz inequivocamente que o Reino dos Céus não é uma réplica da sociedade humana. Jesus deixou claro que Ele não dispensa a Maria um amor superior ao que é dispensado aos demais humanos que lhe servem. Certamente foi isso que Ele quis dizer quando afirmou que "*qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe*". Veja este texto: "*Enquanto ele ainda falava às multidões, estavam do lado de fora sua mãe e seus irmãos, procurando falar-lhe. Disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, e procuram falar contigo. Ele, porém, respondeu ao que lhe falava: Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os seus discípulos disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Pois qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe*" (Mt 12. 46-50). Ora, se um pedido da mãe de Jesus é tiro e queda, e todos os que fazem a Sua (de Jesus) vontade são Sua mãe, como Ele mesmo o disse, oremos a Ele confiantemente, já que também somos mamãe dEle.

Quem lê a Bíblia sabe que o Reino de Deus não é Matriarcado. Quando Maria disse a Jesus "*não têm vinho*", Ele lhe perguntou: "*Mulher, que tenho eu contigo?*".(Jo 2.3-4). Esta resposta não nos soará como mal-criação, quando considerarmos que Jesus é Deus, e que Maria é humana.

6.4.3. Imaculada

Deus escolheu Maria para ser mãe do lado humano de Seu Filho Jesus. Isto, na opinião de muitos, é prova cabal de que Maria era e é a mulher mais pura que já pisou neste planeta. Dizem que não havia em todo o mundo uma criatura com tamanha santidade e que por este motivo foi a eleita. Mas estas afirmações são frutos da imaginação e, portanto, desprovidas de respaldo bíblico. Onde está escrito que Maria era a mulher mais pura do mundo? A isso respondem: "Se não o fosse, não teria sido a única eleita". E aí retrucamos: "*Nossa pergunta não foi respondida. Queremos saber onde está escrito. Mas, como vocês apelam para a lógica, respondam-nos: Se existissem dez donzelas tão fiéis quanto Maria, Deus faria Jesus nascer de todas elas?*"

Os sacrifícios cruentos prescritos pela Lei de Moisés tipificam a morte expiatória de Jesus (Hebreus 10.4; 9.22). Maria não se julgou dispensada dos mesmos (Lucas 2.24; Levítico 12.68) e isto equivale a auto declarar-se dependente do sangue de Jesus.

A Bíblia não diz que Maria era a mulher mais pura que já existiu, mas os que fizeram dela uma deusa, alegam que ela não tinha o pecado original, ou seja, a natureza pecaminosa. Acontece, porém, que a natureza pecaminosa é hereditária, e Jesus é a única exceção da regra (Romanos 3.23). Jesus foi isento do pecado original porque foi gerado pelo Espírito Santo (Mateus 1.20-25; Lucas 1.26-38), mas Maria foi concebida pelo concurso natural de seus pais. E provem-nos biblicamente o contrário, se puderem fazê-lo.

Uma católica nos falou que "a Bíblia não fala dos pecados de Maria, embora registre os pecados de todas as pessoas nela abordadas". Isto, a seu ver, "*é indício de que ela foi isenta do pecado*

original.” Porém, a Bíblia não descreve os pecados de José, Misael, Azarias, Ana, etc. Será que Misael também foi isento do pecado original?

O fato de afirmarmos que Maria nasceu, como todos nós, contaminada com o “vírus” do pecado, pode levar uma pessoa mal informada a pensar que estamos blasfemando. Mas, grandes vultos da Igreja Católica também pensavam assim. Segundo o CPR_Centro de Pesquisas Religiosas_, até mesmo renomados santos da devoção dos católicos, como Santo Tomás de Aquino e Santo Anselmo, acreditavam que Maria era portadora do pecado original, ou seja, pecadora por natureza. Veja este exemplo: *“Mesmo sendo imaculada a concepção de Cristo, não obstante, a mesma virgem, da qual ele nasceu, foi concebida na iniquidade e nasceu com o pecado original, porque ela pecou em Adão, assim como por ele todos pecaram”* (O Dogma da Imaculada Conceição de Maria [panfleto]), CPR_Centro de Pesquisas Religiosas_Teresópolis_RJ. Tel/fax: (21) 2643.2325; 2742-0737). De fato, um livro católico em meu poder, de autoria do Padre D. Francisco Prada, confessa que Santo Tomás de Aquino negava a suposta Imaculada Conceição de Maria. Veja: [...] *“o pecado [...] submergiu toda a humanidade. Só a Virgem Santíssima [...] conservou-se à tona dessas águas imundas do pecado original. Foi o que decretou Papa Pio IX, em 8 de dezembro de 1854.*

“Findava assim a longa discussão dos teólogos que, como a inteligência privilegiada de Santo Tomás de Aquino, não eximiam a Virgem Santíssima de estar mergulhada nessa problemática”. (PRADA, Francisco. *Novenário*, 3 ed. São Paulo: AM edições, 1996, p. 67).

E em que se respaldava o Padre Dom Francisco Prada, para concluir em sua mente que, finalmente, a discussão teológica em torno da suposta Imaculada Conceição de Maria, findou? Resposta: Ele se apoiava em duas bases nada sólidas: Primeira: A própria Maria teria aparecido a uma vidente chamada Bernardete Soubirous, e lhe dito que ela –Maria– é a Imaculada Conceição. E, como se não bastasse, o infalível Papa Pio IX disse que assim, é. Senão, vejamos: *“A palavra **infalível** de Pio IX viu-se corroborada pelo **testemunho da própria Mãe celeste** que, [...] assim falou à sua fiel confidente Bernardete: ‘Eu sou a Imaculada Conceição’ ”* (Ibidem).

A heresia chamada Imaculada Conceição de Maria, forçou o clero católico a criar o dogma da Assunção da Virgem Maria. O raciocínio é o seguinte: Sendo Maria isenta do pecado, ela não tinha porque morrer e apodrecer num sepulcro, já que a morte é consequência do pecado. À base dessa falsa premissa, a Igreja Católica proclama que Maria morreu para nos salvar, já ressuscitou e subiu ao Céu. Para que se saiba que não estamos caluniando, veja estas transcrições:

a) *“Maria não estava sujeita à lei do sofrimento e da morte ...Embora ela soubesse essas coisas, as experimentou e as suportou por nossa salvação”* (Enciclopédia Católica [em inglês], página 285, citado em *Será Mesmo Cristão o Catolicismo?* página 77, Editora Betel).

b) *“...preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste...”* (Catecismo da Igreja Católica, página 273, # 966, Editora Vozes, 1.993).

c) *“Ao **terceiro dia** após a morte de Maria, quando os apóstolos se reuniram ao redor de sua tumba, eles a encontraram vazia. O corpo sagrado tinha sido levado para o paraíso celestial...”* (Babilônia: a Religião dos Mistérios, de Ralph Woodrow, Associação Evangelística, páginas 26-27. Grifo nosso).

d) *“...Jesus preservou o corpo de Maria da corrupção depois da morte. Pois ser-lhe-ia desonroso corromperem-se as carnes virginais de que ele se havia revestido. Para o Senhor seria um opróbrio, portanto, nascer de uma mãe, cujo corpo fosse entregue à podridão”* (Glórias de Maria, já citado, página 242).

Os famosos apologistas norte-americanos John Ankerberg e John Weldon, também fizeram constar na página 69 de seu livro *Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano*, editado em 1997 pela Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, que deveras a Catholic Encyclopedia ensina à página 285 que

Maria sofreu para a nossa salvação. Veja esta cópia: "*Quanto aos seus sofrimentos temporais aqui na Terra, a Enciclopédia Católica ensina que ela 'os suportou para a nossa salvação'*".

Bem, já provei que a Igreja Católica prega oficialmente que Maria está no Céu em corpo e alma. Logo, das duas uma: Ou ela morreu e ressuscitou, ou foi trasladada viva para o Céu, como o foram Enoque e Elias (2 Rs 2; Hb 11. 5). E qual é a posição da Igreja Católica acerca desta questão? Eu disse que a literatura católica prega que ela morreu, e que essa morte se deu por nossa salvação. Mas, segundo o que colhi de minhas pesquisas, se eu dissesse que a Tradição católica prega que ela não morreu, antes foi arrebatada viva ao Céu, sem experimentar a morte, estaria certo também, pois tanto uma coisa, quanto a outra, circulam nos bastidores da Igreja Católica. Por exemplo, segundo os famosos apologistas norte-americanos supracitados (a saber, os pastores John Ankerberg e John Weldon), à base da tal de Tradição católica "*Ensina-se que, pelo fato dela não ter pecado, Maria nunca experimentou a morte física. Ao invés disso, ela ascendeu fisicamente à presença de Cristo*" (*Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano*, op. cit., páginas 67-68). Mas a coisa não pára por aí. O ex-padre Hipólito Campos nos informa no seu livro *Roma Sempre a Mesma* (li este livro há trinta anos, mas não posso citar a página, número de edição, e outros dados, visto não tê-lo à mão), que a tal de Tradição ensina também que ela morreu, mas foi ressuscitada. Aliás, já vimos acima que o Pastor Ralph Woodrow confirma, de fato, esta Tradição, pois nos diz que "São" Bernardo ensinou que Maria morreu e ressuscitou ao terceiro dia. Então a confusão é grande: 1) Ela sofreu para nos salvar, mas não chegou a morrer, antes foi trasladada viva, sem passar pela morte; 2) Ela experimentou sofrimentos diversos e, inclusive, a morte, por nossa salvação, mas foi ressuscitada e assunta ao Céu em corpo e alma, como o fora Jesus Cristo. E como a Igreja Católica administra esse emaranhado? A *Revista das Religiões* de maio de 2005, editada pela Editora Abril, nos informa à página 30, após registrar que os dogmas *Imaculada Conceição* e *Assunção*, datam de 1854 e 1950 respectivamente, que "*nada se fala sobre sua morte . Diz-se somente que seu corpo foi glorificado, não tendo sido submetido à corrupção do sepulcro. Pio XII não nega o fato da morte, mas preferiu não afirmar solenemente o falecimento da Mãe de Deus, como verdade que devia ser admitida por todos os fiéis*" (Grifo meu). Isto significa que para o Papa Pio XII, o importante é crer que ela está em corpo e alma lá no Céu. Se ela foi ressuscitada, ou se foi arrebatada viva ao Céu sem experimentar a morte, é irrelevante. Logo, segundo os autores acima citados, a Tradição diz que ela morreu, bem como diz também que ela não morreu. A *Enciclopédia Católica* não só diz que ela morreu, mas acrescenta que seus sofrimentos e morte foram para a nossa salvação. E o Papa Pio XII observa que se ela morreu ou não, isso é irrelevante. O importante é crer que Maria está em corpo e alma lá no Céu intercedendo por nós. "*Ele não nega o fato da morte*", isto é, a morte de Maria é um fato, e o Papa Pio XII não nega isso, mas não transformou isso em dogma, como vimos acima. A locução "*nada se fala sobre sua morte*", acima transcrita da *Revista das Religiões* deve ser entendida assim: Não há dogma acerca disso, isto é, o Papa Pio XII preferiu deixar os católicos bem à vontade quanto a isso. Eles podem crer que ela foi arrebatada viva, ou crerem que ela ressuscitou. Você sabe que significa não negar algo sem transformá-lo em dogma? Vou explicar: A *Revista de Religiões* op. cit., nos diz à página 29, após informar que "*mais de 6 milhões de fiéis de 148 países solicitam que o Papa João Paulo II promova Maria ao mais alto cargo: o de Co-redentora*", acrescenta: "*Outro título que está sendo analisado pelas altas autoridade da Igreja é o de Medianeira, segundo o qual Maria serve de mediadora entre Jesus e a humanidade*". Um leitor menos culto em assuntos teológicos normalmente pensa, após ler um texto desses, que até então a Igreja Católica ainda não prega que Maria seja medianeira entre Deus e os homens, já que o título de medianeira ainda "*está sendo analisado pelas altas autoridade da Igreja*". Mas é ledão engano. A Igreja Católica já prega abertamente que Maria é medianeira. Essa heresia já consta até do *Catecismo da Igreja Católica*. Veja a prova: "... Maria é **invocada** na Igreja sob os títulos de *advogada, auxiliadora, protetora, medianeira*" (*Catecismo da Igreja Católica*, página 274, Grifo meu). O leitor talvez pergunte: "*Mas que falta ainda, já que essa doutrina consta até do Catecismo da Igreja Católica, elaborado pelas altas autoridades da Igreja Católica à base das decisões tomadas no Concílio Vaticano II, e aprovado pelo Papa João Paulo II em 1992?*". Tenho para esta pergunta três importantes considerações:

1ª) Uma doutrina católica pode constar até do Catecismo, sem ter sido definida solenemente. Por exemplo, na Bíblia de estudo publicada pela Edições Paulinas (na tradução do Padre Matos Soares), 9ª edição de agosto de 1981, num texto revisado por Dom Mateus Rocha, como nota explicativa referente a Mateus 1.25 diz: "*Mateus afirma a virgindade de Maria antes do parto. Que ela tenha permanecido virgem no parto e depois dele, nós o sabemos pelos santos Padres e pela Igreja, e é verdade de fé católica, isto é, universalmente admitida, embora ainda não tenha sido definida **solenemente***" (Grifo meu). Logo, todo dogma é doutrina, mas a recíproca não é verdadeira.

2ª) O porquê disso, é que, segundo se crê, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa;

3ª) Se ainda não fui claro, saiba que o filho não é meu.

Entendeu? Não?! Não se preocupe! Isso não é o mais importante! O que conta é você acreditar que Maria está no Céu em corpo e alma intercedendo por nós. Isso é dogma. E, se é dogma, todos os católicos têm que crer nesta verdade de fé católica, visto que quem não crê nisso não é católico, pois equivale a suspeitar da infalibilidade de Sua Santidade, o que significa negar a fé católica. Sim, equivale a rejeitar dogmas católicos, como: Imaculada Conceição de Maria, Assunção da Virgem Maria, Infalibilidade Papal, etc. Estes dogmas não podem estar errados, pois são infalíveis aqueles que os sancionaram. Talvez sua incredulidade esteja induzindo-o a formular a seguinte pergunta: "*E como podemos saber se o Papa é infalível mesmo?*" É fácil. Basta você atentar para o fato de que quem está se dizendo infalível, é o próprio. Logo, nenhuma chance de equívoco. E, sendo ele infalível, não só sua infalibilidade nos está assegurada pelo próprio infalível, como também tudo que daí nascer, não é mesmo? Logo, para se crer na infalibilidade papal, basta não pensar. E, uma vez aceito esse dogma, em que mais não cremos? Claro, cremos em tudo, menos no Evangelho.

6.4.4. Nossa Mãe

Em João 19.26,27 podemos ler: "*Ora, Jesus, vendo ali a sua mãe, e ao lado dela, o discípulo a quem ele amava, disse à sua mãe: Mulher eis aí o teu filho. Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa*". Nesta passagem bíblica, vários católicos se "apoiaram" para nos dizer que Maria é nossa mãe. Crêem que o apóstolo João estava representando os cristãos de todo o mundo, em todos os tempos. "Se Maria era a mãe do apóstolo João, então ela é nossa mãe também", argumentam os católicos. Mas eles precisam considerar a última parte do versículo 27 que diz: "*E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa*". Sem dúvida estes versículos tão-somente dizem que Jesus, antes da sua morte, providenciou um amparo para a sua mãe.

Sim, dizendo-nos a Bíblia que João levou a Maria para a sua casa, tão logo o Senhor tenha lhe falado que ela era a sua mãe, nos faz entender que, na opinião deste apóstolo, ter Maria por mãe, implicava não em ter uma potente protetora, mas sim, em tê-la sob os seus cuidados. Lembremo-nos que foi João quem levou Maria para a sua casa, e não o contrário, e que isto, à luz das leis da Hermenêutica, que determinam entre outras coisas, que o texto seja avaliado à luz do contexto, constitui prova de que a maternidade tratada nos versículos acima transcritos, não pode ser espiritualizada. A lição que Jesus nos dá nestes versículos é que os filhos devem honrar seus pais, como Ele fez, confiando sua mãe aos cuidados de alguém de sua confiança, quando estava prestes a expirar.

Além disso, poderíamos dizer que Maria é nossa mãe, sem por isso nos tornarmos mariólatras, desde que o fizéssemos sem a pretensão de dar-lhe Hiperdulia. Uma prova disso é o fato de Abraão e Sara serem chamados de nossos pais na fé (Gl 3.7; 1 Pe 3.6). Se Abraão pode ser nosso pai, e Sara, a mãe das cristãs, por que Maria não poderia ser nossa mãe? Portanto, ainda que Jesus tivesse espiritualizado a maternidade atribuída a Maria, ninguém poderia se servir disso para fazer dela uma deusa. De outro modo, Abraão e Sara seriam nossos deuses.

6.4.5. Bendita Entre as Mulheres

Em Lucas 1.42 podemos ler: "... *Bendita és tu entre as mulheres...*" Os católicos citam este versículo com freqüência, por crerem que o mesmo apóia a devoção que eles têm para com Maria. Que pena! Quem está dizendo que Maria e o fruto de seu ventre (Jesus) não são benditos? Maria é bendita, mas isso não faz dela uma deusa, como querem os católicos. Jael também era bendita entre as mulheres (Jz 5.24, Matos Soares). Todos os servos de Deus são benditos (Mateus 25.34; Deuteronômio 28.3-6).

6.4.6. Bem-Aventurada

Disse Maria: "Desde agora, pois, todas as gerações me chamarão bem-aventurada," (Lucas 1.48). Muitos católicos se servem disso para engrossarem sua argumentação em defesa da Mariolatria. Mas isso só pode impressionar a uma pessoa extremamente ingênua. O que há de especial nisso? Nada, se levarmos em consideração o fato de que a Bíblia chama a todos os servos de Deus de bem-aventurados (Salmo 1.1; 128.1; Mateus 5.3-11; Apocalipse 22.14, etc.).

Em Lucas 11.27,28 podemos ler o que se segue: "Ora, enquanto ele dizia estas coisas, certa mulher dentre a multidão levantou a voz e lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que te amamentaste. Mas ele respondeu: Antes bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a observam". Nestes versículos encontramos uma mulher chamando a Maria de bem-aventurada e o Senhor Jesus aproveitando o ensejo para mostrar em que consiste de fato a bem-aventurança. À luz destas palavras de Jesus podemos ver que se a bem-aventurança de Maria se resumisse no fato de ela tê-lo tido no ventre, nós outros, servos de Deus, seríamos mais bem-aventurados do que ela. Sim, mais importante do que ter Jesus no ventre é tê-lo no coração. Nós não somos mais bem-aventurados do que Maria, visto que ela também o teve no coração. Mas ela não é mais bem-aventurada do que nós, porque tê-lo no coração é tão importante, que tê-lo no ventre acrescenta algo menos significante do que um pingo d'água no oceano.

6.4.7. Rainha do Universo

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, página 273, # 966, Maria é a Rainha do Universo. É por isso que as estampas da coroação de Maria apresentam-na assentada num trono, ladeada pelo Pai e pelo Filho assentados em seus respectivos tronos, os quais, segurando nos extremos duma coroa, a põem na cabeça de Maria, sobre a qual paira o Espírito Santo em forma de pomba. Essa heresia pode ser refutada por várias passagens bíblicas, entre as quais o fato de que o apóstolo João foi arrebatado ao Céu, em espírito, na ilha chamada Patmos e, por incrível que pareça, não viu a Rainha assentada no trono central. Segundo o apóstolo João, quem estava no centro era o Senhor Jesus Cristo (Apocalipse 5.6; 7.17). Qualquer leitor da Bíblia percebe de imediato que os cristãos dos primórdios do Cristianismo não tinham para com Maria nenhuma devoção religiosa. Maria era vista como uma fervorosa serva de Deus, cheia do Espírito Santo. E nada mais.

6.4.8. Perpetuamente Virgem

Ninguém ignora que a Igreja Católica prega oficialmente que Maria nunca se relacionou sexualmente com José. Todos sabem, também, que Maria era casada com um homem chamado José. Ora, quando se diz que o senhor "X" é casado com a dona "Y", não se especula se eles se relacionam ou não sexualmente, pois fazê-lo é ser extremamente indiscreto. Tal era o caso de José e Maria.

O relacionamento sexual, dentro da moldura do casamento, é isento de toda e qualquer mácula. O sexo é dom de Deus.

Os clérigos católicos não dispõem de prova bíblica da perpétua virgindade de Maria. Para que este dogma exista, a cúpula católica teve que fazer as seguintes coisas:

1ª) Inventar isso. Sim leitor, isso foi inventado.

2ª) Apelar para a tal de Tradição, a qual nada mais é que o conjunto de suas tradicionais invencionices.

3ª) "Explicar" sofisticadamente os textos bíblicos que atestam inequivocamente que Deus, valendo-se do concurso natural de José e Maria, brindou o casal com, pelo menos, 4 filhos e duas filhas.

4ª) Apelar à gramática do idioma original do Novo Testamento, assassinando o grego dolosamente, como veremos em 6.4.8.5.

6.4.8.1. "São Seus Parentes Próximos".

O clero católico sustenta que os irmãos de Jesus mencionados em Mt 13.55-56, não eram filhos de Maria; antes tratava-se de parentes próximos. Porém, a exposição abaixo põe a frangalhos esse conto do vigário. Vejamos, pois.

"É verdade que as palavras para irmãos e irmãs podem referir-se a um parente próximo. O sentido, porém, tem de ser determinado pelo contexto e por outros textos das Escrituras. E no caso dos irmãos e irmãs de Jesus, o contexto indica que se trata realmente dos meios-irmãos e meias-irmãs de Jesus.

Primeiro, em parte alguma a Bíblia afirma a doutrina da perpétua virgindade de Maria...

Segundo, quando o termo 'irmãos e irmãs' é empregado em conjunto com 'pai' ou 'mãe', então o sentido não é o de primos e primas, mas sim de irmãos e irmãs mesmo (cf. Lc 14:26). Tal é o caso a respeito das menções dos irmãos e irmãs de Jesus. Mateus 13:55 diz: 'Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?' (cf. Mc 6:3).

Terceiro, há outras referências na Bíblia aos irmãos de Jesus. João nos informa de que 'nem mesmo os seus irmãos criam nele' (Jo 7:5). E Paulo fala de 'Tiago, o irmão do Senhor' (Gl 1:19). Em outra ocasião Marcos refere-se a 'sua [de Jesus] mãe e seus irmãos' (Mc 3:31). João falou de 'sua mãe, seus irmãos e seus discípulos' (Jo 2:12). Lucas menciona que estavam no cenáculo 'Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele' (At 1:14) " (Geisler, Norman; e Howe, Thomas. Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e "Contradições" da Bíblia, Editora Mundo Cristão, página 355, 1ª edição brasileira, 1.999).

Quando dizemos que os clérigos católicos não se inspiraram na Bíblia para criarem o dogma da perpétua virgindade de Maria, não estamos querendo dizer que eles interpretam erradamente os textos bíblicos sobre os quais se apóiam. Não, não, não! O que queremos dizer, é o que estamos dizendo: eles não se inspiraram na Bíblia para criarem esse dogma, mas sim, na tal de Tradição. Essa heresia não é fruto de uma errônea interpretação, mas sim, da "criatividade" do clero católico. E uma vez estabelecida essa heresia, podemos perceber que os clérigos católicos recorrem à Palavra de Deus mais para "provarem" que estamos interpretando mal a Bíblia, do que para provarem que extraíram das Escrituras suas concepções acerca da intocável virgindade de Maria. Ora, se realmente tivéssemos interpretado mal a Bíblia sobre este assunto, ainda estaríamos menos errados do que eles, pois pelo menos teríamos recorrido a uma fonte fidedigna. Ir à Bíblia e interpretá-la mal, às vezes é menos grave do que menosprezá-la, considerando-a igual (ou inferior?) às nossas tradições que na maioria das vezes se revelam transitórias, falíveis e contraditórias.

Ter uma idéia preconcebida e depois procurar respaldo na Bíblia, não é o que de melhor podemos fazer. O ideal é achegarmos à Bíblia quais cântaros vazios e enchê-los da Água cristalina. Mas os clérigos católicos optaram pela primeira alternativa, e isso porque se viram forçados a se defenderem de nossas refutações. Caso contrário, limitar-se-iam a citar a Tradição.

Todos os textos bíblicos citados pelos clérigos católicos no intuito de manterem de pé a doutrina de que Maria nunca teve relação sexual, mal servem para "provarem", depois de deturpados por eles, que nós, os evangélicos, estamos interpretando-os erradamente, mas nunca serviriam para provarem que Maria conservou-se virgem para sempre. Por exemplo, se os irmãos e irmãs de Jesus aludidos em Mt 13.55, não fossem irmãos em seu sentido primário, mas sim, primos e outros parentes próximos, este texto não daria aos evangélicos suporte suficiente para apoiarmos nossa opinião de que Maria não foi sempre virgem, mas convenhamos que os clérigos católicos também continuariam carentes de um texto bíblico que os apoiasse. Sim, porque se este trecho da Bíblia não serve para provar que

Maria foi mãe de vários filhos e filhas, muito menos serve para provar a sua virgindade. Aliás, os clérigos católicos não citam Mt 13.55 a fim de provarem a eterna virgindade de Maria, mas sim, para "provarem" que nós, os evangélicos, estamos equivocados, quanto à interpretação que damos a este texto.

Para facilitarmos ainda mais a compreensão do que pretendemos ensinar, vamos considerar que num certo livro estivesse escrito o seguinte: "...Naquele dia tive a felicidade de conhecer o senhor Abraão e a sua esposa Sara, pais do meu genro Juarez; bem como a seus irmãos, João, Antônio, Joaquim, Manoel e todas as suas irmãs." Perguntamos: Teria lógica alguém argumentar assim: *"Bem, na terra do senhor Juarez tinha-se o hábito de chamar os parentes próximos de irmãos. Por conseguinte é razoável concluirmos que esses seus irmãos e irmãs sejam tios, primos e outros parentes, pois de modo algum pode referir-se a outros filhos do senhor Abraão com dona Sara."* Claro, só o cúmulo da rabulice exegética poderia levar alguém a apresentar uma "hermenêutica" tão deslavada e descabida. E o mesmo podemos dizer da "explicação" que o clero católico dá de Mt 13.55,56.

Considerando que Mt 13.55 dá os nomes dos quatro irmãos de Jesus, e ainda nos fala de *suas irmãs*, e supondo que estes sejam parentes próximos, perguntamos, para que o caro leitor reflita calmamente e responda a si mesmo: Será que Jesus tinha só seis parentes? O leitor conhece alguém que tenha só seis parentes?

Todos os leitores da Bíblia sabem que deveras parentes próximos são às vezes chamados de "irmãos", na Bíblia. Ora, ninguém ignora que a locução "parentes próximos" inclui os pais, os irmãos, os tios, os avós, os netos, os sobrinhos, etc. Não é, pois, esta, a definição da palavra "irmão", em Mt 13.55-56, visto que, nesse caso, Maria constituiria, juntamente com os demais parentes de Jesus, o conjunto de seus irmãos. Mateus, o escritor do texto em apreço, que é Mt 13. 55-56, não faria referência à sua mãe, às suas irmãs, e aos seus irmãos; mas tão-somente diria: *"E não estão entre nós todos os seus irmãos, isto é, sua mãe e os demais parentes dele?"*. No entanto, não é isso o que diz o texto em lide.

Posto que não há divergência entre católicos e evangélicos quanto ao fato de que José e Maria eram marido e mulher, perguntamos: Se eles queriam levar uma vida celibatária, por que se casaram? Imagine o leitor o tamanho do contra-senso de uma donzela que quer manter-se virgem para sempre, mas não quer ficar solteira. Igualmente louco seria o rapaz que aceitasse casar-se com uma moça dessas. Por que os padres não se inspiram no suposto exemplo de José e Maria e se casam com as freiras? Não fizeram ambos (padres e freiras) o voto de castidade?

Maria só ficou sabendo que havia sido eleita para ser mãe do Messias depois que o anjo Gabriel lhe deu as boas novas. Por que teria feito antes voto de virgindade perpétua? E se ela realmente havia feito tal voto, por que teria sido desposada com José? Lembremo-nos que desposar-se, neste caso, equivale ao que nós chamamos de noivar-se, e que quem faz isso quer se casar. E aí perguntamos: O que Maria e José entendiam por casar-se? Como sabemos, a Bíblia diz categoricamente que José e Maria eram marido e esposa (Mt 1.19,20,24). Ora, o que é ser marido? E o que é ser esposa?

6.4.8.2. "Unigênito é Primogênito"

Um dos muitos argumentos dos evangélicos, em defesa da verdade de que Jesus não era o único filho de Maria, é o fato de a Bíblia dizer que Jesus era o seu primogênito (Mt 1.25). "Se Jesus fosse o único filho de Maria" afirmam em uníssono os evangélicos, "Ele não seria o seu primogênito, mas sim, o seu unigênito." A este sólido argumento, o padre Euzébio Tintori, no Novo Testamento editado pela Pia Sociedade de São Paulo, por ele comentado, retrucou: *"Primogênito era assim denominado o unigênito para todos os efeitos legais."* Concordamos, mas ressaltamos que Mateus escreveu a biografia de Jesus cerca de 60 anos após o Seu (de Jesus) nascimento, e que, portanto, já se sabia se Maria havia tido ou não outros filhos. Logo, Mateus poderia chamá-lo de unigênito, se Ele fosse filho único. Por que não o fez? Além disso, atentemos para o fato de que embora possamos chamar o unigênito de primogênito, a recíproca não é verdadeira; ou seja, o único filho de um casal, pode ser o primeiro de uma série que está por vir; mas o primeiro de uma série de cinco filhos que já

nasceram a um casal, jamais será filho único. Não seria este o motivo pelo qual os escritores do Novo Testamento não chamaram a Jesus de unigênito de Maria uma só vez sequer?

Quanto a filiação Divina, Jesus é tanto unigênito (Jo 3.16) quanto primogênito (Hb 1.6); mas, quanto à filiação humana, a Bíblia o chama unicamente de primogênito (Mt 1.25; Lc 2.7,23). Por que isso?

Certamente o padre Euzébio Tintori acha fraco o argumento dos evangélicos de que se Jesus era o primogênito de Maria, então ela teve outros filhos. Mas não se pode esquecer que:

1º) Este não é o nosso único argumento.

2º) Dispomos (como já estamos vendo e continuaremos a ver) de argumentos irrefutáveis. Logo, podemos provar o que estamos dizendo.

3º) Se o nosso argumento é fraco, o do padre Euzébio é fraquíssimo. Sim, porque se o fato de Jesus ser o primogênito de Maria, não prova cabalmente que ela tenha tido outros filhos além dele, muito menos prova que ela tenha se mantido virgem para sempre. Deste modo, nós e o clero católico teríamos que concluir que Mt 1.25 não trata deste assunto, e que portanto teríamos que continuar procurando na Bíblia, textos que corroborassem as nossas crenças.

Do exposto fica patente que o clero católico continua nos devendo uma prova bíblica da perpétua virgindade de Maria.

6.4.8.3. O "Até" de Mt 1.25 Não Prova Nada?

Uma das muitas provas de que Maria não guardou a sua virgindade para sempre, mas sim, que depois do nascimento de Jesus, ela e José tiveram todo relacionamento físico próprio de um casal, é o fato de Mt 1.25 dizer que José *"não a conheceu até que deu à luz seu filho..."* Segundo o Novo Dicionário Aurélio, "até" é uma preposição e *"indica um limite de tempo, no espaço, ou nas ações."* Conseqüentemente, se não formos tendenciosos, entenderemos facilmente que o fato de Mateus afirmar que José não conheceu Maria ATÉ que ela deu à luz seu filho, indica que a partir daí as coisas mudaram

O referido Padre Euzébio, no aludido Novo Testamento por ele comentado, "explica" o texto em apreço assim: *"São Mateus afirma a virgindade de Maria antes do parto. Que ela o tenha sido também no parto e depois do parto, no-lo afirmam os Santos Padres e, infalivelmente a Igreja."* Com essa "explicação" ele quer dizer o seguinte:

1º) A Bíblia nos informa que José não se relacionou sexualmente com Maria, antes do parto;

2º) Se houve ou não o relacionamento sexual entre José e Maria após o nascimento de Jesus, não é através da Bíblia que vamos ficar sabendo disso, visto que ela nada fala sobre este assunto;

3º) Há duas fontes fidedignas que nos informam que Maria guardou a sua virgindade para sempre: os Santos Padres e a infalível Igreja. Agora, vamos avaliar as afirmações do padre Euzébio. Se dissermos que fomos para o Rio de Janeiro em 1.970 e que lá permanecemos até 1.988, o leitor entenderá que nunca nos mudamos do Rio de Janeiro e que lá permanecemos até hoje? Certamente que não, mas o padre Euzébio demonstra não pensar assim.

Jesus disse que estará conosco até a consumação dos séculos (Mt 28.20). Este caso e outros correlatos têm servido de pretexto para os clérigos católicos afirmarem que a preposição "ATÉ", nem sempre indica um limite de tempo, no espaço, ou nas ações. Para "provarem" isso afirmam que Cristo estará conosco até o fim do mundo (28.20), não obstante termos Sua presença assegurada para sempre. Porém, este texto trata de Seu apoio à evangelização mundial, até que o trabalho cesse. A partir daí Ele não mais nos ajudará a evangelizar visto que esta tarefa já terá terminado.

A afirmação do padre Euzébio de que é através dos "Santos Padres" que se tomou conhecimento da eterna virgindade de Maria, é de suma importância para nós. É que aí temos um membro do clero católico confessando que não é lendo a Bíblia que se aprende essas coisas. Essas coisas a gente aprende é com os "Santos Padres e com a infalível Igreja". Como já vimos, muitos dos "Santos" da Igreja Católica pregavam coisas diametralmente opostas às atuais doutrinas da Igreja Católica. Vimos, por exemplo, que segundo o CPR - Centro de Pesquisas Religiosas, Santo Anselmo não acreditava no dogma da Imaculada Conceição de Maria. Ora, se a Igreja Católica diverge de seus santos, por que não poderíamos fazer o mesmo? Sentimo-nos livres para divergirmos de quaisquer "santos", desde que suas doutrinas choquem com as Escrituras Sagradas. Nosso compromisso é com a Bíblia.

Existe uma obra espúria intitulada **Proto Evangelho de Tiago**, datada do século II, que não faz parte nem mesmo das Bíblias católicas, que prega a perpétua virgindade de Maria. Veja esta transcrição da dita obra: *"E, ao sair a parteira da gruta, veio a seu encontro Salomé. Salomé, Salomé, exclamou, tenho de te contar uma maravilha nunca vista, e é que uma virgem deu à luz; coisa que, como sabes, não permite a natureza humana. Mas Salomé replicou: Pelo Senhor, meu Deus, não acreditarei em tal coisa, se não me for dado tocar com os dedos e examinar sua natureza. E, havendo entrado a parteira, disse a Maria: Prepara-te, porque há entre nós uma grande querela em relação a ti. Salomé, pois, introduziu seu dedo em sua natureza, mas, de repente, deu um grito dizendo: Ai de mim, minha maldade e minha incredulidade é que têm a culpa! Por tentar ao Deus vivo desprende-se de meu corpo minha mão carbonizada".*

O grande apologista cristão _ Clemente de Alexandria _ e seu discípulo Orígenes _ exegeta e teólogo _ , ambos nascidos no século II e falecidos no século III, apoiando-se no texto apócrifo acima transcrito, defendiam a perpétua virgindade de Maria, ou seja, que o hímen da mãe de Jesus sobreviveu ao parto. Mas, como se sabe, estes homens eram seres humanos e, portanto, falíveis. A própria Igreja Católica não reconhece Orígenes como autoridade inquestionável. Por exemplo, no *Dicionário Enciclopédico*, referindo-se a Orígenes diz: *"...Sua doutrina foi condenada pela Igreja"* (Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro/RJ, edição de 1.993, página 1.418).

O Padre Euzébio deixou claro que ele também crê na infalibilidade do Papa e seus bispos, quando disse que a perpétua virgindade de Maria nos é assegurada pelos **"Santos Padres e, infalivelmente pela Igreja"** (*Grifo nosso*). Mas quem pensa sabe que a Igreja Católica não é infalível. As muitas incoerências provam que ela não é a dona da verdade e, que portanto, não deve ser seguida cegamente. O clero católico nos deve, sim, uma explicação.

Como o leitor viu acima, o Padre Euzébio ratificou a velha heresia católica de que Maria foi virgem antes, *durante* e após o parto, isto é, Deus fez com que o feto passasse através da vagina de sua (de Jesus) mãe, sem provocar o rompimento do hímen. Isto prova que quando os clérigos católicos dizem que Maria é virgem, não querem dizer apenas que ela nunca se relacionou sexualmente, mas também querem que creiamos que Deus preservou miraculosamente o hímen de Maria. Deus preservou de tal maneira, a dita membrana, que nem mesmo o parto foi capaz de eliminá-lo. Ora, Maria poderia ser virgem sem o hímen, visto que a perda dessa membrana não implicaria, necessariamente, na perda da virgindade, considerando que "virgem" não é o mesmo que "mulher com hímen", e sim, como bem o define o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, "mulher... que nunca teve relações sexuais com homem...". Logo, quando a perda do hímen ocorre por acidente ou por qualquer razão que não seja o coito, não se pode dizer que se deu a perda da virgindade. Deste modo Maria não só é virgem (não teve relações sexuais), segundo a liderança católica, mas também portadora de hímen, visto que Cristo passou pelo mesmo como *um raio de sol*. Como prova de que não estou equivocado, veja o que, a respeito do nascimento de Jesus, diz o Padre Dom Francisco Prada: [...] *"Estando a Virgem no estábulo de Belém, saiu dela como um raio de sol, sem manchar ou romper o cristal de sua pureza, o Filho divino que ela carregara em seu seio"* [...] (PRADA, Francisco. *Novenário*. São Paulo: A M Edições. 3 ed., 1996, p. 66).

Será que o clero católico crê que Maria subiu ao Céu com o seu hímen?!

Se o hímen de Maria se rompeu ou não durante o parto, é questão tão irrelevante na ótica Divina, que Deus sequer comentou sobre este assunto na Sua Palavra - a Bíblia. Todavia, a cúpula católica gasta muito papel e não pouca tinta na difusão, em todo o mundo, dessa "criatividade"

clerical. Outra questão indigna de um debate teológico, diz respeito ao relacionamento sexual entre José e Maria, após o nascimento de Jesus. Os líderes católicos juram de pés juntos que isso nunca aconteceu. Ora, que ingenuidade! Para que atazanar-se com isso?! Quem disse que precisamos saber a verdade sobre isso para sermos salvos?!

6.4.8.4. Voto de Castidade?!

O padre Euzébio Tintore (no aludido Novo Testamento por ele comentado) e o bispo Dom Mateus Rocha (este, revisor de uma Bíblia de estudo editada "*Com aprovação eclesiástica*" pela Edições Paulinas [editora católica]), são da opinião de que o motivo pelo qual Maria perguntou ao anjo Gabriel sobre como poderia ela engravidar, visto que ela não conhecia varão, era porque ela havia feito voto de doar a sua virgindade a Deus. Mas eles se esqueceram que Lc 1.27 diz que Maria era desposada, isto é, noiva. Ora, será que já existiu neste mundo uma noiva tão ingênua que não soubesse que virgindade e casamento são incompatíveis? E se sim, seria Maria uma dessas ingênuas? Que pensam eles de Maria?

6.4.8.5. À "Bíblia" Finalmente

Embora os clérigos católicos dificilmente recorram à Bíblia para pregarem o dogma da perpétua virgindade de Maria, esta regra tem lá as suas exceções. Realmente, às vezes eles tentam "provar à luz da Bíblia" que estão com a razão. Veja o exemplo abaixo.

"O" Filho

Possuímos um catecismo católico intitulado Verdade e Vida, distribuído pela Arquidiocese Militar de Brasília, no qual, à página 30, pode-se ler o seguinte: "*Jesus é o único Filho de Maria mostrado ainda pela designação enfática (com o artigo), 'O Filho de Maria' (Marcos 6.3)*". Quer-se dizer com isso que o fato de Jesus ser chamado de "o" Filho de Maria (o artigo "o" realmente consta do original) prova que Ele é filho único dela. Mas neste caso o artigo não se destina a provar isso. Valer-se disso para provar que Maria não teve filhos além de Jesus, é ingenuidade ou má fé. Sim, pois quem assim age, das duas uma: Ou ignora as regras gramaticais da língua grega ou finge ignorá-las. O artigo definido no grego não tem por finalidade única demonstrar unicidade, mas também destacar individualidade. Uma prova disso é que neste mesmo versículo (Marcos 6.3), Jesus é chamado, no original, de "o carpinteiro". Revelaria erudição deduzirmos daí que nos seus dias, Jesus era o único carpinteiro do mundo? Pensem e repensem nisso os padres sinceros.

Aqui o tiro sai pela culatra e o feitiço vira contra o feiticeiro. É que em Gálatas 1.19, Tiago é chamado, no original, de " o irmão do Senhor". Neste caso também o artigo consta do original. Raciocinemos: Se o artigo definido, precedendo o substantivo "filho", constante de Mc 6.3, servisse para provar que Jesus era filho único de Maria, certamente provaria também que Tiago era seu único irmão. Ora, filho único não tem irmão. E, considerando que o clero católico prega que os irmãos de Jesus mencionados em Mt 13.55 são seus parentes próximos, teríamos que concluir que a Bíblia é contraditória. Sim, pois poderíamos dizer que ela diz em Mt 13.55 que Jesus tinha quatro parentes, dos quais Tiago era um; e, contraditoriamente, que Tiago era seu único parente, em Gálatas 1.19.

Afinal, Tiago era irmão único, ou parente único? Se os clérigos católicos disserem que era parente único, terão que se ver com Mt 13.55, visto dizerem que "os irmãos" aqui aludidos são parentes próximos. E, se disserem que era seu único irmão, lá se vai a eterna virgindade de Maria, pois que então Jesus teria dois parentes chamados Tiago: um primo e um irmão.

Não havia um só Tiago nos dias de Jesus. Um dos Tiagos mencionados na Bíblia era, juntamente com seu irmão José, filho de uma mulher também chamada Maria (Mt 27.56). Os clérigos católicos se servem disso no intuito de "provarem" que os irmãos de Jesus aludidos em Mt 13. 55-56, são seus parentes próximos, filhos de uma outra Maria. Mas essa apelação só serve para revelar o desespero do clero.

6 5. A "Virgem" e os Carismáticos.

Muitos pensam que os católicos carismáticos são menos idólatras e mariólatras do que os tradicionais. Mas os fatos, muito longe de confirmar essa suposição, revelam que o Movimento Carismático e o Catolicismo tradicional são farinha do mesmo saco. Aliás, o que predomina entre os carismáticos é uma idolatria mais fervorosa. Logo, nada para melhor, e sim, para pior. Se você discorda, veja os fatos a seguir:

a) o pioneiro da Renovação Católica Carismática no Brasil, é o jesuíta Harold J. Rahn, que veio dos Estados Unidos com a "sublime" missão de estimular aqui esse movimento. Em seu livro intitulado **Sereis Batizados no Espírito Santo**, página 196, ele se revela extremamente mariólatra, chegando ao cúmulo do absurdo de dizer "*Aleluia a Maria*". Ora, aleluia é, em hebraico, LOUVAI A JEOVÁ. Portanto, como endereçarmos a Maria esta exclamação de louvor, da qual só Deus é digno? Não é isso o ápice da mariolatria?

b) a revista Brasil Cristão, órgão oficial da Renovação Católica Carismática no Brasil, confere a Maria títulos tão honoríficos (para não dizermos sacrílegos) que saltam aos olhos que os católicos carismáticos também estão elevando uma criatura à Divindade. Por exemplo, chamam a Maria de Estrela da Manhã (título bíblico atribuído a Cristo), Porta do céu... além de afirmarem que a morte veio por Eva e a vida por Maria (Brasil Cristão, número 34, maio/2000, página 7; e nº 25, agosto de 1999, página 10, respectivamente).

c) como já vimos, o Padre Salvador Carrillo Alday, ardoroso carismático, além de afirmar que um dos frutos do Espírito é "*A volta para uma devoção séria e centralizada na Santíssima Virgem Maria*", diz que Maria "**Sempre está presente em todo o grupo de oração**" (*A Renovação Carismática e as comunidades religiosas*, Editora Ave Maria, 1999. Citado na revista Defesa da Fé, ICP_Instituto Cristão de Pesquisas, maio de 2004, página 14, grifo nosso).

d) ainda na revista Defesa da Fé, março/abril de 1999, página 17, consta que há católicos carismáticos ensinando que é Maria quem batiza no Espírito Santo.

e) "*Tudo por Cristo, nada sem Maria*," é um slogan católico que tradicionais e carismáticos recitam em uníssono com regular frequência. Veja que nesse trocadilho eles dizem que sem Maria não se consegue coisa alguma. E, sendo assim, a atuação de Maria é, segundo eles, imprescindível à nossa salvação. Eles estão sim, dizendo que sem Maria não há salvação. Logo, está claro que entre os católicos tradicionais e os chamados carismáticos, não há diferença relevante; estando, portanto, desqualificados para receberem o alegado batismo no Espírito Santo.

6.6. Maria-de-Menos e Maria-Demais?!

Há quem diga que tanto os católicos, quanto os evangélicos se equivocam no trato para com Maria. Diz-se que os católicos vão além do limite, e que os evangélicos estão aquém do devido. Chamam a isso de *Maria demais* e *Maria de menos*, respectivamente. Certo Pastor escreveu: "*De uma forma geral, o povo evangélico menospreza Maria. Nós temos de dar as mãos à palmatória, pois de uma forma geral, nós evangélicos zombamos e ridicularizamos a figura de Maria*" (J. Jacó Vieira, Em Defesa da Virgem Maria, produção independente, página 13). Ora, entre os evangélicos há os que são de fato, bem como os falsos. Por conseguinte, existem entre nós pessoas de todas as índoles, como caluniadores, invejosos, adúlteros, assassinos, ladrões, etc. Conseqüentemente, é possível que haja entre nós alguém que não tenha para com Maria o respeito que lhe é devido. Contudo, se há, são tão poucos que ainda não encontramos sequer, um. Já encontramos alguns crentes que podem ser acusados de *Maria demais*, por não estarem devidamente sarados da Mariologia católica; mas evangélicos portando Maria de menos, ainda não os vimos. Parece-nos, pois, exagerada a colocação

do prezado colega supracitado, segundo o qual, "*De uma forma GERAL, o POVO EVANGÉLICO menospreza Maria. Nós temos de dar as mãos à palmatória, pois de uma forma GERAL, nós evangélicos zombamos e ridicularizamos a figura de Maria*".

Ainda repreendendo os evangélicos que, segundo o estimado colega, zombam e ridicularizam a Maria, disse ele: "*Alguns denominam uma de suas imagens de 'pretinha', maneira racista, discriminatória e depreciativa de mencionar quem quer que seja!*" (Ibidem). Concordamos que não se deve expressar assim, pois pode causar mal-entendido, suscitar ira e escandalizar os que tanto amamos e desejamos ver no Céu conosco. Contudo, esse gesto, muito longe de revelar qualquer desprezo para com Maria, demonstra desdém à idolatria. A estátua de Nossa Senhora Aparecida e Maria, são distintas e diferentes. Todos os verdadeiros evangélicos amam e respeitam a Maria, mas desdenham o culto a Maria, bem como às suas estampas e estátuas.

Como já dissemos, não temos tomado conhecimento desse negócio de *Maria de menos* entre nós. Já debatemos com alguns irmãos em Cristo sobre essa questão e, graças a Deus, conseguimos fazer com que compreendessem que as coisas não são bem assim. Os que se apresentam como evangélicos formam, como vimos acima, dois grupos: os falsos evangélicos e os autênticos. Estes honram a Maria a altura de seus méritos, pois aprendem conosco que a Bíblia apresenta a Maria como uma valorosa varoa. Aqueles, porém, se são oriundos do Catolicismo e outras seitas que fazem de Maria uma deusa, possivelmente a "honrem" acima do devido, atribuindo a ela títulos só aplicáveis a Deus, além de outras práticas mariolátricas. Assim, não é justo nos acusar de *Maria de menos*, visto não ensinarmos isso a quem quer que seja. Por outro lado, os portadores de *Maria demais*, não aprenderam isso conosco. Logo, não temos culpa no cartório. Os *Maria-de-menos* (se é que eles existem) não aprenderam isso conosco, e os *Maria-de-mais*, muito menos.

Veja, os evangélicos crêem que Maria era um ser humano normal, descendente de Adão e Eva e, portanto, portadora do vírus do pecado comum a todos nós, tendo, por isso, tanto o pecado original, quanto culpas pessoais. Para provarmos isso, citamos 1Rs 8.46; Sl 14.3; Rm 3.23, etc. Crêem ainda os evangélicos, que Maria reconheceu sua pecaminosidade e apelou para a graça de Deus, por cujo motivo se salvou (Lc 1.47). Ora, Deus sempre usou nas Suas mãos os que, como Maria, se entregam a Ele sem reservas; e, com Maria não foi diferente. Maria era, pois, uma fervorosa serva de Deus, cheia do Espírito Santo, a quem Deus, por Sua graça, dignou-se dar a sublime missão de ser a mãe do Seu Filho Jesus.

A graça concedida a Maria é muito grande, mas nenhuma graça divina nos transforma em deuses. Nenhuma criatura, seja homem ou mulher, por mais agraciada que seja, pode assumir o lugar de Deus na nossa vida.

Nós, os evangélicos, amamos e honramos a Maria tanto quanto amamos e respeitamos a Moisés, Abraão, Elias, Hulda, Débora, Pedro, Paulo, João, etc. Logo, não podemos ser acusados de *Maria de menos*. Realmente os evangélicos deixam Maria no lugar humilde e realista onde ela mesma se pôs. E se sobre isso há algum desequilíbrio entre nós, este é para mais, não para menos. De fato, alguns evangélicos são portadores de *Maria demais*; nunca, porém, de *Maria de menos*. Por exemplo, os evangélicos que acham que há entre nós uma dose de *Maria de menos*, são, sem dúvida, pessoas que ainda não estão totalmente curadas da Mariologia católica. Para se chegar a essa conclusão, basta perguntarmos a eles o que eles querem que façamos para eliminarmos de nosso meio o que eles chamam de *Maria de menos*. Que outra honra podemos tributar a Maria, além do que já fazemos, sem nos tornarmos mariólatras? Se conferirmos ao apóstolo Pedro uma honra superior à que já lhe conferimos, porventura não nos tornaremos pedrólatras? E o mesmo não podemos dizer em relação a Maria? Quando lemos a Bíblia, não percebemos que os cristãos primitivos, incluindo os apóstolos, não tinham para com Maria qualquer devoção religiosa, como também nós o fazemos hoje?

Certa senhora católica disse que não gosta da Bíblia porque (disse ela) "*esse livro não dá a Nossa Senhora a honra que lhe é devida*". Ora, essa senhora não é tão herética como aparenta. Ela já enxergou que a Bíblia não é um livro mariolátrico. E o seu testemunho, por partir de uma endeusadora de Maria, é insuspeito e, por conseguinte, relevante.

Sim, ratificamos que não há *Maria de menos* entre nós, mas muito pelo contrário.

A grande maioria dos evangélicos é equilibrada quanto ao conceito que tem da pessoa de Maria. Pouquíssimos são os que destoam, já que reduzidíssimo é o número dos que crêem que há *Maria de menos* entre nós. Até mesmo os que supõem que haja *Maria de menos* entre nós, não podem ser tachados de mariólatras, visto que os tais não concordam que Maria seja Nossa Senhora, advogada dos pecadores, medianeira entre Deus e nós, Rainha do Universo, digna de Hiperdulia, nossa Mãe, nossa intercessora... e outras práticas mariolátricas. O que eles acham é que deveríamos atentar mais para seu brilhante exemplo de fé, abnegação e resignação.

Se realmente estamos deixando a desejar no apreço devido a Maria, como erroneamente crêem os que nos acusam de *Maria de menos*, perguntamos: Não fizeram os apóstolos o mesmo?. Os apóstolos enfatizavam o nome de Jesus e falavam de Maria só de passagem. O apóstolo Paulo chegou a dizer: "*Porque nada propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado*" (1Co. 2.2). E por que teríamos que falar mais das virtudes de Maria, do que de outros heróis da fé? Moisés, Jó, Daniel, Paulo, Misael, Ananias, Azarias e outros, foram menos virtuosos do que Maria? Se sim, em que ela os sobrepujou? Além disso, não é Cristo nosso modelo maior de perfeição? Lembre-se: Maior do que Maria, é o fruto de seu ventre (Jesus); e que tê-lo no coração é mais importante do que tê-lo no ventre. Esta não é apenas a opinião deste autor; antes se refere ao parecer infalível de Jesus (Lucas 11.27,28). A indizível felicidade de ter Jesus no ventre, foi exclusiva de Maria; mas a inefável bênção da salvação é comum a todos os verdadeiros cristãos, inclusive a Maria. E é esta, a bênção que faz diferença.

6.7. Maria: Mulher Hiper Abençoada

Maria, a santa mãe do Senhor Jesus Cristo, recebeu muitas bênçãos de Deus, das quais registramos algumas no presente tópico. Isto é importante, pois contribuirá para aprofundar nosso conhecimento acerca dessa varoa valorosa, que hoje descansa no Paraíso Celestial. Vejamos, pois, as bênçãos abaixo alistadas, com as quais Deus agraciou a sua querida filha e serva, Maria.

6.7.1. A Bênção da Existência

Como é do conhecimento de todos os leitores da Bíblia, Maria nasceu no século I a.C.. Ela era uma descendente de Adão e Eva, como todos nós, e, portanto, um ser humano normal. Logo, foi Deus quem a trouxe à existência (At 17.24; Ap 4.11). E a existência é, por si só, uma grande bênção de Deus. Louvemos, pois, a Deus, pela existência de Maria, visto que se Ele não a criasse, ela nem mesmo existiria.

6.7.2. A Bênção de ter um Marido Temente a Deus

Basta-nos ler Mt 1.18-25; e Lc 1.26-38, para sabermos que Maria, por ser uma moça normal, sonhava com o que todas as donzelas sonham: tornar-se esposa e mãe. E, por isto, desposou-se, isto é, noivou-se com um homem chamado José. Ora, é desnecessário dizer que uma jovem de bem, como o era Maria, não aceitaria noivar-se com um rapaz, sem estar disposta a tornar-se sua esposa, bem como a mãe de seus filhos. Então as referências bíblicas acima dizem que Deus abençoou a Maria, no que diz respeito à sua vida sentimental também, dando-lhe um marido, visto dizerem que ela fora *desposada* com um *homem*, e que este a recebeu como *mulher*, isto é, como esposa. Sim, José e Maria eram marido e mulher. Oh! Como é bom constituir nosso lar! José e Maria também pensavam assim e, com a ajuda de Deus, constituíram uma família feliz!

Quando Maria engravidou pelo poder do Espírito Santo, José fez dela um mau juízo; pensou, como qualquer outro pensaria, tratar-se de uma infidelidade. Então Deus, através de um anjo, lhe disse que tal gravidez era um milagre de Deus. Assim José desistiu do seu intento de deixá-la, e a recebeu por esposa (Mt 1.18-20). Contudo, numa demonstração de respeito ao ente santo que estava no ventre de sua amada, assentou no seu coração o firme propósito de não penetrá-la antes que o neném nascesse (Mt 1.25). Deste modo se pode ver quão reverente era o esposo de Maria! Oh! Ter um cônjuge que ama e respeita a Deus, é simplesmente maravilhoso! E aquela que, como Jael, era

bendita entre as mulheres (Juízes 5.24; Lucas 1.28), teve, entre outras bênçãos, a felicidade de ter um esposo que amava a Deus!

6.7.3. A Bênção de Ser Mãe

Segundo a Bíblia, enquanto Maria tomava as medidas necessárias para casar-se com o homem de seus sonhos_ o seu amado noivo José_, foi surpreendida com uma notícia angelical de que ela havia sido eleita por Deus para ser a mãe do Salvador do mundo. Naquela época ela ainda não havia se relacionado sexualmente com José, pois era noiva, e não esposa. Ademais, ela respeitava a Deus e, por conseguinte, não praticava fornicção, isto é, ela discordava do coito extraconjugal, por saber que isso é contrário à vontade de Deus (1Co 6.9). (Oxalá todos os jovens seguissem o brilhante exemplo que Maria nos legou!). Por tudo isso, Maria perguntou ao anjo Gabriel: "*Como se fará isso, visto que não conheço homem?*", ao que lhe respondeu o anjo, dizendo que a referida gravidez seria um milagre do Espírito Santo (Lc 1.34,35).

O fato de Maria tornar-se mãe do Senhor, fez dela a mais bem-aventurada mãe de todos os tempos, pois ter um filho da envergadura de Jesus é, sem dúvida, uma felicidade infinita. Mas, como se tudo isso não bastasse, Deus deu à sua serva a felicidade de ser mãe de, pelo menos, seis filhos, além de Jesus, o seu primogênito:Tiago, José, Simão, Judas e suas irmãs (Mt 13.55-56). Estes não foram gerados direto e miraculosamente pelo Espírito Santo (como o fora Jesus), mas pelo concurso natural de seus pais: José e Maria.

Certamente, por um tempo considerável, os outros filhos de Maria lhe trouxeram preocupações, já que não criam em Jesus (Jo 7.5). E, como sabemos, o Inferno aguarda a todos os que não crêem em Cristo, o que inclui, obviamente, os filhos de Maria. Esse inconveniente, porém, teve o seu fim, porquanto eles também se renderam a Cristo (At 1.14). Podemos imaginar a felicidade de Maria, vendo seus filhos reconhecendo que Jesus é o Senhor! Que bênção! Oxalá todas as mães cristãs tivessem a mesma ventura!

6.7.4. A Bênção de ser Serva de Deus

Ser servo de Deus é algo maravilhosíssimo. Nós e os anjos fomos criados para isto. Nem todos, porém, fazem bom uso desta mais que rica oportunidade. Poucos são os que verdadeiramente servem a Deus, e Maria estava e está entre os tais. Quanto a isto, não temos que apoiarmos em suposições, já que ela mesma o disse. São dela estas palavras: "*Eis aqui a serva do Senhor*" (Lc 1.38).

6.7.5. A Bênção da Humildade

Deus deseja que todos nós sejamos humildes e tudo faz para pôr em nós este nobre sentimento (2Co 12.7; Tg 4.10). Todavia, nem todos ouvem a voz do Espírito Santo, o qual incessantemente tenta nos convencer da nossa insignificância. E, graças a Deus, Maria se pôs entre os que sabem que nada somos e que só Deus é grande. Ela disse que Deus "*atentou na humildade de sua serva*" (Lc 1.48).

6.7.6. A Bênção do Batismo no Espírito Santo

A promessa que Deus fez na instrumentalidade do meu xará, de derramar o Espírito Santo sobre toda carne (Jl 2.28), se cumpriu no dia de Pentecostes (At 1 e 2); e Maria estava entre os agraciados At1.14). Sim, Maria recebeu a promessa que João Batista e Jesus chamavam de batismo no Espírito Santo (Mt 3.11; At 1.5), e falou em outras línguas (At 2.4).

6.7.7. A Bênção de ser um Exemplo de Vida

A fidelidade de Maria é um estímulo a todos nós. A sua vida inspira fé e amor. Tal se dá porque se ela pôde ser fiel, todos podemos sê-lo também, já que ela era um ser humano normal igual a todos

nós; e não um anjo, tampouco uma deusa. Imitemos, pois, a Maria, e sejamos abençoados! O privilégio de ter Jesus no ventre, foi exclusivo de Maria, mas a graça inefável de tê-lo no coração, é extensiva a todos nós. Inspiremos, pois, no belo exemplo de Maria e deixemos que o Espírito Santo "gere" Cristo em nossos corações!

Sim, amemos e respeitemos a Maria. Ela não é nossa Mãe, mas é nossa querida irmã; ela não é Nossa Senhora, mas também é serva de nosso Senhor; ela não é o caminho da salvação, mas é, entre outros, um brilhante exemplo digno de ser imitado; ela não é a luz, mas se guiou pela luz da verdade; ela não é nossa medianeira, mas foi por seu intermédio que o Pai enviou ao mundo o único Mediador entre Ele e nós; ela não é Salvadora, mas é salva; ela não é perdoadora, mas é perdoada; ela não pode fazer nada por nós, tampouco por si mesma, mas refugiou-se naquEle que tudo pode! Deste modo, enquanto muitos são exemplos negativos, dignos de serem evitados, Maria foi um exemplo positivo, digno de ser imitado, como já dissemos acima. Sim, amemos a Maria, bem como a todos os servos de Deus do passado, do presente e do futuro; e cultuemos só a Deus. Há muitas pessoas, dignas de elogios, mas só Deus é digno de culto. Não inventemos moda, criando três categorias de culto (Dulia, Hiperdulia e Latria). Tributemos Latria a Deus, e eliminemos de nossas vidas tanto a Dulia quanto a Hiperdulia católicas. Hiperdulia não existe, e dulia é serviço sagrado a Deus.

6.7.8. A Bênção da Salvação

Finalmente chegamos à maior de todas as bênçãos que Deus deu a Maria: a bênção da salvação. Diferentemente da grande maioria, Maria reconheceu que ela necessitava de um Salvador, que podia tê-lo, e o encontrou em Jesus, já que Ele é o único Salvador (Jo 14.6; At 4.12). Realmente, quanto ao fato de que Maria necessitou de um Salvador, também não temos que apoiarmos em suposições, visto que ela mesma o disse. São dela estas palavras: "*O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*" (Lc 1.47). Vê-se, portanto, que Jesus nasceu de Maria para salvar a todos os descendentes de Adão, inclusive a própria mãe. E o porquê disso é que o pecado maculou a todos nós, sem exceção (2 Cr 6.36; Sl 14.2-3; Rm 3.23; Gl 3.22; 1 Jo 1.10). Logo, Maria também necessitava do perdão dos seus pecados e da conseqüente salvação da sua alma. E ela foi suficientemente realista para admitir isso e refugiar-se em Cristo, em cujo sangue carmesim lavou-se, tanto do pecado original, quanto de suas culpas pessoais. Sim, a natureza pecaminosa hereditária, conhecida pelo nome de pecado original, é um vírus que nos é comum, mas suas desastrosas conseqüências não nos afetarão na eternidade se, como Maria, recorrermos a Cristo enquanto há tempo.

Que Maria também foi salva por Jesus, concorda Irineu, Bispo de Lyon, Ásia Menor _ canonizado pela Igreja Católica _, o qual nasceu no ano 130 d. C., e morreu martirizado em 208 d. C. que, referindo-se à fidelidade de Maria, disse: "*obedecendo, se fez causa de salvação tanto para **SI** como para todo o gênero humano*" (Citado em **Compêndio do Vaticano II**, 29ª edição, Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2000, página 106, # 144. Grifo nosso). Ora, se até os santos católicos tinham a mesma opinião dos evangélicos, então não estamos tão errados como alguns católicos pensam. Podemos até, a qualquer momento, sermos também canonizados pelo Papa, não?

O fato de Irineu dizer que Maria foi "*causa de salvação, ... para todo o gênero humano*", não faz dela Co-Salvadora, já que Paulo afirmou que se Timóteo vivesse o que pregava, ele (Timóteo) se salvaria tanto a si mesmo como aos que o ouviam (1Tm. 4:16). E, como sabemos, Timóteo não é nosso Co-Salvador. Ademais, se isso fizesse dela, nossa Co-Salvadora, teríamos que dizer que Maria foi Co-Salvadora de si própria, já que Irineu disse que a obediência de Maria foi causa de salvação para **si** mesma.

Ademais, concordamos com Irineu sobre esta questão, só porque o seu parecer está respaldado pela Bíblia. De outro modo, não lhe daríamos crédito. Aliás, se Irineu tivesse ensinado heresias de perdição, nós o tacharíamos de falso profeta por mais que os papas fincassem o pé em dizerem que ele era santo. Repito: Nosso compromisso é com a Bíblia, e não com os chamados *pais da Igreja*, a cuja autoridade não nos submetemos cegamente, como também o faz a própria Igreja Católica, como acima demonstramos, ao provarmos que a Igreja Católica condenou a doutrina de Orígenes.

6.8. Maria Através dos Séculos

Todos os servos de Deus são, como já vimos, bem-aventurados. Logo, Maria bem-aventurada é, já que ela era e é uma serva de Deus. Além disso, alguns servos de Deus, como Moisés, Elias, Débora, Enoque, Josué, Ana, Mardoqueu, Ester, Pedro, Paulo, João e outros, se destacaram entre seus conservos, e Maria está entre tais expoentes. Ela estava antevendo o apreço que o povo de Deus teria para com ela através dos séculos, quando disse que todas as gerações lhe reconheceriam como bem-aventurada, isto é, uma feliz. Infelizmente, porém, ao invés de tão-somente ser amada, elogiada e imitada, como o faziam e fazem os verdadeiros cristãos desde os primórdios do Cristianismo, ela vem sendo cultuada pelos idólatras, como se fosse uma deusa.

O culto a Maria resulta do sincretismo entre o paganismo e o Cristianismo. Relembramos que a história é a seguinte: Inicialmente as igrejas eram locais e independentes. Daí lermos na Bíblia: A igreja que está em Filadélfia, a igreja que está em Laodicéia, a igreja que está em Éfeso, etc., como se pode ver nos capítulos 2 e 3 do Apocalipse. Mais tarde os cristãos tiveram a brilhante idéia de se organizarem em forma de uma federação ou associação de igrejas, supervisionada por cinco bispos eleitos dentre os demais: o bispo de Roma, o de Jerusalém, o de Antioquia, o de Constantinopla e o de Alexandria. Algum tempo após, o Bispo da igreja que estava em Roma assumiu a liderança dessa união de igrejas. A essa associação de igrejas, os cristãos de então (século II) deram o nome de Igreja Católica, isto é, Igreja Universal. Nem todas as igrejas aderiram a essa iniciativa, mas a grande maioria aquiesceu a isso. Foi a essa união de igrejas que, no início do 4º século o Imperador Constantino adotou (de fato e não de direito) como religião oficial do Império Romano. Ao fazer isso, esse Imperador concedeu aos cristãos integrantes da referida associação de igrejas, inúmeras vantagens patrimoniais, financeiras e morais. O Cristianismo oficial veio a ser, por isso, a religião da moda, de status, e rentável. Por isso, a partir daí o Cristianismo tornou-se desejável a muitos dos que antes o rejeitavam. E, conseqüentemente, muitos pagãos interesseiros se tornaram cristãos de fachada. Esse horroroso quadro piorou, quando o filho de Constantino decretou pena de morte a todos os que recusassem a se tornar cristãos.

O Imperador Teodósio I oficializou (agora de direito, e não apenas de fato, como o fizera Constantino e, posteriormente, seu filho) o Cristianismo e deu continuidade à intolerância religiosa. E a junção dessas duas coisas: as regalias que a partir de Constantino (e principalmente a partir do seu filho que o sucedeu) foram conferidas às igrejas confederadas, somadas ao triste fato de que o Cristianismo tornou-se religião imposta, fez do Cristianismo a religião da maioria. Mas, essa maioria era cristã apenas nominalmente. No fundo, eles eram apenas cristãos-pagãos, isto é, pagãos disfarçados de cristãos. Esses falsos cristãos fizeram um sincretismo do paganismo com o Cristianismo, de cuja mistura nasceu, no seio da referida associação de igrejas, o culto a Maria, o culto aos santos, o culto aos anjos e outras inovações que caracterizam o Catolicismo Romano. E a liderança da Igreja Católica sabe disso. Senão, vejamos estes exemplos:

1) "Tornou-se fácil transferir para os mártires cristãos as concepções que os antigos conservaram concernente aos seus heróis. Esta transferência foi promovida pelos numerosos casos nos quais os santos cristãos tornaram-se os sucessores das divindades locais, e o culto cristão suplantou o antigo culto local. Isto explica o grande número de semelhanças entre deuses e santos" (Enciclopédia Católica [Em inglês], Volume 9, páginas 130 e 131, art. "Legends". Citado em Babilônia: a Religião dos Mistérios, de Ralph Woodrow, Associação Evangelística, página 35).

2) "...Os Batismos eram dados em massa. Ser cristão tinha virado moda. A igreja ganhava na quantidade e perdia na qualidade. De pequenas comunidades, a Igreja passou a ser multidão" (Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja, página 77, 4ª edição, Editora Vozes, 2001).

3) "...A Igreja sai das perseguições e encontra liberdade. Isso é facilitado pela chegada do Imperador Constantino, que não só dá liberdade à Igreja, mas a torna religião oficial com o Edito de Milão. A Igreja fica muito ligada ao poder temporal. Os povos conquistados assumiam a fé da Igreja. MUITA COISA SURTIU DE ERRADO, quando o poder temporal passou a mandar em certos setores da Igreja,

ou então quando as autoridades da Igreja se uniam aos poderes temporais” (Apostila elaborada pela Escola Pastoral Catequética da Arquidiocese do Rio de Janeiro – RJ, página 32, grifo nosso). É uma pena terem se “esquecido” de registrar que:

Os erros que surgiram nos dias de Constantino são perpetuados pela Igreja Católica até os nossos dias;

Que tais erros se avolumam cada vez mais;

Que, portanto, a “Igreja” que emergiu de tal barafunda, não se caracteriza como Igreja de Cristo.

Vejamos abaixo mais algumas evidências de que o culto a Maria é de origem pagã:

- a) O historiador Severino Vicente da Silva, professor da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), disse: *“As deusas celtas foram absorvidas pela figura de Maria. Onde houve anteriormente à chegada do cristianismo um culto mais organizado em torno de uma divindade feminina, Maria surge como uma intermediária entre as culturas que se chocam”* (revista Galileu, editada pela Editora Globo, dezembro de 2003, nº 149, página 22);
- b) Ainda segundo consta da página 23 da revista acima citada, a historiadora Claudete Ribeiro de Araújo, do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina, afirmou que *“o culto mariano nasceu ...como substituto da adoração à Grande Mãe, uma figura que pode ser encontrada em várias religiões e culturas pagãs”*.
- c) Também na obra intitulada **História das Religiões**, de Chantepie de La Saussaye, editada pela Editorial “Inquérito” Ltda, Lisboa/Portugal, edição de 1940, consta que *“Teodósio... suprimiu o culto pagão em todos os lugares e de maneira absoluta. Os ... funcionários receberam por toda a parte ordem de perseguir o culto pagão; os cristãos fanáticos tiveram toda a liberdade de o combater pela violência. Assim desapareceu o paganismo...”* (páginas 819-820).
- d) disse o Doutor Marcos Bagno: *“...Como se sabe... depois da instituição do cristianismo como religião oficial do império romano...Quem se desviasse desses dogmas era acusado de heresia e condenado às mais diversas punições, como o exílio, a prisão, a tortura e a morte na fogueira...”* (Marcos Bagno. *Preconceito Lingüístico*, 23ª edição, abril de 2003, Edições Loyola: São Paulo, página 156. Ênfase no original). Ora, em meio a tantas violências, não é de se admirar que os pagãos, para salvar suas vidas, se fingissem cristãos. E esse fingimento, só poderia dar no que deu: Catolicismo Romano.

Antes da degeneração causada pelo cesaropapismo, nascer na mencionada associação de igrejas, já havia alguns cristão tentando casar o Cristianismo com o paganismo, como já vimos; mas a generalização da corrupção que deu origem à seita católica, pode ser datada do século IV em diante. Sim, antes da degradação do IV século, que deu origem ao Catolicismo, já existiam alguns “cristãos” pregando heresias de arrepiar, como o batismo pelos mortos (século I [1Co 15.29]), a libertinagem (século I [Jd 4]), a negação da ressurreição (século I [2Tm 2.18]), orações à “Mãe de Deus” (século III [há quem diga que por volta do ano 130 d. C., já se cultuava a Maria]), etc. Logo, o que ocorreu no início do 4º século não foi o surgimento das heresias entre os cristãos, mas sim, o aumento do número de falsos cristãos entre os fiéis, o que facilitou a inserção das heresias no corpo de doutrinas da sobredita Associação de Igrejas.

Do exposto acima podemos perceber que tanto o devido respeito que, através dos séculos os verdadeiros cristãos prestam a Maria, quanto ao impróprio culto que os modernos pagãos lhe devotam, existem desde há muitos séculos. A veneração que os verdadeiros cristãos prestam a Maria, data do 1º século (talvez Isabel, a mãe de João Batista, tenha sido a primeira a fazê-lo, depois do anjo Gabriel); e a mariolatria católica, data do 3º século ou, mais acentuadamente, do 4º século em diante. Logo, ambas as posturas remontam à Idade Antiga, embora esta última não tenha sido praticada pelos cristãos do século I.

6.9. A Virgindade de Maria e a Arqueologia

Basta ler o livro intitulado "*... e a Bíblia Tinha Razão*", de Werner Keller, editado pelo Círculo do Livro, para se convencer que os achados arqueológicos testificam a favor da Bíblia. Nós, os crentes em Jesus, não dependemos disso para crermos na Bíblia; todavia, reconhecemos que isso pode ajudar os céticos a dirimirem suas dúvidas sobre o Livro dos livros. A Arqueologia pode também ajudar os católicos a enxergar que os irmãos de Jesus mencionados na Bíblia são filhos de José com Maria. Certamente o leitor não ignora que recentemente a imprensa falada, escrita e televisada noticiou em todos os rincões do mundo a mais recente descoberta arqueológica, a saber, uma urna (ossuário) cujas dimensões aproximadas são 50cm de comprimento e 28cm de largura, datada do ano 63 d.C., contendo, em aramaico, a seguinte inscrição: "*Tiago, filho de José, irmão de Jesus*". Esta notícia foi também veiculada através da revista *Biblical Archaeology Review* (Sociedade de Arqueologia Bíblica [sediada nos Estados Unidos]), de 21 de outubro de 2002.

Que farão agora os clérigos católicos, diante deste ossuário tão significativo? Era de se esperar que esforços equivalentes aos que eles envidam em defesa do tal de Santo Sudário e outras falcatruas, fossem empregados para "provar" que este estupendo achado arqueológico não é relevante. Por isso não ficamos surpresos quando a revista *Defesa da Fé*, órgão oficial do ICP_Instituto Cristão de Pesquisas __, nº 51, dezembro de 2002, página 62, observou: "*Mas enquanto todos dirigem a atenção para o caso sob uma perspectiva arqueológica, os bastidores da igreja católica romana preparam-se para argumentar sobre a questão, uma vez que a igreja jamais admitiu que Jesus tivesse irmãos de sangue, contrariando o que pressupõe a "descoberta" e o que narra a Bíblia (Mt 13. 55-56)*".

Há pouco foi noticiado que a Ciência Arqueológica comprovou que a urna em questão data, de fato, do 1º século, enquanto que a mencionada inscrição revelou ser de um tempo posterior à confecção do dito ossuário. De um jeito ou de outro, o achado continua digno de nossa atenção. Há curiosas perguntas que ainda não foram respondidas. Por exemplo: Uma pessoa de posse dos restos mortais de Tiago, não poderia guardá-los numa urna antiga? O fato de a inscrição não datar do século I, prova cabalmente que se trata de uma gaiatice? A História não nos dá boas razões para suspeitarmos de tudo e de todos? Um parecer favorável à autenticidade do referido ossuário pode ser emitido a qualquer hora dessas, considerando que nada é definitivo e que, portanto, tudo é questionável. Depois de tudo isso, consola-nos a verdade maior de que qualquer descoberta científica que corrobore com os ensinamentos bíblicos, é, para nós que temos uma experiência pessoal com o Senhor, como uma gota d'água no Oceano, embora reconheçamos a sua importância. E de nenhum valor é, qualquer suposta ciência que queira pôr em xeque a veracidade bíblica.

6.10. A Respeito dos "Milagres" da "Virgem"

Geralmente, para se defender das nossas refutações, o clero católico faz referências aos "milagres" que alguns devotos de Maria alegam ter recebido quando suplicaram a sua interseção. Mas Ap 16.19; 2 Ts 2.9; Ap 13.13 e Mt 24.24 provam que não é bom negócio nos conduzirmos cegamente por milagres. Os clérigos católicos precisam saber que há muitos milagres no Espiritismo, no Budismo e em muitas religiões e seitas. Estão todas certas?

Já vimos que os falsos cristãos do século IV fizeram uma fusão do Cristianismo com o paganismo e que desse sincretismo surgiu a mariolatria. Esta afirmação é feita baseada na História Universal e principalmente na Bíblia. A História Universal nos fala da mitologia greco-romana, babilônica, africana, etc., segundo as quais existia um deus ou deusa para cada coisa; e a Bíblia nos dá os nomes de alguns desses deuses, confirmando a História Universal. Ei-los: Dagom (Juizes 16.21-30), Moloque (1 Reis 11.7). Diana (Atos 19.23-37), Rainha do Céu (Jeremias 7.18;44.17), etc. É bom lembrarmos que a Bíblia não ensina que as almas dos mortos estejam em condição de ouvir as nossas orações e repassá-las para Cristo. Onde está escrito na Bíblia que Maria, a mãe de Jesus, ou quaisquer outros servos de Deus tenham recebido, ao morrerem, o atributo da onipresença? Claro que, para atenderem as orações dos devotos de todas as partes do mundo, simultaneamente, necessário se faz que sejam onipresentes ou dotados de onisciência, para, deste modo, tomarem ciência lá do Paraíso Celestial, onde estão, das preces de seus pedintes, bem como se certificar se estão ou não orando com fé, já

que a Bíblia diz que sem fé não se obtém a graça pedida (Tg 1. 6-7).

Sendo esse negócio de orar a Maria, ou a qualquer cristão canonizado pelos papas, uma doutrina estranha à Bíblia, nos resta saber de onde veio isso. E, como já vimos, veio do paganismo. Não foi lendo a Bíblia que os católicos aprenderam isso. É por isso que os padres não cessam de citar a "Tradição" para se defenderem, quando, empunhando Bíblias, anunciamos que o Catolicismo não é bíblico. Ora, é muito estranho Deus não ensinar uma única vez, em toda a Bíblia, o livro que se proclama completo (Apocalipse 22.18,19) e capaz de nos preparar para toda a boa obra (2 Timóteo 3.14-17), a mediação dos santos. É lógico concluirmos que, se os servos de Deus que morreram estão em condição de ouvir as nossas rezas e repassá-las para Cristo, como o ensinam os padres, que essa doutrina esteja exarada nas páginas da Bíblia. Mas, pasme o leitor, a Bíblia não ensina isso nem mesmo vagamente. Esse ensino é oriundo da arbitrariedade dos papas que, dizendo-se infalíveis em matéria de doutrina, se vêem no direito de pregar o que bem entendem. Mas, como disse Jesus, "se um cego guiar o outro, ambos cairão no barranco" (Mt 15.14). Logo, não os sigamos, pois do contrário, iremos com eles para o Inferno.

Cremos piamente que se Maria pudesse atuar como medianeira entre Cristo e nós, que isso teria sido registrado na Bíblia. O que a Igreja Católica diz de Maria, é grande demais para não ter sido registrado na Bíblia. Até porque a Bíblia diz que "o Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Amós 3.7). Sim, se Deus elevou Maria a medianeira, então Ele mandou registrar isso na Sua Palavra. E se isso não está registrado, é porque se trata duma doutrina espúria. Isto é o que diz Amós 3.7, acima transcrito. Isaías 8.20 também revela que toda doutrina tem que estar respaldada pela Bíblia. Caso contrário, é sofisma: "À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra nunca verão a alva".

Uma prova de que não é um procedimento cristão orar a Maria, pedindo a ela que rogue por nós, é o fato de os cristãos primitivos não terem recorrido a esse expediente uma só vez sequer. Talvez alguém diga ser possível os apóstolos terem se valido desse expediente e ninguém ter registrado o fato. Mas o registro de inúmeras orações bíblicas, com total omissão de rezas a Maria, é forte prova de que não podemos admitir tal possibilidade nem mesmo remotamente. Por que não encontramos um só versículo falando da mediação de Maria? Por que os apóstolos não oraram uma só vez a Maria? Ora, 2 Timóteo 3.15-16 e Jo 20.30-31 nos asseguram que não necessitamos de nenhuma instrução (espiritualmente falando) além do que está registrado nas páginas da Bíblia, pois dizem que ela tem condição de nos preparar perfeitamente para *toda* boa obra, e que o registrado é suficiente para nos dar vida. Assim sendo, o que a Bíblia nos manda fazer é o bastante. Os clérigos católicos estão cientes que nem tudo que Jesus falou foi escrito, mas ignoram que o que foi selecionado pelo Espírito Santo e registrado na Bíblia é tudo quanto precisamos saber para não irmos para o Inferno, bem como para sermos obreiros de valor na Vinha do Senhor. E, já que a Bíblia não nos manda rezar a Maria, os que o fazem, fazem-no por conta própria e estão indo além do que ela manda, como se a Bíblia não fosse o bastante.

6.11. Afinal, Maria Salva ou Não Salva?

Prometemos na introdução a este capítulo que, ao concluir a leitura do mesmo, o leitor veria que a Igreja Católica faz quatro incoerentes afirmações quanto ao que ela chama de "*múnus salvífico*" de Maria: Maria não salva, Maria ajuda Cristo a nos salvar, Maria salva mais do que Cristo, e só Maria salva. Certamente o leitor já viu que isso é verdade. Contudo, como se o exposto até aqui não bastasse, veja mais a exposição a seguir: Sim, repito que quanto ao suposto papel de Maria como Salvadora, a Igreja Católica faz, simultânea e incoerentemente, as seguintes afirmações:

6.11.1. "Maria não salva, pois Jesus é o único Salvador"

A literatura oficial da Igreja Católica diz categoricamente que Cristo é o único Salvador: "*Jesus Cristo, único Redentor e Salvador nosso...*" (**Compêndio do Vaticano II**, 29ª edição, 2000, Petrópolis/RJ, página 101, # 136);

6.11.2. "Maria salva juntamente com Cristo"

Como vimos em 6.1.3, há panfletos católicos afirmando sem rodeios que Maria salva. Referindo-se a Maria se diz textualmente: "*Ela vai salvar a humanidade*". Segundo um panfleto católico, em poder do autor destas linhas, em 1917 a própria Maria disse em Fátima/Portugal, o seguinte: "*O meu Imaculado coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus* (Grifo nosso). E estas afirmações são oficiais, pois são transcritas da obra que documentam as palavras que Maria teria dito aos pastorinhos em Fátima, em 1917. E diz mais: "*Assunta aos céus, não abandonou este **múnus salvífico**, mas por sua múltipla intercessão **continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna**. (...) Por isso, a bem-aventurada Virgem Maria é **invocada na Igreja sob os títulos de *advogada, auxiliadora, protetora, medianeira***" (Catecismo da Igreja Católica, página 274, # 970. Grifo nosso). Estas declarações, somadas àquelas que sustentam que Cristo salva, tornam evidente que, segundo o Catolicismo, Maria **também** salva, ou seja, ela não é a única Salvadora, mas é Co-Salvadora. Em outras palavras: A salvação não se dá só à base do sacrifício de Cristo, mas também pelos rogos de Maria. Ela **ajuda** a Cristo a nos salvar. Aliás, confesso que não sei se é ela que ajuda a Cristo, ou se é Cristo que ajuda a ela. Não sei qual dos dois é o ajudante. Talvez seja um ajudando o outro.*

6.11.3. "Maria é a principal Salvadora"

"Quando nos dirigimos a esta divina Mãe, não só devemos ficar certos de seu patrocínio, mas às vezes seremos até **mais depressa atendidos e salvos** chamando pelo nome de Maria, do que invocando o santíssimo nome de **Jesus, nosso Salvador**" (**Glórias de Maria**, op.cit., página 118. Grifo nosso). Este texto não diz que Cristo não salva _ pois como o leitor pôde ver, faz-se referência a "Jesus, nosso Salvador" _, mas tão-somente esclarece que Ele não é tão rápido e eficiente quanto Maria. Em outras palavras: A salvação pode ser obtida através de Cristo, mas rapidez e eficiência, só com Maria. Logo, se você não tem pressa, vá a Cristo; mas, se você não dispõe de muito tempo, recorra a Maria já. Ela é vapt vupt. Em outras palavras: Jesus também salva, mas não tão bem quanto Maria.

Por que Cristo não salva tão bem quanto Maria? A resposta é a seguinte ironia: Salvar não é a Sua especialidade. Ele é especialista em julgar e punir, visto ter sido este o ofício que o Eterno Pai lhe deu. E por que será que Maria é uma Salvadora mais eficiente do que Cristo? Novamente a resposta é a seguinte ironia: Salvar o pecador é a especialidade de Maria, visto que foi a ela que o Eterno Pai conferiu o ofício de nos socorrer e aliviar. Quando Cristo tenta salvar alguém não salva tão bem quanto Maria porque está fazendo algo incompatível com a Missão que o Pai lhe deu, que é ofício de julgar e punir.

6.11.4. "Maria é a única Salvadora"

Já informei no início deste capítulo (6.1.1) que um livro oficial da Igreja Católica, intitulado *Glórias de Maria*, assevera que o Reino de Deus consiste de justiça e misericórdia, que esta foi cedida a Maria, e aquela Deus reservou para si. Vejamos novamente: "*Consistindo o reino de Deus na justiça e na misericórdia, o Senhor dividiu: o reinado da justiça reservou-o para si, e o reinado da **misericórdia o cedeu a Maria***". E: "*O Eterno Pai deu ao Filho o ofício de julgar e **punir**, e **à Mãe o ofício de socorrer e aliviar os miseráveis***" (páginas 36 e 37. Grifo nosso). E diz mais: "*Vós sois a **única advogada dos pecadores***" (página 105. Grifo nosso). Logo, se você quer ganhar chibatadas, vá a Jesus Cristo, pois julgamento e punição são as suas incumbências. Mas, se você quer cafuné, então recorra a Maria. Em outras palavras: Você quer ir para o Inferno? Recorra a Cristo, o Juiz que, por ser justo, lhe dará o que você merece: o Inferno. Você quer socorro e alívio, isto é, salvação? Só uma mulher pode lhe ajudar: Maria! O ofício que o Eterno Pai deu a ela, não é o mesmo que Ele deu ao Filho. Este recebeu o ofício de julgar e punir, mas aquela recebeu o ofício de nos socorrer e nos aliviar!

Talvez o clero católico tente se defender, alegando que não é bem assim. Mas, se as palavras ainda dizem alguma coisa, é isso que o Bispo Afonso disse, ou melhor, é isso que o clero católico está

dizendo, já que, além de aprovar textualmente o dito livro, ainda promove sua distribuição pelo mundo afora.

CONCLUSÃO

Se Maria estivesse entre nós, certamente se envergonharia das coisas que dizem dela e do seu esposo. O próprio José se envergonharia por dizerem que ele nunca teve relações sexuais com Maria, pois dizer isso equivale a suspeitar de sua masculinidade. Mas, graças a Deus, eles estão no Paraíso Celestial, descansando nos braços eternos do Senhor Jesus Cristo, bem longe desses disparates.

Segundo a Bíblia, a mulher e o marido têm não só o direito de se entregarem mutuamente para o devido coito, mas também o dever (1 Co.7:3-5). Logo, dizer que José e Maria não se relacionavam sexualmente, muito longe de exaltá-los, equivale a tachá-los de prevaricadores. Sim, se José e Maria tivessem feito o que o clero católico prega, eles teriam sido um péssimo exemplo às famílias. Ironizo: Ainda bem que a minha mulher não quis se inspirar no "belo" exemplo de Maria! De minha parte, prometo-lhe meu amor que, no que depender de mim, nunca lhe serei um "São José" na vida!

O fato de a cúpula da Igreja Católica canonizar o senhor Afonso de Ligório, e difundir o seu pernicioso livro, o qual afirma que:

1º- Ele não recorria a Cristo;

2º- Maria é nossa única advogada;

3º- Maria é verdadeira medianeira entre Deus e os homens;

4º- O pecador, depois de ser lançado fora por Cristo, encontrará perdão se recorrer a Maria;

5º- Que o ofício de Jesus é nos julgar e punir, e não nos socorrer; enquanto que a missão de Maria é socorrer e aliviar os miseráveis, prova que os católicos estão sendo induzidos sorratamente a abandonar a Cristo e a apegarem-se a Maria. E essa estratégia está funcionando, pois no jornal *Folha Universal*, de 12/10/1997, lemos: "*Católicos de 157 países estão se mobilizando para pedir ao Vaticano que aprove um novo dogma: o papel de Maria, mãe de Jesus, como co-redentora...*". Está claro, pois, que Satanás está tendo êxito na sua tentativa de fazer de Maria uma deusa. E o instrumento que ele está usando para isso, é o clero da "Igreja" Católica. Trazemos à memória o que dissemos no capítulo I, a saber, que o jornal *O Globo*, de 28/08/98, faz mais que ratificar a denúncia do *Folha Universal*. Relembremos: "*A Santíssima Trindade pode estar com os seus dias contados. Em seu lugar, a Igreja Católica estuda a proclamação da quarta pessoa da divindade, a Virgem Maria, em pé de igualdade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No novo 'Quarteto Sagrado' proposto, Maria teria papéis múltiplos: filha do Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo*". (Observação: A respeito desta última transcrição, fizemos constar do capítulo I deste livro que o Padre Dom Estêvão Bittencourt negou-a com veemência).

Se Maria foi ou não virgem por toda a sua vida, não seria tema digno de um debate teológico, se por trás de tudo isso não houvesse uma intenção maligna. Sim, porque se Maria foi ou não deflorada pelo seu marido, que nos importa? Não dependemos disso para sermos salvos. Embora não creiamos na perpétua virgindade de Maria, poderíamos crer nisso e ainda sermos salvos, desde que não fizéssemos disso a nossa tábua de salvação. Porém, foi-nos possível enxergarmos que atrás desse dogma, há um outro, a saber, o dogma da perpétua DIVINDADE de Maria. A questão é que os papas fazem de Maria uma deusa. E, por esse motivo, precisam esconder do povo que a deusa deles era um ser humano normal. Realmente, se tivessem deixado-a no lugar humilde onde ela mesma se pôs (Lc 1.48), nunca dependeriam de tantos sofismas. Nós, os evangélicos, temos grande estima por Maria, embora creiamos paralelamente que ela era um ser humano normal, como tantos outros servos de Deus: Noé, Abraão, Moisés, Enoque, Elias, Hulda, Débora, Abigail, Isabel, Pedro, Paulo, João, Ana, etc.

Vimos em 6.4.8.5 que, de fato, às vezes os clérigos católicos citam a Bíblia a fim de "provarem" que o hímen de Maria está intacto; mas, quando o fazem, a emenda sai pior que o soneto. Melhor seria se eles se estribassem unicamente na chamada *Tradição*.

Por que os clérigos católicos despendem tantas energias a fim de provarem que um dogma por eles inventado não colide com a Bíblia? Será que é porque temem ser desmascarados? Será que eles amam sua agremiação religiosa mais do que a Jesus? A Tradição sobre a qual se apóiam para

pregarem a perpétua virgindade de Maria não é de fato incoerente? Será que não é possível crermos que Maria era uma fervorosa serva de Deus, 100% consagrada ao Senhor, e ao mesmo tempo crermos que ela relacionava sexualmente, tinha orgasmo e dava à luz filhos? Se à luz de toda a Bíblia, ser mãe é bênção de Deus, porque seria inadmissível que Deus concedesse à sua querida serva e amada filha Maria, a bênção de ser mãe de vários filhos, além do seu primeiro Filho? Se Maria achou graça aos olhos do Senhor, a ponto de se tornar a mãe do Filho de Deus, por que não poderia ter também a bênção de ser a mãe dos filhos de seu marido? Se ela teve a bênção maior, por que não poderia ter também as bênçãos menores? Isso seria rebaixá-la? Têm certeza? As evidências bíblicas de que Maria deu à luz vários filhos são mesmo mais fracas do que as provas em contrário? Onde estão tais provas em contrário: na Bíblia ou fora dela? Será que a Bíblia não é mais confiável do que a tal de Tradição. E se a Bíblia não é confiável, por que não atirá-la para bem longe?

Do exposto até aqui, certamente já está claro que Maria é a grande Deusa e Salvadora dos católicos. Claro, estamos nos referindo aos católicos típicos, e não aos atípicos. Conhecemos católicos que já perceberam que a Mariologia católica é Mariolatria. A estes sugerimos que saiam dessa seita já. Não tentem mudá-la.

Citamos muitas afirmações oficiais da Igreja Católica que, a bem dizer, fazem de Maria uma deusa. Não uma deusa qualquer, mas uma deusa tão grande que suplanta até o Senhor Jesus. Basta considerarmos que segundo o Catolicismo, Maria está em condição de ouvir as rezas de todos as pessoas ao mesmo tempo, ainda que os 6.000.000.000 de habitantes do mundo roguem a ela simultaneamente, para se ter uma idéia da grandeza dessa deusa. Disso se pode subentender que, segundo o Catolicismo, Maria é onipresente, onisciente ou, para ser mais objetivo, onipotente. E, como a Igreja Católica diz que os "santos" também podem realizar as mesmas proezas, o Catolicismo se torna um sistema politeísta. Essa "Igreja" perpetua o paganismo, conhecido de todos os que, mesmo superficialmente, estudam a Mitologia greco-romana.

As provas de que Maria é deusa no Catolicismo, foram exibidas; porém, qual será a sua reação? Agirá como se nada demais houvesse acontecido? Agora é com você. Não posso forçá-lo a sair do mau caminho.

E você, que já é um servo de Deus, que pretende fazer? Guardará as informações aqui contidas consigo mesmo, e não as levará aos católicos? Lembre-se: Os católicos estão nas trevas, mas você tem a luz da verdade. Leve, pois, esta luz a eles. Distribua este livro. Divulgue este trabalho. Ajude-nos financeiramente, na impressão deste livro. Presenteie seus amigos com exemplares desta obra. Ore pelo nosso Ministério.

Maria foi virgem só até ser deflorada pelo seu marido. Contudo, não é errado chamar Maria de virgem, contanto que o façamos com conhecimento de causa. Se a chamamos de virgem só porque ela assim se tornou conhecida, em virtude de ter concebido e dado à luz um Filho, sem o relacionamento sexual, tudo bem. Porém, os que pensam que ela nunca se relacionou sexualmente com seu esposo José, estão caindo no conto do vigário.

Lembre-se que já provamos nas páginas anteriores, especialmente no primeiro tópico deste capítulo, que a Igreja Católica está pregando que Maria é toda poderosa, onividente, onisciente, onipresente, única Salvadora, mais amorosa do que Cristo, etc., embora, incoerentemente, ela negue isso, dizendo inclusive que estamos interpretando mal. Mas, se as palavras dizem alguma coisa, é isso que ela está dizendo, embora às vezes o faça disfarçadamente. Ora, isso não é irrelevante, pois além de fazer dela uma deusa e subestimar a maravilhosa Pessoa de Jesus, deixa claro que há fraude, considerando que onde há incoerência há falcatrua. Sim, as contradições não procedem de Deus.

Maria é deusa segundo o Catolicismo, mas de acordo com a Bíblia, ela é um ser humano normal. Quando Jesus tinha 12 anos de idade, sua mãe foi suficientemente relapsa para perdê-lo entre a multidão (Lc 2.41-49). Não queremos crucificá-la por esse erro; afinal de contas, quem não erra? Só Deus é infalível. Mas convenhamos que isso prova que ela era um ser humano normal, e que portanto não pode fazer por nós o que os católicos imaginam. Realmente as limitações de Maria testificam contra a mariolatria católica. Aquela que não sabia nem mesmo onde o seu Filho adolescente estava, sabe de nossa existência? Lembremo-nos ainda que ela não transformou a água em vinho, mas levou o caso a Jesus (Jo 2.1-11), o que todos nós podemos e devemos fazer também.

Bem, eu disse acima que Maria é deusa no Catolicismo. Atributos divinos são atribuídos a Maria, como demonstrei acima. E nós, os evangélicos, não estamos sós quanto a esta opinião, pois o teólogo católico Afonso Murad, manifestando-se contrário à possível aprovação de mais dois dogmas em análise pelas Altas Autoridades da Igreja, a saber, os dogmas da Co-redenção e Mediação de Maria, disse: "*Um novo dogma significa mais um obstáculo para o ecumenismo. A tentativa de colocar Maria num nível **divino** muito alto cria um problema de diálogo entre o Catolicismo e as outras religiões cristãs*" (Revista das Religiões, op. cit., página 28. Grifo nosso). Claro que, como bom jesuíta que é, o senhor Afonso Murad deixa transparecer que sua principal preocupação não é com a verdade, e sim, com o avanço do ecumenismo. Mas, de um jeito ou de outro, o certo é que ele não negou que Maria está, de fato, sendo colocada "*num nível divino muito alto*".

Sabemos que esta refutação à mariologia católica, vai gerar polêmica; contudo, a consciência do dever nos induz a não recuar. Amamos os católicos e aqui está a demonstração deste amor. Que Deus os arranque da idolatria de que são vítimas!

Caro leitor, dê-nos o prazer de encontrá-lo no Céu! Não se esqueça que acima das controvérsias entre católicos e protestantes, está a Bíblia, a Palavra de Deus. Temos que ficar do lado certo antes que seja tarde demais. O certo é Cristo! Siga a Bíblia!

CAPÍTULO 7

OS 7 SACRAMENTOS

O Novo Dicionário Aurélio nos informa que a Igreja Católica dá à palavra sacramento a seguinte definição: "Sinal sagrado instituído por Jesus Cristo para distribuição da salvação divina àqueles que, recebendo-o, fazem uma profissão de fé (são sete: o batismo, a confirmação ou crisma, a eucaristia, a penitência ou confissão, a ordem, o matrimônio e a extrema-unção)".

Acerca dos sacramentos, católicos e evangélicos divergem sobre três questões: nome, quantidade e finalidade:

NOME: A maioria dos evangélicos (e com bons motivos para tanto, embora por ora não tratemos deste assunto) prefere a palavra "ordenança," ao vocábulo "sacramento", embora saibamos que esta questão é periférica e não cardeal.

QUANTIDADE: Os evangélicos crêem que só há duas ordenanças (ou cerimônias) ordenadas por Jesus : Batismo e Ceia do Senhor.

Finalidade: Crêem os evangélicos que os mesmos não podem preceder a salvação. Logo, esta não é consequência daqueles. Para crerem assim, apóiam-se no fato de que a Bíblia fala de pessoas que se salvaram antes do batismo(Lc 7. 7 50; 19.9; At 10. 11-18.), bem como sem jamais participarem destes atos de fé (23.43.). Sim, o ladrão de que trata Lc 23.43 não foi batizado, tampouco participou da Ceia do Senhor. Não obstante voou para o Paraíso naquele mesmo dia. Reconhecemos a importância do batismo e da Ceia do Senhor, mas cremos paralelamente que, se por um motivo qualquer, não for possível participar destes ritos, não haverá condenação alguma.

É verdade que Cristo disse que comer Sua carne e beber Seu sangue são condições imprescindíveis à salvação (Jo 6.53), mas entendemos que neste caso, Cristo não se referia à Ceia do Senhor, e sim, ao fato de que duas coisas precedem a salvação, a saber, o sacrifício de Cristo na cruz, e a nossa fé no sangue que por nós Ele derramou. Caso contrário, cremos nós, o supracitado ladrão não teria se salvado. Sim, cremos que Mt 26.26-28 trata de um assunto e que Jo 6.53 trata de outro.

Quanto às divergências que há entre católicos e evangélicos a respeito dos sacramentos, a polêmica não gira tanto sobre o número deles, mas sim, sobre a finalidade dos mesmos. Contrários ao parecer bíblico dos evangélicos sobre os sacramentos, a Igreja Católica prega oficialmente que os sacramentos são necessários à salvação (Catecismo da Igreja Católica, página 318 # 1.129), e

anatematiza os que dela divergem: "*Se alguém diz que os sacramentos... não foram todos instituídos pelo Senhor Jesus Cristo, ou que existem mais ou menos de sete...seja anátema*".²⁰ Como o leitor acaba de ver, a Igreja Católica é intolerante. Ela não respeita a fé de ninguém. Até os que divergem dela em questões banais, como é o caso do número dos sacramentos, são anatematizados, isto é, divinamente amaldiçoados ou excomungados.

BATISMO: O Catecismo da Igreja Católica diz: "*... A Igreja não conhece outro meio senão o batismo para garantir a entrada na bem-aventurança eterna...*" (página 350 # 1.257). Este é o motivo pelo qual o clero católico duvida da salvação até do recém-nascido que morreu sem o batismo. Ora, a Igreja Católica nos aconselha a fazermos exéquias pelas almas das criancinhas que estão no Limbo, como já vimos, mas o fato dela dizer paralelamente que não conhece outro meio senão o batismo, que garanta a entrada no Paraíso, prova que ela não garante que as exéquias produzirão o efeito desejado.

Vários católicos já nos disseram que o fato de Jesus haver dito que "quem crer e for batizado será salvo" prova que o batismo é necessário para a salvação até dos recém-nascidos. Mas os temos ajudado a entender que se assim fosse, a perdição dos nenéns seria inevitável, pois que dependeriam de duas coisas para serem salvos: fé e batismo. Batizá-los é fácil, mas fazê-los crer foge da nossa alçada.

A CONFIRMAÇÃO OU CRISMA tem, entre outras coisas, dois porquês, segundo o Catolicismo: Primeiro, é necessário à salvação. Segundo, é mais um grilhão a prender o católico ao Catolicismo: "*... tornar mais sólida a nossa vinculação com a igreja...*" Catecismo da Igreja Católica, página 364, # 1.316. É uma invenção inteligente.

EUCARISTIA: Esta será considerada no próximo capítulo. Lá veremos que atribuir-lhe valor salvífico não é bíblico.

CONFISSÃO: A confissão ao padre não é necessário à salvação, como o quer o clérigos católicos. Isso lhes dá status, mas diminui a Cristo, nosso único mediador entre Deus e nós (1 Tm 2.5).

Confessarmos uns aos outros, é bíblico (Tg 5.16); mas ao padre, não. Confessarmos mutuamente significa que quando pecarmos contra o nosso irmão, teremos que dizer-lhe que reconhecemos que erramos e suplicar-lhe o perdão.

Aquele que não está conseguindo vencer a carne e o Diabo, pode e deve procurar o seu pastor. Não para receber dele o "eu te absolve", mas sim, ajuda, em forma de orientação, jejum, oração...

MATRIMÔNIO: O matrimônio, como um sacramento necessário à salvação, é algo difícil de se engolir. Que tem a ver casamento com salvação?

A ORDEM: Não pode ser necessária à salvação, pois os Ministros do Evangelho têm por missão anunciar a redenção em Cristo, e não distribuí-la.

A EXTREMA-UNÇÃO: Finalmente chegamos ao sétimo sacramento, na ordem por nós alistada, conforme transcrevemos do Novo Dicionário Aurélio. O nome atual da *extrema-unção* é *unção dos enfermos*. A Bíblia realmente manda ungir os enfermos com óleo e orar, objetivando a cura (Tg 5.14,15). Basta lembrarmos que só Cristo salva (At 4.12) e que é pela fé que tomamos posse da graça da salvação (Ef 2.8), para sabermos que de fato não necessitamos de sacramento algum para sermos salvos. Logo, a extrema-unção não é necessária à salvação.

Saiba o leitor que os "teólogos" católicos criaram só sete sacramentos porque quiseram. Se quisessem inventar dezenas, conseguiriam. Exemplos: sacramento da oração, sacramento do louvor, sacramento do cântico, sacramento da caridade, sacramento da leitura da Bíblia, sacramento das coletas para os santos, sacramento do jejum, sacramento do ensino, sacramento da pregação do Evangelho, sacramento da fé, etc.

CAPÍTULO 8

SOBRE A EUCARISTIA

8.1. A Postura Evangélica

Todos nós, leitores da Bíblia, sabemos que Jesus instituiu um memorial de Sua morte, a saber, a Ceia do Senhor. Trata-se do seguinte: O Senhor Jesus reuniu-se com os seus discípulos para participarem da Páscoa. E, enquanto a celebravam, Ele tomou o pão, deu graças, o partiu e disse: *"Tomai, comei; isto é o meu corpo"* (Mateus 26.26). Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice dizendo: *"Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue do Pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados"* (Mateus 26.27,28). Em obediência a esta ordem do Senhor, nós, os evangélicos, nos reunimos periodicamente para celebrarmos a Ceia do Senhor. E o fazemos assim: Após darmos graças pelo pão, o partimos e distribuimos entre os fiéis, informando que o mesmo **simboliza** o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi transpassado pelos nossos pecados. Tão logo todos os fiéis comem o pão, damos graças pelo vinho e o distribuimos aos irmãos, dizendo-lhes: *"Isto simboliza o sangue de Jesus que foi derramado pelos nossos pecados"*.

É comum, entre nós, repetirmos as palavras de Jesus: *"Isto é o meu corpo"* e *"Isto é o meu sangue"*, mas explicamos que estas frases não podem ser entendidas ao pé da letra. Informamos também que a importância da Ceia do Senhor se prende ao fato de que se trata de uma festa espiritual, um santo banquete comemorativo do sacrifício de Cristo, a celebração do que Cristo fez por nós na cruz, mas que não possui valor salvífico.

8.2. Com a palavra o clero católico

Os padres, "inspirando-se" nas palavras de Jesus, declaram que nós, os evangélicos, estamos equivocados, no que diz respeito à nossa interpretação das passagens bíblicas que tratam deste assunto, a saber, que o pão e o vinho da Ceia do Senhor são apenas símbolos do corpo e do sangue de Jesus. Segundo eles, os emblemas da Ceia do Senhor são Jesus Cristo ao pé da letra. Crêem que pela consagração do pão e do vinho dá-se a mudança de toda a substância destes elementos em o corpo e sangue de Jesus. E, em defesa dessa crença, os católicos, inclusive padres, dispõem de dois expedientes:

8.2.1. Recorrem à "Bíblia".

Alegam os padres que Jesus não disse: *"Isto é o símbolo do meu corpo"* e *"Isto é o símbolo do meu sangue"*, mas sim, *"isto é o meu corpo"* e *"isto é o meu sangue"*. Crêem, pois, os padres que os elementos da Ceia do Senhor (o pão e o vinho), passam por uma transformação por eles chamada de *Transubstanciação*, quando então deixam de ser pão e vinho e se convertem literalmente em o corpo e o sangue de Jesus.

Além desse argumento supostamente bíblico, o clero católico se vale de outras passagens bíblicas, no intuito de fazer crer que estão respaldados pela Bíblia. Mas tais argumentos são todos tão fracos quanto o apresentado no parágrafo anterior. Sim, os padres precisam saber que estas palavras de Jesus não podem ser interpretadas literalmente. Jesus disse, por exemplo, que os Seus discípulos eram o sal da Terra. (Mateus 5.1,3). Eram eles sal de fato? Cristo disse também: *"Eu sou o caminho, eu sou a porta, eu sou a videira, eu sou o pão..."* Será que não é mais teológico encararmos estas palavras como metáforas? Logicamente que sim, e o mesmo devemos fazer em relação aos elementos da Ceia do Senhor.

Como já dissemos, nós, os evangélicos, quando celebramos a Ceia do Senhor comemos o pão e bebemos o vinho. Os católicos, porém, só comem o pão (uma bolachinha sem fermento, à qual eles chamam de hóstia). Isto se dá porque, segundo o Catolicismo, a hóstia não é um símbolo de Jesus

Cristo, mas sim, Ele mesmo, literalmente, com Seu corpo, Sua alma, Seu sangue e Sua Divindade: (“...pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo...e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue; esta mudança a Igreja católica denominou-a com acerto e exatidão **transubstanciação**...” [Catecismo da Igreja Católica, página 380, #1.376. Ênfase no original]). E que, assim sendo, ao comer a hóstia já se está ingerindo, por conseguinte, não só a carne de Cristo, mas também o Seu sangue.

Os padres crêem tanto que a hóstia é Cristo, que lhe prestam o culto de adoração. Senão, veja as provas abaixo:

Primeira: “Expressamos a nossa fé na presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho,... dobrando os joelhos, ou inclinando-nos profundamente em sinal de adoração do Senhor. ‘A Igreja católica... professa este **culto de adoração** que é devido ao sacramento da Eucaristia...conservando com o máximo cuidado as hóstias... expondo-as aos fiéis para que as venerem com solenidade, levando-as em procissão’ ” (Ibidem, páginas 380-381, ## 1378. Grifo nosso).

Segunda: “Os sinais essenciais da Eucaristia são o pão de trigo e o vinho de uva, em que, por meio da consagração, dá-se a transubstanciação no Corpo e Sangue de Cristo: Ele está presente de modo verdadeiro, real, substancial nas espécies sacramentais; por isso, é-lhe devido o CULTO DE ADORAÇÃO”²¹ (grifo nosso).

Terceira: “A Eucaristia deve ser adorada por todos, porque ela contém verdadeira, real e substancialmente o mesmo Jesus Cristo nosso Senhor” (Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã, Editora Vera Cruz Ltda, 1ª edição, 1976, respondendo à pergunta 619, grifo nosso).

Quarta: Temos um panfleto católico que nos convida para uma “*Tarde de **Adoração** ao Santíssimo Sacramento*” (Grifo nosso), que se realiza às quartas-feiras, às 14:00h., na Igreja de Sant’ Ana, Rua de Santana, nº1, perto da Praça 11, Rio de Janeiro_RJ.

Quinta: “...particularmente a adoração e o culto do Santíssimo Sacramento” (Catecismo da Igreja Católica, página 332, # 1178).

Sexta: Na festa católica chamada Corpus Christi, que é uma celebração ao “Jesus” Eucarístico, é feriado nacional no Brasil. Pára-se toda a nação em volta de uma bolacha, rendendo-lhe bolacholatria. (Só de passagem queremos fazer constar que esse feriado é uma falta de respeito aos evangélicos, bem como aos adeptos de outras confissões religiosas que não crêem nisso. Por que temos que cessar nossas atividades, deixar de faturar, por causa de uma crença alheia? Pensem nisso nossos políticos!). Não é isso cultivar a uma bolacha? A Bíblia manda fazer isso? Tem certeza? Ora, se a hóstia realmente é Jesus Cristo, tudo bem; por outro lado, se a Transubstanciação não é um fato, então o Catolicismo pratica a bolacholatria, isto é, culto de adoração a bolachas. Logo, longe de seguir cegamente os seus líderes, o católico precisa se certificar bem se essa doutrina é ou não verdadeira, visto que a Missa é das duas uma: ou um verdadeiro culto de adoração a Deus, do qual quem não participa está perdido, por estar negando adoração a Jesus; ou é um ato de idolatria. É oito ou oitenta. Pesquise, pois, a Bíblia, com humildade e oração; e só cultue à hóstia, se a Bíblia lhe convencer a fazê-lo.

Se realmente não precisamos beber o vinho, por que Cristo e o apóstolo Paulo nos exortaram a fazê-lo?

O processo de transformação do pão e do vinho (segundo crêem) em o corpo e o sangue do Senhor, chama-se TRANSUBSTANCIAÇÃO. O Pão e o vinho já transformados, bem como todo o cerimonial de celebração da Missa, chamam-se EUCARISTIA.

8.2.2. Apela para o conto do vigário

Sim, leitor, apela para o conto do vigário! Senão, veja este exemplo: O Padre D. Francisco Prada, nos “informa” que certa feita uma mula ajoelhou-se diante de uma hóstia. Este milagre teria

levado muitos hereges a se converterem à fé católica de que deveras a hóstia é Cristo presente literalmente. Disse ele: [...] *"uma custódia do Santíssimo Sacramento sobre o altar e uma mula, ajoelhada diante dela. Por causa deste milagre, converteram-se muitos hereges, obstinados em negar a presença real de Jesus na hóstia. A mula, após um jejum de três dias preferiu ajoelhar-se diante da sagrada hóstia"* [...]. (PRADA, Francisco. *Novenário*. São Paulo: A M Edições. 3 ed., 1996, p.93).

Além desse culto latrêutico que a mula teria prestado ao "Santíssimo Sacramento", o que, na ótica do Padre Francisco Prada, constitui prova cabal de que a transubstanciação é um fato, alguns católicos me falaram de uma hóstia que se transformou em carne. Disseram-me que tal porção de carne está guardada até hoje (não me lembro mais onde), como testemunho vivo da presença real de Jesus na hóstia.

Desta vez não vou refutar. Basta aos meus leitores, o uso do bom senso.

8.3. Questionando as Missas

Vimos no subtópico "I" deste capítulo que Cristo instituiu a Santa Ceia em memória de Si próprio. Logo, sobre a Ceia do Senhor, os católicos cometem os seguintes equívocos:

a) Como bem define o Novo Dicionário Aurélio, missa é o "ato com que a Igreja comemora a Ceia de Cristo e seu sacrifício pela humanidade". Aqui está o primeiro equívoco. A Ceia do Senhor comemora unicamente o sacrifício de Cristo e não a Ceia de Cristo. Cristo disse *"...Fazei isto em memória de mim"*, e não *"em memória desta ceia"*;

b) Cristo instituiu a Ceia em memória dEle, mas os católicos participam deste ato a fim de arrancar as almas do suposto fogo do purgatório;

c) Cristo mandou comer o pão e beber o vinho, mas os católicos comem só o pão;

d) A Bíblia chama o pão de pão. Mas os católicos chamam-no de hóstia. Hóstia era, no princípio, uma forma pagã de sacrificar aos deuses tanto em Roma quanto na Grécia: *"Os romanos, como os gregos, faziam sacrifícios de animais; as vítimas desse culto eram chamadas hóstias"* (CASTRO, Therezinha de. **História Geral**, , Livraria Freitas Bastos S.A.,1968, página 186, ênfase no original). Este termo passou a equivaler à palavra holocausto. Dando-lhe esta definição, este vocábulo designa os sacrifícios de animais do Antigo Testamento em que a vítima era inteiramente queimada, como aparece figuradamente na primeira estrofe do 5º hino da antiga Harpa Cristã, hinário oficial das Assembléias de Deus no Brasil:

*"Espírito, alma e corpo
Oferto a ti, Senhor
Como hóstia verdadeira
Em oblação de amor"*.

O apelido de hóstia dado ao pão da Eucaristia não ocorreu por acaso. É que o pão deixou de ser pão e se transformou em Cristo, segundo o Catolicismo. E esse "cristo" está sendo sacrificado, pois o católico está comendo-o. Então é sacrifício, isto é, é hóstia. E esse sacrifício, além de beneficiar as almas que padecem no purgatório, favorece também os que dele participam, segundo a Igreja Católica.

8.4. Uma Flagrante Contradição

O leitor já sabe que o Catolicismo sustenta que Cristo é sacrificado em cada missa, para a salvação das almas que estão no purgatório. Mas, à luz dos versículos bíblicos abaixo transcritos, se pode ver que o Senhor Jesus Cristo ofereceu um único sacrifício para nossa salvação.

"Assim também Cristo, oferecendo-se UMA SÓ VEZ para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação." (Hebreus 9.28).

"Mas este, havendo oferecido UM ÚNICO sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à Direita de Deus." (Hebreus 10.12).

"Pois com UMA SÓ oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados." (Hebreus 10.14).

"Ora, onde há remissão destes, não há mais oferta (oferenda ou sacrifício [Missa?]) pelo pecado." (Hebreus 10.18).

No Catecismo da Igreja Católica, páginas 376-377, #1367, reza que a diferença que há entre o sacrifício que se efetuou na cruz e as missas é que estas são sacrifícios incruentos (sem sangue); ao passo que aquele foi um sacrifício cruento (com sangue). Mas se assim é, cai por terra a eucaristia católica, acerca da qual o Novo Dicionário Aurélio dá as seguintes definições: 1ª) *"Um dos sete sacramentos da Igreja Católica, no qual, segundo a crença, Jesus Cristo se acha presente, sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade"*. 2ª) *"Palavra adotada na Igreja Católica,... para explicar a presença real de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia,... pela mudança da substância do pão e do vinho na de seu corpo e de seu sangue"*. De posse destas informações, nos conscientizamos que, segundo a "teologia" católica, a "hóstia" é Cristo completo. Logo, se ao comê-la, Cristo é sacrificado, este sacrifício não é incruento. Como pode ser um sacrifício incruento, se em 1.413, no Concílio de Constança, se decidiu tirar o cálice dos católicos, por julgá-lo desnecessário, uma vez que o sangue já estaria na "hóstia"? Além disso, se a missa é um sacrifício incruento, ninguém será salvo através do mesmo, pois, segundo a Bíblia, *"sem derramamento de sangue não há remissão"* (Hebreus 9.22).

Lembramos que o Padre Vicente Wrosz, em seu livro Respostas da Bíblia às Acusações Dos "Crentes" Contra a Igreja Católica, já citado, afirma às páginas 13-17 e 26-28, que os pastores evangélicos, por não serem ordenados pelo Papa, não são credenciados e qualificados, mas apenas "curiosos" por cujo motivo não têm poder para transformar o pão e o vinho em corpo e sangue de Jesus, razão pela qual insinua, à "base" de Jo 6.53 que nós estamos mortos espiritualmente, e ainda sente dó de nós, dizendo *"que pena..."*

Desde que não seja para fins comerciais e profissionais (neste caso, o leitor teria que recorrer a quem de direito), para a letra abaixo pode-se usar a melodia do hino 233 da antiga Harpa Cristã – hinário oficial das Assembléias de Deus no Brasil.

I

Tu ordenaste, ó Jesus querido:

"Participai do memorial"

Que faz lembrar que foste ferido

Pra nos livrar do poder do mal

Que faz lembrar que foste ferido

Pra nos livrar do poder do mal

II

Por isso aqui nos reunimos

Em volta do cálix e do pão

É com respeito que assim fazemos

Com muito amor e com gratidão

É com respeito que assim fazemos

Com muito amor e com devotão

III

Cremos que o vinho retrata o sangue

Que derramado foi por amor

Sangue que salva, sangue que lava

Sangue que limpa o pecador
Sangue que salva, sangue que lava
Sangue que limpa o pecador

IV

Vemos no pão figura do corpo
Que foi entregue por nós na cruz
Isto se dá porque foste morto
Para nos trazer do Céu a luz
Isto se dá porque foste morto
Para nos trazer do Céu a luz

V

Sim, este vinho fala do sangue
Que aceitaste por nós verter
Sangue que limpa e purifica
A todo aquele que em ti crer
Sangue que lava e santifica
A todo aquele que em ti crer

Autor: Joel Santana

CAPÍTULO 9

O CELIBATO ECLESIASTICO

9.1. A Bíblia é Contra?

Segundo o Catolicismo, aquele que tem vocação para o sacerdócio não pode se casar. Mas, como já mostramos várias vezes, o Catolicismo não resiste a um confronto com as Escrituras Sagradas. E, no que diz respeito ao celibato clerical, as coisas não são diferentes. Senão, vejamos 1 Timóteo 3.1-7: *"Fiel é esta palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, **MARIDO** de uma só mulher, temperante, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas, não ganancioso; que governe bem a sua própria casa, tendo seus **FILHOS** em sujeição, com todo o respeito (pois se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?); não neófito, para que não se ensoberbeça e venha a cair na condenação do Diabo. Também é necessário que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em opróbrio, e no laço do Diabo"* (ênfase acrescentada).

O texto acima transcrito dispensa explicação, tal a sua clareza. Mas os padres (não todos, é claro) não cessam de citar versículos isolados do contexto, extraídos de 1 Coríntios 7, onde o apóstolo Paulo confessa que optou pelo celibato e aconselha a todos os cristãos (não somente o clero) a fazerem o mesmo. Mas eles escondem do povo versículos como estes: *"...Bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas por causa da prostituição, tenha cada homem a sua própria mulher e cada mulher o seu próprio marido."* (1 Coríntios 7.1-2, ênfase acrescentada).

"... Quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um deste modo, outro daquele. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abraçar-se". (1 Coríntios 7.7-9). *"Ora, quanto às virgens, **NÃO TENHO MANDAMENTO DO SENHOR, DOU PORÉM, O MEU PARECER** como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel. acho, que é bom, por causa da instantane necessidade, que a pessoa fique como está"* (1 Coríntios 7.25,26 – ênfase acrescentada). Com

isso o apóstolo Paulo estava querendo dizer que quem não sente incontrolável necessidade de relacionar-se sexualmente, não precisa se atazanar com isso; pelo contrário, deve tirar proveito disso, dedicando-se à obra do Senhor. Lembremo-nos que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. Aprova de que esta interpretação está certa é o fato do apóstolo haver dito que “quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um deste modo, e outro daquele” (1ª Co 7.7). Logo, é uma questão de dom. Ademais o apóstolo disse : “Se não podem conter-se, casem-se” (1ª Co7.9). Então há aqueles para os quais a libido não deve ser contida por toda a vida. Sim, há aqueles que “não podem conter-se,” reconheceu o apóstolo. Para esses, o casamento é o que há de melhor “porque é melhor casar do que abrasar-se” (1Co. 7 . 9). E se tais pessoas se sentem vocacionadas ao Santo Ofício Pastoral? Devem ser rejeitadas? Já vimos acima que Paulo os aceitava sem reservas, contanto que fossem maridos “de uma só mulher”.

Sugerimos que o leitor leia todo o capítulo 7 de 1 Coríntios, comparando-o com 1 Timóteo 3.1-7, para se livrar dos enganos do Catolicismo Romano.

Muitos evangélicos optaram pelo celibato, mas o fizeram e fazem porque, como o disse o apóstolo Paulo, eles tinham (ou têm) esse dom (1Co 7.7), e não por uma exigência das igrejas nas quais congregavam ou congregam. Este é, por exemplo, o caso do ex- padre (e atual Pastor) Agrício do Vale que continua solteiro para melhor servir a Deus.

A Bíblia é toda inspirada por Deus (2 Timóteo 3.16). Logo, uma doutrina bíblica não pode estar apoiada num versículo isolado do contexto.

Via de regra os católicos dizem que o celibato não é imposto pela Igreja, a nenhum padre, já que ele, antes de ser ordenado, toma ciência de que não poderá se casar, uma vez ordenado. Aí ele é livre para aceitar ou não. Mas os católicos precisam saber que, se assim é, o padreco opta pelo celibato por livre e espontânea pressão. E só não seria assim se lhe dissessem: “*À luz do que está exarado em 1 Coríntios 7.7, nós somos da opinião de que o teu ministério será mais produtivo, se optares pelo celibato. Mas, estamos cientes de que cada qual tem de Deus o seu próprio dom (1 Coríntios 7.7). Portanto, nós te aceitaremos como Ministro do Evangelho, seja qual for a tua decisão acerca deste tema*”. É assim que a liderança católica age? E essa posição do papa não colide com 2 Timóteo 3.1-7? O fato de o apóstolo Paulo dizer que convém que o bispo seja marido de uma mulher não constitui prova de que ele aceitava no Santo Ofício aquele que, embora vocacionado para o Santo Ministério, não quisesse optar por uma vida celibatária?

Realmente, todo mundo é livre para ser ou não padre, mas ninguém é livre para ser ou não um padre casado. O celibato é imposto ao padre.

9.2. Padre Feiticeiro, Sim; Casado, Não.

Como sabemos, há padres envolvidos com o Candomblé, com o Budismo, o Kardecismo, a Umbanda e outras religiões não cristãs, tentando provar até através de livros, que elas são tão válidas quanto o Cristianismo. Veja estes exemplos:

1º) O jornal O Dia, de 04/09/1.998, noticiou que o Frei Volney Berkenbrock, teólogo franciscano e professor titular de Teologia Sistemática do Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis – RJ, autor do livro A Experiência dos Orixás, afirma que o Candomblé é uma religião tão salvadora e verdadeira quanto o Cristianismo. E o Papa e seus bispos nem ligam. Mas, se estes mesmos padres disserem que querem se casar, então são exonerados. O envolvimento com a feitiçaria, com o paganismo, etc., é tolerado; mas o casamento, não. O casamento é um pecado muito grave. Infinitamente mais grave do que defender os cultos afro-brasileiros.

2º) Não é de hoje que a liderança católica vem fazendo vista grossa à mediunidade, que se torna cada vez mais comum entre os católicos, incluindo os católicos praticantes. Segundo nos parece, a grande maioria dos católicos é constituída de espiritólicos.

Os clérigos católicos vêem a mediunidade, ora como algo certo, ora como algo de somenos importância ou irrelevante. Por isso aceitam como membros do clero, tanto os que apóiam, quanto os

que rejeitam as práticas espíritas.

Há muitos livros escritos por membros do clero, combatendo o Espiritismo, mas também há diversas obras literárias, da autoria de clérigos católicos de renome, promovendo as crenças espíritas. O livro *Glórias de Maria*, já citado repetidas vezes, da autoria do Bispo católico que virou "santo Doutor", livro este aprovado pela Igreja Católica, nos fala da aparição de uma alma pedindo missas para apressar a sua saída do purgatório. Seu pedido foi prontamente atendido, e a referida alma reapareceu toda resplandecente e dizendo que estava indo para o Paraíso (*Glórias de Maria*, Santo Afonso de Ligório, 14ª edição de 1989, Editora Santuário, páginas 42-43).

3º) Ainda no livro *Glórias de Maria*, à página 211 está registrado que uma alma perdida apareceu a uma certa mulher, acusando-a de ser a culpada de sua perdição, nestes termos: "*És a culpada de eu ter perdido a Deus e o paraíso*". A acusada, segundo "Santo" Afonso, se livrou do mau espírito invocando o nome de Maria. Está claro, portanto, que *Santo* Afonso de Ligório, *Doutor* da "Igreja", era espírita; e a sua canonização, bem como a aprovação e divulgação do pernicioso livro desse Doutor da Igreja, provam que o alto clero católico aprova a mediunidade. Ora, a feitiçaria é pecado condenado por Deus, do Gênesis ao Apocalipse (Dt 18.9-15; 1 Cr 10.13; Ap 22.15, etc.). E aí perguntamos: Podemos considerar esses homens como Ministros do Evangelho? São mesmo sucessores dos apóstolos? Raciocine e responda a si mesmo. Não traia a sua consciência.

4º) O Brasil é, infelizmente, não só o maior país católico do mundo, mas também, a maior nação espírita do nosso planeta. Era, pois, de se esperar que o clero católico, inclusive e principalmente "Sua Santidade" empreendesse uma cruzada de conscientização, esclarecendo o povo que a feitiçaria é pecado. Contudo, como já abordamos, o jornal *O Dia*, de 14/10/1.991, noticiou que o Papa João Paulo II disse que os evangélicos estão aliciando o povo, iludindo e semeando confusão. Esse ataque aos evangélicos, seguido de um silêncio a respeito do Espiritismo, não é, porventura, sintomático?

5º) Certo irmão em Cristo de nossa confiança, ex-católico carismático praticante, nos contou que certo dia, quando ele ainda era católico, ao ver duas senhoras, adeptas do Candomblé, trajando roupas típicas dessa confissão religiosa, entrar num templo católico e ajoelhar aos pés de Oxossi (São Sebastião), cumprindo assim um ritual dessa religião, disse ao Padre: "*Vamos mostrar a elas que Deus abomina a feitiçaria*". E o Padre lhe retrucou: "*Não! Nós temos que respeitar a religião dos outros*". Quando, porém, lemos a Bíblia, percebemos que esse tipo de "respeito" não era praticado pelos profetas, por Jesus Cristo e pelos apóstolos.

Nem todos os católicos estão envolvidos com o Espiritismo, pois há católicos que sequer rezam aos "santos", visto que já compreenderam que fazê-lo é cometer o abominável ato de invocar os mortos. Mas convenhamos que esses católicos são atípicos, e que todo bom católico é, necessariamente, um bom espírita. O católico que nega a mediunidade não é um bom católico, já que o Catolicismo vem promovendo-a através dos séculos.

9.3. As Pirraças do Papa

Segundo Revista *Marie Claire*, dezembro de 1.996, o Papa e seus comparsas usam de chantagem para com os padres que querem se casar. É que, segundo as normas da Igreja Católica, nenhum padre pode se casar no religioso antes de ser exonerado. Então pedem exoneração, mas a cúpula do Catolicismo (o Papa e seus comparsas) os pirraça, em total desrespeito para com o sentimento alheio. Uma das vítimas, o padre José Colaço Martins Dourado solicitou dispensa ao Vaticano em 1.981 e só a recebeu em 1.995 (14 anos após). Outra vítima, o Padre Luiz Leite, quase que teve que se casar só no civil. Porém, graças a uma carta grave que ele remeteu ao Vaticano, os intimidou e eles lhe deram a dispensa ainda em tempo.²² Perguntamos: É certo frustrar o sonho de um padre e sua noiva que desejam se casar na igreja? É certo brincar com o sentimento das pessoas? Por que demoraram tanto a expedir a dispensa? Será que eles se julgam com o direito de mandar até na consciência alheia? É certo impor aos que de nós divergem, nossos pontos de vista?

A professora Maria do Socorro conta que alguns padres deixaram de cumprimentá-la, quando ela e seu noivo, o padre José, anunciaram que iam se casar.²³ Veja, ó leitor, quanto fanatismo!

Não pense que estamos mentindo, pois dificilmente alguém seria suficientemente maluco para registrar uma denúncia dessas sem estar devidamente documentado. Ainda mais porque estamos questionando uma das maiores potências do mundo e extremamente fanática: o Vaticano, o qual se faz representar pela sua agência, a saber, a Igreja Católica.

9.4. A Idade do Celibato na “Igreja”

A obrigatoriedade do celibato eclesiástico foi decretada pelo Papa Gregório VII, ou Hildebrando, no ano 1.074. Gregório exigiu que os padres solteiros não se casassem e obrigou os padres casados a se divorciarem de seus cônjuges e a abandonarem os seus filhos, os quais estenderam as mãos à caridade pública.

Alguns preferem datar o celibato clerical do ano 1123 d.C., quando o Concílio de Latrão I tornou norma geral para o clero católico o que desde o IV século alguns Concílios regionais vinham hereticamente impondo aos bispos de algumas regiões do Ocidente. Mas o Concílio de Latrão I nada mais fez que ratificar o que Gregório VII generalizara e impusera com punho de ferro. Disso tudo, uma só coisa é relevante: A imposição do celibato eclesiástico não tinha lugar entre os cristãos do primeiro ao terceiro séculos. Até o Padre D. Estêvão Bittencourt, ardoroso defensor do celibato clerical, demonstrou reconhecer que na Igreja Primitiva os Ministros do Evangelho eram casados. Disse ele: “...A partir do século IV Concílios regionais foram impondo essa prática como obrigatória aos candidatos ao sacerdócio no Ocidente...” (Pergunte e Responderemos, Ano XLIV, nº 489, março/2003, página 32 [ou página inferior 128]).

Sim, leitor, “Na Igreja Primitiva não havia monges nem freiras” (História da Igreja Cristã, Jesse Lyman Hurlbut, 8ª edição, 1995, Editora Vida, página 83).

9.5. Há Padres Que Também Pensam Assim

A revista *Time*, de 23/02/1970, nos informa que foram endereçados ao Vaticano, cerca de 10.000 petições de clérigos católicos, requerendo dispensas de seus votos celibatários. Isso prova que até os sacerdotes católicos que ainda não perderam a capacidade de pensar conseguem enxergar o absurdo dessa imposição ridícula.

9.6. Que Pena!

Temos pena dos padres, pois estão se privando de uma coisa maravilhosíssima, que é ter uma esposa e filhos. Como é bom ser pai! Como é bom constituir nosso próprio lar! Mas os papas roubaram isso dos padres, iludindo-os.

Alguns padres se dão por realizados, por estarem se relacionando sexualmente com freiras e outras mulheres, inclusive casadas. Mas eles precisam saber que a mera satisfação do desejo sexual não é tudo. Precisamos de algo mais. Necessitamos de um cônjuge e de filhos nascidos de um relacionamento calcado na Palavra de Deus. E esta bênção está ao alcance dos padres e freiras, pois o Senhor Jesus pode libertá-los desse sistema que há séculos vem iludindo milhões.

CAPÍTULO 10

O RASTRO DO CLERO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Disse o Papa Marcelo II: “Dificilmente um papa escaparia do inferno” (Vita Del Marcelo, página 132).²⁴ Basta-nos examinar as páginas da História Universal para nos convenceremos que o Papa

Marcelo dispunha de razões sobejas para se expressar assim.

Neste capítulo vamos registrar, com pesar, a dissoluta vida do clero católico. Não nos dá prazer acusar a liderança católica, pois só Deus pode nos julgar e condenar. Além disso, somos todos seres humanos, sujeitos às mesmas paixões. Porém, parece-nos que os católicos não sabem disso, pois seguem cegamente aos clérigos, como se eles fossem deuses, como já vimos.

Na maioria das vezes os católicos se mostram exigentes, quando em diálogo com os evangélicos. Fazem tudo para "provar" que não se dobram diante de sofismas. Mas lamentamos o fato de não serem igualmente exigentes para com a liderança do Catolicismo. As heresias dos papas são sempre bem-vindas, mas os sólidos argumentos dos evangélicos dificilmente são aceitos. E isso não se dá por acaso. É que o papa os ilude, dizendo-lhes que os pastores evangélicos não receberam de Deus o encargo de interpretar a Palavra de Deus com autenticidade. Assim, o católico é treinado a rejeitar nossos sermões, por mais que provemos a autenticidade dos mesmos. E, ao mesmo tempo, são induzidos a aceitar as maiores aberrações dos papas e seus bispos. É que os papas puseram na cabeça deles que a nossa interpretação é questionável, enquanto a deles, por serem "infalíveis", está acima de toda e qualquer suspeita.

Não queremos que os católicos nos idolatrem como o fazem aos papas. O que desejamos é que saibam que seus líderes espirituais são seres humanos, e não deuses. Isto é tão óbvio que deveria ser desnecessário termos que provar com argumentos diversos que os líderes do Catolicismo não são anjos, tampouco divindades. Todavia, os papas têm levado os ingênuos a crerem que eles são inerrantes e, portanto, inquestionáveis quando pregam ex-cátedra. Sim, é incrível, mas há católicos que crêem na infalibilidade papal. E, para levá-los a entenderem que o homem que se atreve a dizer que é infalível não é um ser humano normal, tampouco divindade, mas sim, megalomaniaco, vejamos a exposição abaixo:

"O papa Sérgio III (904-911) obteve o ofício papal por meio de assassinatos. Além disso, transformou o Vaticano em casa de prostituição. Teodora e Marozia, por exemplo, eram meretrizes tão influentes no Vaticano que colocavam amantes e bastardos na cadeira de São Pedro. Sérgio III teve vários filhos com Marozia e, no ano 931, subiu ao poder o papa João XI, filho deles.

O papa João X (914-928) assumiu o poder devido às articulações políticas promovidas por Teodora, mas foi assassinado por Marozia, que desejava o poder para seu amante. Ela alcançou seu objetivo e Leão VI (928-929) tornou-se papa, também logo assassinado pela própria Marozia, quando esta descobrira que ele estava apaixonado por outra prostituta. Em 931, João XI, filho de Marozia e Sérgio III, assumiu o papado, mas foi envenenado por seus opositores, em 935.

Em 955, ascendeu ao poder o papa João XII (neto de Marozia), que violava sexualmente virgens, mulheres casadas e viúvas, além de conviver promiscuamente com a amante de seu pai. Acusado de vender relíquias, cometer assassinatos, adultérios, incesto, e sacrilégio, foi inquirido por seus opositores e, furioso, mandou matar uns e mutilar outros. Enfim, sem encontrar quem o pudesse conter, transformou o palácio papal num bordel, até o dia em que foi morto (964) pelo marido de uma mulher que violara.

O papa Bonifácio VII (984-985) manteve sua posição por meio de uma desonesta distribuição de dinheiro. João XV (985-996) repartiu as finanças da Igreja entre seus amigos e parentes, ganhando a reputação de corrupto, em todos os seus atos. João XIX (1024-1032) comprou o papado e, sendo leigo, passou por todas as ordens clericais em um só dia!

Benedito IX (1032-1044) tornou-se papa com apenas 12 anos, graças a um acordo entre as poderosas famílias que dominavam Roma. Também foi adúltero, roubador e assassino, de maneira que o povo o lançou fora de Roma.

Inocêncio II (1130-1143), criador da Inquisição, mandou matar em torno de um milhão de pessoas, sob a acusação de hereges.

O papa João XXIII ascendeu ao poder em 1410 – não confundi-lo com o recente papa João XXIII. Foi terrivelmente imoral. Desde que era cardeal, violentava virgens, mulheres casadas, freiras e viúvas, além de ter mantido um relacionamento íntimo com a sua cunhada. Abusou de mais de 1.000 mulheres, dentre as quais 300 freiras, e montou um harém, em Boulogne, com cerca de 200 adolescentes. Seu governo foi tão promíscuo que chegou a ser julgado no Concílio de Constança e

condenado por 54 crimes.

Pio II (1458-1464), além de sedutor, era corrupto e ensinava jovens a praticarem atos obscenos. Paulo II (1464-1471) encheu a casa papal com concubinas. Sixto IV (1471-1484) financiava suas guerras com recursos adquiridos por venda de ofícios eclesiásticos e usava o papado para enriquecer a si mesmo e aos seus parentes. Nomeou cardeais, oito de seus sobrinhos quando ainda crianças, sobrepujando em riqueza e pompa até mesmo as antigas famílias de Roma. Inocêncio VII (1484-1492) teve 16 filhos com mulheres casadas e celebrou o casamento de alguns deles no próprio Vaticano. Como tantos outros papas, multiplicou os ofícios eclesiásticos, vendendo-os por bom preço.

Com Alexandre VI (1492-1503) foram 11 anos de promiscuidade. Ganhou a eleição para o papado subornando os cardeais. Antes de se tornar papa, viveu com uma mulher em Roma e, posteriormente, com a filha dela, com quem teve filhos. Foram muitos os filhos ilegítimos. Foi amante da irmã de um cardeal, o qual, em 1503 se tornou o seu sucessor, recebendo a designação de Papa Pio III. Em 31 de outubro de 1501, promoveu um festival de orgia no Vaticano que não teve igual na história humana. Contudo, o mais imoral de todos os seus gestos foi ter sido amante de sua própria filha, Lucrecia Bórgia. Alexandre VI gloriava-se do "fastígio dos prazeres" em que viveu. Quem visita o Vaticano fica impressionado com o quarto que pertenceu a esse papa!

Pio III (1503-1503) costumava consultar astrólogos antes de tomar decisões, ou mesmo para saber seu futuro. Depois dele, ascendeu ao poder o papa Leão X (1513-1521). Por ser de família rica, comprou sua posição hierárquica na Igreja; com oito anos de idade, já era arcebispo, e, com 13 tornou-se cardeal. Manteve uma corte licenciosa, praticando passatempos voluptuosos com cardeais, em deslumbrantes palácios; gostava de dar banquetes acompanhado de orgias e bebedeiras. Esse é o período da Reforma Protestante, e Lutero, portanto, enfrentou a ira de Leão X.

O papa Gregório VIII (1187) ordenou que se esvaziasse um grande aquário num convento de monjas em Roma. Foram ali encontrados aproximadamente, seis mil esqueletos de recém-nascidos. Diante desse horror, o papa Gregório VIII aboliu o celibato, mas seus sucessores o reinstauraram. Em outro convento em Niunberg, Áustria, desenterraram 20 potes com esqueletos de bebês.

O papa Pio IV (1559-1565) redigiu uma bula pedindo que todas as mulheres violadas sexualmente por padres, apresentassem suas acusações. Os casos foram tantos que, em Sevilha, na Espanha, não houve condições para dar continuidade aos processos, sendo eles abandonados".²⁵

Faltar-nos-ia espaço se fôssemos registrar as barbaridades que muitos clérigos católicos praticaram durante o século XX. E, como sabemos, o século XXI não tem se revelado melhor. A imprensa falada e escrita nos fala do alto índice de clérigos católicos envolvidos com prostituição, homossexualismo e até pedofilia. Segundo um periódico católico intitulado *Pergunte e Responderemos*, de autoria e redação do Padre Dom Estêvão Bettencourt, nº 489, março de 2003, página 128, dos 42.000 padres norte-americanos, cerca de 2.520 são pedófilos.

A exposição acima não teria o valor que tem, se os padres, as freiras e todos os católicos leigos, raciocinando com suas próprias cabeças (como o fazem os evangélicos), não confiassem aos papas o futuro eterno de suas almas. Por exemplo, quando um Pastor protestante cai em pecado, em nada abala a fé dos leigos, visto que estes aprendem desde cedo que os pastores não são infalíveis e donos da verdade.

Este capítulo não se destina a denegrir a imagem dos clérigos católicos. Além disso, não estamos julgando todos por um. Objetivamos tão-somente deixar claro que os papas são seres humanos. E o fazemos porque eles querem que pensemos que eles são superiores a nós, como se pertencessem a outra espécie, e há pessoas ingênuas engolindo isso.

O fato de os papas alegarem que os protestantes, os pastores evangélicos, os padres, os freis, os frades, as freiras, os católicos leigos etc., não receberam de Deus "o encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus", prova que esses fanáticos se consideram superiores aos demais seres humanos. Eles querem assumir o lugar de Deus. Realmente, o Papa Inocêncio III disse que o papa é "...superior ao homem. É juiz de todos, mas não é julgado por ninguém".²⁶ E o papa Leão XIII asseverou em 1894: "Ocupamos nesta terra o lugar do Deus santo" (Será Mesmo Cristão o Catolicismo? Hugh P. Jeter, Editora Betel, 2ª Edição de 2000, página 50).

Às vezes os clérigos católicos se defendem dizendo que os papas não são infalíveis quanto ao

pecado; antes, a infalibilidade deles se limita à pronúncia ex-cátedra. Porém, foi ex-cátedra que eles ordenaram a morte de milhares de pessoas. E senão, qual é o critério adotado para sabermos quando uma pronúncia é ou não ex-cátedra? Compararmos o que eles dizem com a Bíblia? Não! Não podemos fazer isso! Quando nossos pontos de vista não coincidirem será por deficiência nossa! Não recebemos o encargo de interpretar a Bíblia com autenticidade! Só Sua Santidade e os bispos que dele não divergem podem fazer isso! O livre exame das Escrituras, defendido pelos protestantes, é a fonte de toda a confusão; devendo, pois, ser rejeitado por todos os filhos da santa Mãe Igreja Católica!

A exposição acima não é uma sátira aos católicos. Pelo contrário, destina-se a ajudá-los a compreender que a proibição à livre interpretação da Bíblia, que os papas e seus bispos impõem aos padres e aos leigos, é contrária à Bíblia e à razão.

São muitas as barbaridades que constituem o que aqui chamamos de O RASTRO DO CLERO ATRAVÉS DOS SÉCULOS, sendo a proibição ao livre exame da Bíblia, apenas mais uma.

CAPÍTULO 11

O CATOLICISMO É PERIGOSO

11.1. Para a Família

11.1.1. Para os Casais

Enquanto consultávamos o Catecismo da igreja Católica, páginas 451 e 617, # # 1.650, 2.382 e 2.384, vimos que o Papa prega que só a morte dissolve um casamento autêntico, e que, portanto, até mesmo os que se divorciaram de seus cônjuges infiéis (adúlteros) e contraíram novas núpcias são adúlteros (veremos isso mais detalhadamente no capítulo 13). Ora, tanto a Bíblia quanto a Igreja Católica pregam que os adúlteros irão para o Inferno, caso não se corrijam antes de partirem desta vida. Deste modo é possível que um católico beato conclua que se continuar se relacionando sexualmente com sua nova esposa, o inferno o aguarda. Isso traria muito peso de consciência (remorso) e até a dissolução do novo casamento, e, por conseguinte, a destruição de um lar. Lembre-se, o Papa afirma que você e seu novo cônjuge são adúlteros, mesmo sendo por infidelidade conjugal o motivo pelo qual você anulou seu primeiro casamento e casou novamente. E, se eles não querem ser mais incoerentes do que são, precisam aconselhá-los (a você e a seu novo cônjuge) a se separarem; e não tapeá-los com "*freqüência às missas, penitências*" e outras mais. Deste modo está claro: O Catolicismo é perigoso para a família. Ele pode destruir um lar. Aliás, ele já fez isso. Vimos que no século XI o Papa Gregório VII decretou que os padres solteiros não se casassem e que os casados se separassem de suas esposas e filhos, o que resultou na destruição de muitos lares.

Muitas particularidades que deviam ficar entre marido e mulher, são "segredados" aos padres. Assim eles entram na intimidade do casal. Não só eles, o que já não é bom, mas às vezes também os seus amantes, pois há muitos padres envolvidos com homossexualismo e outras orgias sexuais. E um padre assim, certamente, dificilmente guardaria segredo, considerando que se ele não é fiel nem mesmo à sua religião, seria fiel aos seus confidentes?

Como Ministro do Evangelho advirto: O Catolicismo é prejudicial à família. Ele pode destruir um lar.

11.1.2. Para os Nossos Filhos

Já informamos que os padres, inspirando-se na alegação do Papa de que ele é infalível, pregam que as ordens do Papa são para serem obedecidas e não discutidas. Já informamos que os padres, inspirando-se na alegação do Papa de que ele é infalível, pregam que as ordens do Papa são para serem obedecidas e não discutidas. Isto significa que o Papa tira dos padres e dos leigos o direito de

examinarem a Bíblia, compararem o Catolicismo com as Escrituras e tirarem suas conclusões. Para que examinar a Bíblia e comparar o que ela ensina com que o Papa prega, se ele não pode ser ponderado? Realmente, o Papa está exigindo obediência cega. E isso inutiliza o estudo da Bíblia. Sim, pois interpretando bem o que o Papa quer dizer com sua alegada infalibilidade, os padres concluíram que quando divergimos do Papa e seus bispos, devemos ignorar nossas conclusões, trair nossa consciência e obedecer o Papa. Por que? Porque nós somos falíveis, mas o Papa é infalível. Deste modo fica claro que o Catolicismo robotiza seu adepto. O católico não pode ter personalidade. Os padres e os leigos estão proibidos de raciocinar, por já terem quem raciocina por eles e para eles: o Papa. Não é isso matar a personalidade? Portanto, se seu filho maior de idade disser que quer ser católico (clérigo ou leigo), não o proíba, pois nenhuma religião pode ser imposta a quem quer que seja. Mas mostre a ele o quanto o Catolicismo é prejudicial. Ajude-o a compreender que ele vai virar robô do Vaticano. Inclusive, o Catolicismo Romano ameaça roubar de seus filhos o direito de se casarem e lhe dar netos. Tomara que seu lar nunca seja vítima do Catolicismo! E, se já vitimou-se, que se liberte em nome de Jesus!

11.2. Para a Sociedade

A obediência cega, absoluta e incondicional dos padres aos Papas, os tem levado a fazer barbaridades através dos séculos:

- a) Os padres, contemporâneos do Papa Gregório VII, abandonaram suas esposas e filhos, os quais mendigaram o pão;
- b) Torturaram até a morte milhares de pessoas que tinham opiniões diferentes das dos Papas;
- c) Submeteram-se às mais ridículas doutrinas, como é o caso do celibato eclesiástico obrigatório.

Dizendo os padres que as ordens dos papas são para serem obedecidas e não discutidas e que, quando discordamos do Papa, invariavelmente o erro está em nós, e não nele, fica patente que eles perderam a capacidade de raciocinar e se transformaram em feras perigosíssimas. Se o Papa lhes disser: "Suicidai-vos", então haverá suicídio em massa. E se o Papa disser: "Matai os protestantes", a "Santa" Inquisição será ressuscitada na hora, e a carnificina reiniciar-se-á.

Ora, a sujeição cega dos padres ao Vaticano é algo muito sério. Isso representa uma ameaça até para o soberania da Nação. Lembremo-nos que o nosso grande jurisconsulto, o famoso Águia de Haia, de saudosa memória, Rui Barbosa, já nos alertou que essa seita *"não é uma religião mas uma política, e a mais viciosa, a mais sem escrúpulos, a mais funesta de todas as políticas"*.²⁷

Para que o leitor veja que de fato Rui Barbosa não estava equivocado, veja a exposição abaixo:

HÁ QUATRO TIPOS DE PADRES:

1º) Os que já concluíram que o Catolicismo é falcatrua, mas não o deixam, porque estão tirando proveito disso. Estes constituem a grande maioria, supomos nós.

2º) Os que já concluíram em suas mentes que o Catolicismo é antibíblico e incoerente, e suspeitam da infalibilidade papal, mas também suspeitam da autenticidade de suas conclusões. Temem estar equivocados e por isso preferem continuar submissos ao Vaticano. Preferem trair suas consciências, a romperem com o Papa. Embora não sejam a maioria, há grande número de padres assim.

3º) Os que crêem piamente que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo, que fora dela não há salvação, que o protestantismo é herético, que o Papa é o sucessor do apóstolo Pedro, que portanto ele manda e não pede, e que quem rejeitar o que o Papa prega irá para o inferno. Há milhares de padres assim, porém, são a minoria. Estes estão dispostos a tudo. Eles realmente crêem que obedecer ao Papa incondicionalmente é o mesmo que obedecer a Deus. Eles crêem no que pregam e estão dispostos a tudo, tudo, tudo. Cuidado! Eles continuam tão perigosos quanto os clérigos da famigerada "Santa Inquisição. Senão, veja os dados abaixo:

a) O ex-padre Agrício do Vale nos conta a seguinte história: "... Em 1912, o cônego Manuel Carlos de Amorim Correia, fundador da Igreja Católica Brasileira, foi acometido de gripe benigna, na cidade de Itabira, do estado de São Paulo. Confiou num farmacêutico da localidade, a quem pediu que o medicasse e tratasse. Sabedores disso, os padres da Igreja Romana prometeram ao farmacêutico DEZ CONTOS DE RÉIS E A EDUCAÇÃO GRATUITA DE DUAS DE SUAS FILHAS para que ele matasse o cônego. O farmacêutico, seduzido pela proposta, matou o doente, propinando-lhe veneno em vez de remédios. Depois, atormentado pelos remorsos, confessou o seu crime, quando estava para morrer, mas não havia tempo para a justiça proceder contra ele..."; ²⁸

b) Segundo o ex-padre Aníbal Pereira dos Reis, certo dia ele e um grupo de católicos invadiram um templo evangélico, destruíram-no e espancaram os irmãos. O seu superior hierárquico, o Bispo, disse num programa radiofônico que ele e a Igreja Católica repudiavam o bárbaro crime do Padre Aníbal e pediu perdão. Mas, particularmente o parabenizou, incentivando-o a continuar perseguindo os evangélicos;

c) O ex-padre Raimundo Pereira conta que quando ele suspeitou que o purgatório é falcatrua, procurou o seu bispo a fim de se certificar da autenticidade ou não de suas conclusões. Então o referido bispo lhe falou que *"de fato o purgatório não existe, sendo o mesmo apenas uma invenção do Papa Gregório"*. Por este motivo, o então Padre Raimundo se encorajou e pregou um sermão refutando essa crendice, bem como rechaçando às supersticiosas missas em favor das almas que, supostamente, lá padecem. Este fato chegou aos ouvidos do supracitado bispo, o qual lhe falou que *"embora saibamos que o purgatório não existe, não podemos negá-lo, pois temos que ser fiéis à Santa Madre Igreja."* E o suspendeu das atividades ministeriais por noventa dias. Nesse ínterim, porém, ele foi a uma concentração evangélica no Estádio Mário Filho, conhecido por Maracanã, no Rio de Janeiro-RJ, e lá fez a sua profissão de fé evangélica, por cujo motivo foi caluniado pelo seu bispo que, para isso, se serviu até de um jornal de grande circulação;

d) O jornal O Dia, de 22 de setembro de 1.997, sob o cabeçalho "Igreja pede perdão", registrou: "...Após 52 anos do fim da 2ª Guerra, o episcopado francês prepara-se para pedir perdão à comunidade judaica pelo comprometimento da hierarquia católica com o regime nazista. O ato de 'arrepentimento' será no dia 30. A cerimônia vai ser realizada junto ao memorial do Campo de Drancy, onde judeus eram reunidos antes de serem enviados para os campos da morte. Durante a ocupação nazista, 60 bispos franceses silenciaram ou apoiaram abertamente a política de deportação dos judeus".

e) Ainda no jornal O Dia, de 09 de outubro de 1.997, sob o título "Militar argentino revela detalhes do 'vôo da morte' ", podemos ler: "... O ex-capitão da Marinha argentina Adolfo Scilingo, detido na terça-feira, em Madri, confessou ontem à justiça espanhola ter matado centenas [de] presos políticos durante a ditadura militar de seu país, de 1976 a 1983. [...] O ex-capitão revelou ainda que o clero argentino era cúmplice das execuções promovidas pelos militares, durante a chamada guerra suja. 'Quando quis me confessar pelo que havia feito,... os capelães disseram que eu não precisava fazer isto, pois, segundo eles, não havia nenhum pecado, já que havíamos cumprido o preceito bíblico de eliminar o joio do meio do trigo', disse. [...]"

f) Referindo-se às atrocidades praticadas pela Igreja Católica contra os judeus na 2ª Guerra, bem como a outras maldades dessa seita, disse o Papa João Paulo II: *"Peço perdão, em nome de todos os católicos, por todas as injustiças contra os não-católicos no decorrer da história"* (Super Interessante (Revista), edição 211, março de 2.005, página 40).

g) Ainda desta mesma revista transcrevo os textos abaixo, os quais atribuem a queda do comunismo no Leste Europeu ao Papa João Paulo II, nestes termos: "João Paulo II foi o personagem central das decisões políticas dos anos 1980..." (página 37).

"...Um a um os governos do Leste Europeu desmoronaram ...E ninguém lá teve dúvidas [...]. 'A culpa é da Igreja...' " (ibidem).

"...O Papa e o presidente Reagan... A união entre esses dois homens foi fundamental para a queda do comunismo" (página 39).

"João Paulo II e Reagan formaram uma das maiores alianças secretas de todos os tempos" (Ibidem).

"...Contra o comunismo, João Paulo II usava as armas que tinha: diplomacia agressiva, espionagem, encontros secretos..." (página42).

"Assim é João Paulo II: um político frio, com mente estratégica." (Ibidem)

O Rei do Vaticano é, ou não é perigoso? Obviamente Rui Barbosa sabia o que estava falando. Ele falou com conhecimento de causa. Salta aos olhos que os estadistas de todas as nações precisam empreender salvar suas respectivas pátrias das garras desses intrometidos. Ó Deus, abre os olhos aos nossos estadistas, para que, como Rui Barbosa, também enxerguem o quanto esses "sucessores de São Pedro" são nocivos!

4º) Os que romperam com o Catolicismo, mas não querem romper com a Igreja Católica (isto é, são católicos de direito, mas não o são de fato), por acreditarem que através do Evangelho autêntico que pregam podem levar outros católicos à salvação em Cristo. Há até os que crêem na possibilidade de conseguirem mudar a Igreja Católica. Contudo, como bem dizia o ex-Padre Hipólito Campos, "*Roma sempre a mesma*", ou seja, essa "Igreja" é incorrigível. O que os padres e leigos que descobrem a verdade, devem fazer, é abandonar essa "Igreja" às pressas. Como já informamos, o ex-Padre Aníbal também tentou mudar essa seita; porém, após três anos malhando em ferro frio, desistiu e se vinculou a uma igreja evangélica. Façam o mesmo já! Obedeçam o que diz Apocalipse 18.4: "*...Sai dela povo meu...*". Fora dessa seita o argumento de vocês será mais forte.

11.3. Para os Evangélicos?

Segundo a História, na década de 1530, um nobre espanhol chamado Inácio de Loyola, fundou dentro do Catolicismo uma ordem religiosa conhecida pelos nomes de SOCIEDADE DE JESUS ou COMPANHIA DE JESUS, cujo objetivo era refrear os avanços do Protestantismo. Sob a orientação dessa ordem satânica, o Concílio de Trento reuniu-se de 1545 a 1546 e repudiou as críticas dos protestantes, reafirmou o celibato eclesiástico, o culto aos "santos", o uso do latim e outras heresias que caracterizam o Catolicismo.

Ainda se servindo dessa "COMPANHIA DE JESUS", Satanás inspirou a restauração da "Santa" Inquisição, que há tempos não era praticada e, como se não bastasse, a criação da tal de Congregação do Índice, para queimar os livros que os homens de Deus da época escreviam, refutando o Catolicismo. Claro, alguns dos livros queimados pelos clérigos eram realmente heréticos, como foi o caso dos livros de Allan Kardec, que foram queimados aos milhares, por ordem dos padres. Mas repudiamos esse ato, porque cremos que nunca foi dado aos cristãos o direito de mandarem na consciência alheia. Cristo nos mandou pregar o Evangelho e não obrigar as pessoas a concordarem conosco.

Dispomos de uma revista editada pela Chick Publications (EUA), segundo a qual os JESUÍTAS (membros ou associados da chamada "Companhia de Jesus"), estão se disfarçando de evangélicos (se batizam, participam da Ceia do Senhor, etc.) para deste modo criarem confusão dentro de nossas igrejas, levando-nos ao descrédito perante a sociedade. Segundo tal revista, algumas mocinhas receberam a "sublime" missão de tentarem os pastores a adulterarem com elas. Tais pessoas entrariam numa igreja evangélica, ao apelo levantariam as suas mãos como se quisessem aceitar a Jesus, dariam "bom" testemunho ("obedeceriam" às doutrinas da igreja), se batizariam... porém não seriam cristãs, e sim, jesuítas, que estariam a serviço de Satanás. Alberto R. Rivera conta na sobredita revista que ele mesmo viveu muito tempo como se estivesse convertido ao Protestantismo, quando a cúpula católica sabia que ele não era ex-padre, e sim, jesuíta disfarçado em protestante, apenas para nos espionar e promover confusão entre nós.

Além disso, o ex-padre Agrício do Vale registrou que os jesuítas fizeram o seguinte juramento:

"Eu agora, na presença de Deus Onipotente, da Bem-Aventurada Virgem Maria, do Bem Aventurado São Pedro, São Paulo e São João e do meu pai espiritual, o superior da Sociedade de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, e diante de Sua Santidade, o Papa, o Vigário de Cristo, prometo e declaro que quando for preciso, farei e ensinarei a guerra lenta, secreta ou publicamente contra os heréticos protestantes e maçônicos, que farei extirpar da face do Globo e que não pouparei idade, sexo ou condição; não só queimarei como farei arrancar o estômago e o ventre das mulheres, esmagarei a cabeça de seus filhos contra a parede. Em testemunho de que tomo este santíssimo sacramento eucarístico, eu confirmo o que fica dito, assinando o meu nome com a ponta deste punhal molhado em meu sangue, na presença deste santíssimo sacramento" ²⁹.

O juramento acima, segundo o referido Rivera, foi ratificado imediatamente após o Concílio Vaticano II. E, como sabemos, este concílio encerrou-se em 1.965.

OBSERVAÇÃO: Certo irmão em Cristo de nossa confiança, renomado apologista, nos disse que as afirmações acima, que tratam da atuação dos jesuítas entre nós, bem como do juramento que eles teriam feito, prometendo nos perseguir até a morte, carecem de provas; e que há algumas evidências em contrário. Por este motivo sugerimos que controlemos as emoções, para não sermos injustos para com a Igreja Católica, acusando-a indevidamente, sem provas cabais. Registramos estes dados para fins de estudo, bem como para vigiarmos, já que do clero católico tudo se pode esperar. Ademais, as acusações acima no mínimo nos conduzem ao que em Direito se chama de *suspeitas fundadas*. Afinal de contas, do ser humano e, em especial, dos clérigos católicos, tudo se pode esperar. Pelo menos é o que eles têm provado através dos séculos. Além disso, o pastor Homero Dunca, em seu livro O Movimento Ecumênico, editado pela Imprensa Batista Regular, afirma à página 17 que a Enciclopédia Católica (em inglês) mantêm, à página 768, que "*os heréticos, além de serem excomungados, devem ser condenados á morte.*" Contudo, estejamos tranquilos, visto que o Senhor está conosco para o que der e vier. Lembremo-nos que "*todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto*" (Rm 8.28).

Quando o papa João Paulo II veio ao Brasil pela terceira vez (1.998), alguns "pastores protestantes" o apoiaram. Um desses lobos disse que a diferença entre o Catolicismo e o Protestantismo é pequena. Certamente, porém, ele está fazendo vista grossa às disparidades que há entre o movimento evangélico e o Catolicismo. Outro grande vulto entre nós nos aconselhou a pregarmos o Evangelho aos católicos não praticantes. Ora, por que aos "*católicos não praticantes*"? Certamente ele quer insinuar que os praticantes não necessitam disso. Seriam esses homens jesuítas disfarçados? Só Deus sabe.

Segundo o jornal Folha Universal, O Pastor Fanini disse "não", quando o Papa João Paulo II lhe pediu que não pregasse aos católicos.³¹ (Como o Diabo é cara-de-pau!). Sigamos o exemplo do Pr. Fanini! Unâimes digamos "não" ao Diabo!

11.4. Para os Papas?

Embora este autor não disponha das provas documentais, por não haver guardado-as, possivelmente muitos se lembram que quando o Papa João Paulo I foi eleito, recusou ser chamado de Sua Santidade, assumiu que era um pecador e disse que pretendia reformar a Igreja Católica, na qual, segundo ele, havia muitos erros. Mas ele não sabia (?) que a morte estava tão próxima. 33 dias após essas declarações, partiu para a eternidade. Morreu derrepente. Suspeitou-se então de que ele havia sido assassinado para não executar a prometida reforma na Igreja Católica. Será?! Muito já se escreveu sobre esse possível homicídio. Veja a cópia abaixo:

"Albini Luciani...foi Papa durante 33 dias (1978). Quis mexer no vespeiro dos negócios escusos do Vaticano e foi logo despachado (via SEDEX) ao Purgatório, conforme os livros escritos sobre o assunto – 'Em nome de Deus' (David Yallop), 'The Vatican in World Politics' Avro Manhattan), 'Vatican Assassins' (Eric Jon Phelps) e muitos outros. Como sempre acontece, quando o Vaticano manda assassinar algum papa ou católico dissidente..., agora o falecido papa João Paulo I vai ser canonizado a fim de limpar a barra da Igreja Católica Romana" (O Big Brother de Roma, Mary Schultze, produção independente, edição de 2003, página 82. Grifo nosso).

11.5. Para a Alma

Sobretudo, porém, o Catolicismo é perigosíssimo para as nossas almas. Todo aquele que se submete ao Papa, como se ele fosse um Deus é, sem dúvida, um idólatra. E a Bíblia afirma categoricamente que os idólatras arderão no fogo do inferno eternamente.

Geralmente nós, os evangélicos, não ignoramos que os católicos são idólatras, visto que cultuam aos anjos, aos santos, a Maria, às imagens, etc., mas nem todos sabem que o Papa também é cultuado. O que os padres dizem dos Papas e a forma como se submetem a ele, provam que eles (os papas) não são encarados como seres humanos normais, e sim, como Deuses Onipotentes. O papa é chamado de o Santo Padre, Sua Santidade, infalível, vigário (substituto) do Filho de Deus... Não é isso uma tremenda antropolatria? Realmente, no Catolicismo há três graus de cultos: dulia (culto aos santos e aos anjos); hiperdulia (culto a Maria); e latria (culto supremo do qual só os papas são dignos). Isto, dizemos, porque os papas são mais exigentes do que Deus. Este não exige obediência cega de ninguém, mas aqueles decretam sujeição incondicional. Eles (os papas) são mais usurpadores do que o Diabo. Este quis ser igual a Deus (Is 14:14), mas aqueles querem ser mais do que Deus. Coisas que Deus não exigiu de ninguém, eles ousam exigir de suas vítimas.

CAPÍTULO 12

A IGREJA CATÓLICA É A 1ª IGREJA?

12.1. Nascemos no Século XVI?

O clero católico ilude às pessoas mal informadas, dizendo-lhes que a Igreja Católica foi fundada pelo Senhor Jesus Cristo no século I, e que permaneceu una até o século XVI, isto é, até então só existia a Igreja Católica. Naquela época, um monge chamado Martinho Lutero, pregando heresias dentro da própria igreja onde servia como padre, conseguiu enganar a muitos, iniciando-se assim o que hoje é conhecido pelo nome de Protestantismo. Por exemplo, na obra intitulada Os Erros ou Males Principais dos Crentes ou Protestantes, 7ª edição, 1957, editora O Lutador, editada sob o *imprimatur* do Monsenhor Aristides Rocha, afirma-se à página 4 o seguinte: "*A palavra protestante foi introduzida no século XVI. Antes deles, existiam apenas católicos romanos, os genuínos cristãos do único e verdadeiro Cristianismo*". Nada, porém, está mais longe da verdade, pelas seguintes razões: Jesus não fundou o que hoje é conhecido pelo nome de Catolicismo. Dizer que o Catolicismo é obra de Jesus, equivale a caluniar o Senhor. Além disso, desde que Jesus fundou a Sua Igreja (a qual não é nenhuma das denominações cristãs ou ramificações do Cristianismo), a presença dos hereges entre os verdadeiros servos de Deus, se tem feito sentir. O apóstolo Paulo preveniu os bispos da igreja de Éfeso, que dentre eles mesmos se levantariam homens falando cousas pervertidas (Atos 20.30 - ARA). Himeneu e Alexandre eram hereges (1 Timóteo 1.19-20). Nicolaítas era o nome de uma seita herética existente nos dias do apóstolo João (Apocalipse 2.6,15). O primeiro Concílio da Igreja, abordado em At 15, teve por objetivo refutar os que queriam fazer do Cristianismo, um judaísmo melhorado. E que dizemos do Grande Cisma ocorrido no século 11 (1.054 d.C.), quando então a "Igreja" se dividiu em Romana e Ortodoxa? E os Hussitas? E os Valdenses? E os Albigenses? E os Calixtinos? E os Nestorianos? E os sabelianos? E os arianos? E a Igreja Copta? E a Igreja da Armênia? E a Igreja Jacobita? E os donatistas? E os montanistas e tantos outros movimentos? Custa-nos crer que o Monsenhor Aristides Rocha não saiba disso.

Para provar o que dissemos acima, a saber, que os "hereges" não surgiram no século XVI, bem como para demonstrar o quanto essa seita é diabólica, veja os textos abaixo, transcritos do livro intitulado História Geral, de Raymundo Campos, 1º grau, 8ª série, publicado pela Atual

Editora e distribuído pelo MEC _ Ministério da Educação e Cultura_ páginas 55-57, com reticências, salvo o que está entre colchetes. Os títulos dos tópicos e os grifos são nossos).

a) A Matança dos Albigenses e Valdenses

"...As heresias eram novas idéias sobre os assuntos religiosos, que contrariavam o pensamento dos que dominavam a Igreja" [Católica]. "Freqüentemente os heréticos acusavam o clero de estar se distanciando dos princípios do Cristianismo. No século XII, no sul da França, Pedro Valdo, fundador da seita dos Valdenses, criticava o clero por sua riqueza e poder, mostrando que Jesus Cristo fora pobre. "No mesmo século, na cidade de Albi, também no sul da França, surgiu a seita dos Albigenses, pregando que a Igreja [Católica] devia abandonar suas riquezas. "As heresias foram violentamente perseguidas pela Igreja" [Católica]. "Contra os Albigenses o papa Inocêncio III ordenou uma cruzada de senhores feudais. A cidade de Albi foi arrasada e milhares de hereges foram mortos.

b) Nem a "Santa" Inquisição Salvou os Papas

"Mesmo assim outros movimentos heréticos surgiram e, para combatê-los, foram criados os Tribunais da Santa Inquisição. "Os inquisidores podiam mandar prender os hereges. Estes eram interrogados, muitas vezes sob terríveis torturas, para confessarem as idéias consideradas perigosas. As condenações à morte na fogueira tornaram-se constantes. "Mesmo com a Inquisição, o poder dos papas, depois de ter chegado ao auge, com Inocêncio III, entrou em decadência nos últimos séculos da Baixa Idade Média. Tal declínio deveu-se principalmente ao aumento do poder dos reis, que entrou em choque com a Igreja em vários países.

c) O Cisma do Ocidente e Seus Três Papas

"Durante boa parte do século XIV, os reis da França controlaram o papado pela força. Chegaram a transferir a sede da Igreja de Roma para Avignon. "No fim do século XIV, a situação do papado piorou.

"Diversos países, descontentes com o domínio dos reis franceses sobre os chefes da Igreja, favoreceram a restauração do papado em Roma. "Aconteceu então o chamado Cisma do Ocidente, pois passaram a existir dois papas, um em Roma e o outro em Avignon, cada um dizendo-se o escolhido de Deus, e acusando o outro de heresia. A confusão entre os cristãos aumentou ainda mais quando surgiu um terceiro papa em Piza, que também se dizia o desejado por Deus. "Esta situação, que aos olhos do povo desmoralizou a autoridade semidivina dos papas, só chegou ao fim com o Concílio de Constança, em 1416. Os bispos presentes na reunião conciliar decidiram que o papa verdadeiro era o de Roma.

d) Sucessores de São Pedro ou Burgueses?

"Depois do Cisma do ocidente os papas passaram a ser escolhidos principalmente entre as grandes famílias da burguesia italiana através de critérios em que a política contava mais que a religião.

"Durante o século XV, cada vez mais os papas e o clero em geral passaram a ficar envolvidos pela política, pelo luxo e a riqueza, relegando seu papel espiritual. Para muitos papas, a Igreja transformou-se numa espécie de empresa comercial.

e) A Insatisfação Popular

"O culto continuava a não atender às necessidades espirituais de boa parte do povo. As várias cerimônias eram feitas em latim e de tal forma que as pessoas do povo não entendiam. Essas pessoas queriam uma religião da qual pudessem participar mais diretamente e que desse uma orientação para os problemas da vida. Isto não estava sendo encontrado na Igreja [Católica].

f) A Simonia Papal

"Boa parte do clero católico, a começar pelos papas, vivia na exploração das superstições mais grosseiras das classes populares. Nunca foi tão intensa a SIMONIA, isto é, o comércio das coisas sagradas. Eram vendidas as mais variadas e absurdas relíquias: pedaços de madeiras e pregos que diziam ter sido da cruz de Cristo; frascos com o ar da gruta de Belém; os ossos do jumento que havia transportado Jesus Cristo. "Muito vendidas eram as indulgências, ou seja, pergaminhos assinados pelos papas, garantindo a seus compradores o perdão dos pecados. Bons rendimentos eram obtidos com as dispensas, pelas quais alguns fiéis eram liberados da obediência a certas normas da Igreja. Desta forma muitos cristãos podiam divorciar-se, comer carne na sexta-feira, e não jejuar.

j) Os Pré-Reformistas

John Wyclif

"Na Inglaterra do início do século XV, John Wyclif, professor da Universidade de Oxford, realizou intensa pregação em favor de uma reforma. Entre outras mudanças Wyclif pregava que a missa e todas as outras cerimônias deviam ser realizadas em língua nacional e não em latim. Além disso achava que os bens da Igreja [Católica] deveriam ser secularizados. Wyclif foi repreendido pelo clero e suas idéias foram condenadas. Só escapou da fogueira graças a uma certa proteção do rei.

John Huss

"As idéias de Wyclif foram levadas para a Romênia, região do Santo Império Romano Germânico, por um estudante de nome John Huss. "Ao pregar a utilização da língua nacional, Huss incentivou o nacionalismo da Boêmia contra os bispos e senhores feudais alemães que dominavam o país. "Por pregar as novas idéias, John Huss foi preso e condenado à morte na fogueira, em 1417. Mas, depois de sua morte, desencadeou-se uma revolução contra o domínio alemão, o chamado movimento Hussita. "Durante muitos anos os hussitas lutaram por uma Igreja reformada e contra a dominação alemã. Terminaram vencidos, mas suas idéias se espalharam e influenciaram outros movimentos reformistas.

h) O Porquê do Descontentamento Alemão

*"A Alemanha do século XVI fazia parte do Santo Império Romano Germânico e estava dividida em pequenos e grandes principados. A ausência de um poder centralizado fazia com que o país fosse um dos mais **explorados pelos papas**, que ali chegavam a cobrar impostos, além de venderem grandes quantidades de relíquias e indulgências. "Nos inícios do século XVI os alemães estavam vivendo uma intensa crise econômica resultante da desintegração do sistema feudal. A agitação, principalmente entre os camponeses, contra os impostos e obrigações feudais, era cada vez maior.*

i) Martinho Lutero, o Grande Reformador Alemão e Tradutor da Bíblia

*"A reforma alemã foi iniciada por um monge chamado Martinho Lutero, que durante muitos anos amadureceu idéias críticas sobre a situação da Igreja [Católica]. "Em 1517, Lutero atacou publicamente a venda de indulgências que o papa Leão X mandara fazer na Alemanha. O papa não aceitou as críticas e, depois de intensa polêmica, em 1520, Lutero foi excomungado, devendo ser **preso** e possivelmente **executado**. "Mas, graças ao apoio de diversos príncipes alemães, Lutero **salvou-se da morte na fogueira**. Refugiado na Saxônia, traduziu a Bíblia do latim para o alemão e começou a organizar uma nova igreja..."*

j) Aleluia! O Protestantismo Avança!

"Na década de 1520, as idéias reformistas começavam a espalhar-se por toda a Europa. Em vários países surgiram líderes que, interpretando o sentimento de boa parte da população, atacavam o papa, o clero em geral e organizavam novas igrejas, baseadas em novas interpretações da Bíblia. "Na Suíça, a Reforma começou na parte alemã do país. Na cidade de Zurique, o ex-padre Ulrico Zwinglio criou a chamada Igreja Democrática., cujo governo era exercido por uma assembléia eleita pelos fiéis..." (Relembrando: Transcrito do livro acima identificado, páginas 55-57, com reticências, salvo o que está entre colchetes, os grifos e os títulos dos tópicos).

As cópias acima já nos bastariam para o que propomos; contudo, continuemos a ver a podridão dessa seita, analisando as cópias abaixo:

Primeira cópia: O Doutor Marcos Bagno registrou: *"...Como se sabe... depois da instituição do cristianismo como religião oficial do império romano... Quem se desviasse desses dogmas era acusado de heresia e condenado às mais diversas punições, como o exílio, a prisão, a tortura e a morte na fogueira..." (Preconceito Lingüístico, 23ª edição, abril de 2003, Edições Loyola, São Paulo, página 156. O grifo não é nosso).*

Segunda cópia: Sob o verbete INQUISIÇÃO, página 1.269, a *Enciclopédia e Dicionário*, Edições Delta, 1993, define a Inquisição assim: *"...tribunais permanentes... **encarregados pelo papado** de lutar contra a heresia... a prisão perpétua e a fogueira eram penas freqüentes... Na Espanha [a inquisição] tomou o nome de Santo Ofício" ... e... deu triste fama a dois grandes inquisidores: Tomás de Torquemada e Jiménez de Cisneros... (Grifo nosso).*

Terceira cópia: Esse tal de Tomás de Torquemada, da Ordem de "São" Domingos, era o engenheiro que engendrava os instrumentos de torturas para intensificar os sofrimentos dos "hereges" da Espanha. Tantos quantos, ainda que elementarmente, estudam a História da Inquisição Espanhola, sabem disso. Referindo-se ao ímpio Torquemada, diz o livro *Enciclopédia e Dicionário* supracitado, à página 1.583: *"TORQUEMADA (Tomás de), dominicano inquisidor-geral na Espanha... conhecido pelo rigor com que aplicou as regras da Inquisição" (Idem, página 1.583).*

Quarta cópia: *"Em Portugal, onde [a Inquisição] foi introduzida por Dom João III (1.536)... foi definitivamente extinta [a] em 1821, deixando como triste herança o saldo de 1.500 pessoas queimadas na fogueira e mais de 25.000 condenadas a penas diversas" (idem, página 1.269).*

De posse destas informações históricas, e outras mais que não citamos aqui, se pode ver que muito antes do século XVI, já havia vários movimentos religiosos protestando o Catolicismo, cujos adeptos preferiam a morte a se submeterem às imposições do clero católico. E deste modo se torna dispensável qualquer comentário objetivando provar que essa "Igreja", não tem moral para dizer que foi fundada por Jesus Cristo.

Muitos dos que foram martirizados por ordem dos papas, através dos séculos, eram, de fato, hereges; mas a "Igreja Católica", por assassinar os que dela divergiam, deixa claro que não era menos herética, e que é isso a descaracteriza como Igreja de Cristo.

Caro leitor, a Igreja que Jesus fundou é aquela cujos integrantes provam à luz da Bíblia a ortodoxia de suas doutrinas. Portanto, leia a Bíblia para saber quais são os que, apesar das falhas que nos são comuns, ainda podem considerar-se uma extensão ou continuidade da Igreja que Jesus fundou no século I. Se você fizer isso, verá por si mesmo que nós, os evangélicos, não somos produto do século XVI, pois tanto os ortodoxos quanto os heréticos precedem o referido século. Ademais, relembramos que a Igreja que Jesus fundou não é a Católica, tampouco a Evangélica, mas os lavados no sangue do Cordeiro de Deus!

Os valdenses, os hussitas, os calixtinos, os albigenses e outros, protestaram a Igreja Católica muito antes do século XVI. E alguns dos contemporâneos de Martinho Lutero, como João Calvino e Ulrico Zwinglio, não protestavam o Catolicismo menos do que Lutero. Portanto, atribuir o movimento evangélico a Martinho Lutero e datá-lo do século XVI revela total ignorância dos fatos históricos. Ignorância ou má fé. E, no caso do clero católico só nos resta a última alternativa. O que aconteceu no século XVI foi o seguinte: Um movimento de protesto ao Catolicismo, que já existia há séculos, mas que vinha sendo perseguido e sufocado pela sanguinária Igreja Católica, finalmente triunfou. E o herói Lutero foi, sem dúvida, um expoente deste movimento, por cujo motivo ele é visto como o seu fundador. Sim, Martinho Lutero foi um herói, mas esse bravo homem, embora não tenha sido tão errado quanto os clérigos católicos de então, os quais só pensavam em matar os "hereges", não conseguiu se libertar de todas as heresias católicas. Contudo, admiramos e elogiamos a sua coragem. Ele teve peito para não trair a sua consciência e, por conseguinte, protestar a endiabrada Igreja Católica, embora soubesse que isso podia custar-lhe a vida. Certamente Deus usou este homem que, com o apoio dos príncipes da Alemanha, restauraram a liberdade de expressão que há séculos vinha sendo tolhida pela sanguinária instituição católica, que, como Igreja de Cristo, falira desde há muito. Devemos a Deus em primeiro lugar, e em segundo lugar, a esses homens, a liberdade de culto que hoje desfrutamos em muitos países.

12.2. Erros e Virtudes de Lutero

12.2.1. Virtudes de Lutero

Lutero praticou boas ações, mas também cometeu graves erros. A coisa certa que ele fez foi protestar, entre outros, os seguintes erros da Igreja Católica:

- a) A idolatria (culto aos santos e aos anjos, chamado Dulia; culto a Maria, chamado Hiperdulia; culto às relíquias, etc.);
- b) A intolerância religiosa (como já sabemos, a Igreja Católica assassinava os que dela divergiam);
- c) A suposta infalibilidade papal;
- d) A simonia, que é a prática do charlatanismo religioso, chegando ao cúmulo de comercializar indulgências, isto é, vender a salvação;
- e) Salvação pelas obras (como vimos no capítulo 5, a salvação é só pela fé, mas a Igreja Católica pregava, prega e pregará que a salvação é pela fé mais obras).

12.2.2. Erros de Lutero

E quais foram os equívocos de Lutero? Ele cometeu os seguintes erros:

a) Amar a Igreja Católica. Lutero amava a Igreja Católica e, por isso, não queria sair dela. Seu objetivo era reformá-la. Empreendia tão-somente que ela voltasse às suas origens. Ora, uma "religião" tão transviada, não merece ser amada. Amar os católicos, mil vezes sim; amar a Igreja Católica, mil vezes não. Ele cometeu esse erro porque, certamente, então ele ainda não sabia que "a mãe das prostituições" é incorrigível, ou seja, "Roma é sempre a mesma". Contudo, não o condenamos por isso. Afinal de contas, quem não erra?

b) Aceitar e praticar alguns dos erros da Igreja Católica. Lutero não conseguiu se desprender de todas os emaranhados da Igreja Católica:

- Ele manteve o batismo infantil;
- Não aboliu o batismo por aspersão;
- Criou a consubstanciação que pouco difere da transubstanciação;
- Praticou o cesaropapismo, isto é, não soube separar seu Ofício Pastoral das questões sindicais, ordenando o massacre dos camponeses revoltados (História e Consciência do Mundo, Gilberto Cotrim, 2º Grau, Editora Saraiva, 4ª edição de 1996, páginas 228-229) e perseguindo aos judeus. Se ele estava ou não com a razão, é discutível, mas convenhamos que nenhum pastor evangélico tem, no exercício de seu Magistério, a obrigação de tomar partido nessas questões. Podemos até fazê-lo, mas sem esquecermos de avisar que, nesses casos, estamos agindo como cidadãos de nossos respectivos países, e não como Ministros do Evangelho. Jesus não é *juiz e repartidor entre nós* (Lc 12. 13-14). Tampouco a Igreja e seus ministros têm essa missão;
- Foi intolerante religioso. Os anabatistas que o digam.

12.3. Lutero e a Filosofia

Como a Filosofia vê Lutero? Vejamos: "... **Lutou... no seio da Igreja contra abusos e erros**, e sobretudo contra a venda das 'indulgências', que Tetzl espalhava pela Alemanha...; dessa maneira todos poderiam comprar bônus que os absolveriam de seus pecados..." (DIDIER, Julia. *Dicionário da Filosofia*, Editora Larousse do Brasil, tradução de José Américo da Motta Pessanha, 1969, página 186. Grifo nosso). Isto prova que a Filosofia vê Lutero como Benfeitor da Humanidade. E, como sabemos, a Filosofia prima pelo pensar. Há filósofos que sustentam que a Filosofia é Ciência. Ousamos, pois, dizer que quem pensa vê Lutero com bons olhos. Ele nunca conseguiu se desprender de todos os emaranhados do Catolicismo, mas quebrar um ou dois jugos dessa seita já é uma considerável vitória;

12.4. Lutero e o Clero Católico

O livrete *Os Erros ou Males Principais dos "Crentes" ou Protestantes*, op. cit., publicado sob o imprimatur do Monsenhor Aristides Rocha pela Editora o Lutador, afirma à página 3: "*Sabido é ser o protestantismo oriundo da revolta e do protesto de Lutero contra a Igreja Católica, de que fazia parte e donde foi excluído por **insubordinação e libidinagem***". Insubordinação?! Será que ele devia se subordinar ao Papa Leão X, quanto ao vergonhoso comércio da venda de indulgências? Libidinagem?! Estou surpreso com esta declaração de autoria do Monsenhor Aristides Rocha. Desconheço a seara onde ele coletou essa surpreendente revelação. Será que esse Monsenhor chama de *libidinagem* ao casamento de Lutero?! Não sei, mas está claro que a Filosofia e o clero católico vêem Martinho Lutero por ângulos diferentes.

Segundo certo adágio popular, *que tem telhado de vidro não atira pedras ao do vizinho*. O clero católico faria bem se tomasse para si esta advertência, visto que por pior que Lutero tenha sido, não conseguiu superar as barbaridades que os clérigos do Catolicismo vêm fazendo através dos séculos, como temos visto desde o Preâmbulo deste livro e, especialmente, no presente capítulo.

12.5. Escondendo Atrás dos Erros de Outrem

Todos os que estudam a História Universal sabem que muitos protestantes foram tão intolerantes quanto os católicos, chegando mesmo a matar muitos "hereges", entre os quais figurou o médico Miguel de Servet que, com o consentimento de João Calvino e outros membros do júri que o julgou, foi queimado vivo, só porque negava o pecado original. Contudo, o clero católico não pode esconder atrás dos erros dos protestantes, visto que um erro não justifica o outro. Qualquer "Igreja" assassina, intitule-se ela protestante ou católica, não tem moral para dizer que é a Igreja de Cristo. Logo, a Igreja Católica deixou de ser de Cristo. E João Calvino e seus comparsas, se não se arrependeram de seus homicídios, estão hoje ardendo no fogo do Inferno, juntamente com os papas e outros clérigos católicos que, tal qual eles, não seguiram *"a verdade em amor"* (Ef 4.15).

12.6. A Igreja Católica Já Foi de Cristo

Que a associação de igrejas, que se convencionou chamar de Igreja Católica, um dia foi de Cristo, nenhum teólogo evangélico nega, segundo nos consta. Contudo, está claro que ela foi, progressivamente, descaracterizando-se como Igreja de Cristo, até tornar-se uma "sinagoga" de Satanás. Então, qual era a Igreja de Cristo enquanto se processava a degeneração que redundou no surgimento do Catolicismo? Repetimos que a Igreja de Cristo não está na rua tal, número tal. Tampouco é essa ou aquela instituição. Portanto, a Igreja de Cristo não é o Protestantismo, tampouco o Catolicismo. É, antes, o conjunto dos que seguem a Jesus. Estes seguidores de Cristo não praticam homicídio, fogem da idolatria, proclamam a salvação exclusivamente pela fé no sangue de Jesus, vivem o amor, etc. Sempre houve alguém que não se deixava levar pelas heresias, os quais constituem a Igreja de Cristo. Veja estes exemplos:

a). *"Os verdadeiros cristãos, foram na realidade, marginalizados por não concordarem com tal situação, formando grupos à parte que sempre marcharam paralelos com a igreja favorecida e entremeada de pessoas que buscavam interesses políticos e sociais. Esses cristãos, por não aceitarem tal situação, no decurso da história, eram agora perseguidos pelos outros 'cristãos' e muitos dos seus líderes eram queimados na fogueira em praça pública..."* (Religiões, Seitas e Heresias, 3ª edição, J. Cabral, Universal Produções - Indústria e Comércio, página 75).

b). *"Depois que o Cristianismo se impôs e dominou em todo o império, o mundanismo penetrou na igreja e fez prevalecer seus costumes. Muitos dos que anelavam uma vida espiritual mais elevada, estavam descontentes com os costumes que os cercavam e afastavam-se para longe das multidões. Em grupos ou isoladamente, retiravam-se para cultivar a vida espiritual..."* (História da Igreja Cristã, 8ª edição de 1995, Jesse Lyman Hurlbut, Editora Vida, página 83).

12.7. Separamo-nos da Verdadeira Igreja?

Já registramos em 2.4 que os clérigos católicos alegam que os protestantes se separaram da verdadeira Igreja e, por conseguinte, da sucessão apostólica; o que prova, segundo eles, que os pastores evangélicos não são qualificados e credenciados para este ofício, e sim, curiosos. Isso é dito com todas as letras pelo Padre Vicente Wrosz, como já informamos. Ele afirmou: *"... Os protestantes desligaram-se da sucessão dos Apóstolos, por isso seus pastores não recebem o sacramento da ordenação sacerdotal e não têm nenhum poder espiritual... E ninguém de nós*

arriscaria submeter-se à operação do coração por um 'curioso' autônomo... O mesmo vale na...Igreja... Apóstolos e seus sucessores, papas e bispos católicos. Só eles têm a promessa de Cristo, de serem introduzidos pelo Espírito Santo em toda a verdade..." (Respostas da Bíblia às Acusações dos "Crentes" Contra a Igreja Católica, Editora Pe. Reus, 48ª edição /2000, páginas 13, 26-28). Todavia, nós, os verdadeiros Ministros do autêntico Evangelho estamos sim, sucedendo os apóstolos. Esta sucessão, porém, não é o nosso objetivo, e sim, consequência natural do fato de estarmos seguindo a Jesus. Cristo não deixou sucessores, e sim, seguidores; não deixou vigários, e sim, representantes; não deixou inquisidores assassinos, e sim, mártires; não deixou ditadores, e sim, evangelistas e mestres; não deixou déspota algum, mas discípulos exemplares, dignos de serem seguidos; não deixou papas e padres, mas sim, irmãos (Mt. 23.9 ["Papa" deriva do latim, e é o mesmo que "pai" em italiano; e "padre" é "pai", em espanhol]), etc.

O clero católico adora dizer que os protestantes saíram da Igreja Católica, mas a verdade é outra. Não saímos; antes fomos expulsos por um charlatão chamado Papa Leão X. Só não foram expulsos da "Igreja" por esse sanguinário e vendedor de "indulgências", os que eram da mesma laia dele.

A Igreja Católica é um ninho de cobras do qual saímos na Reforma Protestante do século XVI, mas as cobras continuaram lá, e vêm dando crias. O atual clero nada mais é que filhotinhos das cobras de então. As cobras estão presas e, portanto, impossibilitadas de nos picar, desde que continuemos fora de seu ninho. Mantenha, pois, distância. Não se iluda, pensando que as cobras estão mudadas, visto que se tivessem sido transformadas em ovelhas, teriam saído do ninho de cobras. Realmente, sempre que um católico se converte ao verdadeiro Evangelho, seja ele membro do clero, ou leigo, sai logo do ninho de serpentes. Talvez você se pergunte: *"Se não estão mudados, por que não matam ainda os que deles divergem, como fizeram durante séculos?"* A resposta é: As cobras estão presas. A liberdade religiosa que se conquistou com a Reforma Protestante, prendeu as cobras. Eles pararam subitamente de matar os "hereges", não por terem mudado de opinião, mas porque nada puderam contra a força policial dos príncipes da Alemanha que, segundo a História, deu apoio ao Protestantismo.

Para que você veja que realmente o clero católico não mudou, veja as cópias abaixo:

a) O jornal O Dia, de 22 de setembro de 1997, sob o cabeçalho "Igreja pede perdão", registrou: "...Após 52 anos do fim da 2ª Guerra, o episcopado francês prepara-se para pedir perdão à comunidade judaica pelo comprometimento da hierarquia católica com o regime nazista. O ato de 'arrependimento' será no dia 30. A cerimônia vai ser realizada junto ao memorial do Campo de Drancy, onde judeus eram reunidos antes de serem enviados para os campos da morte. Durante a ocupação nazista, 60 bispos franceses silenciaram ou apoiaram abertamente a política de deportação dos judeus".

b) Ainda no jornal O Dia, de 09 de outubro de 1997, sob o título "Militar argentino revela detalhes do 'vôo da morte' ", podemos ler: "... O ex-capitão da Marinha argentina Adolfo Scilingo, detido na terça-feira, em Madri, confessou ontem à justiça espanhola ter matado centenas [de] presos políticos durante a ditadura militar de seu país, de 1976 a 1983. [...] O ex-capitão revelou ainda que o clero argentino era cúmplice das execuções promovidas pelos militares, durante a chamada guerra suja. 'Quando quis me confessar pelo que havia feito,... os capelães disseram que eu não precisava fazer isto, pois, segundo eles, não havia nenhum pecado, já que havíamos cumprido o preceito bíblico de eliminar o joio do meio do trigo', disse. [...]"

c) Referindo-se às atrocidades praticadas pela Igreja Católica contra os judeus na 2ª Guerra, bem como a outras maldades dessa seita, disse o Papa João Paulo II: *"Peço perdão, em nome de todos os católicos, por todas as injustiças contra os não-católicos no decorrer da história"* (Revista Super Interessante, edição 211, março de 2005, página 40).

d) Ainda desta mesma revista transcrevo os textos abaixo, os quais atribuem a queda do comunismo

no Leste Europeu ao Papa João Paulo II, nestes termos:

"João Paulo II foi o personagem central das decisões políticas dos anos 1980..." (página 37).

"...Um a um os governos do Leste Europeu desmoreram ... E ninguém lá teve dúvidas [...]. 'A culpa é da Igreja...' " (ibidem).

"...O Papa e o presidente Reagan... A união entre esses dois homens foi fundamental para a queda do comunismo" (página 39).

"João Paulo II e Reagan formaram uma das maiores alianças secretas de todos os tempos" (Ibidem).

"...Contra o comunismo, João Paulo II usava as armas que tinha: diplomacia **agressiva, espionagem**, encontros secretos..." (página 42. Grifo nosso).

"Assim é João Paulo II: um político frio, com mente estratégica" (Ibidem).

Os textos acima transcritos ratificam a pronúncia do saudoso Rui Barbosa. E partindo da premissa de que o seu autor falou com conhecimento de causa, concluímos que quem ama com fé e orgulho a sua Pátria, precisa ficar de olho vivo no Papa e seus asseclas. Equivalem a dizer: "*Que se cuide toda a nossa querida Nação Brasileira, bem como os patriotas de todos os países! Rui Barbosa sabia o que estava falando!*".

12.8. Padre Luiz Cechinato, o Advogado do Diabo

O Padre Luiz Cechinato tenta inocentar a Igreja Católica, insinuando inclusive que ela não mandava matar os hereges, mas tão-somente os expulsava da Igreja. Aí, contrário ao desejo dos Papas, a autoridade civil entrava em ação, visto que o Código Penal dos países católicos previa punições diversas aos excomungados, inclusive a pena de morte. Senão, vejamos: "*...O Papa quis que os inquisidores fossem religiosos (bispos e padres), porque no tribunal civil entrariam interesses políticos, e muitos inocentes poderiam ser condenados. De fato, nos últimos tempos, o Estado estava atribuindo a si o direito de julgar os hereges... Às vezes, o povo mesmo jogava o herege na fogueira, por conta própria, sem o julgamento... Como se vê, não podemos pensar que a Igreja seja a única responsável pela inquisição. Antes, quem levava os hereges à fogueira era o poder civil. Os peritos em Teologia julgavam se havia crimes contra a fé. Mas a sentença e a execução ficavam por conta do Estado...*" (Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja, páginas 191 a 193, 4ª edição de 2001, Editora Vozes). Mas o Padre Luiz Cechinato "esqueceu" de considerar três pontos relevantes:

a) uma vez que os "hereges" eram marginalizados pela sociedade e pelo Estado, se o Papa ameaçasse excomungar da Igreja quem ousasse assassinar os "hereges", logicamente ninguém se atreveria a executá-los;

b) Sabe-se que naquela época os papas eram semideuses: mandavam e desmandavam a bel-prazer, chegando a entronizar e depor reis. Logo, salta aos olhos que os papas foram omissos, o que testifica da maldade que havia dentro deles. Contudo, o pecado deles não foi apenas por omissão (o que já seria muito grave), mas sim, por comissão. Os "hereges" eram entregues ao Estado, o qual lavrava e executava a sentença de morte nas fogueiras, porque os papas, quais Pilatos, queriam "lavar" suas mãos. Certamente o Padre Luiz Cechinato sabe disso, mas o amor doentio pelo seu "time" não o deixa confessar que o seu clube faliu.

c) segundo a História, a decisão de entregar os "hereges" à "justiça" partiu da "Igreja". Veja esta cópia: "*Quando o Concílio de Verona (1183) ordenou aos bispos lombardos que entregassem os hereges à justiça, estavam lançadas as bases da inquisição*" (Koogan / Houaiss, Enciclopédia e Dicionário, página 1.269, verbete INQUISIÇÃO, Edições Delta, 1993).

Como vimos, o Padre Luiz Cechinato disse que "*Às vezes, o povo mesmo jogava o herege na fogueira, por conta própria, sem o julgamento...*". Mas ele não atenta para o fato de que tais linchadores de "hereges" não eram julgados pela "Igreja", tachados de hereges, excomungados e entregues à "justiça". Por que isso? A resposta é que o ato de assassinar os "hereges" era visto

pela "Igreja" como uma boa ação.

Vimos que o Padre Luiz Cechinato, enquanto tentava defender a sua "religião", disse ainda que a Igreja Católica não era a única responsável pela Inquisição. Nisso estamos de comum acordo. Realmente a Igreja Católica não fez isso sozinha, pois o Diabo, os demônios, bem como reis e rainhas tão endiabrados quanto essa "Igreja", lhe auxiliaram grandemente. De fato, essa "Igreja" nunca esteve só! O Diabo sempre esteve com ela! Nisso o Padre Cechinato está com a razão!

12.9. Recapitulando

O fato de os clérigos católicos proclamarem em uníssono que a "Igreja" deles é a primeira Igreja, sendo, pois, a única Igreja fundada pelo próprio Cristo, tem impressionado muitas pessoas. Mas, como demonstramos em 1.1, bem como em todo o presente capítulo, quando o Catolicismo nasceu, a Igreja de Cristo já estava no 4º século de sua existência. Resumidamente, a seqüência é a seguinte:

1º) Nasceu a Igreja de Cristo. Esta era, no princípio, constituída de igrejas locais, independentes, como já vimos em 1.1. Não havia uma associação universal (senão espiritualmente), sob a liderança de um líder mundial. O único líder mundial era Cristo. Uma das muitas provas disso, consta de Gl 2.7-9, onde o apóstolo Paulo diz que o Evangelho da incircuncisão lhe havia sido confiado, isto é, ele atuava entre os gentios; enquanto Pedro exercia o apostolado da circuncisão, a saber, Pedro atuava entre os judeus. Estes dois apóstolos podiam atuar, naturalmente, em todo o mundo, pregando o Evangelho a toda a criatura, mas cada um com ênfase sobre sua respectiva área. E isso seria inadmissível, se Pedro fosse o alicerce da Igreja. Logo, está claro, não havia, nos dias do apóstolo Paulo, o líder universal da Igreja. E, se havia, este líder não era Paulo, nem tampouco Pedro, já que, segundo a Bíblia, estes dois apóstolos tinham seus respectivos campos de ação delimitados pelo Dono da Seara: um exercia o apostolado da circuncisão, e o outro, o apostolado da incircuncisão. Além disso, se houve alguém que se destacou entre os demais apóstolos, este foi o apóstolo Paulo que, embora fosse humilde, não pôde negar que trabalhou muito mais do que os outros apóstolos (1Co 15. 10); o que confirmamos, quando atentamos para as suas muitas epístolas, bem como para as suas viagens missionárias registradas no livro Atos dos Apóstolos.

2º). Criou-se uma associação mundial das comunidades (ou igrejas locais) cristãs, à qual foi dado o nome de Igreja Católica. A essa associação nem todas as igrejas se uniram;

3º). A referida associação de igrejas casou-se com o Império Romano e se corrompeu, nascendo daí as inovações que originaram o que se conhece hoje pelo nome de Catolicismo;

4º). Como era de se esperar, nem todos os cristãos aceitaram as inovações, surgindo assim o que, após inúmeros séculos de sangrenta perseguição, tornou-se conhecido pelo nome de Protestantismo.

5º). Não se deve esquecer ainda, que 7 séculos após a referida associação de igrejas se corromper, os Bispos de Roma e de Constantinopla, dando continuidade a um velho desentendimento, se romperam, o que dividiu a "laranja" podre em duas partes. E, para se identificarem, os fiéis ao Bispo de Constantinopla, se diziam ortodoxos, isto é, autênticos ou verdadeiros. A moda pegou, e assim o referido grupo tornou-se conhecido pelo nome de Igreja Ortodoxa. Já as ovelhas (ou bodes?) do Bispo de Roma, se identificavam dizendo que eram romanos. Essa moda também pegou, e, por isso, essa facção do Cristianismo tornou-se conhecida pelo nome de Igreja Católica Apostólica Romana. Este incoerente nome (se é Católica [Universal], não é Romana. E, se é Romana, não é Católica) sucede uma cisão ocorrida em 1054 d.C. Não houvesse tal ruptura, e os católicos jamais se diriam romanos.

12.10. Quem Saiu da Igreja?

Para manter a sua primazia, a Igreja Católica alega que os protestantes se separaram dela. Até certo ponto isso é verdade. Realmente nos separamos dela. Porém, jamais nos separamos da Igreja de Cristo. Até porque a Igreja não pode se separar da Igreja. Nada pode se separar de si mesmo.

Quem fala apenas como historiador, pode dizer que os protestantes se separaram da Igreja Católica. Mas o teólogo tem que avaliar o motivo dessa separação à luz da Teologia. E é a parte que for achada pregando heresias, que é a que se separou, visto que primeiro nasceu a Igreja, e depois as heresias no seio daquela. São os grupos heréticos que vêm surgindo entre os cristãos através dos séculos (e isso inclui a Igreja Católica), que saíram da Igreja. A Igreja Católica pode provar historicamente que os evangélicos saíram dela, mas o teólogo pode provar biblicamente que ela descaracterizou-se como Igreja de Cristo. Ora, o cristão não tem compromisso com nenhum grupo que, negando a fé, emancipa-se de Cristo. Nenhum apóstata, seja ele um grupo ou um indivíduo, deve ser seguido. Quem ousaria seguir ao Apóstolo Judas Iscariotes, senão outro da mesma laia dele? Logo, rejeitemos também a Associação de Igrejas, à qual os cristãos do século II deram o nome de Igreja Católica, considerando que embora tenha começado muito bem, se acha desviada dos caminhos do Senhor. A Igreja não se desviou, mas grupos, associações e indivíduos diversos, vêm se transviando através dos séculos. E, quem não quer ir para o Inferno não deve acompanhá-los.

Ora, qualquer grupo de cristãos, isto é, qualquer igreja local, ou ainda uma associação mundial ou nacional de igrejas, pode se desviar da rota traçada por Jesus e se perder, mas a Igreja de Cristo nunca esteve fadada ao fracasso. Ela jamais foi derrotada. Jesus garantiu que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a Igreja. Todas as instituições e associações podem fracassar, como fracassou a associação de igrejas que os cristãos primitivos intitularam de Igreja Católica, mas a Igreja de Cristo está cada dia melhor. É que a instituição chamada Igreja Católica morreu, mas a Igreja de Cristo se manteve suficientemente viva para protestar os falsos cristãos e organizar o movimento Protestante. Se o movimento Protestante continuar se corrompendo com o Ecumenismo e descaracterizar-se como um movimento genuinamente cristão, Deus levantará o movimento Protestantíssimo, que protestará o protestante. E, caso o movimento Protestantíssimo também se corrompa, Deus suscitará outro movimento que, por sua vez, protestará o Protestantíssimo, e assim sucessivamente, até que Jesus regresse e nos arrebate ao Céu!

CAPÍTULO 13

O MATRIMÔNIO E O CATOLICISMO

13.1. Divórcio: Um Mal às Vezes Inevitável

Sendo o divórcio uma inegável desgraça, é óbvio que Deus não o quer para nós. Porém, gangrenas e tétanos já forçaram muitos médicos bondosos a amputarem pernas, braços, etc., até de parentes e amigos. Jesus agiu similarmente, permitindo o divórcio e um novo casamento em caso de infidelidade conjugal (Mateus 19.9). Mas os papas, sob a alegação de que o *sacramento* do casamento é indissolúvel, excomungam da "Igreja Católica" toda e qualquer pessoa que se divorcia e contrai novas núpcias, mesmo tendo se divorciado por causa de adultério: "...A Igreja mantém-se firme em não reconhecer válida uma nova união, se o primeiro casamento foi válido... Portanto, não podem ter acesso à comunhão eucarística" (Catecismo da Igreja Católica, pág. 451, # 1.650).

"Entre batizados católicos, o matrimônio ratificado e consumado não pode ser dissolvido por

nenhum poder humano nem por **NENHUMA CAUSA**, exceto a morte"... (Catecismo da Igreja Católica, pág. 617, # 2.382, grifo nosso).

"Se o marido, depois de se separar de sua mulher, se aproximar de outra mulher, se torna adúltero, porque faz essa mulher cometer adultério; e a mulher que habita com ele é adúltera, porque atraiu a si o marido de outra" (Catecismo da Igreja Católica, pág. 617, # 2.384).

Já fizemos constar no capítulo 11 (11.1.1.), e ratificamos no presente capítulo, que tanto a Bíblia quanto a Igreja Católica pregam que os adúlteros irão para o inferno, caso não se corrijam antes de partirem deste mundo. Deste modo é possível que um (a) católico (a) beato (a) conclua que se continuar se relacionando sexualmente com seu novo cônjuge, o inferno o aguarda. Isso traria muito peso de consciência (remorso), a dissolução do novo casamento, e, por conseguinte, a destruição de um lar. Lembre-se, a Igreja Católica prega que você e seu novo cônjuge são adúlteros, mesmo sendo por infidelidade conjugal o motivo pelo qual você anulou seu primeiro casamento (*se o primeiro casamento foi válido*) e se casou novamente. E, se os clérigos católicos não querem ser mais incoerentes do que já são, precisam aconselhá-los (a você e a seu novo cônjuge) a se separarem, e não tapeá-los com "*frequência às missas, penitências*" e outras mais.

Como Ministro do Evangelho ratificamos a seguinte advertência: O Catolicismo é prejudicial à família. Ele pode destruir um lar.

13.2. E Romanos, Capítulo Sete?

Muitos cristãos mal informados citam Romanos 7.1-3, na tentativa de provar que o adultério não dá à parte traída o direito de divorciar-se da parte traidora e contrair novo matrimônio. Porém, esta interpretação é desprovida de um dos princípios da Hermenêutica que é: Todo texto tem que ser interpretado à luz do contexto. E por se falar em contexto, lembremo-nos que há contexto imediato, contexto remoto e contexto histórico.

Se não lermos somente os versículos 1 a 3 de Romanos 7, mas também o versículo 4, não será difícil percebermos que o apóstolo não estava dizendo que assim é, mas informando como fora no Antigo Testamento. Paulo estava dizendo que como a morte do marido na Antiga Aliança, dava à viúva o direito de arranjar outro marido, nós, os cristãos, não somos obrigados a nos submetemos ao jugo da Lei de Moisés, visto ter Cristo morrido. Assim, a idéia central deste texto não é uma reprovação ao divórcio. Este texto não tem por objetivo mostrar se a parte traída pode ou não, casar-se novamente, se a parte traidora ainda vive. Este texto está tratando de outro assunto, a saber, tem por objetivo mostrar que, assim como no Antigo Testamento, a mulher não seria adúltera se, à morte do marido, casasse novamente, ninguém pode (ou melhor, não deve) acusar o cristão de estar pecando contra Deus, por não se submeter à Lei Mosaica, já que o marido (Cristo) morreu, nos deixando livres para fazer uma Nova Aliança com Aquele que ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus. O que o apóstolo está dizendo é que Cristo nos libertou da Lei (Romanos 7.6).

13.3. E Mateus, Capítulo Dezenove?

Mateus capítulo 19, versículos 1-8, é muito citado para condenar os nossos irmãos que, sendo infelizes no casamento, se divorciaram e casaram-se de novo. Mas isso é apenas mais uma exibição da falsa Hermenêutica. Senão, vejamos: Os fariseus não só perguntaram a Jesus se "*é lícito ao homem repudiar a sua mulher*", mas acrescentaram: "*Por qualquer motivo?*" (Mateus 19.3). É importante saber qual foi a pergunta que os fariseus formularam, pois facilita a compreensão da resposta de Jesus, registrada nos versículos 4-6, que é um tremendo "não" ao divórcio por qualquer motivo. No versículo 7, os fariseus argumentam que na Lei de Deus, escrita por Moisés, isto é permitido. Jesus não contradiz, mas explica que tal se deu por causa da dureza dos corações dos judeus, ou seja, tal medida se fez necessária para evitar males maiores (v.8). E, no versículo 9, Jesus dá Sua Nova Lei nestes termos: "*Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério...*" Aí Jesus diz bem claro que a parte traída pode divorciar-se da parte traidora e casar-se novamente. Para tornar isso mais claro, trazemos o seguinte

exemplo: Se o diretor duma empresa fizesse a seguinte comunicação interna: "Aquele que tiver mais de cinco faltas ao trabalho, num período de trinta dias, a não ser que apresente uma razão convincente, será demitido". Deveríamos concluir que o referido diretor estaria dizendo que todos que tivessem mais de cinco faltas ao trabalho, num período de trinta dias, seriam demitidos sumariamente? Claro que não. E não temos nós, em Mateus 19.9, um caso similar?

Dissemos que a Lei de Moisés permitia o divórcio por qualquer motivo. Isto está registrado em Deuteronômio 24.1. A "coisa feia" aí mencionada não é a ausência do hímen e nem a descoberta duma infidelidade conjugal, pois as fornicárias (mulheres solteiras que têm relações sexuais) e as adúlteras (mulheres casadas que têm relações sexuais extraconjugais) eram punidas com a morte (Levítico 20.10; Deuteronômio 23.13-21), o que tornava desnecessário o divórcio. A Lei tolerava a poligamia, mas punia com a pena máxima os adúlteros. Ora, se em Deuteronômio 24.1, o divórcio é permitido; e em Levítico 20.10, a adúltera é punida com a morte, fica claro que a coisa feia tratada em Deuteronômio 24.1, não é o adultério. Também não era uma referência à possibilidade de o noivo descobrir que se casou com uma fornicária, pois a fornicação era, como já vimos, punida com a pena capital (Deuteronômio 22.20,21). Deste modo se pode ver que as "orientações" familiares procedentes dos papas são perniciosas às famílias, como também vimos no capítulo 11 deste livro.

Ora, o divorciar-se do cônjuge infiel e contrair novas núpcia é tão-somente um ponto facultativo da Lei de Cristo, e não uma determinação irrevogável que tenha que ser cumprida à risca. Conseqüentemente, sugerimos às vítimas de infidelidade conjugal, que tentem se reconciliar com a parte infiel, antes da oficialização do divórcio. Isto, porém, é uma sugestão nossa, e não um mandamento do Senhor Jesus, embora possamos contar com a Sua aprovação.

13.4. Consideremos 1 Coríntios 7.10,11 e 39

O que está exarado em 1 Coríntios 7.10,11 tem que ser interpretado à luz do seu contexto remoto, que é Mateus 19.9. Logo, a separação tratada nestes dois versículos não permite um novo casamento, por não concernir à infidelidade conjugal.

Geralmente os que dizem que a infidelidade conjugal não dá ao cônjuge fiel o direito de divorciar-se e casar-se novamente, alegam que, à luz de 1 Coríntios 7.11a, a mulher até que pode apartar-se do marido infiel, se isto se fizer extremamente necessário, como é o caso do marido trazer "a outra" para ocupar com a esposa, o mesmo espaço físico, sob o mesmo teto. Contudo ela não pode se casar. Mas eles se esquecem que, se a mulher, em caso de extrema necessidade, pode apartar-se do marido, contanto que fique sem se casar, ao homem deve ser dado o mesmo direito. Porém, se texto sem contexto fosse válido, poderíamos nos apoiar na parte "b" de 1 Coríntios 7.11, para dizer que o homem não só está proibido de casar-se com outra, mas obrigado a conviver com sua mulher, por mais que a separação se faça necessária, porque este texto tão-somente diz: "...e que o marido não se aparte da mulher".

Tudo que dissemos acima, podemos dizer do versículo 39. Isto porque não se pode dizer da mulher traída que, divorciando-se do seu marido, casou-se novamente, que ela tenha abandonado o marido. Não! Ela não abandonou o marido; pelo contrário, foi abandonada por ele. Realmente, só a morte pode dissolver a união conjugal; mas, se uma das partes não respeitar este princípio divino, a outra fica livre, à luz da Bíblia, e não à luz de alguns versículos isolados de seu contexto imediato e/ou remoto.

Como já vimos, o Catolicismo "*não reconhece válida uma nova união, se o primeiro casamento foi válido*", isto é, dentro dos moldes do Catolicismo. Esse autêntico casamento não pode ser anulado, nem mesmo em caso de infidelidade conjugal: "...nenhuma causa, exceto a morte...". Porém, já vimos que quanto a isso também, o Catolicismo colide com a Bíblia (Mt 19.9). Informamos ainda que a Igreja Católica não reconhece como autêntico, um casamento de "*um casal de pessoas não batizadas (ligadas entre si pelo vínculo natural)*...". (Pergunte e Responderemos, nº 489, março/2003, página 130). Logo, os que, embora casados, não se enquadram nos moldes católicos, estão livres para se divorciarem e casarem de novo. E, desta vez, "*pelo vínculo sacramental*". Assim, a Igreja Católica fechou a porta aos adúlteros, mas fez um furo na parede, pelo qual os adúlteros podem entrar na

"Igreja" e se acomodar. Em outras palavras: Quem se casou apenas no civil, está livre para adulterar, isto é, para divorciar de seu cônjuge e contrair novas núpcias numa Igreja Católica. E, considerando que a "Igreja" não reconhece os pastores evangélicos como legítimos, os casamentos oficiados por Ministros evangélicos, também são desconsiderados. Esta é a conclusão óbvia.

Muitos divorciados, que se casaram novamente, pensam que são católicos, mas isso se dá porque não sabem que foram excomungados há tempo. Sim, "excomungados", pois como lemos no Catecismo da Igreja Católica, à página 451, # 1.650, a cúpula católica já lavrou a sentença deles: "*Não podem ter acesso à comunhão eucarística*". Isto nos permite crer que o Papa crê que eles estão perdidos, pois o Catolicismo sustenta que os sacramentos são necessários para a salvação. Vejamos: "*Se alguém diz que os sacramentos... não são necessários para a salvação...e que sem eles... somente pela fé os homens obtêm de Deus a graça da justificação... seja anátema*". * Talvez os papas digam que esta regra tem exceção. Mas é uma pena sabermos que os recém-nascidos que morreram sem o batismo não usufruíram da mesma. Partiram perdidos e só a misericórdia de Deus, que deve ser procurada através de orações pela salvação deles, talvez possa salvá-los.

13.5. Os Anticoncepcionais São Proibidos?

Está no plano de Deus que o casal gere filhos, os eduque e que estes honrem a seus pais (Gênesis 1.28; Efésios 6.1-4). Os órgãos genitais do homem e da mulher foram feitos basicamente para a reprodução humana, mas este fato não é um libelo contra o planejamento familiar, pois se o fosse, os casados não poderiam evitar filhos (é verdade), mas também os solteiros e viúvos não poderiam optar pelo celibato. Porém, à luz da Bíblia, somos livres para casarmos ou não (1 Coríntios 7). Logo, somos soberanos (sob Deus, é claro) quanto ao número de filhos.

Agora, mais uma vez, vejamos o que diz o Catolicismo: "...é intrinsecamente má toda ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento de suas conseqüências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação..." (Catecismo da Igreja Católica, pág. 614, # 2.370).

A transcrição acima não deixa claro que o Papa proíbe até o uso de camisinha entre marido e mulher? Não é ridículo isso?

13.6. Sempre Foi Assim?

A "Igreja" Católica sempre foi "rigorosa" no trato para com as famílias. Antigamente a "seriedade" e "severidade" eram maiores que as de hoje. Como vimos no capítulo 12 (12.1) deste livro, no passado, só aos que doavam altas somas à "Igreja", era permitido o divórcio.

The Canone and Decrees of the Council of Trent, 7ª seção, cânones 4 e 52, citado em Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, pág. 25, editado pela Obra Missionária Chamada da Meia Noite.

CAPÍTULO 14

TENTANDO SAIR DA CRISE

14.1. O Porquê da Crise

A imprensa falada, escrita e televisada, noticiou nos quatro cantos do Brasil e em outros países que a Igreja Católica está em crise no Brasil. É que apesar da grande maioria dos brasileiros professar a "fé" católica, é sabido por todos que, na prática, a coisa é muito diferente. O Brasil está cheio de

católicos. Infelizmente a nossa amada Pátria é a maior nação católica do mundo. Porém, poucos são por aqui os católicos praticantes. Além disso, uma boa parte dos católicos "praticantes", não é tão praticante como se alardeia por aí. É grande o número dos que pensam que ser católico praticante consiste apenas de assistir às missas assiduamente, comungar amiúde e confessar aos padres pelo menos uma vez por ano. Muitos dos chamados "católicos praticantes" pensam que a salvação consiste apenas em manter os padres bem informados de todas as desgraças que eles andam fazendo, pois confessam um pecado com vários outros previamente agendados. Eles pintam e bordam sem qualquer remorso, e portanto, sequer pensam mudar de vida. Querem apenas uma capa religiosa, por cujo motivo assistem às missas, confessam aos padres, cumprem penitências, etc., sendo, deste modo, tão hipócritas quanto a seita da qual são adeptos. Além disso, não é pequeno o número de católicos sinceros que, ouvindo o autêntico Evangelho que os evangélicos fazem ecoar em todos os rincões do Brasil, quais bereanos examinam as Escrituras, se certificam que de fato estão sendo enganados e abjuram o Catolicismo, recebendo a Cristo em seus corações! Por tudo isso a "Igreja Católica" está em crise no Brasil. Aliás, não só no Brasil, mas em toda a América Latina.

14.2. Os Clérigos Têm Consciência da Crise

14.2.1. O Papa Reage

É porque o Catolicismo está em crise no Brasil que o Papa João Paulo II nos visitou três vezes. São dele estas palavras: "*Se necessário para o bem da Igreja, eu... me entrevistaria com o Diabo.*" (jornal O Globo, 19/08/1.985). E não pense o leitor que essa estarrecedora afirmação seja apenas uma hipérbole. Não!!! O contexto no qual ele proferiu essa frase, não admite hipérbole. Ele estava disposto a tudo. Ele instou com os bispos do Brasil, mandando que façam alguma coisa, a fim de enfrentar os evangélicos que, segundo ele, *aliciam, iludem e semeiam confusão*.³²

14.2.2. Os Padres Aquiescem

O Padre Vicente Wrosz, além de deixar claro que o seu livrete veio a lume atendendo ao apelo do Papa João Paulo II, confirma à página 3, a preocupação do Papa sobre a crise católica: "*Os bispos latino-americanos, reunidos com o Papa João Paulo II em Santo Domingo, em outubro de 1992, reconheceram que o avanço das seitas é um sério desafio para o catolicismo na América Latina, e recomendam 'instruir amplamente o povo, com serenidade e objetividade, sobre as respostas que devem dar às injustas acusações contra a Igreja Católica'*" (Respostas da Bíblia às Acusações dos "Crentes" Contra a Igreja Católica, Livraria Editora Pe. Reus, 48ª edição de abril/2000, página 3, grifo nosso).

Há diversos livros, tão heréticos quanto o do Padre Vicente, que foram lançados em resposta ao apelo do Papa.

14.2.3. Imitando os Evangélicos

Tão logo os nossos veículos de comunicação de massa tornaram notório que a "Igreja Católica" está naufragando, despertou nos católicos nominais um sentimento de solidariedade para com a seita deles. O clamor entre eles é: "Salvemos a nossa religião!" E os clérigos, atendendo ao apelo do Papa, modernizam a parte externa do culto, mecanizando um "fervor" que nunca tiveram. O raciocínio é, obviamente, o seguinte: Se os evangélicos são bem sucedidos assim, quem assim fizer, bem sucedido será.

Na ânsia de nos "plagiar", os clérigos foram com tanta sede ao pote que, precipitadamente, não copiaram só parte do que há de bom entre nós, mas muitas de nossas meninices estão sendo exportadas para as igrejas católicas. Por exemplo, certo católico falou-nos que viu muitas pessoas

caírem por terra ao toque das mãos de um padre. Ora, isso é plágio, pois podemos provar que essa papagaiada é evangélica. Isso seria cômico, se não fosse o triste fato de muitas pessoas ingênuas estarem se deixando levar. E com isso, a estratégia dos clérigos está atingindo o alvo. Há muitos "protestantes" (principalmente nos EUA) dizendo que, "finalmente, não há mais relevante diferença entre católicos e evangélicos". O Doutor em Teologia, Pastor Paulo César Lima, disse acertadamente que "*nada é mais falso do que o idêntico*". Logo, o Catolicismo, que sempre foi perigoso, está mais perigoso do que nunca.

Talvez (ou certamente?) a regravação de alguns hinos evangélicos, levada a efeito pelo Padre Marcelo Rossi, faça parte do plano que objetiva a ressuscitação do Catolicismo no Brasil e outros países da América Latina. Atenemos para o fato de que entre um hino e outro, Maria é adorada, pois exclamações de louvores lhe são dirigidas, como se ela fosse Deusa. Cuidado, meus irmãos! O Diabo é muito astuto! Meditemos nestas palavras proferidas pelos lábios sacrossantos do nosso Divino Mestre: "*Porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos*" (Mateus 24.24).

14.2.4. Avivando a Idolatria

Uma das muitas medidas que a cúpula da chamada Igreja Católica está tomando para avivar essa seita que há anos está em letargia, é distribuir um panfleto que, descaradamente diz que a estátua de Nossa Senhora de Fátima já chorou 14 vezes. Outra similar a essa é o espalhafatoso livro intitulado Maria, Por Que Choras? publicado com autorização eclesiástica e, portanto, obra oficial da Igreja Católica, da Edições Louva-a-Deus, segundo o qual as estátuas de Maria podem sangrar, chorar, sorrir, exalar fragrância e até falar, como vimos no capítulo 6 deste livro. É com essas falcatruas e outras do mesmo nível, que a cúpula da Igreja Católica pretende manter o povo no obscurantismo, na superstição, na idolatria e longe de Deus.

14.3.5. Incentivando ao Ecumenismo

A Igreja Católica e alguns grupos protestantes estão interessadíssimos pelo Ecumenismo. O clero católico quer dialogar com os membros de todas as religiões do mundo. Mas o que se pretende não é um denominador comum, e sim convencer a todos que o Papa é o tal, e a Igreja Católica a única religião verdadeira, à qual devem unir os não cristãos, bem como retornar os ortodoxos e os protestantes. Isso foi confessado sem rodeios pelo Cardeal Hernesto Ruffini, segundo o qual o Vaticano II definiu o ecumenismo como: "*Um apostolado especial para a obtenção da unidade **sob a autoridade do Papa***" (**Desafio das Seitas**, órgão oficial do CPR_Centro de Pesquisas Religiosas _ número 21, 1º trimestre de 2002, grifo nosso).

O Padre Luiz Cechinato reconheceu que o Concílio Vaticano II (1962-1965) deu notável ênfase ao ecumenismo. Disse ele: "*O ecumenismo não foi um dos assuntos tratados ao lado de muitos outros, mas a preocupação permanente do Concílio...*" (*Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja*, página 427, 4ª edição, 2001, Editora Vozes).

Os líderes da Igreja Católica querem dialogar conosco, como o Diabo dialogou com Eva no Jardim do Éden, mas a missão que o nosso Senhor nos confiou é a de evangelizar o mundo. Portanto, sempre que quiserem dialogar conosco, abramos nossas Bíblias e mostremos a eles que Jesus salva. Não desperdicemos estas oportunidades!

Lembremo-nos que **o Papa não dialoga com ninguém em pé de igualdade. Ele nos vê de cima para baixo**. Ele não admite a possibilidade de podermos provar que ele está errado, pois se julga inerrante em matéria de fé e costume, bem como nos considera inaptos para interpretarmos a Bíblia, até que nos tornemos papas. Ele se considera o Rei da Cocada Preta. Isso inviabiliza todo e qualquer diálogo. Logo, a menos que ele desça de seu pedestal e assuma que é um ser humano normal e, portanto, aceite dialogar conosco em pé de igualdade, não há porque nem como trocarmos idéias. Ele não quer dialogar, e sim, impor seu ponto de vista. Assim sendo, também não queremos

dialogar; antes, empreendemos evangelizá-lo.

Os apóstolos não eram ecumênicos, mas sim, pregadores do Evangelho. Como eles se relacionaram com os pagãos, relacionemos com os católicos, já que, como provamos no capítulo 1, os católicos são pagãos. Ajudemos os católicos a se converterem dos ídolos ao Deus vivo. **Dialogar, só se for sobre o que a Bíblia diz.**

Há pouco tivemos a honra de recebermos na nossa residência dois Missionários da Igreja Católica. Disseram-nos que estavam anunciando as Boas Novas que Jesus mandou pregar e que não discriminam nenhuma religião. "Não importa", diziam eles "se o senhor é católico, espírita, protestante, budista, etc. Deus é o Pai de todos nós. As muitas religiões nada mais são que caminhos diversos que conduzem, sem exceção, ao Pai celestial". Então abrimos a Bíblia e o Catecismo da Igreja Católica e lhes mostramos que eles estavam equivocados pelos seguintes motivos:

1º) Eles não estavam representando bem a religião da qual são adeptos, visto não estarem pregando o que ela prega oficialmente. Pedimos que eles mesmos lessem no aludido Catecismo que a "igreja" deles se proclama a única Igreja de Cristo e condena ao fogo do Inferno os que recusam a crer nisso.

2º) A Bíblia não diz que todas as religiões levam a Deus (Jo 14.6, At 4.12). Mostramos a eles que embora já existissem muitas religiões quando Jesus veio ao mundo, como Budismo, Confucionismo, Zoroastrismo, Hinduísmo... Ele mandou pregar o Evangelho aos adeptos de todas elas e assegurou que se não cressem, seriam condenados (Mc 16.15,16).

3º) Eles puderam ainda ler em suas próprias Bíblias que o Espiritismo é condenado por Deus (Dt 18.9-15; 1 Cr 10.13; Ap 22.15, etc.). E então lhes formulamos a seguinte pergunta: Os senhores têm certeza que estão mesmo pregando a Boa-Nova que Jesus mandou pregar?

A Igreja Católica não quer abrir mão de suas heresias. Ela quer que todos se unam a ela, mas ela não quer se unir a ninguém. O que ela aspira é que todos reconheçam que estão errados, se retratem e se unam a ela, submetendo-se ao Papa. E, sendo assim, perguntamos: Onde está a novidade? Não pregam todas as religiões exatamente isso? Todas as religiões, de per si, não fazem o mesmo?

Os evangélicos que estão se deixando levar pelo ecumenismo, são extremamente ingênuos. Eles estão sendo enganados por Satanás. Aliás, muitos dos que se dizem evangélicos, estão indo para o Inferno, juntamente com todos os que, como eles, rejeitam a Cristo.

A instituição internacional intitulada Concílio Mundial de Igrejas, que em cada país recebe o nome de Concílio Nacional de Igrejas, vem sendo acusada de promover o Ecumenismo. O periódico intitulado O Presbiteriano Bíblico, dezembro de 1969 e maio de 1970, registrou: "*O Concílio Mundial de Igrejas está nos levando para a Igreja Católica Romana...*" "*Essa união com a Igreja Católica Romana será uma grande tragédia para as igrejas protestantes...*" (Citado em Seitas e Heresias, Um Sinal dos Tempos. Raimundo F. de Oliveira, CPAD, 9ª edição de 1994, página 249).

No Ecumenismo o clero católico nos dá as mãos por de cima do muro. E, se acreditarmos nisso, estendendo-lhes as mãos, seremos puxados por eles para o lado deles. Pelo menos é isso que eles querem.

Será que o Ecumenismo produzirá o efeito desejado? Parcialmente sim. Muitas igrejas protestantes já não protestam mais nada. Porém, o Ecumenismo nunca conseguirá acabar com a Igreja de Cristo. Sempre haverá alguém que não se deixará levar. Repetimos o que já dissemos em 1.1: Qualquer grupo de cristãos, isto é, qualquer igreja local, ou ainda uma associação mundial, regional ou nacional de igrejas, pode se desviar da rota traçada por Jesus e se perder, mas a Igreja de Cristo nunca esteve fadada ao fracasso. Ela jamais foi derrotada, e permanecerá assim para sempre. Jesus garantiu que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a Igreja. Todas as instituições e associações podem fracassar, como fracassou a associação de igrejas que os cristãos primitivos intitularam de Igreja Católica, mas a Igreja de Cristo está cada dia melhor. É que a instituição chamada Igreja Católica morreu, mas a Igreja de Cristo se manteve suficientemente viva para protestar os falsos cristãos e organizar o movimento Protestante. Se o movimento Protestante continuar se corrompendo com o Ecumenismo e descaracterizar-se como um movimento cristão, Deus

levantará o movimento Protestantíssimo, que protestará o protestante. E, caso esse movimento também se corrompa, Deus suscitará outro movimento que, por sua vez, protestará o Protestantíssimo, e assim sucessivamente, até que Jesus regresse e nos arrebate ao Céu!

Enganam-se os "evangélicos" ingênuos que afirmam que "finalmente os clérigos católicos nos vêem com bons olhos. Atualmente eles nos vêem apenas como irmãos separados, e não mais como hereges". Quanta ingenuidade! Quanta ignorância! As nossas vitórias não os alegram, mas os entristecem. Sim, eles estão extremamente tristes com o fato de termos conquistado tantas almas para Jesus! Uma das muitas provas disso é o fato de que, segundo o jornal Extra, de 16/10/2005, 2ª edição, o cardeal Dom Claudio Hummes, arcebispo de São Paulo, "**lamentou** num encontro de bispos no Vaticano o rápido crescimento dos movimentos protestantes na América Latina..." (Grifo nosso). O dito periódico associa a vinda de Bento XVI ao Brasil, agendada para o ano que vem (2006), ao lamento de Claudio Hummes. Em outras palavras: O seu choro comoveu "Sua Santidade". Está, pois, provado que eles não nos vêem como aliados. Aliás, eles não nos vêem como parceiros ou aliados, nem tampouco como concorrentes, mas como inimigos. E não estão muito enganados, pois realmente não somos da mesma laia deles. Enganados são esses "protestantes" que não protestam, que se deixam hipnotizar pelo canto da sereia, confraternizando-se com esses inimigos da Cruz de Cristo, comparecendo aos eventos ecumênicos promovidos por "Sua Santidade". Esses são falsos irmãos e, portanto, mais perigosos do que o clero católico. É que esses adversários, por fingirem que são dos nossos, passam por parceiros e, por conseguinte, nos fazem dormir com o inimigo. É como bem o diz certo adágio popular: "Que Deus me defenda dos meus amigos, porque dos meus inimigos me defendo eu".

Atente para o fato de que se o Papa Bento XVI não nos considerasse como hereges de alta periculosidade, certamente repreenderia o seu subalterno Claudio Hummes, mais ou menos assim: "*Meu irmão, que mal há nisso? A vitória de nossos irmãos separados, são nossas também. A Igreja de Cristo é uma só. Portanto, se os protestantes estão crescendo, todos nós estamos crescendo com eles, pois formamos um só corpo em Cristo*". E ele fez isso? Não!!! Antes se deu por avisado e, prontamente empreendeu tapar a brecha, agendando uma visita ao Brasil, objetivando livrar seu rebanho da boca do "lobo"

Oremos, ó irmãos, pelas vítimas desses engodos, pois nossas orações falarão mais alto do que os nossos argumentos! Orem, orem, orem...

Queremos recomendar o livro intitulado O Movimento Ecumênico à Luz das Santas Escrituras, de autoria do grande apologista, Pastor Homero Duncan, editado pela Imprensa Batista Regular. Esse livro é tremendo, e o leitor não deve, pois, deixar de lê-lo.

14.3.6. Ensinando o Povo a Rezar

No Catecismo da Igreja Católica, página 680, # 2.650, está registrado o seguinte: "A oração não se reduz ao surgir espontâneo de um impulso interior; para rezar é preciso querer. Não basta saber o que as Escrituras revelam sobre a oração; também é indispensável aprender a rezar. E é por uma transmissão viva (a sagrada Tradição) que o Espírito Santo, 'na Igreja crente e orante', ensina os filhos de Deus a rezarem".

A declaração acima é contrária à Bíblia pelo menos por duas razões:

1ª) a Bíblia é categórica ao afirmar que a oração realmente pode ser o "surgir espontâneo de um impulso interior". Não encontramos na Bíblia nenhum exemplo de um servo de Deus repetindo palavras decoradas enquanto orava. Todas as orações bíblicas são, de fato, "o surgir espontâneo de um impulso interior", isto é, o brado da alma. Como o ladrão arrependido orou? (Lc 23.42). Em que livro de rezas ele se inspirou? O mesmo podemos dizer das orações de Abraão (Gn 15.2,3), de Jacó (Gn 28.20-22), de Moisés (Êx 32.31,32), de Salomão (1 Rs 8.22-54), de Jesus (Mt 26.39), dos cristãos primitivos (At 4.24-31) e muitos outros.

2ª) o Catecismo afirma que "*não basta saber o que as Escrituras revelam sobre a oração*". Mas quem

disse que não basta? A Bíblia diz de si mesma que ela tem condição de nos preparar "*para toda boa obra*" (2 Tm 3.15-17). Será que "toda boa obra" não inclui a oração? Certamente que sim.

O motivo pelo qual os clérigos católicos dizem que "*não basta saber o que as Escrituras revelam sobre a oração*" é que eles também querem nos dizer algo sobre este assunto. Eles querem nos ensinar a Ave-Maria e rezas a "santos" e anjos diversos. Porém, Cristo nos ensinou a orar direto ao Pai e nunca falou da necessidade de intermediários entre nós e Deus (Mt 6.9-13). Realmente necessitamos de um intermediário, mas o próprio Cristo é este Mediador (1 Tm 2.5).

Por que Cristo não nos ensinou a rezar aos espíritos dos mortos que já estão no Paraíso, pedindo-lhes que roguem por nós? Será que os papas são mais sábios do que Cristo?

Palavras decoradas não é o que Deus mais espera ouvir de nós, quando nos dirigimos a Ele em nossas orações. Talvez você pense que esta declaração colide com Mt 6.9-13, visto que este texto parece dizer que Cristo pôs na nossa boca as palavras que devemos pronunciar quando estivermos orando. Porém, o que Jesus quer mesmo, é que entendamos o que Ele quis dizer com isso. O que Ele quer, é que façamos da oração-modelo que Ele nos ensinou, o esboço das nossas. Por exemplo: Quando Ele diz que devemos orar dizendo "*Pai nosso que estás nos Céus*", o que Ele quer é inculcar em nós que podemos relacionarmos com Deus como os filhos se relacionam com seus pais, e que não necessitamos de intermediário algum, visto termos livre acesso ao Pai. "*Santificado seja o teu nome*" significa que o orante não pode levar uma vida de profanação. Santificar é o contrário de profanar. "*Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido*", não significa que tenhamos que memorizar estas palavras e repeti-las, mas sim, que se não perdoarmos aos nossos devedores, não alcançaremos o perdão de Deus.

Uma das provas de que estamos na trilha certa é o fato de que Lucas, ao registrar a mesma oração, deixou claro que ele não havia decorado a reza. Certifique-se da autenticidade desta afirmação, comparando o registro de Mt 6.9-13 com o de Lc 11.2-4. Lucas omitiu as seguintes palavras: "*...porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém*". Estas palavras, existentes somente em Mt 6.13 constam dos melhores manuscritos, e, por conseguinte, das melhores versões protestantes (Veja a versão Fiel).

Outra prova de que estamos com a razão, é que não encontramos os apóstolos rezando o "Pai Nosso" sequer, uma vez. Todas as vezes que os encontramos orando, podemos vê-los fazendo-o com suas palavras (At 1.24-25; 7.59-60; 2 Co 12.8; Ap 22.20, etc.).

O autor destas linhas não incrimina os que rezam o "Pai Nosso", pois não vê nisso nenhum mal. A sólida argumentação acima se destina tão-somente a provar que os que afirmam que "*a oração não se reduz ao surgir espontâneo de um impulso interior*" e que não basta saber o que as Escrituras ensinam sobre as orações não são bíblicistas.

CAPÍTULO 15

COMO EVANGELIZAR OS CATÓLICOS

O conhecimento que você acumulou com a leitura deste livro, sem dúvida irá ajudá-lo a levar as Boas Novas de Salvação aos católicos romanos. Mas precisamos de algumas técnicas para partilharmos nossos conhecimentos com os nossos amigos católicos. Vejamos então as exposições abaixo:

15.1. Ame-os

Se o motivo pelo qual você pretende contatá-los não é porque os ama, desista. Todo evangelizador precisa amar profundamente os seus evangelizados. Só um grande amor pode nos preparar para suportarmos pacientemente as incompreensões, os insultos, as calúnias, os deboches e até agressões físicas. Certo católico ameaçou "*dar uns uns tapas na cara*" deste autor. Mas graças a

Deus, poucos dias depois ele aceitou a Cristo como seu único e todo suficiente Salvador e Senhor pessoal. Um católico beato nos caluniou, dizendo que dissemos que a mãe de Jesus era prostituta. Aos 19 nos de idade este autor aceitou a Cristo como seu Salvador e Senhor pessoal. E, embora fosse solteiro, abandonou, pois, a fornicção na qual vivera até conhecer o Senhor. Então, três senhoras católicas, das quais a mais beata era adúltera, zombaram dessa decisão. A referida adúltera me disse em tom jocoso: *"Cuidado! Isso pode subir para a cabeça e levá-lo à loucura!"*. Claro, só o amor pode nos dar paciência para suportarmos tudo isso. O amor é o único eixo propulsor que nos impulsionará ao encontro dos católicos com resignação. Que, portanto, o Espírito Santo derrame em nossos corações e nos coroe de êxito!

15.2. Ore Por Eles

Se você quer mesmo falar de Jesus aos católicos, então fale dos católicos a Jesus. Com isso queremos dizer que devemos orar por eles, pedindo ao Senhor para abrir os olhos do entendimento deles, a fim de que enxerguem os erros dos quais são vítimas.

15.3. Seja Sábio

A Bíblia diz que quem ganha alma sábio é, (Provérbios 11.30). Isto significa que é necessário sabedoria para ganhar almas. Certo dia dois católicos praticantes formularam a este autor a seguinte pergunta: "O que você acha da Igreja Católica?" Pareceu-nos pelo tom de voz com o qual eles se dirigiram a nós, que a intenção era suscitar uma acirrada polêmica. Por esse motivo o autor destas linhas lhe disse: *"Não sei se seria bom responder à pergunta de vocês. Se eu exteriorizar a minha sincera opinião sobre a Igreja Católica, é possível que eu fira a sensibilidade de vocês. Por outro lado, se eu elogiar o Catolicismo, estarei sendo insincero para com vocês e traindo minha consciência, e sobretudo, negando a minha fé. Por tudo isso, prefiro calar-me, a menos que vocês me prometam que não vão ficar zangados comigo"*. Então eles ficaram mansinhos e prometeram que não se melindrariam com a minha franqueza. Assim eles se auto-almegaram, nos possibilitando mostrar-lhes com muito amor que o Catolicismo não é Cristianismo.

Certo dia dissemos a um bondoso católico: *"A tua religião não merece uma pessoa tão bondosa como o senhor..."*. Pouco tempo depois ele aceitou a Jesus e é hoje um fervoroso Cristão.

15.4. Seja Amigo

Antes de expor a um católico os desvios que caracterizam o Catolicismo, procure, se possível, fazer com ele uma boa e sincera amizade. Isso nem sempre é possível, pois não raramente encontramos pessoas que nunca mais voltamos a ver. E estas oportunidades não podem ser perdidas. Porém, não podemos esquecer que dialogar com um grande amigo é muito mais promissor.

15.5. Seja Cortês e Franco Simultaneamente

Muitos, em nome da cortesia, sacrificam a franqueza; enquanto outros, em nome da franqueza, faltam com a cortesia. Esses dois extremos devem ser evitados; e a forma de fazê-lo, é a junção das duas.

Podemos ser corteses, como já demonstramos no 3º subtópico deste capítulo, mas jamais podemos faltar com a verdade. Deus não conta com os covardes. Os profetas, Jesus e os apóstolos eram francos. Imitemo-los e o Senhor será conosco! Ele peleará por nós! Ele fará nossas guerras! Sabemos que corremos sério risco de vida, porém, seja o que Deus quiser. Façamos nossas as palavras do apóstolo Paulo, que disse: *"Mas em nada tenho minha vida como preciosa para mim, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus"* (Atos 20.24). Se tomarmos neste campo de batalha espiritual, não seremos os primeiros, tampouco os últimos, a ter a honra de morrer por amor ao nosso

amável Salvador e benfeitor — Jesus Cristo.

Podemos até “fingir” que estamos com medo de falar a verdade, mas só para sensibilizar nossos interlocutores, como mostramos acima. Mas a verdade deve ser exposta incondicionalmente.

15.6. Saiba Como Começar e Quando Parar

Ore ao Senhor pedindo-lhe para pôr na sua boca a palavra certa, no momento certo (Provérbios 25.11). Contatar um católico de cada vez é uma sábia medida. Marque um diálogo a sós com o católico que você quer ver no Céu com você. Diga-lhe que você o ama e que com muito respeito à sua crença gostaria de alertá-lo para a realidade de que o Catolicismo é perigoso. Se ele se irar, peça desculpas e dê o diálogo por encerrado, pelo menos, por enquanto. Ore e jejue por ele. O Senhor poderá falar ao seu coração. É possível que ele mesmo lhe procure, pedindo a você que reinicie o diálogo.

A grande maioria dos católicos não sabe confabular. Eles chamam de diálogo, o que deveriam chamar de monólogo. Não nos ouvem, nos interrompem a toda hora, e depois dizem que somos nós que não paramos para ouvi-los.

Sempre que a conversa esquentar, estará na hora de parar. *“Ao servo do Senhor não convém contender.”* (2 Tm 2:24). A nossa guerra não é contra o católico, mas sim, contra Satanás e seus demônios. Quando, diante dos seus gritos, nos calamos, eles cantam de galo, dizendo que venceram no debate. É que eles pensam que a razão é de quem grita mais alto.

15.7. Encoraje os Católicos ao Diálogo

A Escola Pastoral Catequética da Arquidiocese do Rio de Janeiro distribui uma apostila que desestimula os católicos a discutirem conosco, nestes termos: *“...É bom dizer a eles que a fé e crença...não são coisas para se discutir...”*, página 83. Por que isso? Porque os clérigos sabem que é fácil provarmos a um católico que o Catolicismo não resiste a um confronto com a Bíblia. E este é o motivo pelo qual muitos católicos recusam apreciar nossas ponderações. Para encorajá-los a se libertarem dessa arapuca clerical, podemos dizer-lhes que é certo e bíblico expormos nossos raciocínios opostos, objetivando um denominador comum, desde que o façamos respeitosamente, Atos 15.2. Podemos dizer-lhes ainda que a Bíblia diz que os falsos profetas existem e que eles enganam (Mateus 24.11), sendo, portanto, correto, à luz da Bíblia, que confrontemos com as Escrituras Sagradas, tudo que nossos líderes religiosos nos ensinam (Atos 17.11). Mostremos a eles que é antibíblico e irracional deixarmos que um homem ou grupinho de homens pensem por nós. É correto raciocinarmos com nossas próprias cabeças e tirarmos nossas próprias conclusões, desde que o façamos à luz da Bíblia e sob o influxo do Espírito Santo, embora o papa diga que não, como já vimos.

15.8. Modere Suas Críticas

Você não está proibido de exteriorizar o seu desdém para com o Catolicismo, desde que seja sem faltar com o respeito que os católicos merecem. Em outras palavras: Você não está proibido de criticar o Catolicismo. Sim, pois desde a INTRODUÇÃO deste livro temos informado que os chefes da Igreja Católica também criticam aos que pregam doutrinas diferentes das deles. A sobredita apostila elaborada pela Escola Pastoral Catequética da Arquidiocese do Rio de Janeiro critica o Bispo Macedo, malha a Igreja Universal do Reino de Deus, dsdenha a Maçonaria, refuta o Espiritismo, rechaça a Nova Era, bem como a seita do “reverendo” Moon, etc. Porém, não faça das críticas ao Catolicismo o seu principal recurso para esclarecer os católicos. Já está provado que os sermões que produzem mais efeito são aqueles em que o pregador “esquece” que as seitas existem e prega a alvissareira notícia da salvação pela fé em Jesus. Você pode e deve criticar o Catolicismo, bem como todas as outras seitas, mas só o faça quando isso se tornar inevitável. Deixe Deus lhe usar. Esteja sempre pronto a falar tudo quando for necessário, mas com muito tato.

15.9. Não se Julgue Dono da Verdade

Nós, os evangélicos, não somos donos da verdade, e precisamos admitir isso publicamente. Nem tudo que nós pregamos é certo. Muitas de nossas igrejas cometem erros que a Igreja Católica nunca cometeu. Realmente, não somos melhores do que os católicos. A nossa salvação é que apesar de todos os nossos erros, não tivemos a infelicidade de trocarmos o sangue de Cristo pelo purgatório; tampouco a Bíblia pela "autoridade" do papa. Conseqüentemente, quando em diálogo com um católico, formos por este questionado a respeito dos nossos equívocos, precisamos confessar que de fato falhamos. Sejamos humildes e realistas. Basta aos católicos as arrogâncias dos papas.

Há 31 anos, alguns amigos católicos tentaram nos ajudar, mostrando que algumas de nossas atitudes eram fanatismo religioso. Mas este autor não conseguiu alcançar o raciocínio deles, e por isso, debateu acaloradamente com eles. Só mais tarde pudemos entender que a razão era deles, e não nossa.

Se queremos que os católicos raciocinem e enxerguem os enganos dos quais são vítimas, temos que fazer o mesmo. O papa não é o Rei da Cocada Preta, mas nós também não o somos.

15.10. Pregue o Evangelho

Agora você já sabe que a Igreja Católica não prega o Evangelho. Mostre isso aos católicos. Fale do grande amor de Jesus, bem como do poder do Seu sangue remidor. Dê prioridade a isso, porque se ele conseguir entender isso e decidir confiar só no Senhor, o Espírito Santo lhe abrirá os olhos do entendimento para que enxergue quão profundo abismo é o Catolicismo! Nesse momento as algemas de Satanás serão quebradas e ele será posto em liberdade! É o Evangelho que liberta! Ajude o católico a entender que crer na Igreja Católica, crer no purgatório, crer nos sete sacramentos, crer nas indulgências, etc., não é crer no Evangelho.

Há pouco tempo mostramos a uma bondosa senhora Missionária de uma igreja católica, o contraste que há entre o verdadeiro Evangelho e o Catolicismo. Ela ficou surpresa. Disse-nos que não sabia disso. Quando a convidamos a sair dessa seita, ela disse que não poderia trair a tradição que recebeu de seus pais, de seus avós e todos os seus antepassados que, segundo ela, eram todos católicos. O caro leitor vai deparar com várias pessoas que pensam assim. Talvez você também tenha esse pensamento. Porém, veja o que diz a Palavra de Deus: *"Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por Tradição recebestes de vossos pais, mas com o precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo"* (1 Pedro 1.18-19).

15.11. Peça Sabedoria a Deus

Pormos todas as recomendações acima em prática é difícilimo. Confessamos que já fracassamos várias vezes. Porém, temos aprendido muito com os nossos erros. Quando nos auto-analisamos, não raramente nos reprovamos; mas buscando ajuda do Céu, tentamos de novo. Como bem o diz o hino 520 da nova Harpa Cristã,

"Quando há um temporal,
E a pesca corre mal,
Novamente no meu barco vou pescar!
Pode ser que desta vez,
Eu não tenha mais revés
Pois Jesus eu tenho para me ensinar".

Aprendamos com Cristo. Sigamo-lo. São dEle estas palavras: *"Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens"* (Mateus 4.19). Isto significa que se seguirmos os passos de Jesus também

seremos bem sucedidos na nossa empreitada de “pescar” almas para o Reino de Deus.

EPÍLOGO

Não existe um grupinho de homens eleito por Deus para pensar por nós. Deus deu a cada um de nós uma cabeça, exatamente para que todos raciocinemos. Por conseguinte, não deixemos que a cúpula da Igreja Católica nos manipule a bel-prazer. Ousemos questioná-la. Vimos que os apóstolos Pedro e Paulo eram argüidos pelos cristãos primitivos (Atos 11.2-3,11; 17.11); que o apóstolo Paulo repreendeu o apóstolo Pedro (Gálatas 2.11) e que o apóstolo Tiago confessou que ele tropeçava em muitas coisas (Tiago 3.2). Isto prova que a infalibilidade papal não tinha lugar na Igreja Primitiva, sendo apenas a arma que restou a esses tiranos, para nos manter presos às barras de suas batinas. Porém, agora ficou fácil desvencilharmos de suas garras, pois já não podem mais (pelo menos por enquanto) nos queimar vivos nas fogueiras da “Santa” Inquisição, tendo que se contentar a ameaçar-nos com o fogo do Inferno. Para esse lugar, porém, não iremos, se trocarmos o Catolicismo por Cristo.

Vimos que os católicos tentam provar de tudo quanto é jeito que não são idólatras, alegando que não cultuam aos deuses, e sim, aos anjos, aos santos e a Maria. Porém, desde quando a mera mudança do nome de um produto altera a sua essência? O culto aos santos inspira-se no paganismo, logo, é idolatria disfarçada. A cruz, Maria, os santos, os anjos, a hóstia, o Papa, as relíquias, etc., são adorados no Catolicismo. Vimos no capítulo VI deste livro que os padres dizem que não Adoram a Maria e aos santos, mas que tão-somente os veneram, já que aos santos e a Maria eles tributam um culto menor, respectivamente chamados de Dulia e Hiperdulia, reservando o culto latrêutico apenas a Deus. Porém, vimos também que eles estão excedendo nessa “veneração”, e “culto menor”, pois não podem citar um único exemplo bíblico desse tipo de culto inferior. Rogar aos mortos que intercedam por nós é atitude estranha ao Cristianismo puro.

Dissemos que nós, os evangélicos, podemos provar que não somos radicais, mas, sim, tolerantes, em obediência a Romanos 14. E realmente podemos provar isso. Por exemplo, há evangélicos que crêem piamente que o batismo deve ser somente por imersão, mas há os que defendem o batismo por aspersão. Outros crêem que se deve batizar recém-nascidos, mas outros não concordam. Há evangélicos que acham que a mulher deve cobrir-se com um véu durante o culto, mas há outros que discordam disso. Porém, estas falhas e outras mais, são toleráveis; e, por isso, reciprocamente nos amamos, respeitamos e reconhecemos. Somos muitos grupos distintos e diferentes, mas considerando que: a) Cultuamos só a Deus; b) temos a Bíblia como nossa única regra de fé e prática; c) cremos que o sangue de Cristo é a única fonte purificadora; e) e cremos que Cristo é o único e suficiente Salvador, então somos um em Cristo.

Não estamos exigindo perfeição da Igreja Católica, já que nós, os evangélicos, também não somos perfeitos. Queremos apenas que os católicos façam o seguinte: 1) troquem os ídolos (“santos”, “anjos”, “hóstias”, “relíquias” “Maria”, “papas”, etc.) pelo Deus vivo; 2) troquem o purgatório pelo sangue de Jesus; 3) troquem a falcatrua chamada Tradição, pela Bíblia; 4) troquem a sujeição cega ao autoritarismo dos papas, pelo senhorio de Cristo. Se fizerem isso, daremos as mãos e caminharemos juntos para o Céu. Todavia, enquanto isso não acontecer, é necessário que mantenhamos distância (2 Timóteo 3.5). Não nos referimos à distância física, e sim, a não comungar da mesma crença, ou fazer vista grossa a estas divergências, julgando-as inofensivas, por pensar que as mesmas não interferem na salvação.

Não crer que só a Bíblia é a Palavra de Deus; crer que o Papa é infalível e, que portanto, deve ser obedecido cegamente; crer na salvação pelas obras mortas recomendadas pela Igreja Católica; crer que o batismo possui valor salvífico, a ponto de duvidar da salvação até do nenenzinho que morreu sem ser batizado, etc., são erros intoleráveis. Nós os toleramos no sentido de permitirmos que pensem (se é que pensam) diferente de nós, mas não os toleramos ao ponto de considerarmos como membros da Igreja de Cristo, os que pregam essas heresias.

Há, sem dúvida, católicos sinceros, tanto entre os leigos, quanto entre os integrantes do clero.

Destes, muitos já perderam a capacidade de raciocinar. Se não é esse o seu caso, certamente já entendeu que este livro não é uma crítica gratuita, oriunda de um irresponsável. Este autor é pastor evangélico e redige estas linhas porque crê piamente que fazê-lo constitui o seu dever. Estamos apenas usando o cajado que o Senhor nos confiou, pondo-nos no Ministério. Devemos pastorear as ovelhas do Amó, tanto as que já estão no aprisco, quanto as que ainda se encontram perdidas no deserto das falsas religiões e seitas (João 10.16). Se você é uma dessas ovelhinhas, saiba que o Pastor e os pastores, ansiosos lhe procuramos. Ouça a voz do bom Pastor! Ele o chama com muito amor! Saia das garras dos mercenários! Venha para os pastos verdejantes! Venha às águas tranqüilas! Venha receber a orientação do "cajado" e a proteção da "vara", ambos do Pastor (Salmo 23.2). Essa ovelhinha a quem nos dirigimos pode ser um padre, um papa, um arcebispo, um bispo, um leigo, uma freira. ... Se você é ovelhinha, venha para o redil! Aqui está o bom Pastor! Não tenha medo! O Pastor cuidará de você!

Aos padres, bispos, cardeais, freiras...que desejam abandonar a Igreja Católica, mas temem ser rejeitados pela sociedade, e, inclusive, pelos seus familiares, informamos que se entrarem em contato conosco, receberão a ajuda de que necessitam. Temos abrigo para vocês, onde poderão morar até o tempo necessário. Nós amamos vocês! Sabemos que vocês vivem uma situação melindrosa, e que só Deus pode arrancá-los daí! Ficamos sabendo disso através dos ex-colegas de vocês que já passaram para o lado de cá e nos contaram tudo. Orem ao Senhor! Contem conosco! Que Deus os abençoe e os arranque dessa arapuca de Satanás, como arrancou Israel do Egito! Amém.

Ninguém pode mandar na sua consciência! Portanto, se a Igreja Católica é ou não a única Igreja de Cristo, imprescindível para a salvação; se o Ministro do Evangelho (padre [?] ou pastor) pode ou não se casar; se o recém-nascido que morreu sem ser batizado está salvo ou perdido; se Maria teve ou não outros filhos, frutos do seu relacionamento com seu marido José; se ela e outros vultos do Cristianismo que morreram estão ou não em condição de ouvir nossas rezas; se ela foi ou não transladada em corpo e alma ao Céu; se o purgatório existe ou não; se os "sete sacramentos" do Catolicismo são ou não necessários para a salvação; se temos ou não que confessar nossos pecados pelo menos uma vez por ano ao pároco... não é com esses homens usurpadores do trono de Cristo que vamos aprender isso. Libertemo-nos! Sacudamos de nós seus jugos, e acheguemo-nos à Bíblia com fé, amor, humildade, oração e submissão a Deus, e deixemos que ela nos instrua! Não se escravize! Dialogue com todos, mas não aceite o cabresto do vigário ou de quem quer que seja. Que Deus o ajude. Esta é a nossa oração por você!

Nem tudo que a Igreja Católica prega é errado, e nem tudo que os evangélicos pregam é certo. O que se discute neste livro não é quem é o certo, nem tampouco quem é o errado, mas sim, que a Igreja Católica é um sistema idolátrico que não prega o Evangelho. Você precisa pertencer ao Cristianismo, e o Catolicismo não o é.

Algumas igrejas evangélicas são, sim, mal doutrinadas. Não é este, porém, o caso da Igreja Católica. A Igreja Católica não é uma igreja cristã mal doutrinada, necessitada apenas de maiores informações. Não! A Igreja Católica simplesmente não é uma igreja cristã, mas uma instituição pagã, disfarçada. Sim, a Igreja Católica não é uma igreja errada, não é uma igreja certa, nem é uma igreja mais ou menos. Ela simplesmente não é Igreja, na concepção teológica deste termo.

Caro leitor, dê-nos o prazer de encontrá-lo lá no Céu! Aceite Cristo como seu único e todo suficiente Salvador e Senhor pessoal. Após fazer isso, una-se, sugerimos nós, a uma das muitas igrejas realmente cristãs, não para ser salvo, mas para comungar com os que, como você, também têm Cristo em seus corações.

Não sabemos se você vai se unir a um dos muitos grupos de cristãos que já existem, ou se vai fundar sua própria associação de cristãos. Estas não são nossas maiores preocupações, visto que sua maior necessidade não é se unir a uma igreja, tampouco fundar sua denominação; antes você precisa de Jesus mais que tudo.

Talvez não tenhamos a felicidade de nos conhecermos nesta Terra, mas se você se der por avisado e se refugiar unicamente em Cristo, nós nos encontraremos lá no Céu. Até lá, na Paz do Senhor.

NOTAS

1. Jornal O Dia, 27/10/96.
2. Maria Por Que Choras? Hebert, J. Albert, 3ª edição, Edições – Louva-a-Deus, 1991, páginas 1,3,4,34,36,37.
3. As provas documentais estão em poder do autor. Trata-se de um panfleto distribuído pelas igrejas católicas de todo o Brasil, no qual está exarado o aval do Vaticano.
4. Maria, Por Que Choras? Hebert J. Albert, 3ª edição, Edições Louva-a-Deus, página 1.
5. Catholicism and Fundamentalism, 103, citado em Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, de Weldon e Ankerberg, John, página 21, Obra Missionária Chamada da Meia Noite, 1993.
6. Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, página 7, acima citado, com mais detalhes, no item 5.
7. A Bíblia Através dos Séculos, página 63, Gilberto, Antônio, 1987, 2ª edição, CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus no Brasil.
8. Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, página 56, 1993, acima citado com mais detalhes no item 5.
9. Revista Chamada da Meia Noite, ano 29, número 1, Janeiro de 1998, citado pelo apologista Dave Hunt.
10. Defesa da Fé (revista), órgão oficial do ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, setembro/outubro de 1998, página 28.
11. Ibidem.
12. Prova documental em poder do autor. Trata-se de um panfleto que nos foi presenteado por um padre.
13. Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, página 67, acima citado.
14. Seitas e Heresias, Um Sinal dos Tempos, Oliveira Raimundo F. CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus no Brasil.
15. Os Fatos sobre o Catolicismo Romano, página 67, acima citado com mais detalhes no item 5.
16. Por Que Estes Padres Católicos Deixaram a Batina? Vale, Agrício do, páginas 90 – 92, A . D. Santos Editora.
17. O Dogma da Imaculada Conceição de Maria, CPR – Centro de Pesquisas Religiosas – Teresópolis – RJ. Tel/fax: (0**21) 643.2325.
18. Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia, Norman Geisler e Thomas Howe- Editora Mundo Cristão, página 355, 1ª edição brasileira, 1999.
19. Nota de rodapé, constante do Novo Testamento editada pela Pia Sociedade de São Paulo em 1950.
20. Citado em Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano, página 25, citado acima no item 5, com maiores detalhes.
21. Prova documental em poder do autor. Trata-se de um documento emitido pela PUC – Universidade católica.
22. Revista Marie Claire, dezembro de 1.996, páginas 53, 54, 56, 58 e 60.
23. Ibidem.
24. Folha Universal, 18-24 / 04/ 99.
25. Ibidem.
26. História da Igreja Cristã, página 105, Lyman Hurlbut, Jesse, Editora Vida, 1995.
27. O Papa e o Concílio, por Janus, traduzido e prefaciado por Rui Barbosa, 2ª edição, 1930, editado pela LIVRARIA ACADÊMICA SARAIVA & Cia. – Editores, São Paulo, página 14.
28. Por Que Estes Padres Católicos Romanos Deixaram a Batina?, página 18, acima citado, no item 16, com maiores informações.
29. Ibidem, páginas 158,159.
30. Folha Universal, 08 / 12/ 1996.
31. Ibidem, 16/ 02/ 1.997.
32. Jornal O Dia, 14/ 10/ 91.

BIBLIOGRAFIA

1. *História Geral* – José Dantas – Ed. Moderna, 1ª edição.
 2. *História Geral* – Raymundo Campos – Atual Editora.
 3. *A Bíblia Através dos Séculos* – Antônio Gilberto – CPAD.
 4. *Novo Dicionário Aurélio* – Ed. Nova Fronteira.
 5. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego* – Isidro Pereira, S. J. Livraria Apostolado da Imprensa, 7ª edição.
 6. *Bíblia* – várias versões, tanto católicas como protestantes.
 7. *O Novo Testamento Grego Analítico* – Barbara Friberg e Timothy Friberg –Edições Vida Nova.
 8. Enciclopédia Barsa.
 9. *Dicionário Enciclopédico* – Koogan/Houaiss – Editora Delta.
 10. *Dicionário Hebraico – Português e Aramaico – Português* – editado pelas Editoras Sinodal e Vozes – 4ª edição.
 11. *Dicionário do Novo Testamento Grego* – W. C. Taykor – JUERP – 9ª .edição.
 12. *Roma Sempre a Mesma* – Ex-padre Hipólito Campos – 1ª edição.
 13. Porque Deixamos a Batina .
 14. *Pequena Enciclopédia Bíblica* – Orlando S. Boyer – Editora Vida.
 15. *História Universal* – Carl Grimberg – Europa América.
 16. *Babilônia Ontem e Hoje* – Abrãao de Almeida – CPAD.
 17. *Vinte Razões Porque Não Sou Católico* – Amilto Justus – Editor.
 18. *Religiões, Seitas e Heresias* – J. Cabral – Universal Produções – Indústria e Comércio.
 19. *Seitas e Heresias – Um Sinal dos Tempos* – Oliveira, Raimundo F. de– CPAD.
 20. *Maria, Por Que Choras?* – Edições Louva a Deus, 3ª Edição, 1991
 21. Alberto – Alberto R. Rivera – Chick Publicaations – Los Angeles – USA.
- As obras abaixo relacionadas são, não havendo outra indicação, da autoria do ex-padre Anibal Pereira dos Reis, editadas pela editora Caminhos de Damasco.

22. Milagres e Curas Divinas.
23. Jesus e o Divórcio.
24. Crentes, Leiam a Bíblia.
25. A Virgem Maria.
26. A Missa.
27. Essas Bíblias Católicas...
28. A Besta Apocalíptica.
29. 666.
30. A Mãe das Prostituições.
31. Torturas e Torturados.
32. Senhora Aparecida – Um Conto do Vigário.
33. Senhora de Fátima – Outro Conto do Vigário.
34. Pedro Nunca Foi Papa, Nem o Papa é Vigário de Cristo.
35. Este Padre Escapou das Garras do Papa.
36. Católicos Pentecostais?! Essa Não.
37. *História dos Hebreus I e II* – Flávio Josefo – CPAD.
38. *Vida de Maria, Mãe de Jesus* – Francisco Miguel William – Ed. Vozes Ltda.
39. *Ensino Doutrinário da Igreja Católica* – Nova Enciclopédia Católica – Quentin de La Badoyere – Editora Renes..
40. *A Ilusão Mórmon* – Lloyd C. McElveen.
41. Anotações constantes das seguintes Bíblias de Estudo de versões católicas: Padre Matos Soares, da Edições Paulina; Novo Testamento traduzido pelo Monsenhor Vicente Zioni – Pia Sociedade de São Paulo; Padre Antônio Pereira de Figueiredo – Novo Brasil Editora.
42. *Os Fatos Sobre o Catolicismo Romano*, John Ankerberg e John Weldon – Editora Chamada da Meia

Noite.

43. *Por Amor aos Católicos Romanos*, Rick Jones, CPR – Centro de Pesquisas Religiosas.
44. *Catecismo da Igreja Católica*, Editora Vozes, 1993.
45. *O Caminho da Vida – Moral Cristã*, Padre Álvaro Negromonte, Livraria José Olympio Editora.
46. *Verdade e Vida* (Catecismo Católico distribuído pela arquidiocese Militar de Brasília).
47. *O Papa e o Concílio*, Janus, Livraria Acadêmica SARAIVA & CIA – EDITORES, 1930, 1ª. Edição – São Paulo.
48. *Defesa da Fé* (revista, vários exemplares) órgão oficial do ICP – Instituto Cristão de Pesquisas.
49. *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e "Contradições" da Bíblia* – Norman Geisler e Thomas Howe, Editora Mundo Cristão, 1ª edição 1999.
50. *O Movimento Ecumênico À Luz das Santas Escrituras*, Homero Dunca – 1ª edição em português, 1977, Imprensa Batista Regular.
51. *O que é preciso saber sobre o BATISMO*, D. Antônio de Miranda, 1988, Editora Santuário, Aparecida – SP.
52. Vale, Agrício do. *Por Que Estes Padres Católicos Deixaram a Batina*, A. D. Santos Editora.
53. Uma apostila elaborada pela Escola Pastoral Catequética — Vicariato Oeste — Arquidiocese do Rio de Janeiro — RJ.
54. *Protestantismo e Catolicismo*, Padre Manoel Pinto dos Santos, edição particular, 1916.
55. Padre Vicente Wrosz. *Respostas da Bíblia às Acusações dos "Crentes" Contra a Igreja Católica*, Livraria Editora Pe. Reus, 8ª Edição, abril/2000.
56. *Brasil Cristão* (revista, vários exemplares), órgão oficial dos católicos carismáticos.
57. *Será Mesmo Cristão o Catolicismo?* Hugh P. Jeter, Editora Betel, 2ª Edição de 2000.
58. *Os Erros ou Males Principais dos Crentes ou Protestantes*, editora O Lutador, 7ª Edição, 1957.
59. *O Que Todos Devem Saber Sobre o Catolicismo*, Press Abba, 1ª Edição, setembro/2000.
60. Padre Pio, *o Estigmatizado*. Tradução de Maria Henriques Osvald, Editora Educação Nacional _Porto, edição de 1956, dados biográficos do padre Pio.
61. Eusébio de Cesaréia. *História Eclesiástica*, CPAD, 2ª Edição/2000
62. NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*, 11ª Edição/2000, Casa Editora Presbiteriana.
63. Frei Battistini. *A Igreja do Deus Vivo*. Editora Vozes, 33ª Edição de 2001.
64. *Como Receber as Outras "Religiões" que Batem à Sua Porta*. Padre Sérgio Jeremias de Souza, Editora Ave-Maria, 4ª edição de 1999.
65. RALPH, WOODROW. *Babilônia: a Religião dos Mistérios*, Associação Evangelística.
66. *Série Apologética*, Vol. I, ICP_Instituto Cristão de Pesquisas_, edição de 2002.
67. J. Jacó Vieira, *Em Defesa da Virgem Maria*, produção independente.
68. Cechinato, Luiz. *Os Vinte Séculos de Caminhada da Igreja*, 4ª edição, 2001, Editora Vozes.
69. Mary Schultze, *O Big Brother de Roma*, produção independente, edição de 2003.
70. José D. Goulart (Padre), *A Vida de Jesus*, Edições Paulinas e Pia Sociedade de São Paulo, 1966.
71. Alberto Luiz Gambarini (Padre), *Em Que Cremos doutrina católica e bíblica*, Edições Loyola, 6ª edição, julho de 1997.
72. Dom Edvaldo Gonçalves do Amaral (Arcebispo), *Novo Catecismo da Igreja Católica*, Edições Loyola, 10ª edição de outubro de 1997.
73. *Compêndio do Vaticano II*, Editora Vozes, 29ª edição, 2000. Petrópolis_ RJ.
74. BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*, Edições Loyola, 23ª edição, abril de 2003, São Paulo.
75. *Mensageiro da Paz* (jornal. Órgão oficial das Assembléias de Deus. Vários exemplares)
76. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, Edições Loyola, 1ª edição, 2005/ São Paulo
77. Chantepie de la Saussaye. *História das Religiões*, Editorial Inquérito, Ltda. Lisboa/Portugal, 1940. Tradução de Lobo Vilela.
78. LOPES, Hernandes Dias. *O Papado e o Dogma de Maria*. São Paulo. Hagnos, 1ª edição, 2005.
79. COSTA, Airton Evangelista da. *A Verdade Sobre Maria*. Curitiba/PR – A. D. Santos Editora. 2004.
80. PRADA, Francisco. *Novenário*. São Paulo: AM edições. 3 ed., 1996.
81. FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 21 ed. 1973.

82. BETTENCOURT, Estêvão. *Católicos Perguntam*. Santo André. O Mensageiro de Santo Antônio. 7 ed. 2004.
83. BETTENCOURT, Estêvão. *Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?* Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 2003.
84. *O Globo* (jornal).
85. *Desafio das Seitas* (jornal).
86. ICP Editora. *Bíblia Apologética*. São Paulo: ICP Editora. 1 ed. 2000.

O autor leciona Teologia Sistemática, História Eclesiástica e Heresiologia em vários Seminários Teológicos no Rio de Janeiro/ RJ.

Rio de Janeiro/RJ

Fevereiro de 2007